

Um Novo Romance de Amor
e de Suspense da Autora de
UM FALCÃO PARA A RAINHA

A GOVERNANTA

Catherine Gaskin





Orelhas:

A GOVERNANTA

Catherine Gaskin

Fiona McIntyre chega à Ilha de San Cristóbal para ser governanta de seu pequeno primo, Duncan Maxwell. Entretanto, seus primeiros contatos na casa-grande de Landfall, situada entre os canaviais, deixam claro que esta não iria ser uma experiência qualquer.

Andrew Maxwell, seu velho parente, havia se atirado deliberadamente num abismo de bebidas e drogas; nos olhos de Maria, sua jovem mulher, um demônio desconhecido espreita um momento qualquer de descuido. Porém, são as visitas frequentes de Fergus, filho natural de Andrew, que vêm causar os maiores problemas. Há muito que as paixões dos senhores brancos e de seus escravos à beira da emancipação agitam-se lado a lado em perigosas correntes.

Finalmente, numa noite de furacão e de tambores proibidos, os segredos de Landfall são revelados. Mas nem mesmo a verdade pode salvar da escuridão cada vez mais envolvente Fiona e o homem que ela ama.

Catherine Gaskin nunca escreveu uma história com tanto suspense ou com personagens tão memoráveis como o fez neste magnífico romance.

CATHERINE GASKIN, autora da *Um Falcão Para a Rainha*, *A Herança Tilsit* e outros grandes romances publicados pela Record, goza hoje de renome internacional. Nascida na Irlanda, cresceu na Austrália e após oito anos de residência na Inglaterra casou-se com um americano, fixando-se em Nova York durante dez anos. O casal mudou-se então para as Ilhas Virgens, no Caribe, onde passou mais dois anos, daí transferiu-se para a região dos Montes

Wicklow, na Irlanda, e atualmente reside na Ilha de Man, entre Irlanda e Inglaterra. Muitos desses diferentes lugares onde Catherine Gaskin viveu têm servido de ambiente para as histórias de seus esplêndidos romances.

Catherine Gaskin

A GOVERNANTA

Tradução de

FLÁVIA MARIA VASCONCELOS PEREIRA



EDITORA RECORD

Título original inglês

FIONA

Copyright © 1970 by Catherine Gaskin Cornberg
Este livro é para Sol, que abriu espaço para ele.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ que se reserva a propriedade literária desta tradução Impresso no Brasil

Este e-book:

Digitalização, formatação, revisão inicial: The Flash
Revisão final: JaciLu

PRÓLOGO

Os escoceses a chamam de “visão”; alguns a consideram maldição, outros, uma espécie de graça. Eu a tenho e, no fundo do coração, considero-a maldição — imerecida, talvez, mas presente, como uma marca de nascença ou um corpo aleijado.

Desde a primeira vez em que tomei consciência dela, aos 19 anos, até hoje, aos 23, ela me custou a paz de espírito e três empregos de governanta — empregos difíceis de obter para a filha de um pobre pastor escocês. Foi por isso que, no final da primavera de 1833, eu vagava pelas colinas acima da pequena paróquia de meu pai, em Silkirk, na costa do Ayrshire, desempregada, levada por uma energia sem fim, pensando nos dias que me aguardavam e na próxima crise que aquele dom indesejado do destino me traria.

Nessa época, eu costumava pensar muito sobre isso, quando me sentava entre as urzes para descansar das longas caminhadas e ficava olhando o mar cinzento que invadia o Canal do Norte, vindo do Atlântico, passando pelo Mar do Norte e pelo Mull de Kintyre, e observava a baixa da maré e os quilômetros de praia brilhante que se estendiam, e depois o lento retorno das ondas para a enseada de Silkirk. Ficava dizendo a mim mesma que para mim também haveria um retorno da maré. O fim não poderia estar ali em Silkirk, pois a viagem mal havia começado.

Eu havia deixado os dois primeiros empregos com referências excelentes, e não encontrei nenhuma dificuldade para conseguir um novo — era apenas uma questão de responder anúncios e esperar. Isso, porque o dom de ver o futuro era uma coisa incerta, que não podia ser chamada quando eu queria, nem invocada em benefício

de alguém — era apenas um relance de um acontecimento próximo, um aviso sem nenhuma razão. Até então, ainda não me havia trazido nenhum problema.

Estava trabalhando como governanta de um menino quando apareceu a primeira visão — e ela poderia ter sido caridosamente posta de lado como uma audição aguçada ou uma espécie de instinto animal, dizendo que as coisas não estavam bem. Mas a visão havia impedido que um carro, no qual viajavam meus patrões e o filho, além de mim, caísse num rio cuja ponte havia sido destruída pelas violentas águas de uma tempestade. O cocheiro ia levando os cavalos no meio da chuva fustigante, a lâmpada apagada pela água, correndo para casa, para uma cozinha quente e para o jantar. De repente, gritei para que parasse, batendo como uma louca no teto do carro, lutando para que me ouvisse, e finalmente baixando a janela e deixando a chuva cair sobre todos nós, para alcançá-lo e, de algum modo, agarrá-lo pelo casaco. Paramos bem a tempo; mas a ponte ficava do outro lado de uma curva acentuada e, na escuridão, ninguém poderia ter visto que já não estava ali. Eles também não acreditaram que alguém pudesse ter percebido o som diferente da água batendo nos escombros da ponte, embora, para mostrar que estava tudo bem, tivessem dito que sim. Meus patrões ficaram agradecidos, mas não falaram mais no caso, e percebi que, a partir de então, sentiam-se pouco à vontade em relação a mim; o cocheiro, porém, espalhou a novidade, e na vila as pessoas voltavam-se para me olhar. Havia alguma coisa de errado. Segundo minhas referências, eu era uma professora excelente, e me dava bem com as crianças. No entanto, eles mandaram o filho para uma escola secundária mais cedo do que haviam planejado, e acho que ficaram um tanto quanto aliviados quando os deixei.

A segunda criança era uma menina, Charlotte, uma bonequinha mimada e cheia de vontades, salva por um

senso de humor e uma doçura a que ninguém, muito menos eu, resistia. Fiquei com ela durante dois anos, a maior parte na mansão em Edimburgo, passando os verões na solitária casa de campo da família, situada entre colinas, lagos ocultos e ilhas na longínqua região dos Highlands. Muitos parentes vinham passear na afastada residência de verão — primos, parentes afins, avós. Foi um jovem primo de 17 anos, Bruce, quem pegou o barco para um passeio no lago particular, o que faziam sempre que o tempo permitia. Aquele dia, lembro-me bem, parecia ter sido feito de encomenda — ensolarado, calmo, com nuvens macias flutuando ao sopro de uma brisa quase imperceptível. Charlotte esperava com impaciência, pulando de um lado para outro, enquanto Bruce preparava a pequena embarcação ancorada na doca. Foi assim que vi os dois da janela da sala de visitas. A mãe de Charlotte costurava, conversando com a irmã, mãe de Bruce. Lembro que, de repente, gritei: “Não... não, eles não podem ir! Vai acontecer alguma coisa! Vai haver...” Parei. Não sabia o que era. A visão havia aparecido, mas era imperfeita.

Lembro também do tom áspero com que a mãe de Charlotte me respondeu. “Que bobagem, Srta. McIntyre! O que pode acontecer? Bruce veleja há anos, e com um dia desses... eles estão bem seguros. Acalme-se!”

Mas não conseguia acalmar-me. Lembro-me de ter saído correndo da sala, batendo a porta, numa corrida desabalada pela rampa escorregadia com as folhas de pinheiro; lembro-me também, com uma precisão terrível, da vela sendo içada e depois enfunada pela brisa brincalhona, e da pequena embarcação, pintada de cores vivas, destacando-se no desembarcadouro. Lembro-me de meus gritos, que a brisa soprava de volta, do aceno petulante de Charlotte, do sol em seus cabelos dourados. As pequenas ondas marulhavam na areia da praia, e os pinheiros farfalhavam acima de minha cabeça; era um dia

bonito, calmo e gostoso para velejar.

Fiquei ali, daquele jeito, durante uma hora; com teimosia, sentei-me no desembarcadouro e esperei até que o barquinho contornasse a curva da ilha, situada no meio do lago, oculta e misteriosa. Ainda estava no desembarcadouro quando veio a tormenta, como acontece frequentemente nos Highlands, uma chuva súbita e pesada, com ventania. O barco virado foi logo encontrado, mas demorou uma semana até que os corpos de Charlotte e Bruce fossem encontrados em lugares distantes ao longo da costa.

A mãe de Charlotte escreveu minha carta de referência, mais uma vez excelente, mas seu rosto não me encarava, como se, por caridade, ela lutasse para não me deixar perceber que, de alguma forma, julgava-me responsável pela tragédia — como se minha visão tivesse feito com que ela acontecesse. Suas mãos e voz estavam frias quando despediu-se de mim, forçando-se a desejar-me boa sorte. Parecia dizer que eu não havia trazido sorte para sua casa.

Fui dispensada sem referências do terceiro emprego e acho que realmente não as merecia. Não fiz mal nenhum à família, mas comportei-me de um modo inadequado a uma moça. Fui levada pela mesma força das outras vezes — algo tão forte que me fazia agir. Algo que não podia explicar, e que não podia ser provado. Assim, voltei para Sil Kirk, respondendo a anúncios de PRECISA-SE DE GOVERNANTA, mas sem obter respostas, já que não podia apresentar a referência de minha última patroa. Eu passeava e esperava e me impacientava, querendo saber por que tive o azar de nascer assim, vendo aqueles relances aterrorizadores do futuro, que ameaçavam destruir as pessoas envolvidas e talvez até a mim. Por três vezes, eu havia olhado o futuro de frente, e odiava o poder daquele

dom terrível.

CAPÍTULO I

I

De repente, a chuva já não era mais a névoa fina e incerta que havia encoberto a encosta durante a tarde, ocultando o contorno das montanhas mais altas e a vista distante do pico do Nerrick; agora, chovia torrencialmente. Eu sentia os membros cansados e as saias molhadas coladas ao corpo. A cabana estava ali, à mão — uma choupana em ruínas, o telhado de palha velha e a caiação descascada, o pequeno pátio cercado, transformado numa poça de lama, o caminho de pedras levando até a porta e algumas galinhas encolhidas perto do muro, em busca de abrigo. Uma fumacinha saía da chaminé, e não havia nenhum cachorro latindo para impedir minha entrada. Foi com esforço que afastei e escorei de novo os pedaços de árvore que serviam para barrar a entrada do gado da montanha. Esperava que, ao terminar de fazê-lo, a porta se abrisse e a mulher aparecesse. Mas a porta permaneceu fechada, a chuva batendo nela.

Mesmo depois que bati, levou algum tempo para que ela aparecesse, embora eu soubesse que devia ter me visto pela única janela da casa. Finalmente, a porta abriu, relutante.

— Será que a senhora deixa eu ficar aqui por um instante? Ainda tenho de andar uns quilômetros até chegar em casa, e não tenho a mínima intenção de ficar toda ensopada.

Falei com confiança, porque a tradição de hospitalidade entre aquela gente era tão grande quanto sua pobreza. Além disso, não éramos de todo estranhas. Em dias mais bonitos, quando a porta da casa ficava aberta e ela se sentava ao lado, fiando, trocávamos saudações de

cabeça quando eu passava por ali. Ou melhor, ela respondia meu cumprimento com um olhar demorado, vagamente hostil.

Ela não respondeu, só sacudiu a cabeça, indicando um banco diante do fogo. Mas quando sentei, tentando sacudir um pouco da água da capa sem molhar a casa, ela veio até o fogo e pendurou a panela preta no gancho sobre as brasas. Depois, voltou para a roca, concentrando a atenção no trabalho, à luz pálida da tarde. O resto do cômodo estava às escuras, e fazia frio, apesar do fogo.

Não havia muita coisa por ali — uma única mesa e alguns bancos, uma fila de panelas enegrecidas sobre a lareira, um colchão de palha no chão de terra batida, com um monte de trapos servindo de cobertura. Lembrei que, alguns anos antes, quando às vezes passava por ali, via um menino, talvez seu filho, que cuidava dos poucos carneiros que forneciam a lã para a mulher fiar e tecer. Naquela época, também havia um canteiro de cevada e batatas. Os restos de um pequeno jardim ainda estavam lá, mas não havia nenhum homem por perto — tudo dizia que não. O menino, já adulto àquela altura, devia ter partido para Glasgow, provavelmente na esperança de conseguir trabalho e ganhar dinheiro, trocando um tipo de pobreza por outro. A mulher parecia velha, mas não devia ser tão velha assim; a privação e a adversidade estavam em cada linha de seu rosto.

Foi embaraçoso, portanto, vê-la tirar uma caixa de estanho de cima da lareira e medir cuidadosamente o chá na chaleira de barro. Para ela, o chá era um luxo quase impensado, algo que ela só devia se permitir umas raras vezes por ano.

Fiz um gesto de protesto.

— Não... por favor, não...

Ela estalou a língua, com desdém, para lembrar-me que sabia lidar com os mais ricos.

— Não é a filha do pastor?

Fiz que sim com a cabeça, envergonhada de pensar na pobreza que, para nós, parecia pairar tão pesadamente no presbitério e que, contudo, era só a pobreza da falta de vestidos e gorros novos, e livros que meu pai desejava e não podia comprar. Aquela mulher parecia colocar-me no meu devido lugar; docilmente, aceitei a caneca com a infusão negra.

— Obrigada.

Ela não tomou o chá, mas voltou para a roca e recomeçou a trabalhar, o rosto virado para o outro lado. Por algum tempo, senti-me pouco à vontade, enquanto o silêncio ficava cada vez mais pesado. Eu ouvia a chuva caindo na palha do telhado e não tinha desculpa para ir embora; bebi o chá sem prazer, sabendo que tinha de tomá-lo até o fim. A hospitalidade havia sido oferecida e eu tinha de ficar ali, custasse o que custasse. Só desejava que sua hostilidade parecesse menos pessoal, mais contra o mundo do que contra mim. Mas, nos poucos olhares que lançava em minha direção, era a mim que ela via, e não apenas alguém de um mundo mais feliz. Esperei, mas a chuva continuava a cair, e não havia nenhuma forma decente de escapar.

Alguns momentos depois, porém, voltei-me para meus próprios pensamentos, companheiros inúteis e cansativos dos últimos meses; parecia estar aprisionada na negra desesperança que me traziam, e estava cansada de vê-los se repetirem. As perguntas nunca davam lugar a uma resposta. Meu pai limitava-se a dizer: “espere, vai acabar acontecendo alguma coisa”. Eu não tinha sua paciência, sua fé. Para mim, esperar era difícil.

Além da necessidade de aliviar meu pai e prover meu próprio sustento, havia uma outra razão, mais sutil e nunca mencionada, para eu deixar o presbitério de Sil Kirk. Aos 23 anos, já era considerada uma solteirona, e tinha três irmãs bonitas, filhas do primeiro casamento de minha madrastra. A mais velha, Mary, estava namorando um rapaz muito distinto de Ayr. Por alguma razão, desde que cheguei, o namoro não ia muito bem. É claro que não era para acreditar que ele me achava mais atraente do que Mary, uma bonequinha de Dresden. Eu não era o tipo de mulher a que os rapazes prestam atenção. Tinha os cabelos ruivos demais, e eles eram meio rebeldes, como minha língua, às vezes. Era verdade que, até o outono anterior, eu tinha um pretendente, um professor um tanto quanto solene da Universidade de Edimburgo, que me escrevia cartas eruditas, mas que parecia não conseguir decidir-se se eu seria ou não uma boa esposa. Sei que algumas pessoas me achavam muito alta e, sem dúvida, eu era mais alta do que minha madrastra e suas filhas. Mas meu pai dizia que eu tinha os olhos de minha mãe, seu modo de inclinar o queixo e a cabeça; para ele, aquilo parecia compensar qualquer outra deficiência. Porém, mesmo assim, não havia razão para que um rapaz como James Killian me escutasse com mais atenção do que a Mary, nem para que sugerisse que todos deviam passear aos sábados, quando eu dizia que ia sozinha. Assim, agora, quando ele era esperado aos sábados, eu saía de casa antes que chegasse, e só voltava quando tinha certeza de que já havia ido embora. Já estava ficando cansada de comer sanduíches, sozinha na encosta, enquanto minha madrastra inventava histórias sobre minha alegre vida social que me afastava de casa. Ele perguntava por mim todas as vezes, e cada vez com mais insistência, segundo Flora, nossa empregada para todo serviço, que entreouvava as conversas. Todos sabíamos que seria melhor se eu fosse embora de Sil Kirk e deixasse James Killian para Mary.

Agora eu pensava com ansiedade naquele último emprego de governanta dos três filhos levadíssimos de um comerciante de Glasgow. Gostei do trabalho enquanto durou, e a família era boa para mim. Foi uma crueldade que tivesse de terminar daquele modo, por minha causa, naquele dia do outono anterior, em Kelvingrove Gardens.

Era um dia muito bonito, um dia que parecia ter voltado inesperadamente do verão, uma tarde de domingo com sol quente, mas com cheiro de folhas úmidas que apodreciam. O sol havia atraído milhares de pessoas aos parques, a maior parte, uma multidão elegante cujos gorros de veludo e chapéus grandes de seda brilhavam com a luz. O homem que havia montado sua pequena plataforma malfeita na junção de vários caminhos não fazia parte daquela multidão bem vestida; suas roupas eram surradas, e seu modo de falar indicava que era da classe operária, embora tivesse uma pincelada de estudo. Quando cheguei, ele, já estava falando, não sei por quanto tempo, para a multidão que havia se juntado ao seu redor. Não havia nenhum policial à vista, mas eu achava que comícios como aquele eram contra o regulamento do parque. Ele, porém, era do tipo que nunca dava atenção a regulamentos. O que tinha para dizer não era para os ouvidos dos moradores dos cortiços de onde, provavelmente, ele havia saído e que, mesmo que tentassem, nada poderiam fazer em prol de sua causa, que era duvidosa. Sua audiência estava ali, entre os homens prósperos que faziam negócios e ganhavam dinheiro, que construíam navios e assinavam contratos. Todas as vezes que recordo cada detalhe daquela tarde, lembro-me do rosto do homem, pálido e magro, ardendo com o fogo de sua paixão.

— E vocês, meus irmãos, não vão libertá-los? Não vão acabar com esse tráfico de miséria humana? Com essa vergonha que marca uma grande nação como uma ferida aberta? Quem é que pode esperar a bênção da serenidade

quando homens e mulheres ainda nascem para serem escravos a vida toda, quando ainda são marcados e vendidos de um homem para outro, como gado...

Um orador num parque nunca pode esperar ter tudo sob controle; há sempre os inevitáveis oportunos, e ele sabia esperá-los. Homens que constroem navios, que lidam com qualquer tipo de comércio, ficam pálidos só de pensar em alguma coisa interferindo em seus negócios; acho que ali havia alguns que simplesmente gritariam de raiva porque havia aparecido alguém para perturbar sua tarde de domingo, tão confortável e bem nutrida.

— Amigo, você está atrasado. O tráfico de escravos já foi abolido há muito tempo.

Da plataforma, o orador falou, com o dedo em riste:

— Vocês é que estão atrasados! Não sabem que existe um comércio pirata que ainda circula das costas africanas para as índias, nas piores condições que se possa imaginar? E vocês não têm pena desses infelizes que ainda vivem algemados, que nascem assim, condenados a isso pelo resto de suas vidas, como propriedades inquestionáveis de seus senhores, que têm o poder de castigá-los, e até mesmo de lhes tirar a vida?

— Mas não fomos nós — responderam — que os livramos de seus próprios irmãos, que os vendiam como escravos? Não fomos nós que os tiramos da escuridão da ignorância, que mostramos a eles a luz do Deus cristão?

— Foi debaixo do chicote que nós lhes demos o Deus cristão. Quem é que não vai aceitá-lo?

— As fazendas não dão roupa e comida para eles?

— Suas roupas são trapos e sua comida é o que conseguem cultivar no domingo cristão, em suas próprias hortas. É assim que os vestimos e alimentamos. Tente, meu

amigo, tente, por um dia só, trabalhar nos canaviais debaixo do sol e do chicote, e você vai ver a maldição que é a escravatura. Vocês vão marchar aos milhares e pedir ao Parlamento para aprovar o Ato de Emancipação...

— E quem é que vai pagar por isso, meu amigo? Quem é que vai pôr açúcar no seu chá — ou vamos ter de passar sem isso?

— E quem é que vai pagar a indenização? — disse outra voz. — Ou vamos ter de mandar nossa gente para as plantações?

Com humor negro, alguém gritou:

— Aí está uma boa maneira de se livrar de uns indesejáveis que andam por aqui. Esse bando de ratos procriadores de favela...

De repente, a discussão pareceu envolver a todos, todos os que faziam parte daquela multidão antes bem-humorada, que havia parado para ouvir um louco discursar sobre um problema que todos sabiam que ele não poderia resolver, e mais, cuja solução afetaria duramente o bolso do contribuinte. A questão do dinheiro havia sido levantada contra a questão da liberdade de negros ignorantes e desconhecidos. De um modo ou de outro, o dinheiro sempre acaba envolvendo um escocês. Uma dúzia de vozes gritava para o orador; algumas discutiam entre si. Naquele momento, eu não pensava no que estavam dizendo, fosse sobre os escravos ou não; fascinada, eu encarava aquele rosto cansado, tenso, um rosto com a marca da fome, com os olhos brilhantes que pareciam consumi-lo com seu próprio fogo. Ele parecia flutuar e pairar, quase sem corpo, acima da massa de gente que se empurrava. Comecei a ouvir a ameaça crescente no murmúrio de raiva que havia se juntado à indignação e à afronta. O caráter sagrado da propriedade havia sido questionado. A primeira reação, a

mais rápida, parecia ser a urgência em abater aquele que havia ousado questionar. Só que era impossível acontecer tal coisa numa tarde de domingo em Kelvingrove Gardens. Não, isto nunca aconteceria.

Porém, foi naquele instante que senti, ou melhor, vi. Vi com uma intensidade mais pavorosa do que qualquer outra coisa pela qual já havia passado em toda a minha vida. Não era como das outras vezes; desta vez, eu sabia. Vi uma multidão, vi aquele homem acima deles, como estava agora, gritando para eles com a voz entrecortada pela paixão. Vi um movimento repentino, e ele sendo puxado para baixo. Vi sangue e o homem imóvel, e poças de sangue pelo chão, testemunhas terríveis, silenciosas. Juro por Deus que vi aquilo. Mas não aconteceu nada. O homem ainda estava lá, lutando para fazer com que ao menos uma pessoa entendesse e sentisse o que o instigava. E o que vi foi seu perigo. Vi sua morte, e não havia nada em mim que me impedisse de fazer o que fiz.

Avancei, empurrando a multidão; algumas pessoas me davam passagem facilmente, surpresas de ver uma mulher empurrando-as com tanta violência. Quando cheguei à pequena plataforma, não havia escolha em relação ao que precisava fazer. Num segundo eu estava ao lado dele, quase empurrando-o para fora da plataforma; sua surpresa, mais do que qualquer outra coisa, fez com que cedesse. Tudo o que me interessava era o perigo mortal em que ele se achava, e eu tinha de evitá-lo.

— Escutem... — minha voz quase não chegava à primeira fila da multidão, mas ver uma mulher ali silenciou alguns curiosos. — Escutem... vocês têm de parar. Têm de parar com isso. Deixem que ele vá embora, estou dizendo, senão vai acontecer uma coisa horrível...

Estava louca, é claro. Mesmo ouvindo minhas próprias palavras, eu sabia como elas deviam ter saído. O

homem não me queria ao seu lado; não queria nenhuma mulher participando de suas lutas.

— Senhorita — disse — desça! Agradeço a ajuda, mas desça!

O que ele não sabia é que precisava de mim. Não havia tido a visão da multidão e do sangue em seu próprio corpo, imóvel. Mas, subitamente, compreendi que, mesmo se tivesse visto, ele não se interessaria. O homem nasceu para morrer pelo que o faz viver, seja lá o que for. E agora, ele vivia pela causa da escravidão. Não queria a presença de uma mulher histérica para salvá-lo de seu martírio. Quase brusco, tentou empurrar-me da plataforma; agarrei-me à manga de seu casaco por um momento, sem querer descer. E então, a atenção da multidão voltou-se para mim. Eu ouvia os sons de reprovação, as palavras e vaias: “Sem-vergonha... descarada...”. Não fiz bem nenhum àquele homem — nenhum mesmo. Era um maldito embaraço para ele, totalmente indesejado. Foi então que senti um puxão no braço.

Era uma mulher de meia-idade; em seu rosto bondoso havia uma ruga, sinal de reprovação.

— Desça já — disse ela, num tom de quem estava acostumada a ser obedecida. — Você não está fazendo nenhum bem a esse infeliz e está fazendo um escândalo.

Ao seu lado estava um homem, seu marido, que balançava a cabeça, lamentando que alguém como eu, que podia ser sua filha, se esquecesse de si mesma e cometesse uma loucura tão inexplicável.

— Vocês não estão entendendo — falei. — Se eu não impedir, vai acontecer uma coisa horrível...

Foi nesse momento que percebi que a visão não precisava acontecer ali; havia um tempo e um lugar certos. E, se o tempo não fosse aquele, não havia nada no mundo

que eu pudesse fazer para impedi-la. Ela estava em algum lugar do futuro, esperando; um dia ela viria. Fiquei gelada de repente, com o choque e o medo; senti o corpo mole e, docilmente, desci da plataforma, deixando o casal desconhecido escoltar-me pela multidão. As pessoas nos davam passagem, todas sentindo que eu era alguém diferente e não queriam envolver-se com minha loucura. Mais tarde, pensei no ato de bondade e coragem daqueles dois que me haviam tirado de um inferno espiritual. Mas, na época, eu não tinha consciência disso, só de minha própria agonia. Voltei-me e olhei mais uma vez para o homem da plataforma; enquanto nos afastávamos por um dos caminhos que levavam aos portões, ele recomeçou a falar; a zombaria e as perguntas importunas também haviam recomeçado. Como podia dizer-lhe que um dia ele enfrentaria a multidão, e que depois jazeria imóvel no chão, banhado pelo próprio sangue? Tremi, desejando não conhecer o futuro, mas ele estava em mim. Eu o tinha visto, e não havia jeito de apagá-lo.

* * *

Mais tarde, lembrei que não havia pensado em agradecer ao casal que me havia levado de volta à casa do comerciante. No entanto, consegui perguntar, ainda perseguida pela imagem do homem no parque, se sabiam quem era ele.

— O nome dele é Scobie — foi a resposta. — Thomas Scobie, um conhecido radical. Um agitador de multidões. Ele ainda vai se dar mal, não tenho dúvida.

Eu também não tinha.

Evidentemente, era inevitável que a notícia do que chamou-se minha escapada chegasse aos ouvidos de meu patrão. E, naturalmente, ela foi floreada a ponto de parecer

que eu havia ficado lá, atacando a multidão com um discurso contra a escravidão. Não neguei; provavelmente, eu era contra a escravidão, só que ela sempre havia sido uma coisa remota, eu não podia fazer nada para mudar a situação. O que eu não podia fazer era explicar a verdadeira razão de meu comportamento; não podia contar a visão da destruição; melhor ser tachada de louca e indecorosa do que de possuidora daquele dom terrível. Assim, não disse nada e fiz as malas, como mandaram. Houve lágrimas de despedida dos meninos, mas, para meus patrões, ficar comigo era simplesmente impossível.

Fiz mais um esforço em favor de Thomas Scobie. No caminho da hospedaria em que pegaria o carro para Ayr, onde meu pai me encontraria com a carruagem, parei o cocheiro.

— Será que o senhor conhece um tal Thomas Scobie, um homem que faz comícios, que fala em público? Ele é contra a escravidão...

— Já ouvi o nome dele. Ele é contra uma porção de coisas.

— O senhor sabe onde ele mora?

— Em Trangote, por ali. Com certeza, se a gente for lá e perguntar, dá para achar o homem. Mas não é lugar para gente como a senhorita...

— Vamos até lá — disse eu. — Vamos tentar.

Fomos, e arrependi-me logo que cheguei à rua cheia de cortiços. O próprio carro causava sensação no meio daqueles edifícios altos, apinhados de gente, entre os becos estreitos, o mau cheiro, a sujeira e o barulho. Perguntamos várias vezes e acabamos achando o lugar onde morava Thomas Scobie.

— Eu bem que podia ir com a senhorita — disse o

cocheiro — mas não tenho coragem de deixar o carro. Se eu sair daqui, não vai sobrar nada da sua bagagem, e nem do carro. Anda, sai daqui, seu ordinário...

Recusando os pedidos de esmola, avancei por entre os inúmeros meninos de sarjeta que estendiam as mãos, puxando-me. Subi os seis andares da escada fedorenta no lugar onde disseram que Scobie morava. Bati três vezes na porta indicada, mas não atenderam. Ela abriu quando girei a maçaneta.

O rosto de que me lembrava, branco, exausto, faminto, levantou os olhos da mesa coberta de papéis; ele franziu as sobrancelhas.

— Eu não falei para você... — ele parou, franzindo ainda mais as sobrancelhas. — Você! Que diabo quer aqui? Como se já não tivesse feito o bastante. Sabia que você quase provocou um motim? E ninguém mais quis me escutar.

— Vim porque não podia ir embora sem avisar o senhor...

Era difícil falar com ele. Ficou ali, sentado, sem oferecer-me uma cadeira, sem encorajar-me. Eu tropeçava no que ia dizer; parecia ridículo e, no final, ele deu um risinho de desdém.

— Quer dizer então que você veio aqui para me dizer isso. Uma bobagem dessas!

— Eu tinha de fazer isso. Minha consciência não ia me deixar ir embora sem... sabe, não é a primeira vez.

Ele apontou a caneta para mim.

— Vá embora, mulher. Por acaso você pensa que eu tenho tempo para ficar escutando essas bobagens? Está bem, você já cumpriu o seu dever, e acho que tenho de agradecer, mas está perdendo seu tempo e tomando o meu.

E vou dizer mais, não preciso de nenhum profeta para dizer o que vai acontecer comigo. No país inteiro, homens como eu vão morrer antes que as injustiças sejam corrigidas. A escravidão não é o único problema que tem de ser combatido. Eu sei que vou morrer, num lugar ou no outro. Você acha que a memória de Peterloo já saiu do coração de todos nós? É claro que vou morrer, e provavelmente de modo violento. Todo o mundo sabe disso. E agora, me deixe em paz...

Saí e vi que havia sido uma perda de tempo, exatamente como ele disse. Scobie não havia visto a cena com tanta precisão, mas sabia quais eram suas chances e as aceitava. Sentindo-me miserável, avancei, mais uma vez por entre as crianças e mulheres que haviam se juntado a elas, e que gritavam insultos para a mulher que visitava gente como Thomas Scobie. O cocheiro chicoteou o cavalo e partimos. Na parada de carros, tive de dar a ele uma gorjeta extra, porque ficou se queixando do perigo que seu carro e cavalo haviam corrido naquele lugar. Eu não podia censurá-lo; meu único consolo era o de ter feito o que podia. Thomas Scobie sabia o que aconteceria.

De volta a Sil Kirk, tentei contar só a meu pai o que havia acontecido. Foi uma das raras vezes em que ele não conseguiu entender; ficou contra o que contei, como se fosse uma blasfêmia. Só Deus sabia o futuro, disse, e só o diabo podia ter me levado a tal loucura. Ele me mandou rezar e, depois disso, nunca mais tocou no assunto. A relativa proximidade entre nós diminuiu; minha madrastra e suas filhas só sabiam que eu havia feito um escândalo, tendo sido demitida do emprego. Elas me olhavam com um misto de espanto, preocupação e pena. Sem dúvida alguma, eu havia me tornado um peso para a família. Apenas meu meio-irmão, Duncan, o único filho do segundo casamento de meu pai, a criança adorada da casa, não entendia ou não se interessava pelo fato de eu estar numa espécie de limbo.

Eu adorava ficar com ele, brincando e ensinando-lhe; ele era minha única alegria naqueles dias sombrios.

Quando não estava com Duncan, eu passeava pelas colinas e me rebelava contra o peso de ser mulher e não poder viver minha própria vida, presa aos laços da convenção e da família. Meu pai se entristecia ao ver-me tão impaciente, e minha madraستا inquietava-se quanto a meu futuro — e a preocupação maior virou hostilidade quando James Killian, mesmo sabendo de minha loucura de Kelvingrove Gardens, começou a falar de mim com admiração. “Isso mostra uma grande coragem, Srta. Fiona”, vivia dizendo. “São poucas as moças que ousariam fazer isso.” Depois que ele disse isso pela terceira vez, e de um modo muito caloroso, comecei a afastar-me de casa aos sábados.

Acho que devo ter suspirado com o peso da recordação. De repente, a mulher à janela falou:

— Você é muito nova para ter problemas.

Não me preocupei em perguntar como ela sabia. Na vila, sabia-se de tudo.

— Pois tenho — respondi, desanimada. — Quem não os tem? Eu era jovem e egoísta, e não parei para pensar que meus problemas eram quase sem importância, se comparados aos dela.

— É... os escolhidos — respondeu ela, mas sem me censurar. O silêncio voltou a reinar. Parecia que era um velho hábito daquela mulher; talvez ela já tivesse até esquecido como se falava. Novamente, estava me sentindo pouco à vontade, impaciente com a chuva que não diminuía e que me impedia de sair decentemente. Mas a chuva continuava a cair, uma cortina ininterrupta de água. A água caía chiando no fogo, ameaçando apagá-lo.

— Sua mãe também costumava andar por aqui. Eu

lembro dela, sempre passeando na colina.

— É?

Eu não me lembrava. Fiquei imaginando por que aquela mulher quebraria o silêncio para dizer tal coisa, a não ser para insinuar que minha mãe também havia tido motivos para sentir-se infeliz e inquieta, o que a fazia sair de casa. Mas não podia ser; não podia haver nenhum problema sério para uma mulher tão amada como eu sabia que minha mãe havia sido. Cresci ouvindo meu pai lembrar-se dela com adoração e, certa vez, ele disse, como se estivesse sofrendo muito: “Talvez eu a amasse demais. Será que Deus quer que amemos um ser humano desse jeito? Será que Ele achou... ?” Eu era muito pequena para negar aquela dúvida, e não saberia como fazê-lo. Nos olhos e na memória de meu pai, ela era sempre jovem, sempre bonita. Eles haviam sido jovens juntos, tiveram esperanças e promessas para o futuro. William McIntyre era um jovem ministro que prometia e, com uma esposa como Elizabeth McIntyre, amável, discreta, boa para os pobres da paróquia, assim como para os velhos da igreja, todos sabiam que ele logo deixaria sua paróquia do interior para atender a um chamado de maior importância. Mas Elizabeth McIntyre havia morrido — uma morte horrível — e com ela seu segundo filho, meu irmão. Naquele dia, a ambição e o interesse pelo futuro abandonaram meu pai; ele nunca saiu de seu presbitério no interior, e não se importou com isso.

Ele demorou muitos anos para casar novamente, dessa vez, com a viúva de um primo distante de minha mãe. A morte de seu marido era bem recente e ela se encontrava numa situação completamente desesperadora. Tinha três filhas e recebia uma pensão mínima. Meu pai havia ido a Edimburgo para tentar ajudá-la em alguns assuntos legais, para aliviá-la de seu fardo, e voltou casado com ela. Não o

censurei; ela ainda era bonita, com um ar delicado que despertava o protetor que existe em cada homem. Mas senti, quase que imediatamente, que ele estava arrependido, reconhecendo, com o passar do tempo, que havia tomado uma atitude precipitada, algo movido pelo senso de dever para com a família de minha mãe. Minha madrasta era bonita, mas eu a achava meio tola; ou talvez essa opinião fosse apenas o ciúme disfarçado sob outro nome, pois meu pai nunca disse uma só palavra contra ela. Entretanto, o casamento havia nos dado a grande alegria do nascimento de outro filho, Duncan, agora com seis anos. Uma criança loura, bonita e inteligente, adorada pela casa toda e, acho, por mim mais do que todo o mundo. Só por essa graça, o casamento deve ter valido a pena para William McIntyre.

— Você parece com ela.

Voltei-me bruscamente para o aposento e para a mulher.

— Com quem? Com quem é que eu pareço?

— Com sua mãe... mas o ar dela era mais delicado. Mais fino, quer dizer.

Ela foi rude, mas, pelo menos, era uma comparação com minha mãe.

— Lembro de uma vez, ela estava sentada aí onde você está. Estava chovendo também.

Um pouco do rígido autocontrole havia fugido daquela voz desafinada, como se as lembranças de tempos mais felizes a suavizassem.

— Lembro que meu marido ainda era vivo. E meu filho dava um trabalho... Ele estava brincando perto do fogo e o seu cabelo dourado fez sua mãe lembrar do filho dela. Ela disse que da próxima vez ia trazê-lo para brincar com o

meu, mesmo sendo o caminho muito longo para as pernas de um menininho, e que ele ainda não tinha aprendido, com ela, como era bom subir as colinas. Mas ele veio, como ela disse. Estava um pouco cansado da caminhada, mas para ele era uma aventura vir tão longe da aldeia. Ele gostou do meu filho Keith. Era estranho uma senhora como sua mãe vir de tão longe para ficar num lugar humilde como esse. Foi por causa dela que eu convenci meu marido a ir à igreja, porque ele não gostava muito do pastor, achava que ele era muito cheio de coisa. Ela trazia umas coisinhas para mim — pão feito em casa, geleias que ela guardava da estação, essas coisas. Uma boa mulher — e não era culpa dela se a maldição tinha caído nela. Ela era dos Highlands, e dizem que lá tem muita gente com a maldição.

Virei-me no banco para olhar a mulher. A roca havia parado, embora ela ainda estivesse inclinada sobre ela, como que para evocar as coisas exatamente como haviam acontecido.

— A maldição?

Na Escócia, aquilo só queria dizer uma coisa, e só o som da palavra encheu-me de pavor.

— A senhora está enganada! — gritei. — Não tinha maldição nenhuma.

Ela levantou a cabeça.

— Ver o futuro não é uma maldição? Pois era isso que ela via. Nunca vou esquecer o dia, e nem a hora. Era um dia de chuva, como esse, ela estava sentada junto do fogo com os dois meninos brincando perto dela. Foi a última vez que ela veio aqui, e você não precisa ficar espantada de não me ver na porta quando chegou, porque eu nunca mais quis saber de nenhum parente ou amigo dela entrando por essa porta de novo. Azar é azar, e ter visões dá azar para muita gente.

Eu já não tinha forças para negar.

— O que foi que aconteceu?

— Não sei direito. Eu estava trabalhando aqui, acho que na roca, como eu fazia quase todas as tardes. Aí, de repente, ela gritou, como se tivesse sido ferida. Eu virei e olhei para ela. Nunca vi um olhar daqueles no rosto de uma mulher. Ela estava apavorada, toda aflita. “A criança”, ela gritou. “A criancinha!” E então, de repente, ela agarrou o filho dela, arrastou-o para longe do meu. Perguntei por que ela estava tão assustada, mas ela não disse. Ela pegou o filho, a capa e já ia saindo quando eu segurei no braço dela e perguntei: “Meu Deus, o que foi que a senhora viu? Por que está tão assustada assim?” Ela empurrou o filhinho para fora da casa, como se de repente tivesse caído uma praga sobre a gente. “A morte”, ela respondeu. “A morte! Vi um menino louro, morto. Era...” Lembro que ela gemia e gritava. “Estava morto. Seu filho estava morto.” E aí ela se soltou de mim e levou o filho com ela, e eu fui correndo atrás dela, encosta abaixo, suplicando, implorando para ela dizer como ia acontecer. Mas ela não disse nada, e não voltou nunca mais.

Por uns momentos, não consegui dizer nem fazer nada; fiquei sentada ali, gelada, numa espécie de agonia de corpo e alma. Por fim, forcei-me a me mexer e a jogar a capa sobre os ombros; ainda estava chovendo, mas não tinha importância. Eu não era bem-vinda ali, e agora nós duas sabíamos por que eu não podia ficar.

Na porta, perguntei:

— E aconteceu logo depois?

Ela assentiu.

— Eu tinha esperado com um medo terrível no coração, sem coragem de falar com meu marido, para não fazer acontecer. Eu esperava, e vigiava meu filho, e não

saía de perto dele. Mas um dia eu ouvi — quando o vento sopra na direção certa, dá para ouvir o sino da igreja tocar. E então eu percebi que não era o meu filho que ela viu morto. Mandeí meu marido para saber o que tinha acontecido. Mas mesmo assim eu já sabia mais ou menos que o menininho tinha morrido. Ela viu, mas não conseguiu acreditar que era o filho dela, e também não conseguiu evitar a morte dele.

Concordei, e ela ficou na porta, olhando enquanto eu me afastava pelo pátio encharcado, lutando contra o portão de troncos. Evidentemente, eu sabia como meu irmão havia morrido. Meu pai não tocava no assunto, mas, numa vila como a nossa, e com as conversas de cozinha, as crianças acabam descobrindo tudo. Minha mãe estava dirigindo o pequeno carro de duas rodas pela praia, perto do lugar onde a muralha alta e espessa protege a vila das ondas das tempestades de inverno. Ninguém nunca soube o que fez o pônei assustar-se e escapar ao seu controle, mas o carro desgovernado percorreu toda a extensão da praia, cada vez mais rápido, como se o animal tivesse enlouquecido com os gritos daqueles que presenciaram o choque violento, e com o homem que havia tentado agarrar as rédeas, sendo jogado ao chão. Minha mãe havia agarrado meu irmão, as rédeas escaparam de suas mãos; dizem que, naquela corrida terrível, o carro chocou-se três vezes contra a muralha do cais antes de espatifar-se, jogando os dois para fora. Estavam terrivelmente feridos; dizem que meu irmão só viveu alguns minutos depois de ter levado a pancada na cabeça. Mas minha mãe ainda viveu algumas horas, e foi levada para a casa mais próxima. Ela estava consciente e viveu o suficiente para olhar o rosto do filho morto e talvez compreender, naquele horror final, qual dos dois meninos ela havia visto morto naquele dia em que eles brincavam juntos na casa do meeiro.

No portão, parei subitamente e, não sei por que,

perguntei:

— E seu filho?

Mesmo com a chuva, vi que seu rosto ficou sombrio.

— O que que você tem a ver com isso?

— Ele não está mais aqui?

— Não, ele foi embora. Está são e salvo. Foi para o Canadá.

— A senhora já teve notícia dele?

— Ainda não deu tempo. Só têm uns meses que ele foi embora. Logo que arranjar trabalho, vou ter notícia dele. Daqui a umas semanas.

E eu disse... meu Deus, por que fui dizer aquilo? Por que não fiquei calada, sem dizer o que parecia saber?

— A senhora não vai ter mais notícias dele.

Então, uma violenta torrente de pragas caiu sobre mim, pragas em gaélico antigo, com um som pavoroso, aterrorizante. Dava graças a Deus por não entender o que ela estava dizendo, e só desejava tê-la deixado sem saber, tê-la deixado em paz pelo pouco tempo que lhe restava.

Voltei-me e desci a colina aos tropeções, deslizando, escorregando na terra molhada, na grama, no rastro das vacas; seus gritos ficavam cada vez mais longe, mas nunca muito longe de meus ouvidos, porque iam comigo, e nunca mais poderiam ser apagados.

II

Quando cheguei ao presbitério, minhas roupas estavam encharcadas e sujas de lama. Dei a volta e fui para os fundos, entrando pelo estábulo para evitar os olhares que certamente encontraria se passasse pela estrada que

dava para o mar; mesmo com a angústia que estava sentindo, eu achava que tinha a obrigação de preservar a posição de meu pai na vila. E, além disso, por ali eu tinha uma chance maior de não encontrar James Killian, embora talvez tivesse sido bom ele me ver daquele jeito, agitada e perturbada, o cabelo molhado colado ao rosto, as roupas parecendo de camponesa, quase um ser do outro mundo. Mas o carro que ele alugava aos sábados não estava no estábulo.

Fiquei ali, agradecida, no abrigo do arco, tentando tomar fôlego, esforçando-me para me arrumar antes de entrar em casa, pensando num modo de subir as escadas e mandar Flora secar minhas roupas no fogo da cozinha. Estava gelada, mas mesmo assim hesitava em entrar. Como passaria normalmente por qualquer membro da família, com a torrente de pragas daquela mulher rodopiando em minha cabeça? E por que eu havia-lhe dito, agindo contra a razão e a piedade, que ela nunca mais teria notícias do filho? Bem, eu disse, e não havia jeito de apagar aquilo. O pior da tarde foi saber que aquela coisa terrível tinha origem em minha mãe; até ali, eu podia acreditar em coincidência e acaso, mas agora isso era impossível.

Foi então, quando estava me preparando para a investida final pelo pátio, que a porta da cozinha se abriu. O rostinho brilhante de Duncan olhou para fora, examinando o pátio. Parecia que ele estava esperando alguma coisa; sua expressão iluminou-se, como se sua paciência tivesse sido recompensada.

— Fiona!

E então, sem chapéu, ele saiu sob a chuva, correndo em minha direção.

Estendi os braços para ele, para a inocência e o calor, mas aquele era um dia destinado a ser sombrio para

sempre em minha memória. Quando ele corria para mim, e eu me inclinava para abraçá-lo, tive uma visão daquela criança com o rosto tão ansioso.

Porém, na visão, ele fugia de uma casa que ardia em chamas. Atrás dele, vi as chamas se elevando, iluminando a escuridão da noite terrível. Parecia aterrorizado, quase louco. Estava morrendo de medo, e eu também. Naquele momento, eu não sabia se ele morreria, porque a visão parou ali. Estava sendo perseguido, e não era só pelo fogo.

Quando me alcançou, abaixei os braços que havia estendido para recebê-lo, e ele disparou para mim como uma bala de canhão.

— Fiona!

Foi uma expressão de reprovação dolorosa. Eu nunca o havia tratado assim.

— Duncan, querido... ah, Duncan!

A visão havia passado, e embora o horror continuasse, Duncan estava ali ao meu lado, são e salvo, sem medo. Tomei-o nos braços, como queria fazer, e rezei para que minha proximidade não o contaminasse, para que meu contato não significasse a realização daquela visão pavorosa.

— Estava esperando — disse ele; a reprovação havia passado, mas ele ainda estava triste.

— Esperando? O quê? Você sabia que eu ia voltar.

— É, eu sabia. Mas eu quis ser o primeiro a ver você. Para contar a novidade.

— Foi o Sr. Killian, Duncan? Ele pediu a mão de Mary? — senti um grande alívio.

— Ah, isso. Não, não é isso. Ele ficou aqui a tarde toda. Ficou fazendo um monte de coisas e cantando lá na

sala. Não é por isso que eu estava esperando. É por causa da carta que chegou.

— Que carta?

Uma espécie de esperança desesperada surgiu em mim. Alguém havia me oferecido um emprego. Logo eu estaria longe de Sil Kirk.

— Uma carta de um lugar muito longe. Mamãe disse que é de uns parentes que moram nas Índias Ocidentais. Eu não conheço as Índias, mas papai prometeu me mostrar no atlas, depois do jantar.

— E aí? — perguntei, impaciente. — E a carta? O que é que está escrito?

— Bem, diz para Mary ir para lá. Tem um menino lá para ela tomar conta e ensinar. Mas é claro que mamãe não vai deixar Mary ir. Ela diz que tem de pensar no Sr. Killian, e que Mary não pode ir.

Logo adivinhei o que aconteceria.

— Então eu vou no lugar dela, não é isso?

Ele me apertou, comprimindo a umidade da capa no meu corpo, sem importar-se com a chuva, enquanto saíamos um pouco do abrigo do arco.

— Mas, Fiona, você não vai! Você vai ficar, não vai? Eles disseram que é uma viagem perigosa, e quando é que eu vou ver você de novo? Fiona, você não vai! Fique aqui, você fica? Eu não quero que você vá!

Porém, eu sabia que, se houvesse a mínima chance, eu iria. Agarrei-me a Duncan, e a dor da ideia de partir era até física. Mas eu iria e não só por causa do emprego, que era um motivo para eu deixar Sil Kirk, embora fosse muito mais longe do que eu imaginava. Iria porque estava com medo do que minha simples presença poderia causar

àquela criança adorada. Talvez eu carregasse, como minha mãe, a semente maldita da tragédia, inocentemente, mas como se fosse uma doença. Talvez, se eu estivesse longe, a visão de Duncan correndo, aterrorizado, perseguido, com as chamas se elevando atrás de si, nunca se realizasse. Talvez minha presença provocasse aqueles acontecimentos e, se eu ficasse longe, eles não se tornariam realidade.

— Vamos ver, meu amor — disse, acariciando-lhe os cabelos molhados, tentando confortá-lo. — Vamos ver. As índias não ficam tão longe assim.

Era do outro lado da terra e, se era verdade o que diziam das febres e doenças, eu nunca mais veria Duncan. Mas exatamente por isso eu podia salvá-lo. Eu iria.

III

— Dizem que eles são muito ricos.

— Quem é que diz isso, querida? — perguntou meu pai a minha madrastra, com paciência, tentando acalmar a excitação que se escondia por trás das palavras.

— A família... a família, é claro, A gente ouve essas coisas. Ah — ela fez um movimento com a bela cabeça — eu sei que nós somos só o ramo pobre da família, e que o ramo de Londres só nos visitou uma vez, quando veio um dia a Edimburgo. Mas é verdade que eles foram gentis e convidaram Mary para aquele maravilhoso passeio em Londres no ano passado, e assim sabemos que eles vivem bem. Mas eles falaram das Índias Ocidentais, não foi, Mary? E parece que o ramo de Londres tem uma parte da propriedade... e além do mais... os fazendeiros de lá não são todos ricos? Com todo aquele açúcar...?

— Fruto do trabalho dos escravos — disse meu pai, mas ninguém lhe deu atenção.

Vi seu olhar pousar rapidamente sobre mim, e depois desviar-se; será, que estávamos pensando no que havia lhe contado sobre aquele dia em Kelvingrove Gardens? Mas não íamos falar de escravos no meio da família.

Estávamos sentados à grande mesa da sala de jantar; Duncan havia ido dormir, e também Sarah, a irmã mais nova. Os pratos do jantar já haviam sido retirados, e a porta da cozinha estava firmemente fechada; o fogo havia sido atizado e ficaríamos ali pelo tempo que fosse necessário para tomar uma decisão. Quanto a mim, já estava decidida. Sabia muito bem que, para Mary e minha madrastra, também não havia dúvidas. Agora só faltava meu pai. Emily, a irmã do meio, só estava conosco porque já tinha idade suficiente para participar das reuniões de família, e não porque tivesse idade para ir no lugar de Mary. O fato de nós, os filhos, sermos consultados, era bem raro; em qualquer outra família, o pai tomaria sozinho a decisão.

— É claro que Mary não pode ir — disse minha madrastra. — O Sr. Killian está quase se declarando, e se Mary mostrar que liga tão pouco para ele a ponto de pensar em viajar, ele pode ficar ofendido, e vai ter toda a razão para desistir de pedir a mão dela.

— Vai acontecer o que tiver de acontecer — disse meu pai. — Mas por que é que Fiona tem de ir no lugar dela? Não foi Fiona que eles pediram. Por que não escrevemos e dizemos que Mary está quase noiva? É muito simples.

Fiquei cheia de gratidão e ternura por sua atitude, só de saber que, apesar de todas as dificuldades que eu havia trazido para ele, da situação insustentável em que havia me colocado, ele ainda não se agarrava àquela oportunidade de me ver partir, de se livrar de mim. Uma parte de nossa proximidade voltou com aquelas palavras. Queria pegar sua mão, dizer-lhe que o amaria para sempre pelo que havia

dito, mas isso só o tornaria mais obstinado, faria com que lutasse para eu não ir.

— Mas é uma oportunidade ótima — falei. — Eu adoraria ir.

Vi que os olhos de minha madrastra se iluminaram de prazer e aprovação.

— As Índias são tão românticas, vocês não acham? Sol todos os dias e aqueles pássaros e flores tão exóticos...

Desesperada, eu estava tentando agarrar-me ao que conseguia lembrar, deixando de lado a parte negra da questão — as doenças, a miscigenação, os rumores de feitiçaria, as estranhas histórias que contavam das famílias negras. Não queria que meu pai se lembrasse daquele aspecto.

—•É claro que Fiona tem prática — prosseguiu minha madrastra. — Eles vão ter uma governanta de verdade no lugar de Mary, que ia ter dificuldade para tomar conta de um menino em fase de crescimento... sem dúvida, eles não sabiam que Fiona está sem emprego, senão teriam pedido que ela fosse. Talvez seja até melhor que eles não saibam. O motivo foi tão estranho... e eles dizem que são ricos — repetiu, como se quisesse encerrar a discussão. — Devem ter muitos empregados...

— Escravos — corrigiu meu pai.

— Ah, você sabe muito bem que os escravos de casa são como os nossos empregados aqui! Fiona vai ser muito bem tratada. E quem sabe... — ela se animou mais ainda — dizem que as moças são raras por lá. Fiona pode fazer um bom casamento. Dizem que os fazendeiros são muito ricos...

— Quem é que diz isso? — insistiu meu pai. —•Por favor, Dorothy, não fique fazendo essas generalizações.

Quem é que diz isso tudo? E por que é que Fiona precisa arranjar um casamento tão longe daqui?

Ela ergueu a cabeça.

— Quanto a isso, quanto mais longe de casa, melhor! Fiona se arruinou aqui. Não tem nenhuma chance de casar. Por lá — bem, eles nunca vão saber o que ela fez, e tenho certeza de que eles são ricos, William McIntyre. Pelo menos, os Maxwell são ricos, e é isso o que interessa.

Ela apontou para a carta em cima da mesa.

— Se Fiona não agarrar essa chance agora, acho que vai se arrepender pelo resto da vida. Não temos tempo de escrever e sugerir que ela vá no lugar de Mary. É claro que vamos informar os Maxwell de Londres. Mas lá nas Índias eles precisam de uma governanta, e já. Quando Fiona chegar lá, eles vão ficar tão satisfeitos com ela, uma jovem de boa família, com prática, que não vão perguntar por que ela estava disponível. Isto é, ela me olhou significativamente, a menos que ela se decida a fazer um discurso contra a escravidão. Nesse caso, acho que ela ia ficar bem pouco tempo por lá.

— Chega, Dorothy — eram raras as ocasiões em que meu pai exercia sua autoridade, mas era sempre obedecido. — A decisão é de Fiona. Afinal de contas, o que é que sabemos do lugar para onde ela vai? O que é que sabemos dos Maxwell, a não ser que são considerados muito ricos?

Minha madrastra acalmou-se.

— O que é que sabemos de qualquer pessoa? Temos é de confiar. Andrew Maxwell, o pai do menino, está ficando velho. Ele casou tarde. Os Maxwell de Londres disseram a ele que eu tinha três filhas, e que a mais velha tem idade suficiente para sair de casa e tomar conta de seu filho, ensiná-lo. O pagamento é ótimo, e Mary, quer dizer, Fiona, vai ser tratada como alguém da família, como de fato é.

Acho que é uma boa troca, muito melhor do que comer numa bandeja na sala de aula.

Naqueles termos, parecia um conto de fadas com que as governantas às vezes sonham, e não havia nada na carta que pudesse abalar aquele sonho. Peguei-a e estudei-a mais uma vez. O tom era educado, até mesmo suplicante. “Meu marido, como devem saber, já tem uma certa idade, e tenho de ajudá-lo enormemente com os negócios da fazenda. Isso me toma mais tempo do que desejaria e, assim, não posso dedicar-me a nosso filho. Meu marido e eu ficaríamos extremamente gratos se uma moça da família Maxwell pudesse vir para ajudar em sua educação. Nossos primos de Londres nos informaram que sua filha Mary tem a idade certa, e um ótimo temperamento...”

Era tudo mais ou menos a mesma coisa, e parecia bom demais para ser verdade. Para começar, uma mulher com uma letra tão firme, ousada e forte não poderia estar sendo apenas gentil. E havia a leve influência estrangeira, como se ela tivesse aprendido a escrever cartas educadas em inglês. E toda a autoridade subjacente de uma mulher acostumada a mandar, a ser obedecida — e que nem por um momento esperava uma recusa da parte daqueles pobres parentes escoceses — podia ser vista na segurança e no orgulho cheio de arrogância da assinatura floreada: Maria Medina y Palma de Maxwell.

Fiquei olhando a carta, fascinada, desconfiada da pessoa que a havia escrito, já com um pouco de medo dela, mas sabendo que faria o que ela mandasse.

IV

Parti quase antes de haver tempo para pensar duas vezes. Escrevemos para os Maxwell de Londres, como dizia a carta de Maria Maxwell, para que adiantassem o dinheiro

da passagem. Minha madraستا dizia que eram comerciantes e que tinham negócios bancários na City. De mim, ela só disse que estava livre para ir, ao passo que sua filha não poderia ir; disse ainda que era uma sorte eu já ter alguma prática com crianças pequenas. Fui descrita com detalhes, com termos que minha madraستا nunca havia usado antes; a julgar pela carta, Andrew Maxwell ia conseguir um modelo exemplar para cuidar de seu filho. A resposta veio logo. A firma de Maxwell, Maxwell, Maxwell & Grimmond — nunca conseguimos saber qual era o Maxwell que assinava — tinha certeza de que a Srta. Fiona McIntyre seria uma substituta extremamente satisfatória para sua irmã, e o remetente perguntava se ela estaria pronta para embarcar no *Clyde Queen*, que logo partiria de Glasgow. A passagem já havia sido reservada. O choque veio quando soubemos a data do embarque. Era dentro de dez dias.

Meu estômago revirava com a ideia da longa viagem, e com o curtíssimo tempo para preparar-me, para ter certeza de que estava tomando a decisão certa. Mas a certeza vinha sempre que eu olhava para Duncan. E assim, aprendi a dar de ombros; quando é que se podia saber o que era certo? Pelo menos nisso, minha madraستا tinha razão.

Assim, tiramos uma grande mala do sótão e arrumei minhas roupas; não havia quase nada adequado ao clima em que ia viver, mas não havia tempo nem dinheiro para comprar roupas novas. Na véspera, Mary aproximou-se de mim com uma almofadinha para alfinetes, que ela mesma havia feito, e com uma fita para amarrar meu coque. Os presentes me foram dados em silêncio, mas com um olhar de agradecimento, cujo significado logo entendi. Peguei alguns livros para meu novo aluno, cujo nome eu nem sabia, e tentei enxugar as lágrimas de protesto de Duncan.

Foi difícil quando chegou a hora. Meu pai havia

alugado uma carruagem para levar-nos todos a Glasgow, e iria comigo para ver-me embarcar no *Clyde Queen*. Duncan agarrou-se a mim, que tentava acalmar seus soluços e gritos de afronta; ele havia consultado o atlas e agora sabia que as Índias ficavam muito mais longe do que Londres, que era o ponto mais distante que sua imaginação podia alcançar. Estava lutando contra minhas próprias lágrimas, quando meu pai tocou no meu braço.

— Tem uma mulher aqui, Fiona; ela chegou e pediu para falar com você.

Ele parecia intrigado, mas, como sempre, era cortês com qualquer pessoa que lhe pedisse um favor.

Voltei-me e vi, em pé no arco do pátio, onde eu havia tido a visão de Duncan naquele dia terrível, a mulher da casa do meeiro. Lentamente, soltei-me do abraço de Duncan e fui em sua direção, com uma sensação de medo crescendo dentro de mim. Eu ainda ouvia aquelas velhas maldições que me seguiram colina abaixo.

Ela não me cumprimentou, mas sua voz estava baixa. O que foi dito ficou apenas entre nós.

— Disseram que você está indo embora; disseram que é uma viagem longa, e tem gente que nunca volta desses lugares. Então eu pensei que tinha de vir aqui e falar com você, para você saber.

— Saber o quê?

— Keith, o meu filho, você perguntou se eu não tinha notícia dele, eu disse que não. Falei que ele estava no Canadá, e que logo ia mandar notícia. E você disse que eu nunca mais ia saber dele. Bem, eu vim para dizer que você estava certa. Meu filho morreu. Ele nunca chegou no Canadá. Doença no navio. E agora ele está enterrado lá no mar. Você sabia, e eu vim para dizer isso. Você dá azar com o seu maldito poder de ver o que a gente não sabe. Agora,

vá embora, e lembre sempre dessa mulher sozinha.

Virou-se, uma figura esquelética, envolta em seu velho manto roto, e foi andando pela estrada que dava para a saída da vila.

— Fiona — chamou minha madrastra, talvez espantada com o que eu sabia estar claramente estampado em meu rosto. — Quem era aquela mulher? Que coisa mais estranha!

Não ousei olhar para Duncan.

— Vamos, papai, está ficando tarde. O navio não vai esperar a maré...

Um abraço rápido, mais rápido ainda para Duncan, que se agarrava cada vez mais a mim, e logo depois eu já estava na carruagem, e partimos. Virei o rosto para a janela e meu pai, com a compreensão de que eu às vezes não o julgava capaz, não fez perguntas.

Não havia razão para pressa, e chegamos ao *Clyde Queen* três horas antes da maré. Enquanto nos afastávamos, meu pai ficou no cais, o chapéu levantado num aceno, o vento fraco agitando seus longos cabelos grisalhos. Embora ainda tivéssemos de passar pelo Clyde, pela ilha de Arran e por Ailsa Craig e todas as ilhas que se recortavam contra a costa, para mim ele foi, na verdade, a última imagem da Escócia. Desejei ardentemente que, com minha partida, a ameaça a Duncan também se afastasse, que o fim da Escócia fosse o fim das maldições e das visões que viraram lenda em nossa história. Deliberadamente, virei o rosto para o sol das Índias, que ainda não podia sentir, dando-lhe as boas-vindas, desejando-o. Voltei o rosto e o futuro para uma mansão chamada Landfall.

CAPÍTULO II

I

— Vai ser a primeira coisa que você vai ver quando o sol nascer. Venha até aqui de madrugada, antes que as nuvens desapareçam de Kronberg. Vamos ficar à capa a noite toda. Não vou me arriscar a contornar Serpent Rocks depois que anoitecer.

O súbito crepúsculo tropical havia caído logo que o contorno da ilha apareceu. O vigia havia gritado da gávea, e o Capitão Stewart permitiu-se um meio sorriso, satisfeito com a precisão de sua viagem; dirigi-me apressadamente para a plataforma, mas a escuridão caiu rapidamente e venceu-me. A ilha estava lá, escarpada, flutuando, imensa no lado sul do contorno pontiagudo do pico vulcânico, Kronberg. O mar ficou subitamente vermelho quando atravessamos a luz, e a ilha foi se afastando — uma massa escura de terra desaparecendo enquanto as estrelas ainda desprendiam uma luz intensa no céu azul claro. Já era tarde até mesmo para contar com a ajuda dos binóculos do Capitão Stewart. Os ventos alísios, que haviam soprado atrás de nós durante quase toda a travessia do Atlântico, morreram, como sempre acontecia à noite.

— Não está sentindo o cheiro da terra? — perguntou ele.

É, eu estava sentindo.

Senti-o novamente antes da aurora, ao subir lentamente a escada da gaiuta, mais uma vez parando na plataforma. A luz estava entrando, já que, na noite anterior, a maré havia baixado inesperadamente. As estrelas estavam ficando pálidas, e o mar se iluminava; ainda podíamos sentir o frio da madrugada, mas as palmas de minhas mãos, agarradas ao corrimão da popa, estavam um pouco úmidas. Minha cabeça estava repleta das poucas

coisas que havia conseguido saber durante as longas semanas de viagem, migalhas de informação, meias-palavras. O Clyde Queen era um navio que fazia a volta das ilhas, que entregava e recebia sua carga nas Índias. Qualquer oficial que já tivesse feito a viagem algumas vezes conhecia a história das ilhas, sabia os nomes das pessoas importantes e podia enfeitar mais ainda as histórias e lendas. Mas foi o terceiro-imediato, um rapaz chamado McPherson, em sua quarta viagem, que mais me falou sobre os Maxwell e Landfall, e não foi muito. Frequentemente, eu ficava passeando pelo convés, saboreando o frio que vinha substituir o calor do dia, sabendo que seria incapaz de dormir bem na cabina abafada que, desde a passagem dos Açores, parecia não ter nem uma fresta para entrar ar puro. Por uma ou duas vezes, ficamos juntos no parapeito, olhando as estrelas que flutuavam com o balanço suave do navio, e ele havia me contado o pouco que sabia das Índias, arriscando-se a fazer uma ou duas perguntas a respeito de minha viagem. Depois que deixamos o Clyde, o balanço do Atlântico Norte, como era de se esperar, causou enjoo nos quatro passageiros, eu, um casal e uma mulher que ia, como eu, ser governanta na casa de uma família em Barbados. Já fazia alguns dias que estávamos no mar quando os quatro passageiros se reuniram à mesa do capitão e fizeram-lhe perguntas. Falei:

— Vou cuidar de um menino em San Cristóbal. A família dele é aparentada com minha mãe.

— Que família? — perguntou McPherson, enrubescendo.

O terceiro-imediato quase nunca falava na presença do capitão, mas parecia louco para conversar comigo. Lembro, porém, da instantânea expressão de mau humor que cruzou o rosto do capitão. Ele lançou um olhar severo a seu oficial.

— Maxwell — respondi rapidamente. — Maxwell, de Landfall. O senhor conhece alguém de lá?

O capitão respondeu por ele, fazendo-o calar-se.

— Os Maxwell são bem conhecidos, Srta. McIntyre. Qualquer um que conhece San Cristóbal e as redondezas conhece Andrew Maxwell.

E havia o que McPherson me disse certa vez no parapeito, em voz baixa, naquelas poucas noites em que estava de vigia e podia falar, ou quando o capitão não estava atrás dele. Quando tentei arrancar-lhe alguma coisa, ele deu de ombros, triste, e sorriu.

— Vieram me dizer, Srta. McIntyre, para não falar dos Maxwell com a senhorita.

— E por que não?

— Porque descobri, ou melhor, me contaram, muito assim sem rodeios, que a firma londrina dos Maxwell possui parte deste navio, e que não se deve falar dos patrões.

— Mas também não se pode ser tão mal-educado a ponto de se recusar a responder as perguntas naturais de uma moça, não é?

Ele deu um risinho na escuridão.

— Não, Srta. McIntyre, não se pode ser tão mal-educado assim. Mas eu não sei muito, lembre-se...

— E Maria Maxwell? — Por que seria que ela me interessava mais que o marido?

— Uma beleza, pelo que dizem. Nunca a vi. Sangue espanhol, quase puro, embora a ilha seja dos ingleses há muito tempo. Essa terra esteve nas mãos dos holandeses por algum tempo, entre os domínios dos espanhóis e dos ingleses. Todas essas ilhas têm uma história de jogo de damas; prêmios de guerra, acordos assinados em Viena ou

Paris. Mas uma boa parte da velha aristocracia espanhola permaneceu aqui, e eles são tão isolados como os escoceses. Tem um bom número de escoceses na ilha, pelo que sei. Eles vieram para fazer o trabalho braçal nos lugares onde os ingleses se fixaram. Andrew Maxwell é um grande proprietário, mas tenho quase certeza de que ele trabalhou duro no seu tempo. Ele não ganhou suas terras numa bandeja de prata...

— Ele casou tarde...

— É... — uma hesitação. — Ele casou tarde.

Eu não era tão inocente a ponto de não perceber seu embaraço. Ele não tinha intenção de me deixar pensar que Andrew Maxwell havia sido uma espécie de solteirão rabugento.

Acho que só fomos conversar outra vez umas duas semanas depois. Era evidente que Maria Maxwell, por menos que soubesse a seu respeito, também o fascinava.

— Dizem que ela é magnífica e que praticamente dirige a fazenda sozinha, agora. Dizem que nunca se viu tuna mulher conseguir controlar os escravos do jeito que ela faz. Dizem...

— O senhor está incomodando a Srta. McIntyre, Sr. McPherson.

Era a voz do Capitão Stewart; a censura era bem clara. Ninguém deveria falar comigo, e os mexericos não deveriam chegar aos meus ouvidos. Foi a última vez que McPherson procurou minha companhia a sós. Mas eu sentia que ele me observava; frequentemente, sentia seu olhar sobre mim, em sua vigília diurna no tombadilho. Mas aquilo era tudo.

Agora era o Capitão Stewart quem me fazia companhia na plataforma. Os primeiros raios de sol

estavam aparecendo, e a ilha foi subitamente banhada por uma luz sobrenatural; a água brilhava como uma água-marinha, com tons de safira nas partes mais rasas, a massa vermelha, com o topo de Kronberg ainda envolto pela bruma, mas com suas longas serras colorindo-se de um verde claro, enquanto eu olhava. A costa estendia-se fora do alcance da vista, as baías recortadas, o norte cheio de rochas, açoitado pelos ventos.

— O reino de Maxwell — a voz do capitão parecia mais ácida e rude que o normal. — Tudo o que se estende de Kronberg até Serpent Rocks, deste lado, é dele, e tem mais uma boa parte do outro lado da montanha. Daqui não dá para ver os canaviais. O lugar é muito úmido e alto. Mas a casa fica ali, naquela elevação.

Houve um tempo em que era a primeira coisa que se via de San Cristóbal. A casa, Kronberg e Serpent Rocks. Landfall House é um nome bem adequado, por causa do aterro. Daqui dá para ver a casa, branca, embora esteja cercada de jardins. E tenho certeza de que o binóculo de Andrew Maxwell está sobre nós neste exato momento. Os velhos acordam cedo.

Não sei o que soltou sua língua, normalmente presa; talvez tivesse esquecido, em suas lembranças das muitas viagens que havia feito, sua costumeira descrição; talvez sentisse vontade de me dar as informações que eu havia pedido a McPherson.

— Nunca foi um lugar de muita sorte — acrescentou de repente. — Não vou fingir que conheço toda a história, mas a casa foi construída muito antes de Andrew Maxwell nascer. Foi abandonada várias vezes, por falta de proprietários. Para dizer a verdade, ouvi uma história de que, quando estava sendo construída, houve um problema entre uma escrava e a patroa — algumas brancas são muito más para os escravos, Srta. McIntyre. Dizem que, antes de

morrer, a escrava rogou uma praga sobre a casa. Bem, não sei por que estou repetindo essas coisas, as ilhas estão cheias dessas histórias fantásticas de pragas, maldições e feitiçarias. Elas vão aonde vão os africanos... e Andrew Maxwell tem lá os seus problemas.

Já que ia deixar logo o Clyde Queen, arrisquei-me a provocá-lo:

— Parece que o senhor não gosta muito de Andrew Maxwell, capitão.

— Ah.

Tive a sensação de que, se eu não estivesse ali, ele teria cuspidido na água.

— Não tenho nada a ver com isso, Srta. McIntyre. Tenho outras coisas em que pensar. Os negros também não me dizem respeito, mas nunca tive nada a ver com o tráfico, em todos os meus anos navegando por esses mares. Os homens fazem fortuna à custa de outros homens, Srta. McIntyre. É legal e permitido, mas nenhum cristão é obrigado a gostar disso. A escravatura é um negócio sujo, não importa de que lado se esteja. Ah, eu sei que, para todos os efeitos, o transporte de escravos da África já terminou há muitos anos, mas as cargas ilegais têm feito três vezes mais dinheiro do que faziam antes da proibição. Então, eles vão continuando. Bem, a senhorita vai ver e, provavelmente, vai aceitar o que for necessário no tipo de vida que encontrar nessas ilhas. E não vai poder fazer nada para mudar a situação. É melhor que as mulheres se ponham em seus devidos lugares, especialmente no lugar para onde a senhorita vai. Bom dia, Srta. McIntyre. Vamos atracar às dez.

Então, voltou-se e gritou uma ordem para o grupo de marinheiros que havia aparecido com baldes e escovões para o ritual matinal de limpeza do convés. O capitão era

muito rígido e chegaria a Santa Marta, porto e principal cidade de San Cristóbal, com o convés branquíssimo e com cada peça de metal brilhando.

Desci e fui arrumar minha mala, lançando um último olhar para a casa branca da colina, parcialmente escondida; não conseguiria ficar mais tempo exposta ao binóculo de um velho que acordava cedo.

* * *

Haviam mandado uma elegante carruagem para buscar-me, de um preto brilhante, com rodas de travas amarelas e debruns dourados nas almofadas; o cocheiro negro usava roupas de brim branco com dragonas amarelas e um chapéu preto de três pontas, debruado de ouro; tinha uma expressão completamente imperturbável. Um menino, vestido como ele, mas sem a dignidade do chapéu, segurava os cavalos enquanto ele perguntava na prancha de desembarque pela senhorita que deveria ser levada a Landfall. Ninguém da família havia aparecido para receber-me; talvez fosse demais esperar por isso. O negro alto estava calado, e não sorriu ao ajudar-me a entrar; depois, prendeu minha mala na parte de trás da carruagem. O Capitão Stewart havia se despedido de mim no alto da prancha. Sem saber por que, agora que os laços com o Clyde Queen, que não eram fortes nem sentimentais, haviam sido cortados, sentia-me sozinha e quase com medo no meio de todo aquele alvoroço brilhante dos navios ancorados, do carregamento de mercadorias e barris, das vozes dos escravos cantando em sua língua nativa aquilo que não queriam que os brancos soubessem. Havia súbitas explosões de risos, quase sempre interrompidas pela voz irada dos capatazes. Havia movimento, cores e sons ao meu redor; mais do que tudo, o sol brilhante, que se espalhava por todos os lados, fazendo doer os olhos e escurecendo

qualquer lugar que alcançava; havia as manchas de cores fortes em lugares inesperados, trepadeiras deslizando pelos muros, panos coloridos amarrados nas cabeças das negras, os armazéns ao longo do cais pintados de azul, verde e rosa desbotados. Era um alegre caos de movimento, cor e luz, porém, mesmo com o suor escorrendo enquanto esperava, senti a estranha corrente gelada de medo. Podia ser por causa do olhar especulativo do Capitão Stewart, ainda sobre mim, ou por causa da atitude fria do cocheiro, ou de um entre muitos olhares, rápidos, mas inexpressivos, dos negros que passavam pela carruagem, os olhares oblíquos por baixo das pestanas pesadas, que não me davam as boas-vindas nem me encorajavam.

Finalmente, veio o alívio; o cocheiro estava pegando as rédeas e o chicote quando houve um súbito rumor na prancha de desembarque.

Sob o olhar do Capitão Stewart, McPherson correu em direção à carruagem. Senti sua mão, úmida como a minha. Sua frente estava molhada de suor.

— Boa sorte, Srta. McIntyre. Boa sorte em Landfall.

Apertei sua mão.

— Obrigada... muito obrigada.

— Talvez... talvez da próxima vez em que o Clyde Queen vier a Santa Marta. Bem... — ele deu de ombros.

Respondi alguma coisa, só Deus sabe o quê. Mas sua atitude de desafio ao capitão serviu para levantar-me o moral. Aprumei-me enquanto a carruagem deslizava lentamente pelo centro comercial da cidade, os armazéns e ruas com arcadas para proteção contra o sol e a chuva; depois, passamos pelas grandes casas com jardins cercados por muros altos, as venezianas já fechadas para impedir a entrada do sol, a massa de trepadeiras em flor subindo como cascatas pelas paredes e portões arqueados. No

caminho entre as casas, e atrás delas, ficavam as cabanas sem pintura, com janelas soltas e suspensas sobre tocos de madeira podre. Uma brisa soprava em meu rosto, e o suor começou a secar. Chegamos aos arredores da cidade; as casas davam lugar às cabanas, e então começavam os canaviais. Havia colinas altas e ondulantes de cana, agitando-se ao vento num movimento sem fim, de modo que a cor mudava, como se sombras cruzassem uma plantação de milho ainda verde. Mas aquilo era ouro que os semeadores lançavam ao chão e que o sol e a chuva transformavam em ouro de verdade para eles. Às vezes, havia pequenos conjuntos de cabanas de madeira, nos pontos em que as estradas poeirentas se separavam; havia placas que, como percebi, não indicavam as vilas, e sim as fazendas: Barrow's End, Montrose *Hall*, Mary's Fancy. Agora, o que chamava a atenção eram as grandes casas das fazendas, todas localizadas no alto de uma colina, num lugar em que a brisa soprasse; havia também algumas torres de sinos, em estilo espanhol, recortando-se contra o céu de um azul muito forte, a forma em cone dos moinhos de vento feitos de pedra e que serviam às usinas de açúcar. Kronberg, meu ponto de referência, estava ficando cada vez mais perto, mas ainda demoramos a alcançar o severo arco caído e o poste que indicava LANDFALL. Os canaviais continuavam; havia um grupo de cabanas de telhado de palha, e uma placa desbotada, onde estava escrito WINTERSLO. Neste cruzamento havia um pedaço de pilastra de pedra meio desmoronada, com as palavras SAN FRANCI gravadas. Estavam gastas, quase apagadas pelo tempo, e mal podiam ser lidas. Mais e mais canaviais, o contorno de um telhado muito longe, contra a encosta seca da montanha. Finalmente, Kronberg estava acima de nós; a carruagem subiu um pouco em seu sopé, uma estrada estreita. Os canaviais ficaram para trás, e agora começava uma exuberante floresta tropical. Sombras escuras, árvores altas, trepadeiras enroscando-se como serpentes lânguidas,

flores estranhas e desconhecidas, e o voo rápido de pássaros coloridos; havíamos chegado ao lado de Kronberg exposto ao vento, onde chovia mais, em quantidade excessiva para a cana, magnífica em sua beleza escura.

Depois, havia altas pilastras de pedra, grandes portões de ferro e um elaborado arco de ferro com um lampião maior do que qualquer outro que eu já havia visto. De repente, o menino, que até ali havia imitado o silêncio e a dignidade de seu companheiro mais velho, não conseguiu manter a solenidade. Virou-se e deu um sorriso rápido e inesperado de alegria e orgulho, o que me fez perceber que ele podia ser escravo, mas pertencia a um senhor muito rico.

— Aí é Landfall — anunciou.

II

À medida que o caminho serpenteava em direção à casa, eu via o mar de relance, o brilho de safira, a mancha da espuma branca sobre as rochas. As árvores eram altas, e debaixo de sua sombra, eu via as plantas tropicais de folhas enormes; nos espaços entre elas, o sol machucava os olhos, e a grama verde e brilhante crescia, quente e quebradiça, como se tivesse sido aparada; era impossível andar descalço por ali. Tudo estava em ordem, mas pressenti que, com um ano de descuido ou até mesmo um mês, as trepadeiras tomariam conta de tudo, e a grama chegaria até a cintura.

Deslizamos lentamente diante da imensa casa de pedra branca, e o cocheiro contornou uma árvore enorme, de tronco meio cinza, talvez a maior que eu já havia visto. Com um jeito experiente, examinou os cavalos; nossa chegada foi acompanhada de latidos de cães que dispararam dos dois lados da casa e por crianças de pele

escura vestidas de algodão cru desbotado, que pareciam sair do nada. Elas não estavam ali, e de repente apareceram, silenciosas, tímidas, mantendo-se à distância, prontas a desaparecer mais uma vez; porém, estavam ansiosas para presenciar os acontecimentos. Parte de sua atenção era para mim, e a outra parte, para os degraus que levavam à casa. Elas estavam prontas para desaparecer quando surgisse alguém.

Por um momento, não apareceu ninguém. Depois que o cocheiro acalmou os cães, o silêncio ficou pesado, apenas com o vento batendo nos galhos e nas trepadeiras. Como se soubesse que aquilo era estranho, o cocheiro desceu e entregou as rédeas ao menino. Sua lentidão aumentou quando ele abriu a porta e baixou o degrau para eu descer. Hesitou por um momento, como se temesse oferecer a mão negra a uma branca, como se sua mão não devesse ser o instrumento de boas-vindas à casa de Andrew Maxwell.

Seu gesto foi interrompido pelo menino.

— Olha o patrão — ele já não estava sorrindo, e disse aquilo quase num sussurro.

A casa era cercada, por todos os lados, por uma varanda sustentada por pilastras engrossadas por trepadeiras. Mais tarde, aprendi a chamá-la de galeria. Sua profundidade combinava com a altura das venezianas de mogno que emolduravam as portas de vidro, todas elas abertas para a entrada da brisa. A sombra lançada pela galeria era tão intensa que, por um momento, tive dificuldade em ver, além do brilho da pedra branca, o homem que estava à porta, em frente aos degraus. Então, dei-me conta de sua altura, da brancura das roupas que usava, do efeito gritante da faixa de seda vermelha em volta da cintura. Olhamo-nos por alguns instantes, minha mão ainda estendida para o cocheiro, mas ele já não estava lá para ajudar-me. Foi então que vi a bengala de ponta de

prata na mão da figura vestida de branco, e o movimento seguro com que foi abandonada, não jogada ao chão ou encostada contra a porta, mas apenas deixada de lado e recebida por outra mão, a de um escravo de cuja presença ele estava certo. Vi seu esforço para endireitar-se e atravessar a varanda espaçosa com movimentos rápidos. Mas, quando saiu para a luz do sol, sua mão segurou o corrimão de ferro. Era um homem que estava envelhecendo e, sem dúvida alguma, doente, que veio caminhando com cuidado em minha direção.

Ele não se retraiu ao contato ardente daquele corrimão trabalhado com arte; os degraus curvavam-se para a frente num movimento gracioso, e ele apoiou-se no corrimão até chegar aos dois postes que sustentavam duas grandes lâmpadas, iguais às do portão de entrada.

Porém, as esperadas palavras de boas-vindas não foram as primeiras a sair de sua boca, quando dirigiu-se para a carruagem.

— Droga! Onde está Fergus?

A força e o poder da voz lutaram contra o vento, e pareceram ecoar pela casa inteira; as crianças negras desapareceram, os cães rastejaram para a sombra ou para os estábulos. Nenhuma palavra foi dirigida a mim. No silêncio do momento, percebi, de repente, um rápido lampejo de cor, quando um grande pássaro de plumagem vermelha e amarela passou voando com um grito estridente e desagradável, como uma risada zombeteira.

Agora, Andrew Maxwell dirigiu-se ao cocheiro, cuja imobilidade parecia, em parte, medo.

— Onde está meu filho? Ele não foi ao cais?

— O Sr. Fergus não foi lá, não, patrão.

— Droga!

Por um segundo, pensei que uma daquelas mãos enormes pudesse erguer-se para atingir o homem. Mas o punho abriu-se e, em vez disso, a mão veio finalmente em minha direção.

— Srta. Mary Maxwell, bem-vinda a Landfall.

Os lábios grandes e inchados abriram-se num sorriso que mostrava dentes manchados de fumo; entretanto, tive a estranha sensação de que o sorriso era sincero. Eu não estava incluída na raiva geral.

— Perdoe-me a grosseria aparente, Srta. Mary. Eu tinha mandado meu filho recebê-la no cais. A senhorita deve estar pensando que somos um bando de gente estranha e mal-educada aqui em Landfall.

Ele sabia ser encantador. Uma barba pontuda escondia a flacidez do queixo e do pescoço; tinha um ar de canalha, mas podia ser um canalha atraente. Finalmente, desci da carruagem e, por mais alta que fosse, ainda precisei olhar para cima, para falar com ele. Fechei os olhos por causa da luz intensa; o sol queimava e o suor já me molhava todo o corpo novamente. Aquele não era o melhor lugar para explicações, mas eu não podia, nem mesmo por um instante, assumir a identidade de Mary.

— Obrigada pela recepção, Sr. Maxwell. Espero ser tão bem-vinda quando souber que não sou Mary Maxwell, e sim sua irmã, Fiona McIntyre.

Os lábios grossos apertaram-se um pouco, e os olhos estreitaram-se. Ele me olhou de perto, primeiro o rosto e depois um exame completo. Não havia nenhuma sutileza naquele olhar; era algo a que nunca havia sido submetida antes.

— Acho — disse finalmente — que é melhor entrarmos.

Então, ele pegou meu braço. Não era um toque gentil, era mais como se estivesse me usando no lugar da bengala que havia deixado de lado; a pressão de seus dedos machucava-me o braço, e era esta a sua intenção, como se estivesse me testando e como se precisasse mostrar-me que ainda tinha alguma força. Subimos as escadas assim, sua mão no corrimão, e a outra me apertando, cruel. Mostrando a própria força, ele parecia estar medindo a minha, para descobrir por quanto tempo eu aguentaria sem parar ou tentar aliviar o peso. Não fiz nem uma coisa nem outra. Continuamos pela sombra da galeria, pelo chão de mármore quadriculado e entramos na galeria interna, tão espaçosa quanto a primeira, e toda mobiliada como uma sala de estar informal; como a outra, dava a volta pela casa toda. Ali, senti o ar mais fresco e o alívio para os olhos. Depois, passamos para o centro da casa: um *hall* cuja linda escadaria dividia-se em duas direções, as portas abertas para um grande salão, de um lado, e para a sala de jantar, de outro. A pressão em meu braço dirigiu-me para o salão, quase como um puxão de rédeas. Em comparação com a luz forte lá de fora, ali dentro estava quase escuro. Havia mogno no assoalho e na mobília maciça, havia prataria e quadros, e lustres de cristal cujos prismas tilintavam gentilmente com a brisa tropical. Ali, no centro da casa, com a brisa soprando por todos os lados, sem o calor do sol, fazia tanto frio quanto num dia de verão escocês. Mais uma vez, senti o suor secando, e fui atingida pelo estranho frio dos trópicos.

— Sente aqui.

Ele indicou uma cadeira em que eu teria de sentar-me bem aprumada, uma cadeira feita mais para um homem alto do que para uma mulher. Ele foi sentar-se num grande sofá vermelho, grande e pesado, cujas molas deformadas diziam que aquele era seu lugar favorito. Ao sentar-se, estalou os dedos e apareceu um empregado. Lembrei-me

de que tinha de acostumar-me à ideia de que aquelas pessoas eram escravas, e não empregados, sem nenhum direito de desobedecer, nem de sair e procurar outro emprego. Era sua vida, do começo ao fim. Naquele momento, os rostos negros me pareceram anônimos, sem feições, indistintos, com os olhos baixos, sem identidade ou vontade. As roupas de algodão dos escravos da casa aumentaram a impressão de que todos eram a mesma pessoa, sempre reaparecendo num papel diferente.

— Este é Dougal — disse Andrew Maxwell. — Ele dirige a casa.

Um nome escocês. Fiquei imaginando se eles tinham os próprios nomes, os nomes que vinham da África, ou se também estes haviam se perdido nos séculos de escravidão. Talvez eu tenha tremido um pouco com a ideia, e Andrew Maxwell percebeu.

— Beba isso agora — disse, enquanto Dougal pousava um copo comprido na mesa ao meu lado, e outro, junto com um jarro, ao lado do patrão. — Eu sei o que está sentindo, aqui faz um calor dos infernos, e mesmo assim, a senhorita está com frio. Está usando as roupas erradas, é claro. Vamos ter de tomar providências. Mas a senhorita precisa se proteger do frio. Cuide-se bem, à noite...

Tomei um gole e senti uma doçura ardente na língua e na garganta, um fogo dentro de mim. Não era ruim, talvez doce demais, mas de gosto difuso; senti o cheiro de especiarias, canela e noz moscada.

— Na Escócia, Sr. Maxwell, é raro as moças tomarem álcool. Principalmente filhas de pastor.

Ele bateu na coxa protuberante, como se tivesse sido desafiado.

— E aqui, a senhorita vai fazer o que eu disser. E estou dizendo que um pouco de rum para espantar o frio

não vai fazer mal nenhum. Vivi nesse clima a minha vida toda. Eu sei muito bem como um branco sobrevive por aqui. E também não estamos preocupados com o que as moças devem ou não fazer. Aqui, elas fazem!

— Talvez o senhor esteja certo — respondi com frieza — mas isto é, com certeza, uma coisa que tenho de descobrir por mim mesma. Não vivi aqui a minha vida toda, mas já fiquei encharcada milhões de vezes nas montanhas da Escócia, sem nada mais do que uma xícara de chá para afastar o frio ao chegar em casa. A Escócia faz mulheres fortes, Sr. Maxwell. Ainda tenho muita fibra.

Por alguma razão, aquele desafio o agradou. Ele jogou a grande cabeça para trás e deu um risinho de satisfação, longo e significativo.

— Então, a senhorita não é uma moça toda delicadinha. Nem um pouco. E tem muita fibra.

Fiquei olhando para o copo, com uma falsa seriedade.

— O senhor não quer saber por que estou aqui, no lugar de minha irmã?

Ele suspirou.

— Quero, mas você vai se dar bem comigo, já estou vendo. Estava esperando uma Srta. Não-me-Toques, que o velho Jeremy Maxwell me descreveu quando lhe escrevemos para mandar alguém para cuidar do menino. Suponho que ela não pôde vir por alguma razão, e então eles mandaram você. É isso, não é? Muito bem, então, eu diria que saímos ganhando com a troca...

— Acontece, Sr. Maxwell, que eu insisto em apresentar minhas qualificações. Tenho bastante experiência como governanta. Minhas referências...

— Ah, você insiste, não é? — ele riu para mim. — Já estou vendo suas qualificações, Srta. Fiona McIntyre. Gosto

de mulheres ruivas, e mais ainda quando elas são altas e bem-feitas. A senhorita é uma mulher admirável. As mulheres eram assim quando chegaram a essas ilhas. Como minha mãe, uma mulher forte e bonita; se seu marido não tivesse sido assassinado, ela teria lhe dado uma dúzia de filhos. Mas em uma ou duas gerações, de uma forma ou de outra, perde-se a fibra. Já estou cheio de ficar olhando essas espanholas que não têm força nem para levantar uma criança. Aqui, Srta. Fiona, o sangue espanhol perdeu a fibra...

Será que já estava bêbado? Àquela hora? Senti o cheiro de rum enquanto andávamos lado a lado, e também um cheiro estranhamente adocicado de tabaco, que agora parecia grudado até em minhas próprias roupas. Será que ele sempre falava com as mulheres daquela forma? Seu olhar era tão direto que me deu vontade de virar as costas, ou olhar para baixo, mas eu não me renderia. Ele estava me elogiando, flertando comigo de um jeito descarado e despótico, já que eu dependia dele quase tanto quanto seus escravos. Ele disse que gostava de mulheres altas e ruivas, e que desprezava a falta de fibra e a pele descorada dos espanhóis. Porém, era casado com uma espanhola, cuja beleza era uma lenda até para os que não a conheciam. E onde estava aquela mulher? E a criança de quem eu deveria cuidar? Por que estava sentada ali, quase ao meio-dia, tomando rum com um homem de olhar lascivo e que falava de um modo tão grosseiro? A resposta era a de sempre: naquele momento, eu não tinha escolha. Fica-se onde está, quando não há nenhum outro lugar para ir.

— O senhor compreende, não houve tempo para escrever — disse eu. — Ia levar meses para as cartas chegarem e o pedido da Sra. Maxwell parecia urgente. Como eu já tinha experiência, e minha irmã não tinha nenhuma, pensamos...

Ele me interrompeu com um gesto.

— Ah, eles escreveram sobre a outra — a Srta. Não-me-Toques. Não fiquei muito impressionado. Muito nova. Muito... — ele pesou a palavra — inocente. Acho que ela não aguentaria o teste. Tenho a impressão de que a senhorita vai conseguir. Por mim, escolheria a senhorita...

— Tinha mais alguém para fazer a escolha, Sr. Maxwell? Tem mais alguém? E quem são?

— Eles? Que se danem! São os Maxwell de Londres, é claro! Tudo foi combinado através deles. Estão sempre bisbilhotando, se intrometendo, dando palpite em tudo, só porque têm uma pequena parte de Landfall. Comerciantes, Srta. Fiona; banqueiros e comerciantes, em vez de homens. Têm percentagem nisso? Então eles querem. É só isso que interessa a eles! Agora tem um deles aqui em Landfall. Um Maxwell, um dos espertinhos da firma. O caçula do velho Jeremy. Mas já tem idade suficiente para ser um bisbilhoteiro intrometido. Tem uma perna aleijada, acidente de caça. Parece que foi um tiro daqueles! Mas ele é do tipo reservado e distante. Atira e anda a cavalo porque um homem tem de fazer essas coisas, e não porque gosta disso. B todo cheio de coisa para beber e falar. E o que é pior, é reformador. Quer mudar tudo. Está bem perto de virar um radical. Vivo dizendo a ele que, se não tomar cuidado, vai acabar se reformando e perdendo o dinheiro que tem. Já estou cheio de ficar ouvindo sobre Wilberforce e Wesley. Um abelhudo, é isso que ele é gostaria que ele fosse embora. Está aqui há duas semanas, mas já estou cheio dele. Dizem que é para se recuperar de uma doença... ele tem mais saúde do que se pode imaginar. É só desculpa para ficar aqui... Abelhudo...

— Sr. Maxwell, tenha cuidado. O senhor fala demais! Está se esquecendo de que sou uma estranha, e governantas não devem dar ouvidos a mexericos.

— Estranha? — ele parecia espantado, confuso, e de repente, mesmo na escuridão do aposento, sua idade ficou mais aparente. — É, uma estranha, acho que sim. Trazida para cá. Trazida como a Srta. Não-me-Toques teria sido. Esqueça o lado de governanta... a senhorita é Maxwell. Sua mãe era Maxwell. O lado Maxwell conta, é o que importa...

Ele ergueu o copo e bebeu, e por um instante desapareci para ele, como as crianças negras que nunca via, como os escravos silenciosos cuja presença ele não percebia. Estava sentado, meditando, um velho pesado, doente, com o peso de um passado e com pouco tempo de vida pela frente. Quase podia ter pena dele, mas ninguém podia sentir pena de Andrew Maxwell. Fui esquecida: quando ele falou, era como se estivesse falando consigo mesmo, uma reafirmação, um apoio, um conselho.

— Tem de tomar cuidado com o que fizerem com você.

Estava recordando alguma coisa de sua própria vida, alguma coisa evocada pela primeira observação que fez sobre o fato de Mary ser levada para aquele lugar.

— Tem de lutar pelo que deve ser seu, senão eles vão tomar tudo...

— As mulheres não têm chance de lutar, Sr. Maxwell — fiz com que notasse minha presença; ele tornou a me ver e fez um sinal de reconhecimento; seus olhos estavam atentos novamente, e desconfiados.

— As mulheres têm seus próprios meios. O que é mesmo que diz na Bíblia sobre as raposinhas e as uvas tenras? Vamos, você conhece a Bíblia! Você não é filha de pastor?

Decidi não lhe dizer as palavras.

— Leio e guardo as partes da Bíblia que me

interessam, Sr. Maxwell. Ainda não tenho certeza se sou Marta ou Maria. A vida é dura... — por que estava lhe dizendo aquilo? Ele não devia ter nenhum interesse pelas provações de uma governanta. — A vida é dura, e as mulheres aprendem a aceitá-la como a recebem.

— É, e é bom que você saiba disso — respondeu, sem me dar nenhum consolo. — É bom que você saiba, e que aja de acordo com isso. Mas as mulheres que sugam o coração e o espírito de um homem... elas são os demônios que andam na Terra. Os demônios negros...

Tornou a beber longamente. Também tomei mais um gole da bebida que queimava, e vi que ele tinha razão: era estranhamente reconfortante. Senti a tensão deixar meu corpo, o frio foi todo embora. Esperei um pouco, mas Andrew parecia não ter mais nada a me dizer. Se quisesse, poderia exercer sua prerrogativa para conversar ou ficar calado, mas a bebida me fez ficar audaciosa.

— Sr. Maxwell — será que podiam me mostrar meu quarto? E quando é que vou conhecer meu aluno?

— Aluno? — ele parecia espantado de novo, e depois lembrou-se. — A senhorita fala como uma governanta. Está se referindo a meu filho. Não, a senhorita não pode conhecê-lo agora. Ele saiu com a mãe. Eles andam a cavalo todas as manhãs. Sabe, ela está ensinando a ele como se cuida da fazenda — as palavras confundiam-se num misto de raiva e ressentimento.

— Ensinando a... — inclinei-me para a frente — mas ele só tem... quantos anos ele tem, Sr. Maxwell?

— Sete! — ele quase gritou a palavra. — Sete anos, e sua mãe acha que já é tempo de aprender a dirigir a fazenda. Agora me fale das raposinhas...

— Raposas?

Foi estranho, mas ambos ficamos gelados ao ouvir aquela voz, tanto eu, que nunca a havia ouvido, quanto o velho. Seu olhar estava fixo numa das portas que davam para o outro lado das galerias da frente, e vi que sua mão livre havia agarrado a bengala, mais uma vez colocada a seu lado. Voltei-me.

— Não existem raposas em San Cristóbal.

Levantei-me. Estavam ali, um belo par, como eu nunca havia visto antes; a mãe e o filho. A mulher era morena, com a beleza clássica e majestosa da Espanha estampada no rosto, nos magníficos olhos e cabelos escuros, nas maçãs salientes do rosto e na pele lisa como mármore. Não era alta, mas parecia ser, pela perfeição do corpo delineado pela roupa cinza de montar. No lugar do chapéu preto que deveria usar para acompanhar o traje, usava um chapéu de cordovês de abas largas, preso ao queixo. Havia estilo e graça e uma segurança arrogante em cada linha daquela mulher. Eu sabia que somente uma mulher assim poderia ter escrito aquela carta tão segura e aristocrática que havia sido mandada a Sil Kirk. Agora que a via, eu sabia que cada palavra da carta era mentira; aquela mulher não precisava da ajuda de ninguém, muito menos da ajuda de uma governanta vinda de uma paróquia do interior.

Por fim, ela resolveu fazer as apresentações. Dirigiu-se a mim, tirando as luvas brancas de algodão, que foram jogadas, juntamente com o chicote, em cima da mesa.

— Esperava receber a Srta. Mary Maxwell, mas acho que não se trata da senhorita.

Ela foi mais rápida que o marido; eu não era a governanta que havia pedido, a que lhe foi descrita. Era mais velha, não tinha o ar dócil de Mary. Naquele momento, fiquei contente de estar em seu lugar. Ela não suportaria

ficar ali com aquela mulher, nem por um instante. Mas de alguma forma eu sabia que Maria Maxwell teria preferido minha irmã.

Expliquei-lhe, como já havia feito com o marido, a razão pela qual eu havia tomado o lugar de Mary.

— Escrevemos para a firma Maxwell em Londres, é claro, como a senhora disse, e eles garantiram que minha vinda, já que Mary não podia vir, não seria nenhum problema. Tenho a carta que escreveram para a senhora... Já tenho experiência e...

Comecei a falar atropeladamente sobre referências e coisas parecidas. Seu olhar distante desconcertou-me; ela parecia determinada a dificultar as coisas.

— Os Maxwell, ah, sim, eles aprovariam. Basta que eles aprovem. Bem, a senhorita está aqui...

O resto ficou por dizer. Depois de algum tempo, quase num gesto de desprezo, ela estendeu a mão:

— Bem-vinda a Landfall, Srta. McIntyre.

Apertamos as mãos pelo mínimo tempo necessário.

— Temos sorte, não temos, Andrew, de ficar com os serviços de uma moça tão experiente. Eu esperava receber Mary Maxwell, de quem tínhamos boas referências, mas tivemos sorte em conseguir uma escocesa de boa família... principalmente uma Maxwell.

Na mesma hora, senti-me velha, grande e desajeitada, uma pobre substituta para a moça esperada. Murmurei alguma coisa em resposta; tudo era falso, e todos nós sabíamos disso. Por alguma razão, aquela mulher não me queria em Landfall.

Depois, a um sinal da mãe, a criança dirigiu-se para mim. Não havia dúvidas em sua mente, como havia

acontecido com o marido, quanto ao meu papel naquela casa.

— Este é seu aluno, meu filho, Duncan Maxwell, Srta. McIntyre.

Seu filho, e não nosso filho. O menino avançou, seguro de si, embora tivesse esperado a mãe acabar de falar. E o que era um mero contorno de uma criança de cabelos dourados e faces rosadas, recortado no brilho intenso da galeria, adquiriu feições distintas e uma personalidade. Minha mão, em vez de estender-se para ele, manteve-se agarrada à saia, e o choque fez-me transpirar. Quase não podia acreditar no que estava vendo. Fiquei imaginando se o rum havia me afetado, ou então se a saudade de casa e as coisas familiares uniram forças para iludir-me. Parecia que meu próprio Duncan estava diante de mim, meu meio-irmãozinho, o filho adorado de meu pai. Evidentemente, havia algumas diferenças: maçãs do rosto um pouco mais salientes e um queixo mais pronunciado, que herdou da mãe, mas, de qualquer forma, o sangue dos Maxwell havia recriado aquela cópia extraordinária do outro Duncan, que crescia numa paróquia escocesa. Tomei a olhar para o pai, aquele homem grande, cujos cabelos grisalhos deviam ter sido do mesmo louro-avermelhado, cuja barba e queixo flácido escondiam o que devia ter sido um rosto como o do filho. A herança escocesa havia vencido a espanhola. Isto não teria me perturbado, eu ficaria contente, se não fosse pela lembrança terrível daquela criança loura correndo para mim, fugindo de uma casa em chamas, levado pelo pavor — e não só do fogo. Eu havia atravessado o oceano com destino a um lugar estranho, a fim de afastar-me de meu pequeno Duncan. E agora estava frente a frente com aquele outro, e o perigo teria de ser enfrentado. Lembrei-me das palavras da mulher da cabana da montanha: “Você d’á azar com o seu maldito poder de ver o que a gente não sabe. Vá embora com esse dom, e

lembre sempre dessa mulher sozinha.” Estava lembrando, e estava apavorada.

O silêncio havia ficado muito pesado; tinha de mexer-me, dizer alguma coisa. O menino me encarava espantado, pois não estava acostumado a ser rejeitado. A voz de Maria Maxwell quebrou o silêncio:

— Alguma coisa errada, Srta. McIntyre?

Desesperada, enxuguei o suor da mão na saia e estendi-a para Duncan.

— Não! Não, está tudo bem. É que seu filho, Sra. Maxwell, parece tanto com meu meio-irmão... é extraordinário...

Ela não gostou muito.

— É ... visualmente, a herança dos Maxwell é muito forte. Mas quanto ao resto...

Não ouvi o que ela disse; estava apertando a mão de Duncan. Para uma criança, era um aperto incrivelmente forte e firme. Senti os músculos do rosto relaxarem e devo ter sorrido, porque ele sorriu de repente. O brilho e a beleza que moravam no rosto de meu irmão estavam ali, e também aquela graça cativante, a alegria ansiosa.

* * *

— Estou contente de ter a senhorita aqui — disse, e aquela foi a única recepção sincera que tive em Landfall. — Vamos fazer um monte de coisas juntos, não é?

Era infantil e normal. Afastei da cabeça o terror e o choque. Se havia ido até lá apenas para que aquela criança corresse para mim, já era motivo suficiente.

— Vamos, sim. Vamos fazer um monte de coisas. Cada

um vai ensinar ao outro...

Eu tinha um amigo em Landfall, um amigo de sete anos.

* * *

Foi só quando já estava no andar de cima, lavando-me com água perfumada, que me lembrei de que, quando Andrew Maxwell lutava para chegar à carruagem, havia chamado o filho, amaldiçoando-o por não ter ido receber-me no cais. O nome era Fergus., e não Duncan. Lembrei, também, das palavras do terceiro-imediato do Clyde Queen: "Ele casou tarde..."

* * *

Almocei sozinha com Duncan, no aposento do andar superior que seria nossa sala de aula. Não era nada parecido com as outras salas que eu conhecia: havia duas portas envidraçadas dando para a galeria superior, em duas direções: uma, para a montanha, a outra, para o jardim, um jardim lindo, meio misterioso, com seus caminhos sinuosos e plantas desconhecidas, cobertas de brotos de tamanho quase irreal. A vista para o mar era deslumbrante; dali ouvia-se o barulho das ondas batendo contra Serpent Rocks, sempre difuso cortado pelo vento que, às vezes, ficava muito forte.

Duncan falava a maior parte do tempo, e eu escutava. Estava acostumado a receber atenção, assim como o Duncan de Silkirk. Falou de seu pônei, Ginger, e das enseadas ao longo das duas costas de Landfall: o lado selvagem do Atlântico e as baías calmas a sotavento. Falou dos animais marinhos que via por lá; mostrou os minúsculos lagartos que corriam livremente pela casa, e

começamos a rir dos estranhos gritos que soltavam. Eles pegavam os insetos, explicou Duncan, observando-me atentamente, testando-me como seu pai havia feito, para ter certeza de que eu não tinha medo deles. Quase sempre, ele mencionava Fergus, mas não lhe perguntei nada. As crianças têm um jeito de saber quais são as perguntas com segundas intenções. Ele me avisou, do mesmo modo que seu pai teria feito, para tomar cuidado com o sol, que podia fazer mal a quem saísse sem chapéu; falou das chuvas que caíam de repente, ensopando as pessoas, e que passavam num instante, deixando a terra fumegando. Mas aqueles aguaceiros não o perturbavam; sempre havia roupas secas e mãos negras, reconfortantes. Isso, sem necessidade do mínimo esforço. Ele não tinha de pedir nada; tudo estava ao seu alcance, como Juanita, a negra magra que veio buscá-lo.

— Hora da sesta — anunciou ele. — Todo o mundo descansa nessa hora.

Até mesmo eu, uma governanta, tinha direito às horas de sesta, porque ninguém se mexia naquela casa. Porém, notei, ao passar pela galeria, que os jardineiros ainda estavam trabalhando, com o sol queimando em seus velhos chapéus de palha. No quarto, encontrei uma mulher esperando, impaciente com minha demora sem razão aparente, para fechar as venezianas. Disse que se chamava Charity e que ia me servir. Eu poderia ter rido, mas ela nunca entenderia por quê. Minha madrastra estava certa quanto ao fato de eu ter coisas que nenhuma governanta sonharia ter. Gostei daquela mulher rechonchuda, ainda jovem, cuja pele era de um marrom brilhante. Ela não desviou os olhos tão rapidamente como os outros escravos faziam, e sua cabeça não se abaixou automaticamente quando apareci. Estava desfazendo minha mala e retornou a tarefa, resmungando por causa das roupas pesadas que punha para fora.

— Mas que lugar é esse que a senhorita usa essas coisas?

Ela tocou as roupas com um jeito de desdém e elas pareciam realmente feias e bem tristes naquele quarto branco, espaçoso, com cômoda e guarda-roupa de mogno, com a cama larga coberta por um dossel de musselina suíça de bolinhas brancas e com finos lençóis de linho. Aquele não era quarto para uma governanta, ali não havia lugar para minha velha alpaca cinza e meu xale.

— Um lugar muito frio — respondi. — Não é nada parecido com este aqui. Lá neva muito.

Suas mãos experientes afrouxaram as cordas de meu espartilho.

— Já ouvi falar nessa coisa de neve, mas eu não acredito nela. Aqui não acontece essas coisas.

Estávamos diante do espelho oval da penteadeira, e notei seus olhos escuros que me examinavam atentamente, enquanto eu estava de pé, com minha camisola larga e decotada — uma camisola de verão, a mais leve que tinha. Havia alguma coisa naquele olhar que me fez lembrar do modo como Andrew Maxwell havia me examinado, quase como que avaliando-me.

— A senhorita é muito fina mesmo — declarou finalmente. — Tem o tipo de peito e quadril que os homens gostam. É pena que usa umas roupas tão feias.

Então, quando levei as mãos à cabeça para soltar os cabelos, as dela me impediram, como se até mesmo aquilo fosse demais para uma branca fazer. Meus cabelos soltos caíram, passando da cintura, e ouvi-a soltar uma exclamação; seus dedos começaram a percorrê-los lentamente.

— Parecem fogo e seda — disse, com a voz abafada.

Virei-me e fui para a cama, incapaz de dar-lhe uma resposta.

Na Escócia, é raro alguém dizer estas coisas, pelo menos com uma conotação de sensualidade. Eu nunca havia dormido à tarde em toda a minha vida, mas parecia que meus sentidos desejavam a escuridão, a sensação de frescor.

Os lençóis de linho e o colchão macio acolheram-me como se já os conhecesse. Ouvi o arrastar suave dos pés descalços de Charity por mais alguns momentos, e depois tudo ficou quieto. Senti que ela estava perto de mim e abri os olhos. Estava bem perto, com o olhar fixo em mim. Até mesmo naquele rosto rechonchudo e agradável havia a marca da resistência e da dor. Mais uma vez, seus olhos me avaliaram.

— É, foi bom a senhorita vir para Landfall. Uma mulher como a senhorita. Quem sabe a senhorita não alivia os problemas de Landfall?

Depois ouvi o barulhinho de seus pés no chão encerado e o sussurro repetido, quando fechou a porta:

— Parecem fogo e seda...

* * *

Talvez tenham sido as vozes a me acordarem, ou talvez apenas a sensação de que o calor do dia estava indo embora. Fiquei deitada no escuro, desabituada ao que me cercava, sentindo a estranha largura da cama depois de ter dormido durante semanas no beliche estreito do navio. Logo depois ouvi vozes distantes, mas não eram os escravos cantando. Reconheci o tom de Andrew Maxwell, o estardalhaço, a confusão; estava cada vez mais alto, como se ele não conseguisse mais se conter.

— Que diabo, Fergus! Mandeí você...

Levantei-me e dirigi-me descalça para as portas fechadas, abrindo-as completamente. O sol da tarde já estava bem baixo para penetrar no interior da galeria. Fui para o corrimão, sem me preocupar em me arrumar, apenas levada pela curiosidade a respeito daquele Fergus que não havia ido buscar-me naquela manhã. Não tinha nenhum robe leve e, no calor da tarde, nem pensei em pegar meu xale. Fiquei ao lado de uma das grandes pilastras da casa, que estava envolta por trepadeiras cujas flores eram enormes cálices dourados. O sol acariciava meu pescoço nu, mas não queimava como ao meio-dia. Toda a languidez e beleza da tarde tropical que caía estava em Landfall, e eu ainda sentia os efeitos do sono, o que me fez ficar descuidada.

Inclinei-me sobre o corrimão para vê-los. Andrew Maxwell estava no último degrau, como se tivesse seguido o filho escada abaixo para enfatizar o que estava dizendo. Não havia escravos à vista, embora, provavelmente, estivessem escutando, assim como eu.

—... está pensando que já estou muito velho para ser obedecido? Que você sabe tudo? Eu ainda dou as ordens aqui. Ainda sou obedecido!

O outro homem, o rosto encoberto pelo grande chapéu de palha, estava montado num cavalo castanho. Montava bem, e conteve com facilidade e segurança o movimento impaciente do animal.

— E eu digo, pai, que, enquanto tiver coisas mais importantes para fazer, vou deixar as governantzinhas escocesas para quem tiver tempo. E Deus sabe que, mesmo se tivesse uma dúzia de gente trabalhando em Winterslo, não daria tempo para essas bobagens. Será que você nunca vai botar na cabeça que um homem pode mudar? E se acha

que ainda pode me forçar a fazer alguma coisa, então, pai, é melhor tirar isso da cabeça. A mulher que eu...

Devo ter me inclinado demais, absorvida, escutando descaradamente e me esticando para ver aquele homem. Primeiro, parando de falar, ele olhou para cima; depois o pai virou-se lentamente, o pescoço curvado para trás com dificuldade.

Na mesma hora, o chapéu do rapaz caiu; era realmente filho de seu pai, assim como Duncan. Era o que Duncan seria um dia. De repente, fiquei consciente de seu tamanho no cavalo, os cabelos de um louro-avermelhado, a pele clara que havia se acostumado ao sol e que agora estava muito bronzeada. Mesmo à distância, pude notar o azul intenso de seus olhos, como os de Duncan; porém, os de Fergus tinham rugas em volta, causadas pelo sol. Ele era bonito, do jeito que os homens podem ser, e nunca foi mais bonito do que naquela tarde, antes que eu o conhecesse, antes que o amasse.

E então apareceu. A súbita consciência de que havia algo errado, o frio na alma, um frio que não fazia parte daquele calor tropical. Por que eu parecia ver, lá atrás, bem na sombra do imenso choupo que guardava a casa, a sombra de um outro cavaleiro? Este era todo negro, vago, sem forma, mas trazendo uma ameaça terrível. Era como ver aquele rapaz espelhado ali, uma imagem dupla, como se tosse o lado escuro do espelho. Apenas um instante, e a visão desapareceu. Uma ilusão, talvez, um fragmento dos meus sonhos inquietos. Mas, para mim, a forma parecia a de um cavaleiro da violência.

A ilusão já havia passado totalmente quando ouvi o risinho grosseiro e lascivo de Andrew Maxwell; tomei consciência de meu estado: os cabelos embaraçados pelo sono, caindo ao longo do corpo, a camisola larga e decotada, o completo abandono ao sol e à languidez e a

profunda fascinação pelo homem ali embaixo.

— Aí está sua governantazinha escocesa, Fergus. Foi uma pena você ter escolhido para me desobedecer hoje de manhã.

A risada que me seguiu era selvagem, e virei-me e fugi para as sombras do quarto.

Quando estava quase chegando, vi Maria Maxwell. Estava na porta do que devia ser seu próprio quarto, pois todos os quartos davam para a mesma galeria. Ela também devia ter sido acordada pelas vozes. Seu robe era de cambraia finíssima, e estava amarrado com uma fita de cetim vermelha; calçava minúsculas chinelas de cetim vermelho. Estava sorrindo de um modo estranho, e pude perceber o desprezo em seu sorriso. Não disse nada, não me censurou. Não havia necessidade: eu sabia com o que estava parecendo, despenteada, largada, desmazelada: uma mulher sem o mínimo senso de decência. Fez-me sentir como uma prostituta, e também uma bisbilhoteira. Senti o rosto queimando de vergonha e não consegui enfrentar seu olhar por mais tempo. Bati a porta atrás de mim e caí na cama, chorando as primeiras lágrimas que choraria em Landfall.

III

Dava aula para Duncan até a hora em que era chamado para jantar. Depois, ele ia para a cama. Era estranho recomeçar a trabalhar quase no fim da tarde, mas a noite caía cedo, e as horas da sesta faziam com que o dia fosse dividido daquela forma.

Ele era uma criança estranha, curiosamente precoce em alguns aspectos e incrivelmente ignorante em outros. Sabia um pouco de história da Espanha. Em vez de Colombo, seus heróis eram Cortez e os conquistadores.

Estava a par da vida da fazenda e tinha consciência do valor do dinheiro, de uma maneira que meu irmão nunca teria. Já haviam lhe falado das índias Ocidentais, de Londres, Bristol e Liverpool, e mais nada.

— Os navios de escravos vinham de Bristol e Liverpool para a Costa do Ouro — explicou. — Aí um dia não deixaram mais levar os escravos da África e todo o mundo pensou que era o fim. Mas os escravos continuaram a chegar. E ainda continuam.

Havia uma espécie de indiferença cruel no modo como ele disse aquilo; os escravos não eram pessoas, eram objetos. Era isso que haviam lhe ensinado, e ele nunca havia escutado outra opinião.

Por enquanto, eu teria de deixar as coisas como estavam; não se pode mudar uma criança em uma hora, e eu ainda precisava acostumar-me a Landfall. Estudamos aritmética e um pouco de latim. Ele era inteligente, mas era contra tudo o que não tinha a ver com os negócios da propriedade.

— Mas você não vai ter de contar seus barris de açúcar? — perguntei. — E calcular quanto eles vão custar no mercado de Londres?

— Vou, mas não vou fazer isso em latim.

Bati com o giz no quadro-negro.

— Bom, de qualquer maneira, vamos estudar latim. Você quer fazer papel de bobo quando for visitar seus primos e entrar para a sociedade de Londres?

O orgulho dos Maxwell foi atingido.

— Não — disse. — Não, eu nunca vou querer fazer papel de bobo.

— Então estude — falei. — Os escoceses só

conseguiram vencer na vida com luta, trabalho e estudo. Na Escócia, as pessoas cultas são importantes.

Ele não tinha muita certeza se devia acreditar em mim. Seu mundo era bem seguro.

— Meu pai, Fergus, acho que eles não são cultos, Srta. Fiona, mas também não acho que...

Mas ele achava.

— Meu primo Alister... acho que ele sabe muita coisa. Acho que ele sabe latim e essas coisas todas.

De repente, ele tomou consciência de um mundo mais amplo. Eu o havia desafiado, e sua boca pequena e macia estava firme.

— Então vamos estudar, nem que seja grego.

— Grego você não vai aprender comigo, meu bem. Afinal, lembre-se de que sou apenas uma mulher. Mas quando eu for embora, você já vai saber, pelo menos, que existe um lugar chamado Grécia.

Ele parecia espantado.

— Então você vai embora? Pensei que, se você tinha viajado esse tempo todo, era para ficar para sempre.

— Nada dura para sempre, Duncan. Você vai crescer.,.

Mas o que eu realmente queria dizer é que, pela atitude de

Maria Maxwell, eu sabia que meus dias estavam contados naquele lugar. Um dia aconteceria o choque que nunca seria perdoado. Como se soubesse que esse dia logo viria, apressei Duncan.

— Agora vamos agir. O tempo está passando.

Ele se inclinou para o quadro-negro, mas, alguns

segundos depois, ergueu novamente a cabeça, com aquele olhar intrigado, cativante, completamente irresistível, de meu próprio Duncan.

— Sabe, Srta. Fiona...

— O que é?

— A senhorita é mais rápida do que as outras senhoras que eu conheço — ele franziu a testa. — Não sei o que é. A senhorita fala tão depressa... e se movimenta...

De um modo insolente, seus dedos percorreram o quadro.

— Um, dois, três, quatro. Depressa, depressa!

— Mas que atrevimento! — porém, não pude conter o riso. “ Bem, então vamos aproveitar enquanto dura. Mais umas semanas de sesta e vou ter dificuldade até em andar pela sala.

— Não, a senhorita não — disse, inclinando-se para copiar uma declinação de latim.

Antes que terminasse, Juanita, a escrava magra e séria que o havia levado para a sesta, entrou com uma bandeja. Só havia um prato.

— A Srta. Fiona vai jantar com os patrões — foi a curta explicação.

Pelo menos aquela parte da carta de Maria Maxwell era verdade.

Enquanto Duncan comia, comecei a ler para ele um livro de história da Escócia, que havia trazido na bagagem. Já era tempo de ter outros heróis além dos espanhóis que corriam em busca do ouro.

* * *

Naquela noite, vesti meu melhor vestido de verão, aquele que, na Escócia, eu guardava para as únicas festas ao ar livre a que ia, os festivais de verão da igreja. Charity resmungou desapontada ao ajudar-me a vesti-lo. Era verde claro, de musselina estampada, fino o bastante para Silkirk, mas horivelmente fora de moda, largo e recatado naquele lugar. Por que o canto incessante das cigarras, mais o cheiro do jasmim e o suave calor da noite me traziam aquele descontentamento? Por que, pela primeira vez na vida, eu desejava ardentemente ser bonita, usar a plumagem do pavão?

— Por que que a senhorita usa esse vestido fechado até o pescoço? Por que que não se mostra? Uma mulher tão bonita assim?

Ela estava penteando meus cabelos, seus dedos trabalhando com prazer e habilidade. As velas estavam envoltas por mangas para protegê-las contra a brisa; examinando-me naquela luz suave, achei que estava mais bonita do que nunca. Mas tive de impedir Charity de colocar uma camélia em minha orelha.

— Governantas não usam flores, Charity.

Ela deu um risinho de desdém.

— A senhorita é bonita, mas fica aí se desperdiçando. Larguei a camélia, um pouco triste; às vezes, achava que a vida não era muito justa.

* * *

Pensei ser a primeira a chegar lá embaixo; as velas do lustre já estavam acesas no *hall* e, pelas portas abertas da sala de jantar, vi a mesa comprida e o brilho da prataria e dos cristais. Mas não havia movimento nenhum, nem som de vozes. Dos fundos da casa vinham os sons da cozinha, a

conversa dos escravos, a ordem ocasionalmente ríspida de Dougal. Estranho como a abertura daquelas casas das Índias Ocidentais distorcia o som — faziam parecer perto o que estava longe, enquanto a brisa levava o que estava perto. Talvez tenha sido por isso que Maria Maxwell não me ouviu chegar. As cigarras alardeavam seu coro noturno, o ar estava cheio da fragrância das flores que se espalhavam por toda a parte, nos vasos repletos em cima das mesas enceradas, no próprio jardim. Senti aquele mesmo descontentamento louco crescer em mim, o que me fez sentir um desejo. De quê? De quê?

Tive uma sensação aguda daquele estranho estado quando vi Maria Maxwell. Parei às portas abertas do salão; ela estava lá. Na outra extremidade do grande aposento ficava uma chaminé, com uma lareira de mármore idêntica à da sala de jantar; certamente, era obra de algum arquiteto imigrante, saudosos da peça central que ocupava as grandes salas de estar das casas europeias, pois ali, com aquele clima, não havia necessidade de lareiras. Acima ficava um grande espelho, de moldura em ouro e prata. Na lareira estavam as duas únicas velas acesas no vasto salão. Mesmo assim, só com aquele fecho de luz, o que vi fez-me prender a respiração, e alguma coisa próxima à inveja, algo que nunca havia sentido, atingiu-me.

O fato ou a ideia das joias nunca havia me passado antes pela cabeça, talvez porque eu nunca havia visto nada como aquilo, apenas os broches de granada e as correntes de ouro de minhas patroas. Nunca havia imaginado nada como o que estava vendo naquele momento. Maria Maxwell estava de costas para mim e naquele espelho, vi o fogo inesquecível dos diamantes ao redor de seu pescoço, o brilho intenso de uma estrela de esmeralda nos cabelos, a longa cascata de esmeraldas caindo de suas orelhas. Ela examinava a própria imagem com atenção, talvez tão fascinada quanto eu; depois, levou as duas mãos ao rosto,

percorrendo as faces com os dedos, e o espelho pareceu explodir em mil cores com o reflexo dos fachos intensos de safira e rubi. A beirada biselada do espelho também refletia as cores saltitantes e, por um instante, Maria Maxwell ficou ali, envolta pelo fogo que morava no seio daquelas pedras. Eu estava paralisada. Senti como se tivesse ido parar, involuntariamente, em outro tempo, em outro lugar; senti que logo entrariam lacaios de peruca trazendo candelabros, e que haveria risos, música e outras mulheres enfeitadas, em algum palácio de conto de fadas, destes com que sonham as crianças.

O sonho, como a visão no espelho, foi abalado pela voz rouca e ranzinza que veio do lugar onde ficava o sofá vermelho:

— Maria!! Que diabo!! Será que não se pode ter mais luz nessa casa? A Srta. Fiona está aqui, e não está conseguindo enxergar direito.

Ela se voltou.

— Está escuro mesmo. Que falta de atenção!

Estava completamente de frente para mim. Não havia joia nenhuma. Não havia nenhum fogo em volta dela. O pescoço, as orelhas e as mãos estavam nus. Não havia nenhum brilho de esmeralda em seus cabelos negros, apenas a simetria perfeita de seu corpo bem feito recortado contra o vestido justo de seda cor-de-esmeralda, o corpete decotado revelando seus seios empinados. O único brilho era o da cintilação de mármore de sua pele.

Ela bateu palmas e Dougal apareceu, e as lâmpadas ganharam vida.

Pisquei os olhos quando os objetos familiares se revelaram. Estava tudo como ao meio-dia, quando eu e Andrew conversamos. Mas então, o que vi no espelho? Será que havia sido apenas um acaso e um reflexo enganador do

vestido nas bordas biseladas e na moldura prateada do espelho? Será que...? Seria o espírito ansioso de alguma mulher que havia morado naquela casa e aparecia, às vezes, para admirar, através dos olhos de Maria, o que já não existia? Ou a própria Maria desejava ver o próprio reflexo enfeitado com joias parecidas, e eu havia pegado uma manifestação instantânea daquele desejo? O descontentamento que senti teria sido transmitido por alguma ligação com aquela mulher, em vez de ter origem em meu próprio espírito? Seria o que Maria queria ver no espelho?

Fiz o possível para afastar o medo e o espanto e fui tropeçando até a cadeira mais próxima. Maria me deu um sorriso apertado, um sorriso que parecia examinar atentamente o vestido largo e recatado, meus movimentos pouco à vontade, a falta de traquejo social. Andrew Maxwell saudou-me erguendo o copo; não fez menção de levantar-se, limitando-se a olhar-me com uma vaga indiferença, como se a fagulha de indecência que havia se acendido nele, ao ver-me toda descomposta, tivesse se apagado.

— Srta. McIntyre, apresento-lhe seu primo, Alister Maxwell.

Não o havia notado; também não sabia que estava ali. Estava encostado à porta que dava para a galeria externa, como se precisasse respirar o ar da noite, como se aquele salão o aprisionasse e confinasse. Era extraordinário que três pessoas estivessem ali quando entrei, cada uma num lugar, em silêncio e, com exceção de Maria, no escuro.

Ele se dirigiu para mim imediatamente e pegou minha mão, como se estivesse contente de sair daquele estado de solidão. Realmente mancava, como Andrew havia dito. O que mais havia imaginado? O reformador vestido de preto, o cavaleiro e atirador experiente atenuados pelo

homem sem graça, pálido, com os cabelos louros dos Maxwell penteados para trás, revelando o peso das convicções? O que vi foi um homem elegante, alto, esguio, muito bem vestido, embora não houvesse nada de afeminado nele; apenas a elegância impecável da camisa de seda e do colete, as finas botas de couro, o corte do casaco amarelado. A sala de estar parecia ser seu lugar, e não as terríveis salas de reuniões dos líderes reformistas. Eu nunca poderia imaginar aquele casaco imaculado sujo de tomates podres, nem aquela mão erguida para citar a Bíblia, a fim de amaldiçoar alguém.

— Prazer em conhecê-la, Srta. McIntyre. Lembro de ter conhecido sua mãe numa visita a Edimburgo, quando ainda era pequeno. A família a considerava uma grande beleza, lembro-me bem disso.

Nesse caso, pensei, provavelmente eu era uma triste decepção. Bem, não tinha importância. Estava grata por sua presença, por seu sorriso, um sorriso um tanto grave. Comecei a sentir que gostaria dele. Certamente, não me fez sentir como uma decepção e — isso era inesperadamente agradável — não se parecia com um Maxwell. Moreno, feições bem marcadas, sobrancelhas grossas, o rosto comprido. Num momento de alívio perverso, ao ver que ali não estava uma daquelas belezas louras, pensei que era ótimo ele não ter nascido mulher. Aquele rosto, numa mulher, pareceria com um cavalo muito inteligente e meditativo.

— Quer vinho, Srta. McIntyre?

Maria Maxwell fez um gesto na direção das garrafas. Vi que não estava bebendo nada, então recusei. Depois, desejei ter tido coragem para aceitar, porque isso me teria ajudado durante a pausa que se seguiu. Ainda estava abalada pela visão do espelho. Com parte da mente ainda voltada para isso, devo ter parecido grosseira e pouco à

vontade. Mas quem não ficaria assim? Havia três pessoas naquela sala, e a atmosfera que pairava ali era a de uma rixa violenta, embora nenhuma palavra tivesse sido dita. Ou talvez isso se devesse ao fato de que a rixa que existia em Landfall, fosse qual fosse, era tão antiga que já havia se instalado no lugar, como os fungos que cresciam regularmente nas paredes. Naquela hora, lembrei-me do comentário do Capitão Stewart: “Nunca foi um lugar de sorte...”

Alistér Maxwell mexeu-se, fingindo estar à vontade, e o abençoei por isso. Existem alguns homens que são dotados de educação, de interesse, e ele parecia ser um deles. Puxou uma cadeira na minha direção e sentou-se.

— Ultimamente, tenho ido pouco à Escócia, Srta. McIntyre, e os primos Maxwell são tantos... Sinto-me envergonhado de nunca ter ido apresentar meus respeitos à prima Dorothy e a seu pai, é claro. B uma paróquia afastada, não é?

Por um momento, perdi-me ao falar-lhe do mar, das colinas, dos visitantes de verão, dos longos invernos. Ele conhecia tudo, é claro; já havia ido várias vezes à Escócia. Mas, pelo menos, era uma conversa para aliviar o silêncio mortal entre Andrew Maxwell e sua esposa.

— Mary, a filha de sua madrasta, foi visitar uma tia em Londres, algum tempo atrás. Lembro bem dela, uma mocinha bonita...

Ele parecia saber o que todos nós admitíamos a respeito de Mary: que era bonita como uma boneca e que, com o tempo, estava se tornando cansativa.

Bruscamente, Andrew Maxwell ergueu o copo para nós.

— Ah, a Srta. Não-me-Toques. Vamos, Maxwell, você lembra dela melhor do que eu. Pelo menos o seu pai

lembra, a julgar pelas cartas que escreveu. Ela estava sendo observada. Não era boa o bastante para um Maxwell de Londres, mas era perfeita para vir para cá. Boa o bastante para meu filho...

— Andrew...

A voz de Maria Maxwell era um sussurro, mas ele se voltou rapidamente para ela, e seu olhar tinha sobre ele o mesmo poder que exercia sobre mim. Ele se calou, mas fez um sinal para que seu copo fosse enchido mais uma vez. Agora, porque a educação exigia, Alister Maxwell voltou sua atenção para Maria. Falaram de um cavalo que havia ficado coxo, do tratamento, das causas do acidente. Não me senti abandonada; Alister havia me ajudado em minha primeira dificuldade e não esperava mais nada dele. Senti-me livre para percorrer a sala com o olhar, já que Andrew não tinha intenção de conversar. Vi mais coisas do que havia visto ao meio-dia, quando ele absorveu toda a minha atenção. O salão era ricamente mobiliado, do jeito que me lembrava, mas dava uma sensação de opressão. Havia muita pelúcia e molduras douradas circundando retratos escurecidos pelo tempo, de pessoas com roupas engomadas, que eu imaginava terem pertencido à corte espanhola. Depois da lareira de mármore branco, a peça que mais chamava a atenção era um grande armário, quase da altura do teto, com longas portas de vidro que tinham dois terços do comprimento, e com gavetas embaixo. Talvez viesse de algum palácio espanhol. Era entalhado de uma forma magnífica, com pequenas figuras alongadas que imaginei serem os doze apóstolos, e que formavam as divisões entre as portas de vidro; em cima, o frontão ostentava uma revoada de anjinhos que formavam um triângulo. O todo era encimado, no centro, por uma cruz entalhada que parecia ter sido quebrada um dia, e depois recolocada no lugar, ligeiramente torta. Dava a impressão de que o pesado armário ia cair para a frente. Era uma

peça escura, mas seu conteúdo era diferente. Havia livros, como era de se esperar, mas uma prateleira inteira havia sido reservada para uma coleção de bonecas. Maria e Alister ainda estavam falando de cavalos, e senti-me livre para levantar e ir até o armário. Cada volume tinha encadernação de velino, e os títulos estavam inscritos num manuscrito desbotado, em estilo antigo. Porém, as bonecas absorveram minha atenção. Todas maravilhosamente vestidas, pareciam representar os trajes típicos de várias partes da Espanha. Entre elas, havia uma com o traje mouro da Andaluzia, e uma outra com as amplas saias armadas e os cachos bem feitos dos retratos de Velásquez. Os rostos de cera eram modelados com grande habilidade; não eram descorados, nem tinham um olhar fixo — tinham a expressão de pessoas de verdade. Elas pareciam velhas; alguns tecidos estavam começando a estragar. Cada uma tinha seu lugar estabelecido, e os corpos de pano eram suportados por uma armação de madeira. Eu não ousaria tocar nelas, mas, instintivamente, minha mão foi até o vidro, enquanto me inclinava para ver melhor.

— Está trancado, Srta. McIntyre.

Maria estava me observando, por mais que parecesse estar interessada nos cavalos.

— Não posso permitir que os escravos toquem essas coisas, nem mesmo Duncan pode ser tentado. Elas são muito antigas, muito preciosas. Alguns manuscritos têm iluminuras, e parece que um ou dois vieram da biblioteca do Santo Filipe II.

— Um dia ainda tenho de convencê-la, prima Maria, a me deixar examiná-los. Também sou um modesto colecionador de livros.

Ela ignorou o comentário.

— E as bonecas foram feitas especialmente para a

Infanta Catalina, e depois foram dadas a uma prima de minha trisavô, que era dama de honra...

Um rugido de desdém veio de Andrew.

— E isso adianta muito para você, esse monte de lixo. É o único dote de minha mulher: o armário e o que está dentro dele, e eu já estou cheio do Santo Filipe, de seus livros embolorados e dessas bonecas idiotas. Não é de se espantar que a Infanta tenha se livrado delas, se é que elas foram da Infanta. Vai ver que ela deu tudo para a lavadeira.

— *Hombre!* Que mentira mais infame...!

Dougal falou, em voz baixa:

— O jantar, patroa.

Numa terrível paródia de normalidade, Alister tomou o braço de Maria enquanto se dirigiam à sala de jantar. Dougal ajudou Andrew a levantar-se. Ele se inclinou pesadamente sobre a bengala ao começar a andar, e estava quase se segurando no braço do escravo. Foi então que lembrou-se de mim. Sacudiu a cabeça, como se estivesse recordando alguma coisa muito antiga. Seu desagradável mau humor para com Maria desapareceu.

— Venha, minha querida. Já faz muito tempo que não tenho o prazer de acompanhar uma mulher de verdade para jantar...

Porém, sua mão não tomou meu braço. Em vez disto, senti seu próprio braço em volta de minha cintura, seu peso e seu passo arrastado.

— Precisa perdoar as doenças de um velho.

Contudo, não senti nenhuma doença no modo como ele agarrava minha cintura nas costas de sua mulher, nem na pressão de seus dedos em minha carne.

IV

O jantar foi um pouco melhor. O vinho servido a todos nós pareceu estimular Maria Maxwell; ela conversava, embora só com Alister, perguntando sobre os mexericos de Londres, a moda, o teatro. O rosto controlado foi se animando; ela flertava inocentemente com a prática de uma beldade nata. Os cantos de sua boca curvavam-se para baixo num trejeito encantadoramente provocativo.

— As coisas são tão monótonas aqui. É claro que meu marido não permite recepções em Landfall. Mas quando se entra para a sociedade só têm umas festinhas, umas corridas. Nada de *ton* não é assim que se fala, Alister?

Ele sorriu com indulgência.

— Exatamente, prima Maria. Mas eu contestaria sua alegação de monotonia. A vida é monótona em muitos lugares, nem tudo é uma grande festa. As pessoas trabalham em Londres, do mesmo modo que trabalham em qualquer lugar. Eu trabalho. Vou para o escritório todos os dias e me sento para examinar minhas contas monótonas...

Ela o interrompeu.

— Mas mesmo assim eu gostaria de ir a Londres. Desde que aqueles malditos Bonapartes arruinaram a Espanha, não há nenhum outro lugar para ir, a não ser a Inglaterra.

— Não é isso que ouço você dizer, Maria — disse Andrew, enchendo a boca de pão. — Tudo o que ouço é você falando daqueles dois anos que passou em Madri, e também de seus parentes nobres. Era tudo tão grandioso, tão cheio de classe. Parece que os Bonapartes não conseguiram arruiná-los.

Ela deu de ombros.

— A aristocracia sobreviveu até mesmo aos

Bonapartes. Mas eles continuaram isolados. A vida não era... alegre. Algumas fortunas foram arrumadas. É impossível que a vida de um país não seja afetada quando se tem franceses e ingleses lutando ali durante anos. Não... se eu pudesse escolher, era para Londres que eu ia. Mas meu marido não quer saber de se mexer...

— Não, e você sabe muito bem disso, Maria — a corrente de raiva parecia estar sempre presente na voz de Andrew Maxwell — e você sabe que está falando um monte de bobagens. Se amanhã eu dissesse que você tem de fazer uma longa viagem a Londres, que tem de levar Duncan para conhecer o lugar e ver como se vive fora daqui, você sabe que não iria. Afinal de contas — seu tom ficou zombeteiro — quem ia dirigir a fazenda? Quem ia cuidar de tudo, para não sermos enganados? Quem ia tomar conta dos escravos? Não seria este velho aqui, não este pobre desgraçado que só serviu para construir Landfall, mas que não serve para...

Ela respondeu com uma crueldade repentina:

— Tem razão, meu querido marido. Quem é que ia fazer tudo isso? — ela olhou para Alister. — Sabe, eu também tenho minhas contas monótonas para fazer — ela deu de ombros e suspirou levemente — e Londres fica tão longe. Não, é melhor ficar. É preciso se contentar...

— Contentar!

A voz ríspida e baixa veio da escuridão da galeria, além da sala de jantar. Não ouvimos seu cavalo, ele devia ter vindo dos estábulos. Nenhum escravo havia anunciado sua chegada. Fergus Maxwell veio para a luz, alto, bonito, vestido negligentemente com a mesma camisa que usava à tarde, o colarinho aberto; havia até um rasgão na manga. Seus cabelos estavam despenteados e embaraçados. Quase chegaria a pensar que estava bêbado, se a voz e a atitude

não fossem tão firmes, tão seguras.

— Minha querida Maria... — ele avançou um pouco em sua direção — o que é que você quer dizer com esse negócio de se contentar? Você, pelo menos, nunca vai se contentar até possuir a ilha toda. Meu pai, pelo menos uma vez na vida, está certo. Você nunca vai trocar Landfall por Londres. Afinal de contas, o dinheiro está era Landfall, não é? E em Londres só tem essa bobagem de emancipação de escravos.

Ela preferiu ignorar suas palavras,

— Boa noite, Fergus. Não esperava ter o prazer de sua companhia para o jantar, mas sente-se, por favor.

Ela estalou os dedos, mas era desnecessário. Já estavam pondo um outro lugar à mesa, e três escravos ficaram esperando com as grandes travessas de prata até que Fergus se sentasse. Ele foi até o aparador e se serviu de vinho. Estava quase levando o copo aos lábios, mas parou.

— Obrigado pela acolhida, Maria. E ao meu pai também. É sempre bom saber que se é bem recebido na própria casa.

Ergueu o copo para eles.

— Sente-se e pare de fazer papel de bobo — rosnou Andrew Maxwell.

Ele pareceu não ouvir as palavras do pai, nem ver a cadeira que Dougal lhe segurava. Em vez disso, veio até mim, percorrendo a distância da longa mesa.

— E esta, é claro, é a governantazinha escocesa. Nada do que fomos levados a esperar. Mas seja bem-vinda a Landfall. Eu me chamo Fergus Maxwell. Parece que se esqueceram de nos apresentar. Fiona McIntyre, não é mesmo? Bem, é uma boa troca: em vez de mais uma

Maxwell...

— E o que há de errado em ser uma Maxwell? — perguntei.

Ouvi minha própria voz, e ela parecia mordaz e impertinente, como a voz de uma governanta.

Havia falado daquele modo porque odiei sua zombaria, porque temia revelar o estranho calor que senti ao vê-lo. Seus modos eram horríveis; parecia que queria ferir cada pessoa naquela sala, e talvez ir mais além. Porém, eu não podia deixar aquilo de lado, como uma simples demonstração de falta de educação; naquele homem lindíssimo, cuja graça teria conquistado amigos com facilidade, havia um ar defensivo. Os olhos azuis, cercados por rugas causadas pelo sol, eram desconfiados. Lembrava-me de ter visto cães e cavalos assim, aqueles que haviam sido tratados com rispidez e que nunca mais responderiam a um gesto amigável, mas cujo orgulho nunca os deixaria humilhar-se ou implorar um favor, não importava a urgência ou a necessidade. Devia ter uns vinte e seis anos e, para um homem daquela idade, filho de seu pai, parecia cansado, confuso e indiferente, como se não soubesse o que fazer dali a alguns instantes, mas também parecia não se importar muito. Bem como uma criança, queria provocar e contrariar, porém, o adulto sabia que toda aquela representação não fazia sentido. Ele ainda era muito jovem para começar a se desesperar. Foi isso o que senti em relação a Fergus Maxwell, desejando, de todo o coração, que nosso primeiro encontro tivesse sido mais privado, longe dos olhos e da atenção de todos, brancos e negros.

Então, acrescentei baixinho, talvez com a esperança de que minhas palavras não alcançassem os outros, talvez com a ideia de apagar o tom ácido da governanta:

— Precisamos nos aceitar como somos, Sr. Maxwell. Espero não ter levado desvantagem por ser filha de minha mãe.

Ele levou um longo tempo para responder. Pensei ter visto um brilho de tristeza em sua expressão; mas Fergus Maxwell não estava acostumado a pedir desculpas. Olhou-me cuidadosamente, o olhar avaliador, como o do pai; tive de lembrar das palavras de Charity, quando ela havia me examinado, ao ajudar-me a trocar de roupa.

— Eu diria que a senhorita não levou desvantagem por causa disso. Não, de jeito nenhum.

Inclinou-se levemente, o melhor que pôde, pensei. Depois, tomou seu lugar à mesa. A conversa continuou como antes e, como antes, somente entre Maria e Alister. De vez em quando, Andrew soltava um comentário desdenhoso e sardônico, mas seu filho não dizia nada. Não disse absolutamente nada enquanto os pratos passavam por nós e o vinho continuava a ser servido. Vi, porém, a frequência com que seus olhos, quase involuntariamente, voltavam-se para Maria; fiquei enjoada ao ver aquilo, aquele olhar que misturava desejo e ódio. Parecia que ele não conseguia controlar-se e eu... eu não estava melhor do que ele, já que não conseguia desviar os olhos de sua figura. Ele não deu uma palavra até que, finalmente, Maria levantou-se para indicar que a refeição estava terminada. Eu sabia que não deveria sentar-me com ela na sala de estar; provavelmente, os homens iriam tomar vinho. Em voz baixa, desejei boa noite a todos.

Quando Maria estava chegando à porta, Fergus levantou-se um pouco de sua cadeira e chamou-a em voz alta.

— Acho que não tem problema se eu passar a noite aqui. O telhado de meu quarto em Winterslo está com uma

goteira enorme e, graças aos meus eficientes empregados, a cama ficou entalada na porta. Achei que podia pedir abrigo a você até conseguir derrubar a porta ou cortar a cama em duas. Parece que a solução vai ser essa, já que um homem solteiro só precisa de meia cama...

Desejei que, pelo menos uma vez, alguma coisa abalasse a frieza de Maria.

— Sempre há uma cama em Landfall para o filho de meu marido. Boa noite, senhores.

Segui-a com um passo arrastado. Quando passei por Alister, olhei-o diretamente, pedindo-lhe apoio, alguma normalidade naquela casa cheia de zombaria, desprezo e tensão. Procurava luz no meio do espanto e da confusão em que me encontrava. Como se tivesse feito o pedido, ele respondeu imediatamente:

— Deixe-me pegar sua vela, Srta. Fiona.

Andrew disse rispidamente:

— 'Tem uma meia dúzia de empregados para fazer essas coisas, Alister. Passe o vinho...

Sua maneira de ignorar Andrew não era tão ostensiva quanto a de Fergus; ele simplesmente indicou, sem ser rude, que faria o que quisesse. Chegou até a tomar meu braço quando nos dirigimos para a longa mesa do *hall* onde enfileiravam-se as velas em suas mangas. Com um gesto de mão, tão treinado quanto o de Maria, ele dispensou o escravo que acendeu uma quando nos aproximamos. Só foi comigo até o pé da escada. Fiquei no primeiro degrau e, de lá, podíamos ver a sala de estar e a de jantar. Andrew Maxwell e seu filho voltaram-se para nos observar, e Maria retornou sua posição diante do espelho, dessa vez, de frente para a porta. Alister e eu formávamos um pequeno quadro imóvel aos olhos dos três.

No desespero, esqueci o decoro, e que também havíamos acabado de nos conhecer. Falei bem baixinho, esperando que, para os observadores, parecessem palavras de agradecimento.

— Pelo amor de Deus... quem é Fergus Maxwell? Disseram que só havia um filho. E que seu pai casou tarde. Houve um primeiro casamento, uma primeira mulher?

— Nada de primeira mulher. Mas Fergus Maxwell é filho de um dos escândalos mais célebres da ilha.

Não pudemos dizer mais nada. Charity esperava no alto da escada. Peguei a vela que Alister Maxwell me estendia, voltei-me e subi, obedecendo à ordem silenciosa que parecia vir de cada um dos que nos observavam.

V

A noite tropical não é silenciosa. As cigarras cantam, os lagartos soltam seus gritos estranhos, às vezes ouve-se o bater de asas dos morcegos e, bem longe, as ondas batem contra *Serpent Rocks*. Mas o vento morre, para na manhã seguinte nascer novamente com a força do sol. Portanto, a noite foi quente e abafada, com os finos lençóis de linho molhados embaixo de meu corpo, o travesseiro úmido com o suor do pescoço. Naquela noite, senti várias vezes que precisava cortar os cabelos; mais tarde, aprendi a trançá-los.

Assim, fraca, sem ao menos algumas horas de sono para ajudar-me, levantei quando a primeira luz começou a penetrar pelas venezianas abaixadas; parecia não conseguir manter o equilíbrio quando afastei as venezianas para ver o começo daquela hora maravilhosa numa ilha das Índias Ocidentais, o nascer do dia. Saí para a galeria; tudo estava calmo ao meu redor, não havia vento, nenhuma folha se mexia. O mar distante estava pálido, um azul-pálido que

só tinha antes do nascer do sol; ouvi o primeiro canto do galo. Sabia que aquele momento de paz acabaria logo. Mas ainda era a hora do encantamento; tudo parecia ter acabado de nascer. Era como se eu estivesse lá, no começo de todas as coisas, no começo do tempo, da própria criação. Meu pai teria reconhecido este momento; tudo era perfeito, puro, inocente.

Fui até uma das cadeiras baixas de bambu, espalhadas pela galeria, segura de que ninguém da casa estaria acordado àquela hora da manhã. Estava com uma sensação de futilidade, quase desespero. Senti que não ficaria muito tempo em Landfall; tudo era contra minha permanência ali. Mesmo que uma visão me tivesse levado até lá, comecei a admitir que poderia ver o que deveria ser feito, o papel que deveria representar, sendo, porém, impedida de representá-lo. Não havia conseguido fazer nada por aquele homem, Thomas Scobie, que estava falando para a multidão em Kelvingrove Gardens; ele prosseguiria em seu destino, fosse qual fosse, sem dar atenção a meu aviso. Eu tinha um pressentimento terrível de que tudo em Landfall estava destinado à destruição. Já havia uma espécie de podridão moral, mas a ruína seria total. Viria de alguma maneira física. Mas o que eu, uma estranha que ignorava todos os detalhes de suas vidas e histórias, poderia fazer? Talvez eu só tivesse sido enviada para testemunhar a destruição, impotente para impedi-la, e consciente dessa impotência, de antemão. Talvez eu tomasse parte da destruição. Foram esses os pensamentos que me vieram à mente após uma noite em claro.

— Você também acordou cedo.

Quase não reconheci a voz; estava diferente, baixa, fraca. Talvez sua noite tivesse sido como a minha; talvez a grande quantidade de rum não trouxesse o sono. Lembrei-me do Capitão Stewart dizendo que os velhos acordam

cedo. Andrew Maxwell estava de pé no canto da galeria; talvez já estivesse me observando por algum tempo. Mas agora não me importava por estar de camisola, descalça, com o xale caindo dos ombros; também não me importava com os cabelos embaraçados e empapados de suor. Não havia mais nada daquele homem lascivo que, no dia anterior, havia me observado ao pé da escada, o mesmo que apertou-me a cintura na mesma noite. Era apenas um homem velho e cansado, vencido por uma noite mal dormida. Estava com um longo robe de seda, puído nas mangas e no pescoço e, como eu, descalço.

— Geralmente, não se dorme bem na primeira noite que se passa em lugares estranhos. Além do mais, não estou acostumada aos trópicos...

— Ninguém se acostuma aos trópicos — respondeu. — Nossos corpos não foram feitos para isso, mesmo que tenhamos nascido aqui.

Ele foi até o corrimão, como eu havia feito, e ficou ali, vendo a luz aumentar, o contorno da costa aparecer, as nuvens começarem a se levantar de Kronberg.

— A hora mais bonita do dia — disse ele. — Sempre foi... só esses minutinhos, frescos, calmos. Agora, e tarde da noite. Eu costumava andar de noite, bem tarde, quando podia. Costumava nadar de manhã bem cedinho. À noite, as estrelas ficam tão perto que até um velho pode sonhar em tocá-las. E o céu fica azul, em vez de preto... você vai conhecer essas coisas. Mas não sei se um dia vai se acostumar a elas. São muitos contrastes: a violência da chuva à noite e depois a calma da manhã. Gosto de ouvir a chuva batendo no telhado durante a noite. Já ouviu? Amo esta paz da madrugada. E depois vem o calor do dia, e a gente começa a desejar de novo a escuridão.

Ele se aproximou e jogou-se numa cadeira perto da

minha.

— Bem, o que é que você acha de Landfall?

— O que posso achar? É uma bela casa, Sr. Maxwell. Uma casa muito grande; mas não vi mais nada, não é verdade?

— Não seja boba, menina! Landfall não é só casa. O que é que você acha de nós? Landfall é uma casa que todos podem admirar. Todo o mundo que vem aqui a admira. Mas somos nós que a fazemos. Quero saber o que pensa de nós.

Encarei-o rapidamente.

— Não é justo me perguntar esse tipo de coisa. E não vou fingir que vou tentar responder. O que é que eu sei sobre vocês?

No entanto, ele continuou me pressionando:

— O que acha de meu filho Fergus?

— É um homem bonito e mal-educado. É tudo o que sei sobre ele. Nem sabia que ele existia...

— Bem, por acaso você acha que minha mulher escreveria isso numa carta para chamar a Srta. Não-me-Toques? Acha que ela diria que um dos membros ocasionais de nossa família é filho ilegítimo de seu marido? Bem, você acha que ela escreveria uma carta assim para a mulher de um pastor?

— Teria sido mais honesto — eu estava ficando zangada. — Talvez meu pai aceitasse muito mais uma confissão assim do que a omissão. O que é que o senhor espera que eu faça, Sr. Maxwell? Que levante as mãos e chore? Que faça as malas? Governantas não gostam dessas demonstrações. E o senhor acha que meu pai nunca tentou ajudar as moças “com problemas” de nossa vila? Ele é um ser humano... um homem bom.

Então, não sei por que, só que pareceu subitamente importante lembrar-me do fato, agarrar-me a ele como uma defesa contra o que via ali, acrescentei:

— Ele amava minha mãe. Ele sabe o que é amar.

— É estranho que ele não soubesse de Fergus. Talvez soubesse, mas não falou nada. Poderia ter feito você se decidir contra um bom emprego...

— Ele não queria que eu viesse. Eu não era obrigada a vir.

— Os Maxwell de Londres sabiam de Fergus — insistiu.

— Nunca vemos os Maxwell de Londres. Só quando Mary foi...

— Ah, sim, a Srta. Não-me-Toques. Bem, o velho Jeremy não contaria isso a ela. Ouvidos delicados demais.

Arrumei o xale em volta dos ombros e comecei a subir.

— Acho que não adianta continuar a conversa agora, Sr. Maxwell. Eu seria capaz de dizer coisas que preferiria não dizer, que seria melhor não dizer. Não gosto de ouvir o senhor se referir a minha irmã como Srta. Não-me-Toques. Ela está além disso. Não posso lhe ensinar boas maneiras, mas acho que o senhor precisa tanto de educação quanto seu filho.

Ele fez um gesto com a mão.

— Silêncio, menina, silêncio! Está bem, estou indo longe demais. Você vai ter de perdoar minhas maldades. Não tenho ninguém com quem valha a pena praticar boas maneiras. Nunca, para dizer a verdade. Acho que sou capaz de gostar de você, menina. É por isso que vou tentar dobrar a língua. Bom, então sente-se e aprecie o que nos resta

antes que o sino toque.

Parecia grosseria recusar sua oferta de paz e, além do mais, eu estava nadando num mar de ignorância. Se ele estava com vontade de falar, antes de encher-se de rum, isso poderia me ajudar.

— Ficou curiosa em relação a Fergus, claro.

— Claro — respondi.

— Bom, é melhor ouvir tudo de mim do que ficar escutando umas meias-verdades de Charity ou as historinhas do primo Maxwell. De qualquer forma, ele só sabe o que contaram indiretamente. Afinal de contas, Fergus é meu filho. Sou eu quem pode contar a verdade.

Vi que seus dedos apertavam e soltavam os braços da cadeira de bambu; era quase como se ele estivesse contando os anos passados, conferindo-os para chegar ao tempo em que a história começou. Seu interesse estava naquilo que julgava importante, e Fergus não era o começo da história.

— Disse que você me faz lembrar minha mãe. O tipo dela era como o seu: uma mulher admirável, bonita, forte, com mais força na alma do que no corpo. Como já disse, ela teria tido uma dúzia de filhos como eu, se meu pai não tivesse sido assassinado. Ele a trouxe para cá como sua noiva e eles começaram a lavrar uma pequena propriedade nesta terra inculta, uma terra com quem ninguém nunca tinha se importado antes. Estavam construindo Winterslo. Era um trabalho pesado, duro. Ele não tinha muito capital, e isso significava menos escravos do que precisava. Também não podia pagar um capataz branco e então, na maioria das vezes, era o próprio capataz, o homem que dirige os escravos em fila pelos canaviais. Eles têm de ficar se movendo o tempo todo, sabe, e frequentemente é preciso usar o chicote. São um bando de patifes

preguiçosos. Isso acontecia na época, e continua acontecendo até hoje. O negro levantou o facão contra o patrão; dizem que meu pai morreu no primeiro golpe. O escravo morreu açoitado ou enforcado, não sei bem; minha mãe se recusou a falar no assunto.

Subitamente, seu tom ficou impaciente.

— Ah, não fique desse jeito, menina! Os homens têm mortes violentas. Sempre foi assim. Escravos são um negócio arriscado. Nunca confie num escravo. Eles roubam nossa comida e nossos segredos e, se puderem, até mesmo nossa vida. É melhor açoitá-los e ficar seguro do que confiar e morrer. Não tente ganhar a gratidão deles por meio de favores. Eles têm boa memória, memórias que voltam para a África. E nunca esquecem. Tome cuidado.

Aceitei o que disse, sabendo que não podia protestar. Sabia para onde estava indo. Será que esperava que fosse bom? Então não sabia que seres humanos presos levavam ao estabelecimento de regras, e que a vida numa plantação tinha de ser vivida de acordo com essas regras? Se fosse assim, eu poderia esperar andar pelas ruas de Glasgow e ver inocência nos cortiços, assim como encontrar escravos felizes nas ilhas do sol.

— O que é que sua mãe fez?

— Ela continuou. Era desse tipo. Tinha mais coragem do que seis homens. Com Winterslo construída pela metade, ela arrumou uns quartos para nós dois, e não deixava nenhum escravo dormir dentro de casa. Ela aprendeu a usar uma pistola e a levava consigo, junto com um chicote. Também me levava para os canaviais, eu na frente, na sela; quando cresci, passei a ir no meu pônei. Mas acho que quase nunca ficava fora do alcance de sua vista, até provar que podia tomar conta de mim mesmo. Ela me ensinou o que sei sobre livros, principalmente contos,

que era o que importava. Não havia dinheiro para luxos como governantas. Era uma vida dura, aquela nossa, Srta. Fiona, acre por acre sendo preparado lentamente, um quarto de cada vez em Winterslo. Ela teve de aprender tudo, e depois me ensinar.

— Ela nunca pensou em casar de novo? As mulheres brancas têm de ter...

— Talvez ela tivesse alguma fantasia romântica de que nenhum homem estaria à altura de meu pai. Talvez estivesse sendo absorvida demais pela fazenda, muito ocupada para afetar esses ares frívolos que poderiam fazê-la atraente aos olhos dos homens. As pessoas envelhecem rápido numa vida tão dura quanto a dela. É até possível, Srta. Fiona, que ela assustasse os homens. Eles não gostam de saber que uma mulher pode fazer as coisas melhor do que eles. Ela teria sido uma mulher difícil para qualquer homem que não a julgasse de acordo com seu tipo. Quem esperaria que uma mulher assim ficasse sentada na sala de estar de uma casa grande? De qualquer jeito, fosse qual fosse a razão, as coisas ficaram assim. Ela não casou de novo.

— E o senhor também não casou?

Ele deu de ombros.

— Mal me dei conta disso. Ah, não vamos ser delicados. É claro que havia mulheres. Onde há escravos, há sempre mulheres para serem possuídas. E havia outras — que apareciam em Santa Marta, mestiças — mulheres que nunca esperavam casar com um homem branco, mas que também não queriam um negro. Desde que se dê uns presentes para elas... bem, eu não era nenhum santo. Era jovem e pegava o que precisava. Minha mãe não esperava que fosse de outro jeito. Ela apenas deixava o barco correr, como fazem todas as brancas por aqui.

— Mas... a mãe de Fergus era branca.

Ele estava falando, e nada poderia pará-lo. Eu podia perguntar qualquer coisa que as respostas saíam desordenadamente de sua memória, talvez da saudade. Ele precisava falar de novo.

— Eu devia ter uns trinta e seis anos... é, devia ser tudo isso. Consegue imaginar que me apaixonei pela primeira vez? Ela era branca, é claro que era branca. E tinha dezessete anos, quase uma criança. Conheci-a num baile em Santa Marta. Eu não era considerado um bom partido, mas os solteiros sempre eram convidados. Era a coisa mais bonita que já tinha visto na vida. Não tinha ninguém que pudesse competir com ela. Era suave, parecia de porcelana; olhos grandes e verdes, brilhantes. O bastante para fazer um homem perder a cabeça. Lembro que deixei um homem desacordado no jardim, só para tomar sua vez de dançar com ela. E obriguei-a a prometer que no dia seguinte ia passear comigo a cavalo. Não tinha muita esperança de que ela aparecesse, mas ela foi. É claro que havia um acompanhante, mas era um escravo e fazia o que ela mandava. Depois disso, passamos a nos encontrar sempre numa casa em ruínas na colina. Se seus pais soubessem, ela seria chicoteada e trancada em casa.

Ele acrescentou:

— Era a primeira vez que eu amava. Não ligava para as regras. Nem as conhecia.

Ele suspirou. Era o som de um homem que começava a lamentar aquela volta ao passado, a dor, o confronto das velhas lembranças que deviam continuar adormecidas.

— Só queria saber por que ela sempre adiava a hora em que eu iria falar com seu pai. Eu queria casar com ela. Deus é testemunha: provavelmente, eu era o pior partido da ilha, em termos de bens materiais, mas nenhum homem

a amava mais do que eu. Foi então que ela me contou, acabou me contando. Estava noiva do herdeiro de um dos nomes mais ricos e nobres da Inglaterra. Não vou dizer o nome, Srta. Fiona. Deve conhecer, mas agora já não importa mais. Ele tinha vindo visitar umas fazendas da família em San Cristóbal, e a tinha visto de passagem, mal a conhecia. Ela ainda estava sendo educada. Mas tanto os entendidos quanto os homens rudes como eu sabem reconhecer uma coisa única quando a veem. Ele pediu a mão dela, e se casariam quando ela fizesse dezoito anos.

Ele deu uma risada áspera, selvagem, que parecia alta demais para a calma que nos cercava.

— Mas já era muito tarde, sabe? Aqueles encontros na casa grande, e o escravo que estava com muito medo para contar aos pais dela... Eu estava louco por ela, e ela só tinha dezessete anos. É, acho que você diria que a seduzi, mas juro, por aquele dia que ela me amava, que não foi nenhuma violação intencional. Foi só a única coisa que podia acontecer entre duas pessoas que sentiam o que nós sentíamos.

“Mas, de repente, ela parou de vir. Fui até a casa de seus pais, mas ninguém me deixou entrar. Perguntei pelo escravo que sempre ia com ela. Tinha morrido, Srta. Fiona. Nunca confie num escravo. Ninguém mais a via em Santa Marta, e havia rumores de que estava doente, com febre. O noivo nobre estava sendo esperado a qualquer momento. Eu estava louco, mas não conseguia vê-la. Não tinha jeito de fazer os pais dela me receberem, a não ser ficar gritando seu nome nas ruas de Santa Marta. Fiz isso durante meses. Ah, sim, recebi um bilhete, um desses bilhetes de colegial, ditado pela mãe, dizendo que minhas atenções não eram bem-vindas. Disseram até que ela havia embarcado para a Inglaterra. E então veio o dia em que o noivo chegou. Alguns meses antes do esperado, lembro

bem. Não mandou nenhuma carta para avisar, nada. Apenas a chegada e o pedido natural para ver a noiva. Tentaram impedi-lo, acho que disseram que ela estava com uma febre contagiosa. Esperavam acabar com tudo antes que chegasse, mas ele chegou antes. Ele insistiu, talvez a amasse também, do jeito que alguém podia amá-la sem conhecê-la. Bem, finalmente ele conseguiu vê-la, esperando o filho de outro homem. Não lhe disse nada, segundo me contaram; nem palavras de amor nem de censura. Só botou as mãos em sua garganta e obrigou-a a dizer o nome do pai da criança. Depois, virou as costas e foi embora. Uma hora depois, na presença de várias testemunhas, jurou que ia me matar.

“Ele fez tudo segundo o costume inglês, é claro. Mandou seus padrinhos e eu arranjei dois amigos de verdade, e nos encontramos, como estava combinado. Acertei-o bem no coração. E minha pobre menina — meu pequeno amor — teve um parto prematuro e morreu. Não consegui vê-la antes de sua morte.”

Sua voz agora era um sussurro.

— Talvez eu nunca chegasse a ver meu filho, mas o escravo que tinha sido encarregado de se livrar dele, provavelmente afogando-o, ou deixando-o num lugar onde nunca seria encontrado, preferiu correr o risco de me contar que ele tinha nascido, e que estava vivo. À noite, fui até a casa e exigi que me dessem meu filho. Eles não criaram muito problema para me entregar a criança. Quem ia querer uma criança daquelas? Mas teria sido muito melhor se tivessem me dado a mãe.

Depois de todos aqueles anos, a dor ainda estava ali, a sensação de perda, de engano.

— Então, trouxe meu filho para Winterslo, mais morto do que vivo. Um bebezinho pequenininho, de sete meses,

respirando com dificuldade. Dei-o a minha mãe, e ela o aceitou. Salvou sua vida. Arranjou-lhe uma ama-de-leite, tomava conta dele o tempo todo, aquecendo-o, refrescando-o. Ele era forte, mesmo tendo nascido antes do tempo. Sobreviveu àquelas primeiras semanas, e fiquei com meu filho. Mas o que eu queria mesmo era a mãe dele.

Havia sido este o começo da ferida de Fergus, é claro: a criança em vez da mãe em Winterslo, criada por uma mulher idosa. A infância de Fergus Maxwell não devia ter sido fácil.

— Naturalmente, houve um inquérito — prosseguiu Andrew. — O duelo era ilegal, mas o homem tem o direito de se defender. Houve uma confusão na Inglaterra, mas a justiça daqui não tocou em mim. Foi o começo do isolamento em Winterslo. Nunca tivemos muito tempo ou dinheiro para a vida social, mas depois disso não íamos mais a lugar nenhum, nem pedíamos nada. Eu também não fazia questão de ir. Dei as costas para toda a ilha, e dei tudo o que tinha para fazê-los se arrepender de não terem deixado a mãe de meu filho casar comigo.

— Mas e Landfall...?

— Eu já estava de olho em Landfall, cobiçando-a, provavelmente. Uma das melhores terras para açúcar de toda a ilha. Mas não tinha dono e, desde que a casa foi construída, aconteceu uma série de dificuldades. Pode-se contratar o melhor capataz do mundo, mas isso não basta para compensar a falta do dono. É preciso ficar por perto e saber o que fazer. Eu sabia do estado em que Landfall se encontrava. É junto de Winterslo, embora Winterslo não produza a metade da colheita por acre. Eu sabia que o capataz de Landfall se embebedava a maior parte do tempo, e comecei a ir lá regularmente. Bebia com ele, mas nunca tanto quanto ele. Encarreguei-me de dar-lhe sempre uma boa quantidade de rum e repunha de meu próprio

estoque o que ele tirava dos barris de Landfall. Em dois anos, Landfall estava dando tão pouco lucro que estava pronta para ser de quem quisesse comprá-la. Foi aí que fui para Londres ver os Maxwell. Hipotequei Winterslo por tudo o que valia e com isso consegui uma boa reputação por tê-la desenvolvido tanto. Eles me emprestaram o dinheiro e ficaram com uma parte da propriedade, e eu voltei para cá. Landfall era minha. Minha, com uma dívida imensa, mas minha.

“Foi a única vez que saí da ilha, e não fiquei nem uma semana em Londres. Graças aos Maxwell, o velho Jeremy não me fez ficar esperando uma resposta. Enquanto fiquei lá, usei outro nome. Por causa do homem que tinha matado. A família dele era muito poderosa...

“Mas fiz uma outra coisa. Principalmente em consideração a minha mãe, mas também por mim mesmo, fui para o norte, uma região remota dos Highlands, a vila de onde ela e meu pai tinham vindo. Não disse quem eu era, não entrei em contato com nenhuma das duas famílias. Só olhei, subi as colinas e conheci uma chuva diferente, que nunca tinha visto antes. Vi como eles viviam. E então comecei a entender por que eram assim, a causa daquela marca que a maioria dos escoceses têm. Teimosos, independentes, orgulhosos, obstinados, capazes de aceitar o que a vida lhes oferece. Quando voltei, sabia melhor quem eu era, o que eu era...

“O resto foi trabalho duro, a reforma da casa. Minha mãe era contra vir para cá; não queria ter nenhuma parte da propriedade. Estava meio em ruínas e, por ela, ficaria tudo como estava. Mas foi o jardim que me chamou a atenção em primeiro lugar. Tinha sido plantado cem anos antes, quando começaram a construir a casa. Arranquei as trepadeiras e a vegetação rasteira, e os riscos do jardim apareceram. Estudei as plantas, porque tinha umas que eu

nunca tinha visto antes. Encomendei livros em Londres. Santa Marta teria rido bastante se soubesse que aquele Andrew Maxwell grosseiro e inculto passava as noites lendo livros de botânica. E então a casa começou a me fascinar, como o centro do jardim.

Botei alguns homens para trabalhar na casa. Estava sem metade do telhado, mas o interior era de mogno, muito resistente aos cupins. Minha mãe ficou contra o tempo todo e, provavelmente, estava certa. Eu não tinha pressa nenhuma, mas os quartos foram sendo restaurados um a um, e comecei a comprar mobília e outras peças. Os comentários começaram a circular em Santa Marta, e todos pensavam que, um dia, eu ia sair do casulo e que Landfall seria um lugar magnífico para visitas e festas. Talvez tivessem um pouco de razão. Não percebi isso até que a reforma acabou, até que os jardins foram todos restaurados. No fundo do coração, eu devia estar preparando uma casa para a menina que eu tinha amado tanto, uma casa que deixaria seus pais orgulhosos. Quando tudo acabou, fechei os portões; os que estavam loucos para ver os resultados nunca foram convidados. Minha mãe morreu; Fergus e eu vivíamos sozinhos, isto é, até oito anos atrás.

— E Winterslo?

— Agora é de Fergus — sua voz ficou áspera quando disse aquelas palavras. — Era boa para minha mãe e eu. Ele se queixa, mas agora é sua vez de trabalhar para tirar o que puder da terra. Ela não se rende como Landfall, mas dá para viver dela. Um patrimônio não pode ser destruído, Srta. Fiona. É assim que se transformam camponeses em proprietários. Landfall só pode ter um herdeiro.

— E vai ser Duncan.

— É, vai ser Duncan.

Dos fundos da casa, começou a tocar um sino. Era um som enlutado no ar da manhã, como um lamento, lento, relutante. Andrew Maxwell começou a levantar-se. Estava sem a bengala, e o movimento foi difícil.

— É o sino para mandar os escravos para os canaviais. Eles trabalham um pouco antes do café da manhã. Charity vai levar sua água lá para cima. Está na hora de se preparar. Aqui começamos a trabalhar cedo, antes que o dia fique muito quente.

Depois, como se tudo fizesse parte da mesma ideia, acrescentou:

— Ensine-o bem, Srta. Fiona. Se puder, ensine-o bem rápido, faça-o aprender um pouco do bom senso escocês. Pode ser que haja problemas para nós aqui nas índias, e ele ainda é muito novo.

Ele me deixou, caminhando lentamente, os pés descalços fazendo mais barulho do que os dos escravos; às vezes, a mão procurava apoio na parede. Fiquei sentada por mais algum tempo, refletindo sobre o que havia me contado, escutando os sons do despertar de Landfall. Estava pensando mais em Fergus, a criança que a consciência de Andrew Maxwell havia salvo da morte, que havia sido levado para a vida pelos cuidados de uma avó, a criança que, pouco a pouco, ia aprendendo coisas sobre si mesmo no isolamento de Winterslo e que, por isso, acabou odiando o mundo pelo que não havia recebido. Teria sido esta a escuridão que vi atrás dele no dia anterior, como um segundo cavaleiro nas sombras do grande choupo? A amargura, o passado negro? Havia coisas em Landfall que eu não entendia e que, talvez, nunca entenderia. Será que vinham do passado, como a visão da mulher enfeitada de joias? Eram o futuro? Existiam naquele exato momento? Eu não podia responder. As sólidas paredes que me cercavam pareciam exalar as coisas futuras ou as passadas? Minha

mente cansada não conseguia aceitar aquilo tudo; sacudi-me, como que para acordar de um sono de muitos anos. Meus próprios membros pareciam velhos quando levantei-me e comecei a voltar para o quarto. Passei pela galeria como num sonho, e quase não distingui a figura inclinada em uma das pilastras, a cabeça louro-avermelhada jogada para trás, contra um emaranhado de madressilvas, apoiada no corrimão, um pé se equilibrando no chão, o outro encolhido, o joelho entre as duas mãos.

— Como ele disse, Srta. Fiona, é a hora mais bonita do dia ... e já está quase acabando.

Virou-se completamente para mim.

— Eu deveria voltar para Winterslo agora, e começar o dia com as mãos nos canaviais. Mas eu também estava lembrando, como ele.

O tom era gentil, sem sinal de zombaria. Fiquei pregada ao chão, olhando-o fixamente; o rosto estava curiosamente exposto, vulnerável. Ele não zombaria de mim como na noite anterior. Devia ter escutado todo o relato, a história recontada.

— Estou contente por que agora você sabe de tudo — disse. — E foi melhor porque soube por meu pai. Sabe, a gente olha para ele agora, gordo, quase sempre bêbado, fumando aquela erva podre, aquele haxixe das índias, e é difícil acreditar que ele possa ter amado de um modo tão romântico a uma mulher como aquela. Será que teria durado se ela não tivesse morrido? Mas, para ele, ela vai viver para sempre, exatamente como era. Como ele disse, era ela que ele queria, e não eu. Estava lembrando... estava lembrando de Winterslo, de minha avó. Estava lembrando de minha vida aqui, sem ela. Eu odiava tudo: essa casa enorme só para nós dois. Ele contou como era. Preparou a casa para uma mulher que já tinha morrido. Uma casa feita

para um fantasma, uma noiva que nunca veio. As carruagens nunca chegaram, ninguém nunca bebeu champanhe debaixo desses lustres. Éramos só nós dois, olhando um para o outro através daquela mesa comprida. É de se admirar que nos odiemos?

— Ódio — disse eu, lentamente, balançando a cabeça, tentando dizer com clareza o que queria, mas sem conseguir, porque as palavras estavam presas em minha língua. — Estava aqui antes de você e continua.

— Eu sei — ele colocou o outro pé no chão e endireitou-se. — Nós o encontramos aqui, e ele continua aqui. O que é que se pode fazer? — seu tom mudou. — Mas ele disse uma coisa que eu lembro. Duncan! Tente com Duncan. Ele precisa disso. Ninguém aqui pode dar o que ele precisa. Talvez você possa. Adeus, Srta. Fiona. Venho pouco a Landfall. Não sei quando nos veremos de novo.

Quase lhe estendi a mão.

— Talvez... não, não é nada.

Talvez ele não tivesse ouvido; de certa forma, eu esperava que não. Será que eu queria ficar mais vulnerável ainda? Ele já estava quase no canto da galeria quando virou-se e olhou para trás. Não chegou nem a sorrir quando disse:

— Sabe, você fica bem bonita quando não está toda arrumadinha.

CAPÍTULO III

I

Lentamente, com o maior cuidado, comecei a acostumar-me a Landfall. O primeiro dia estabeleceu o programa dos acontecimentos diários: as horas de levantar e ir para a cama, as horas das refeições e das aulas de Duncan. Mas aquele era apenas o ritmo externo, o horário estabelecido para que uma casa funcione. Havia mil coisas que eu não sabia sobre Landfall, e a resposta estava nas pessoas que moravam ali; porém, nunca mais houve um encontro tão franco e aberto como o que tive na primeira manhã com Andrew Maxwell.

Era verdade que ainda acordava logo que a primeira luz entrava pelas venezianas; os galos cantavam antes do nascer do sol, mas agora o som significava mais do que a chegada do dia. Após o primeiro dia, depois de meu primeiro passeio além da casa, quando segui os caminhos do jardim, acabei achando as senzalas. Não as inspecionei de perto: os olhos escuros e hostis me diziam que aqueles lugares malditos eram privados, e que estranhos não eram bem-vindos. Eles não queriam observação e muito menos, piedade. Deixei as cabanas desconjuntadas quase tão abruptamente quanto havia chegado. Elas ainda eram mais próximas da casa grande do que pensava, mas, nos trópicos, o eterno manto verde esconde muitas coisas. Eu sabia, porém, que assim que os galos cantavam, aquelas senzalas, quietas na escuridão, começavam a mexer-se, as formas negras tropeçando de sono para estarem prontas quando o sino as chamasse para os canaviais. Aprendi a temer o som daquele sino. Sempre, logo depois que ele tocava, Charity aparecia com minha água perfumada, e eu me lavava e me vestia. Mas nunca fazia isso sem pensar nos pequenos trabalhos que me esperavam, e no trabalho daqueles seres humanos que iam para os canaviais debaixo

do sol e do chicote de pele de búfalo do capataz.

Quase toda manhã, depois de acordar, eu ouvia o barulho dos pés descalços de Andrew Maxwell na galeria; às vezes, havia aquele cheiro doce, horrível, de haxixe. Agora eu sabia o que era. Porém, nunca mais abri as venezianas e fui para o corrimão para assistir aos momentos efêmeros do alvorecer. Na primeira manhã, havia sido um encontro casual; agora, poderia parecer uma tentativa de intimidade e eu não mais daria a Maria Maxwell a oportunidade de me ver descomposta, de me olhar com desprezo divertido, de sugerir com o olhar que eu me oferecia regularmente aos olhos de um homem vestida apenas com uma camisola. Contra Maria Maxwell, eu só tinha a dignidade como arma; não podia perdê-la.

Tomava café com Duncan muito cedo, na sala de aula. Como disse Andrew, o trabalho começava cedo, antes que o dia esquentasse, antes que chegasse aquela parte da tarde que nenhum branco conseguia suportar sem procurar o alívio do sono inquieto num quarto escuro. Para mim, era um estranho café da manhã: frutas, mamão, manga, banana, suco de laranja, pãezinhos e manteiga já derretida, ainda que conservada nos depósitos frios da casa. Sempre havia alguns botões de flores na bandeja: hibiscos, jasmim, um raminho de buganvília. Era como se todos os brancos precisassem começar o dia com os presentes das índias, as frutas e as flores. As refeições ficavam alegres com as visitas do que Duncan chamava ladrão de açúcar, o chupamel, uma coisinha miúda, parecida com um pardal, preto com barriga amarela, que vinha audaciosamente tirar o açúcar da vasilha e bicar bananas enquanto as descascávamos. E sempre, nas trepadeiras, os beija-flores dançavam no ar, agitando as asas, procurando a doçura oculta nos botões, parecendo paralisados aos nossos olhos, tamanha a rapidez de seus movimentos. Havia outros também, especialmente a graúna negra e brilhante que

vinha sem medo à galeria, esperando pelas migalhas que Duncan espalhava. Tinha de impedir Duncan de esmigalhar pãozinhos inteiros para eles, pois sabia que tudo o que sobrava em nossa bandeja ia para os bolsos de Charity. Eu ainda era muito escocesa para ver os pássaros, ainda que fossem companheiros de Duncan, serem alimentados antes das pessoas. Estava começando a achar difícil fazer com que os hábitos de economia e perseverança dos escoceses fizessem algum sentido para Duncan. Havia muita comida, e sempre alguém para fazer todo o trabalho. Que outra espécie de vida havia lá? Por que ele teria de se incomodar em descobrir e praticar algo diferente? Ele era inteligente, obstinado, porém, mais dado à conversa do que ao estudo. Era difícil ser severa com ele; era parecido demais com meu irmão. Nas ondas de saudade e nostalgia que me invadiam, tudo o que via era o rosto daquela outra criança, o rosto de meu pai. No meio de todos aqueles confortos exóticos de Landfall, às vezes eu me surpreendia desejando o frio do presbitério escocês, o vento frio que soprava no outro lado do Atlântico.

Nossas aulas eram interrompidas no meio da manhã, quando Maria Maxwell vinha chamar o filho para acompanhá-la na inspeção da fazenda. Ele ia logo buscar as botas, o chapéu e um chicotinho que combinava com o da mãe; sua impaciência era uma parte do desânimo que sentia diante da missão de mudar o que havia nascido nele. Quando saíam, eu ficava dona de meu tempo. No primeiro dia, sentindo que as horas livres não tinham razão de ser, perguntei a Maria Maxwell se havia alguma coisa que pudesse fazer para ela.

— Entendo um pouco de contas — disse, hesitando diante do divertimento que a oferta lhe causava. — E sei costurar um pouco, também.

Ela quase riu.

— Ora, Srta. McIntyre, não precisa se incomodar. Já temos quem faça tudo isso. E além do mais... as contas de uma fazenda são mais do que simples aritmética.

Seu tom implicava claramente que aquilo era tudo de que eu podia ser encarregada.

Ela saiu da sala em seu traje cinza, com o chapéu de cordovês, Duncan correndo ao seu lado, o rosto voltado para ela, com admiração e desejo de agradá-la e interessá-la. Eles se afastavam a cavalo e, quase sempre, eu ficava observando-os da galeria: ela, montada magnificamente num cavalo cinza de crina e cauda brancas; Duncan, num pônei avermelhado, um animal inquieto e difícil para uma criança. Mas ele não deixava transparecer nenhum sinal de dúvida ou medo; se sua mãe esperava que ele montasse Ginger, ele montaria.

— Qualquer dia, ela ainda mata os dois.

Voltei-me ao som da voz de Andrew.

— Ela vai levar o menino a fazer alguma coisa fora de seu alcance, e os dois vão se dar mal.

Era difícil evitar Andrew quando ele sabia que eu estava livre das aulas.

— Ela nem mesmo leva um criado com ela. Não está certo. As mulheres brancas não devem sair sozinhas... — disse ele.

Geralmente, àquela hora da manhã, ele já estava com seu copo de rum, ou então havia um escravo pronto para colocá-lo onde o patrão mandasse. Devia ser uma tortura para ele, naqueles primeiros dias, deixar o copo de lado e mexer-se para levar-me aos jardins de Landfall, mostrando-me as árvores e plantas. Às vezes, tropeçava nelas, e ficava contrariado quando sua memória falhava. Os maravilhosos flamboyants estavam em flor, mas ele deixou-os de lado,

alegando que eram coisas comuns. Preferia a altivez escarlate do magnífico tulipeiro africano. Os nomes eram mágicos: chuva-de-ouro, cinamomo, miosótis, gerânio, o imenso pau-santo, a madeira mais pesada do mundo.

— Eu podia ganhar uma fortuna vendendo umas árvores dessas para os construtores de navios — observou Andrew.

Havia ateiras, romãzeiras, amendoeiras das índias Ocidentais, e também perpétua.

— Veneno — disse Andrew. — Tem muitas árvores venenosas nos trópicos. Os nativos usam as folhas e as sementes para atordoar os peixes. E os oleandros, cuidado. Até mesmo uma coisa cozinhada sobre a madeira do oleandro fica envenenada.

Mostrou-me os preciosos cacaueiros, sempre plantados sob a sombra do “Madre de Cacao”, cheio de flores cor-de-rosa, e também o jacarandá.

— Só se planta uma vez em vinte anos — resmungou Andrew. — Uma curiosidade botânica.

Aglaia, alamanda, flor-de-vino, como os lilases, entrelaçavam-se onde achavam espaço.

— Estamos na estação das chuvas — disse Andrew. — Elas gostam do calor e da umidade. De agora em diante, o vento vai diminuir. A época dos furacões é calma. Em novembro, vamos ter um. A cana cresce e amadurece agora e, em janeiro, começa a colheita. Não se deixe enganar por este jardim, menina. O coração de Landfall está lá naqueles canaviais...

Ele me levou para uma rápida volta pelo engenho de açúcar, onde a cana era jogada em grandes moendas para extrair o caldo. Mostrou-me os tonéis onde a garapa era fervida e o bagaço retirado; o processo de fervura era

refinado até que o rum, o açúcar e o melado estivessem prontos.

— O rum de Landfall é bom — disse ele. — Solo bom...

Deu um risinho cruel ao apontar para o grande machado que pendia na parede.

— Isso é para os escravos idiotas que dormem quando estão jogando a cana nos tambores. Quando acontece isso, o único meio de salvá-los é cortando o braço. Tem uns que fazem isso. Trabalhamos durante longas horas quando o tempo da colheita vai chegando...

Parecia um lugar sombrio, impregnado com o cansaço e o suor daqueles que trabalhavam ali; era estranhamente desordenado, se comparado a Landfall. Andrew não parecia notar isso. Ele me mostrou as trilhas do jardim que davam para o lado de sotavento onde, segundo ele, eu encontraria baías que pareciam de vidro.

— Não vou mais a esses lugares — disse. — É demais para subir na volta. Podia ir a cavalo, além dos lados de sotavento, mas também não nado mais. Eu era um nadador forte. Muito bom, até mesmo para Serpent Rocks. Não quero ficar me sacudindo como uma água-viva lá naquelas baías quentes, lembrando como era quando eu podia enfrentar as ondas de Serpent Rocks. O calor do dia é demais, mas não gosto do mar nas outras horas. Jamais gostei de sombra na água; pode ser um tubarão, ou então uma barracuda. Gosto do sol na água; preciso de calor. Antes, não ligava. É por isso que os velhos levam mulheres jovens para a cama. Esperam encontrar calor...

Naqueles primeiros dias, não vi mais Fergus e, de certa forma, estava contente por isso. Ele me desconcertava mais do que Maria Maxwell, e eu já tinha muitas coisas novas e estranhas para aprender sem tentar

pensar em Fergus, em seus silêncios, na luz que surgia em seus olhos, que podia ser desprezo por si mesmo. Porém, eu continuava atenta para ver se ele aparecia; percebia que fazia isso. Quando estávamos estudando e eu escutava um cavalo no cascalho diante da casa, precisava de toda a disciplina para ficar quieta na cadeira e não precipitar-me para o corrimão a fim de ver se era ele quem estava chegando. Mas ouvia as vozes, e era sempre Alister; Landfall não recebia visitas. Duncan sempre falava de Fergus; parecia ser profundamente ligado ao meio-irmão, o que era estranho, considerando-se a diferença de idade e o fato de que Fergus o via raramente. Duncan, porém, sabia com certeza quais as pessoas que gostavam dele. Talvez, em sua solidão, estivesse lutando para estabelecer uma camaradagem, uma identificação com um outro homem, alguém que não fosse tão cansado nem desinteressado como seu pai.

— A senhorita sabe andar a cavalo?

— Um pouco, mas não tenho roupa própria. Por quê?

Pensei nas velhas botas e na saia de sarja que poderiam ter me servido. O traje havia sido uma das extravagâncias de minha adolescência. Já não me servia mais; agora era Mary quem o usava.

— Porque quero ir até Winterslo ver Fergus.

— Você não pode fazer nada sem primeiro pedir à mamãe.

— Então vou pedir a ela. Ela deixa eu fazer o que eu quiser.

Ele não me disse que o pedido havia sido recusado, mas eu sabia que sim, porque, durante um dia, ficou emburrado; além disso, no dia seguinte, quando a mãe veio buscá-lo, ele foi, petulante, pegar o chapéu e o chicote.

Alister era meu amparo naqueles primeiros dias, a única figura normal naquela casa. Se não fosse por ele, não sei como teria aguentado aqueles jantares em que Maria Maxwell irradiava todo o brilho de sua beleza, falando, rindo e flertando com uma falsidade que tinha o efeito de gelo no coração. Sem Alister, acho que as refeições correriam em silêncio, e eu apagaria as velas no meu lado da mesa e simplesmente desapareceria. Alister, porém, conversava comigo como se eu existisse, como se eu fosse uma pessoa, e não apenas uma figura, uma governanta. Tinha um tato impressionante; havia histórias divertidas de sua infância, quando o Príncipe Regente estava no auge de suas loucuras.

— O banco de meu pai nunca emprestou dinheiro para o Príncipe. Ele preferia renunciar ao título de baronete do que perder o dinheiro.

Contou que, por duas vezes, havia visto a Princesa Vitória, a jovem que um dia seria rainha, passeando no Hyde Park.

— Não era exatamente bonita, mas tinha um ar doce — disse ele. — Deveria ter mais ânimo, mas dizem que a mãe dela, a Duquesa, não lhe dá a mínima liberdade. Coitadinha...

Foi a primeira pessoa que ouvi expressando pena por alguém que um dia seria monarca; aquilo me fez sentir que ele via mais igualdade nas mulheres do que muitos homens.

Prudentemente, ele fazia Maria falar. Especialmente quando já havia bebido muito vinho, ele costumava contar umas velhas histórias da ilha. Quem casou com quem, e por que, e por que esta ou aquela propriedade havia sido perdida ou ganha. Havia histórias de jogos de cartas que duravam uma semana, e dos quais os homens saíam mendigos ou então ficavam riquíssimos apenas com uma

centena de acres de canaviais; parecia um acordo silencioso entre os brancos, e eles nunca falavam abertamente do mal e do perigo que os negros representavam, como se o medo tivesse de ser controlado. Não havia histórias de coisas como a que havia acontecido com o pai de Andrew, nem mesmo quando não havia nenhum escravo por perto. Não havia histórias das noites em que certas casas grandes que vi recortadas nos montes, em ruínas, haviam sido incendiadas. Porém, havia sempre a sensação de ficar olhando por cima do ombro.

Também havia ocasiões em que, já um pouco alta, Maria se gabava de seus antepassados, dando, implicitamente, sua opinião sobre a inferioridade dos Maxwell.

— Os Medina são grandes na Espanha. A propriedade de San Francisco é uma concessão original de Fernando e Isabel.

San Francisco era a propriedade de sua família.

— San Francisco? Não é mais que três acres, uma porcariazinha — respondeu Andrew, tomando seu vinho com prazer.

Ela o fulminou com um olhar que calaria qualquer homem.

— San Francisco já foi metade da ilha de San Cristóbal. Foi roubada, roubada pelos ingleses.

— Seus homens eram muito fracos para mantê-la, minha querida. O sangue espanhol se deteriorou. Eles já estão há anos nas índias, mas nunca aceitaram esse lugar como um lar. Vivem como exilados, sem nunca aceitarem o que é deles, agarrados a uma tradição caquética. E aquelas partidas de cartas... não foi assim que San Francisco se foi?... Cem acres aqui, cinquenta ali...

Os olhos de Maria eram ódio puro.

— Às vezes, aparece uma geração que não conhece a fraqueza... alguém que sabe como recuperar as coisas perdidas...

Ele não estava prestando atenção.

— Que bom que Colombo era italiano — Andrew divagava. — Se não essa conversa de Espanha nunca ia acabar.

— Mas os espanhóis foram espertos para financiar as viagens de Colombo — interveio Alister, rapidamente, apagando o fogo que começava a alastrar-se. — Os banqueiros genoveses não pensavam como Isabel. São ideias como essas que fazem com que os banqueiros se mantenham humildes.

Ele inclinou a cabeça, numa penitência zombeteira. Maria estava um pouco mais calma e, mais uma vez, fiquei maravilhada com sua habilidade.

No entanto, Alister tinha mais o que fazer, além de dar vida às refeições. Ele não parava, ia a Santa Marta a toda hora, a negócios de que nunca falava. Fosse o que fosse, era algo que perturbava Maria. Frequentemente, ela se referia a essas viagens, perguntando-lhe, provocadora, quais eram as novidades da cidade, como se esperasse descobrir aonde ele havia ido. E ele sempre tinha uma história pronta para contar-lhe, uma coisinha ouvida no clube de Lawrence ou na galeria do Royal. Não conseguia convencê-la completamente de que passava o tempo todo naqueles dois focos de mexericos, mas, pelo menos, fazia o possível. E, quase sempre, havia um presentinho para Maria, comprado na melhor loja de Santa Marta, a de Rodriguiz: um leque, um diáfano corte de seda para fazer uma estola, os últimos números de revistas londrinas que, naturalmente, já tinham alguns meses. Mas eu sabia que

ele não fazia isso porque tinha tempo a perder com Rodriguiz, e sim porque queria que Maria pensasse assim. Acho que ninguém acreditava; Alister Maxwell nunca havia perdido tempo em sua vida.

Quando Alister saía, não ia somente a Santa Marta. “Preciso de exercício”, era tudo o que dizia. Mas de manhã bem cedo e à tardinha, quando as sombras começavam a cair, eu o via tomando as trilhas da saída de Landfall. Às vezes, levava comida, e passava o dia todo fora. Maria nunca obtinha muitas respostas quando perguntava o que ele fazia naqueles dias.

— Fico passeando, olhando as fazendas. De vez em quando, acho uma enseada e nado um pouco. É por isso que os médicos recomendaram que eu viesse para cá...

E acrescentou, com um toque irônico de humor:

— As pessoas estão começando a se acostumar a me ver nos lugares mais estranhos. O louco que veio de Londres, doido o bastante para se expor ao sol desse jeito. Às vezes, acho que transponho os limites das propriedades, mas parece que ninguém se importa. Sou até convidado para tomar alguma coisa nas casas grandes. Não sei se é falta de companhia ou simples curiosidade, mas as senhoras de San Cristóbal adoram conversar...

— Ah, aquelas lá... mexericos, é disso que elas gostam — declarou Maria. — Só querem saber o que está acontecendo aqui em Landfall. Ninguém vem aqui, elas devem achar um mistério. Além do mais, elas têm todo o tempo do mundo para mexericar. Um bando de inúteis...

— Mas a senhora sua mãe não está entre elas — disse Alister, divertindo-se visivelmente com sua veemência. — Outro dia, pensei que já era tempo de apresentar meus respeitos a Dona Isabella, e então fui até San Francisco. Sabe, já passei por lá várias vezes, mas nunca achei que

fosse uma boa hora...

— Então quer dizer que você foi a San Francisco! — Maria parecia atônita. — Devia ter me contado. Eu mandava um recado. Eu mesma levava você até lá...

Mais uma vez, apareceu no rosto de Alister, aquele sorriso oblíquo que não dizia nada.

— É, seria bom se você fosse. Nunca cheguei a me encontrar com a senhora sua mãe. Ela é muito chegada a um mosquete, ou rifle, ou qualquer coisa que atire. Não esperei para descobrir. Ela mirou muito bem. Não para acertar, só para avisar, acho.

Maria ficou vermelha.

— Mil perdões, Alister. Ela nunca teria feito isso se soubesse que era você. Mas são três mulheres sozinhas lá em San Francisco, ela e minhas irmãs. São poucos escravos também, e não se pode confiar em nenhum para dar... Às vezes, minha mãe vive no passado. Como se lá ainda tivesse coisas para proteger. Ela está velha, sua cabeça divaga um pouco.

Alister deu de ombros.

— Mas a pontaria não. Não tem problema. Eu não tinha nada que chegar sem avisar. Espero poder apresentar minhas desculpas.

Andrew riu alto com a história.

— Ela continua a mesma megera velha e brigona. Uma perita no gatilho, no chicote e na língua!

Também havia as manhãs em que Maria saía com Duncan e eu ouvia a voz de Alister no escritório onde os negócios da propriedade eram administrados; era uma parte dividida da galeria interna, nos fundos da casa, cheia de livros-razão e diários. Alguns, que Andrew me mostrou

com orgulho, eram os livros de Winterslo, com letra de sua mãe. Naquela sala trabalhava um rapaz indefinível, chamado Fellowes, que parecia viver num eterno alternar de ódio e medo em relação à patroa. Maria ia lá todas as tardes depois da sesta; às vezes, ouvíamos suas vozes na sala de aula. A dele, baixa e, na minha opinião, servil; a dela, atingindo uma estridência que era ouvida no salão. Frequentemente, ela o chamava de estúpido e idiota; sua figura curvada sobre os livros era, para mim, mais um símbolo de Landfall. Ele parecia trabalhar nas horas mais estranhas possíveis. Às vezes, ficava pouco tempo; outras, até tarde da noite, mas nunca era convidado para jantar ou para tomar um copo de vinho. Mesmo assim, seu olhar, como o de um cão, seguia a patroa com uma espécie de adoração sem esperança; é claro que ela estava consciente disso e recebia tudo com aquele seu desprezo que era uma tortura. Fellowes me parecia uma das tragédias típicas das índias: o jovem inglês sem dinheiro que vem em busca de fortuna, chega muito tarde e é obrigado a passar a vida numa casa de quarto e sala, com uma minúscula varanda, não muito longe das senzalas, fazendo as refeições sozinho na sala perto da cozinha e sem encontrar nenhuma branca com quem se casar, porque, a menos que tenha sorte nas cartas ou entrada nos clubes, estará condenado a uma casinha, em qualquer fazenda, para o resto da vida. Provavelmente, vai morrer cedo. Não tem amigos, a não ser o rum e um dos escravos mais claros.

O que me interessava era o direito aparente que Alister tinha de entrar no escritório a qualquer hora, com ou sem Fellowes, e de abrir os livros. Ele quase sempre fazia isso quando Fellowes não estava, durante a sesta ou na hora em que o rapaz ia inspecionar os depósitos e equipamentos, ou ia até Santa Marta para encomendar o que faltava na fazenda. Descobri que Alister, como eu, não gostava muito da sesta e, às vezes, no passeio que dava

depois do almoço, antes de ceder à tentação do quarto escuro, eu passava pela galeria externa e via-o lá, sentado na escrivaninha. Às vezes, ele ouvia meus passos e erguia a cabeça para cumprimentar-me; outras vezes, estava muito concentrado, e eu passava sem ser notada. Também havia as vezes em que a própria Maria violava o costume sagrado da sesta e ficava com ele no escritório, após o almoço. Mas nessas ocasiões, sua voz não tinha o mesmo tom que usava com Fellowes. Era baixa e lenta, esclarecedora; ela ria de alguma despesa, como se quisesse adulá-lo. Eu ia para o quarto e, mais tarde, ouvia seus passos na escada; muito mais tarde, ouvia os de Alister. Notei que, nas noites que se seguiam a essas sessões, ela se empenhava mais do que de costume em encantá-lo. Andrew Maxwell não fazia nada, não dizia nada. Não perguntava nada sobre a administração de Landfall, e nem virava uma só página dos livros. A vontade e a energia o haviam abandonado; ele parecia vagar, limitando-se a esperar a chegada do dia seguinte.

Há certas coisas que as governantas aprendem, e eu pensava ter aprendido tudo: a conter a língua, a esperar, exatamente como Andrew. Na teoria, eu sabia de tudo; em Landfall, eu transgredia as leis. É um risco que leva à vitória e a uma certa ascensão, ou então ao desemprego. Naqueles primeiros dias, eu realmente não me importava em ser dispensada; não me importava, a não ser por Duncan.

Talvez fosse porque as noites pareciam excepcionalmente quentes, “época de furacão”, declarou Andrew ao jogar-se na cadeira para o jantar. O vestido de fustão, o melhor que eu tinha, havia sido entregue a Charity para lavar, voltando como um pobre sobrevivente; agora, eu tinha de usar o segundo melhor vestido de verão. Na Escócia, nunca se precisa de mais de dois vestidos “melhores” de verão. Foi assim que, naquela noite, sofri

durante a refeição, com uma roupa fechada até o pescoço. Sentia o suor na testa e, por uma ou duas vezes, tive de enxugar os olhos. O vinho continuava a ser servido e, desesperada, eu bebia, o que aumentava mais o calor. Escutava Maria flertando com Alister, e não tinha condições de tentar roubar uma parte da conversa para mim. No final, já não aguentava mais. Quando Maria levantou-se, fiz o mesmo, com uma velocidade que surpreendeu o escravo atrás de mim. Deslizei pelo chão encerado e choquei-me contra a parede. Não, pretendia agir com tanta violência, mas aconteceu; comigo era sempre assim.

— Sra. Maxwell... — a apatia de Andrew foi abalada pelo meu tom, — Sr. Maxwell, eu gostaria de falar com os senhores...

No mesmo instante, Alister levantou-se.

— Com licença, vou deixá-los a sós.

— Não!

Com um sinal de cabeça, Maria mandou Dougal afastar todos os escravos. Eles saíram silenciosamente; pelo menos, estavam fora do alcance de nossos olhos, mas sabíamos que estavam esperando no *hall*, escutando, escondidos pelas sombras. Eles sabiam esperar em silêncio e escutar. Estavam longe de nós, mas sabíamos que estavam lá.

Maria retornou seu lugar; seu movimento calmo fez o meu parecer exagerado e absurdo.

— Por favor, Alister, não saia. Como membro da família, estou certa de que o que a Srta. McIntyre tem a dizer pode ser ouvido, por você.

— É que...

Estava me sentindo perdida e boba; que tolice fazer uma cena durante o jantar, só porque estava com calor,

quando algumas palavras com Maria, de manhã, teriam, provavelmente, tido os mesmos resultados. Mas eu estava consciente de sua preocupação, em manter a dignidade diante dos homens.

— Muito bem... — sinto ter de falar na frente de Alistar, porque é uma coisa tão boba... é que preciso de um adiantamento de salário. E já.

Maria levantou as sobrancelhas.

— É mesmo? E por quê? Será que a senhorita não tem de tudo aqui em Landfall? Alguma queixa? Se, de alguma forma, faltou algo a senhorita, pode ter certeza de que Charity vai ser castigada...

Joguei a cabeça para trás e ri. Uma risada que não poderia acreditar ser minha; então era verdade que o vinho, os trópicos e o calor afetavam a cabeça? Ouvi aquela estranha risada.

— De que adianta castigar Charity pelo que não pode fazer? Olhem para mim, olhem! — Puxei a gola alta do vestido — estou morrendo!! Estou sufocando! Cheguei há duas semanas com roupas próprias para o inverno escocês, e sem dinheiro para comprar outras. Preciso de outros vestidos de algodão. Eu mesma faço, mesmo que o resultado não fique de acordo com Landfall e seus padrões. Ou talvez... — então passei dos limites, olhando diretamente para Andrew — talvez o senhor prefira que eu desça de camisola.

Era o fim; claro que era o fim. Na manhã seguinte, eu iria embora de Landfall. Havia dito tudo o que me passou pela cabeça, havia feito um escândalo e talvez não estivesse arrependida. Talvez deixar Landfall não fosse tão mal assim.

— Meu Deus! — gritou Andrew. — Menina, será que você é tão boba a ponto de não ter falado antes? Eu falei

com você. Quando foi mesmo? Para usar roupas mais leves — ele apontou o dedo para mim. — Eu queria falar isso com você, todo o dia eu lembrava, mas acabava esquecendo. Mais uma semana metida nessas roupas e você morre. Algodão... Deus do céu, você tem de usar algodão todos os dias, com esse tempo. Maria, por que é que você não tomou nenhuma providência? Ela tem de usar seda, também. Você tem de ficar bonita. Seda... isso mesmo, seda. Leve como um vagalume. Seda azul e seda verde, para combinar com seus olhos, menina. E seda laranja, para o cabelo...

Era evidente que estava bêbado. Encarei-o, atordoada, as mãos agarradas à mesa, porque estava com os joelhos bambos. De repente, ele se levantou, sua cadeira deslizou como havia acontecido com a minha, e apareceu uma grande mancha de vinho no babado de sua camisa. Ele estava ao meu lado, agarrando meu braço, machucando-me. Lembrei-me, em meio àquele caos, do modo como havia segurado meu braço no dia em que cheguei a Landfall.

Fui empurrada para fora da sala de jantar; ouvi uma espécie de protesto de Maria, mas ela parecia tão espantada quanto eu. Como era de se esperar, as portas da sala de jantar abriram-se quando Andrew passou me arrastando. Os escravos haviam escutado cada palavra do que havia sido dito.

— Suba, suba.

Andrew arrastou-se escada acima, apoiando-se pesadamente em mim. Quando chegamos ao patamar e nos voltamos, vi Maria e Alister ao pé da escada, observando-nos. Por uma vez, aquela mulher parecia ter perdido a frieza. Seus olhos ardiam de fúria.

— Andrew, o que é que você vai fazer? Perdeu a cabeça?

O inglês era perfeito, mas a força da emoção era espanhola.

— Ah, cale a boca, mulher! Ainda sou o dono de Landfall, não sou?

Havíamos chegado aos altos armários onde ficava guardada a roupa de cama e mesa da casa. Eu não poderia imaginar que Andrew tivesse as chaves de lugares como aquele, mas a noção de propriedade ainda não havia morrido completamente dentro dele. Foi até o último armário, mexendo num molho de chaves, experimentando várias antes de achar a certa, como se já fizesse muito tempo que não as utilizava. Enquanto fazia isso, vi que Maria e Alister haviam subido até o patamar, contendo-se, mas prontos, como se esperassem que Andrew fizesse alguma coisa de errado.

Finalmente, as portas do armário foram escancaradas. Nas prateleiras havia rolos de tecidos cuidadosamente dobrados: algodão cru, algodão estampado, musselina suíça, tecidos para uma senhora, nada que servisse para os escravos. Do outro lado, porém, ficavam as sedas, rolos de sedas, ao que parecia, com a textura brilhante e cara destacando-se na escuridão da noite. As mãos de Andrew estenderam-se para pegá-las, com o ímpeto de um bêbado. Elas caíram ao chão, à nossa volta, desabando como um arco-íris, uma loucura de cores e sensualidade. Ele pegou uma e cobriu-me os ombros.

— Seda para você, menina! Seda para você. Mais do que uma mulher pode sonhar em usar. Aqui, pegue sua parte. Foi comprado por Landfall. Pertence a Landfall!

Só tive forças para fazer um sinal. Peguei um dos rolos e tornei a dobrá-lo apressadamente, não muito bem, mas, pelo menos estava arrumado. Recoloquei-o no lugar.

— Isso pertence à mulher para quem o senhor

comprou, e a mais ninguém.

Com isso, voltei-me e deixei-o. Não fui para meu quarto. Os quartos de Landfall são muito acessíveis. Em vez disso, desci as escadas, passando por Maria e Alister sem dar uma palavra. Meus sapatos batiam nos degraus. Os escravos afastaram-se automaticamente quando cheguei ao *hall*. Ao dirigir-me para a porta, aos tropeções, ouvi o berro de Andrew, alto e sofrido, como se estivesse sóbrio:

— Menina, desculpe! Volte aqui, volte...

Ao ver que não lhe dei atenção, deve ter corrido para a galeria, procurando enxergar na escuridão do jardim. Ele não podia me ver correndo pela primeira trilha que me apareceu pela frente. Mas sabia que eu estava ali fora, e estava espantado de ver que suas desculpas não me fizeram voltar imediatamente. Sua voz encobriu o coro das cigarras, gritando na escuridão:

— Menina, volte! Estou pedindo desculpas. Droga! Estou pedindo desculpas!

II

Alister encontrou-me no alto de uma rocha acima de uma trilha que levava a uma das enseadas de Serpent Rocks. Não sei como consegui ir tão longe, mas de repente eu estava lá, ouvindo as ondas rebentarem, vendo as águas brancas e revoltas se precipitarem perigosamente acima de mim. Parecia o fim da linha; não podia ir mais longe, e todo o Atlântico se estendia diante de mim, levando-me para casa e para as coisas familiares. Ali, com o estrondo das ondas contrastando com o brilho calmo da noite tropical e das estreias, envolvi os joelhos com os braços e escondi o rosto, molhando de lágrimas o maldito vestido de lã. Eu chorava, mas o barulho das ondas abafava minhas lágrimas, e também o ruído dos lagartos, o dos caranguejos

e das mil criaturas que habitam a noite tropical. Eu chorava, esquecendo de ficar com medo daquelas criaturas à minha volta; parecia fácil chorar em Landfall, eu que havia chorado tão pouco em minha vida. E quando as lágrimas acabaram, sobraram apenas a imobilidade e a miséria silenciosas. Odiava Andrew Maxwell pela crueza do que havia feito e me odiava por ter tomado parte daquilo, por ter permitido que começasse. Odiava todos em Landfall, mas aquilo não tinha a mínima importância, porque eu partiria na manhã seguinte. Não, não tinha importância. O ódio é um sentimento corrosivo e, pelo resto de minha vida, eu me lembraria com vergonha daquela noite.

Alistar estava quase ao meu lado, mas, por causa do rebentar das ondas, não o ouvi chegar.

— Fiona...?

Vi que seu rosto estava sombrio, e minha vergonha aumentou ainda mais. Mas eu estava contente por ser ele, por não terem mandado um escravo para procurar-me, o que teria sido humilhante.

— Estava procurando você — disse. — Eles iam mandar os escravos, mas achei que isso podia...

Ele não sabia bem como dizer aquilo.

— Achei que podia assustar você.

— Foi bondade sua.

Forcei-me a encará-lo, a dizer o que tinha de ser dito e acabar logo com aquilo.

— Fui uma tola. Estou envergonhada. Uma cena lamentável.

— Chega de falar nisso.

Ele se arrastou, subiu na rocha ao meu lado e ficou

ali, os joelhos encolhidos como os meus, como se fosse a coisa mais natural do mundo um homem elegante como ele instalar-se naquele matagal quente sobre a enseada, conversando com uma governanta boba e chorona.

— Não tem nada que se censurar. Era natural. Eu também estou envergonhado de não ter impedido aquele idiota do Andrew Maxwell fazer aquilo com você... imperdoável. Mas, apesar do rum e dessa coisa que ele fuma, às vezes fico imaginando se ele é normal. Mas também não me perdoo por ter deixado isso acontecer.

Senti minhas mãos apertarem ainda mais os joelhos.

— Mas foi um erro escolher àquela hora. Eu devia ter falado em particular com a Sra. Maxwell. Mas é que estava tão quente... e mais o tempero. Mas isso não é desculpa. Eu devia ter me controlado.

— E a Sra. Maxwell devia ter percebido suas necessidades no instante em que você chegou a Landfall. Para dizer a verdade, meus sócios deviam ter pensado nisso e feito um adiantamento. Foi humilhante para você. Eu mesmo devia ter feito alguma coisa, mas um homem fica sempre em dúvida em se meter nos assuntos femininos, e eu esperava que Maria já tivesse providenciado alguém para fazer roupas para você. Pobre Fiona... é de desesperar, não é? É o calor? Época de furacão, como diz Andrew. Ou é só Landfall?

— Isso, vou saber logo, logo, porque agora, é claro que vou ter de ir embora. Vou partir amanhã. Em Santa Marta deve ter algum lugar onde eu possa ficar, e acho que deve ter emprego também. Talvez você pudesse... você deve conhecer pessoas em Santa Marta...?

Sua mão estava sobre mim.

— Você não pode ir embora de Landfall. De jeito nenhum. Nunca havia ouvido aquela voz calma ficar tão

intensa. Dei de ombros.

— Que escolha tenho eu? Como é que posso ficar aqui? A Sra. Maxwell vai tomar todas as providências para que eu já esteja longe ao meio-dia.

— Maria não vai fazer nada. Não será permitido. Não é permitido. Acha que isso ainda não foi decidido? Acha que não discutimos a situação? Você vai ficar.

— Não tem muita importância se vão ou não permitir que eu fique. Não posso ficar. Fiquei perturbada e fiz papel de boba. Sabe, sou orgulhosa. O que me resta, a não ser ir embora?

Voltei-me para ele; seu rosto estava sério, atento, as sobrelanceiras juntas, demonstrando preocupação. Tudo me era revelado no brilho da noite, na luz que as ondas jogavam para cima ao rebentarem.

— É uma situação insustentável.

— Nada é insustentável quando se tem vontade de sobreviver. Precisamos de você em Landfall.

— Que bobagem! Ninguém precisa de mim.

— Duncan precisa.

Será que, apesar do calor, ele sentiu meu tremor? Como podia saber, como podia ter tocado no meu ponto vulnerável? Ele não podia nem imaginar aquele momento no pátio de Silkirk, a visão de que eu havia tentado escapar, só para encontrá-la novamente em Landfall. Tomei a ver Duncan e senti frio, apesar do calor e do vestido de lã.

Ele sabia o que significava meu silêncio.

— Se você for embora, quem é que vai ajudar Duncan aqui em Landfall? Como é que você pode ir sabendo do que ele precisa?

Não havia o que responder. Ele não conhecia a

verdadeira razão de minha permanência. Só sabia que eu ficaria.

Ele segurou minha mão para levantar-me.

— Vamos, temos de voltar. Você vai cair no meu conceito se não voltar e ficar.

Deixei-o conduzir-me pela trilha sinuosa que levava aos jardins da casa; agora, ele conduzia meus passos pelo caminho por onde haviam seguido sozinhos. Estava fraca, exausta, incapaz de resistir. Quando chegamos perto da casa, não havia escravos para anunciar nossa chegada. Alistar continuava a conduzir-me; meus cabelos estavam soltos, o corpo e o vestido ensopados de suor. Subimos as escadas e fomos para a galeria. Só havia uma luz. Andrew Maxwell estava sentado na galeria interna, quase perdido na escuridão. Não disse nada, mas sua cabeça inclinou-se ligeiramente quando passamos. Se era um pedido de desculpas, era o máximo que conseguiria. No *hall*, acendeu-se uma fila de velas. Quando nos aproximamos do quarto, a porta abriu e Charity apareceu.

— Vem, patroa... precisa descansar.

E, pela primeira vez, conheci a sensação de abandonar-me aos braços habilidosos prestativos de uma negra.

III

Minha exaustão foi além da primeira luz da manhã, além do canto do galo. Foi até além do sino que chamava os escravos para os canaviais, porque, naquela manhã, não o ouvi tocar. Não ouvi o barulho dos pés descalços de Andrew Maxwell na galeria. O que me fez acordar foi o barulho de seus punhos batendo nas venezianas.

— Acorde, menina, acorde! Temos de começar a nos

mexer cedo. Temos de chegar a Santa Marta antes que o calor aumente. Levante-se...

Charity chegou com a água e abriu parcialmente as venezianas, só para silenciar o patrão.

— A patroa está levantando. O senhor espera, vai fazer qualquer coisa.

Somente uma risada rouca seguiu-se a seu atrevimento.

Naquela manhã, não dei aula para Duncan. Antes de terminarmos o café da manhã, ouvi o barulho da carruagem no caminho; Andrew estava diante de nós, com suas roupas branquíssimas, uma faixa de seda vermelha, a barba aparada e penteada, os cabelos perfumados.

— Vamos — disse. — Não temos tempo a perder.

No mesmo instante, ele franziu as sobrancelhas.

— Onde é que está o que mandei preparar para hoje de manhã? Você não pode ir a Santa Marta usando isso.

Eu estava com uma blusa fina de flanela de algodão, que havia encolhido de tanto ser lavada; estava apertada debaixo dos braços e parecia que desabotoaria ao primeiro movimento que fizesse.

— Charity... droga, Charity! Vou mandar chicotear você até...

— Aqui, patrão, aqui — sua dignidade diante da provocação era impressionante. — Acabou agora. As coisas não são feitas em cinco minutos. Mas pronto, como o senhor diz,

Ela estava com uma peça de roupa nas mãos e estendeu-a para mim. Era uma blusa magnificamente bordada, leve como uma brisa, cheia de babados, franzidos e pregas. Não podia nem imaginar quantas mulheres

havam trabalhado toda a noite para aprontar aquilo, enquanto eu dormia.

— Vamos, menina, vista isso e vamos embora. Já está ficando quente.

Quando me afastava com Charity, ouvi os argumentos de Duncan:

— Eu também vou, não vou, papai?

— Não, meu filho. Hoje é o dia da Srta. Fiona. Temos de comprar coisas para ela.

— Mas papai, eu quero ir também. Só uma vez, deixa eu ir com vocês, deixa?

A caminho de meu quarto, ouvi a longa pausa. Depois, a voz de Andrew, abafada, como se estivesse engasgada:

— Meu filho — outra longa hesitação. — Não, não tem sentido ela ficar com você o tempo todo. Vá, vá pegar seu chapéu. Depressa.

IV

Foi um dia diferente de todos os outros de minha vida. Caos, excitação, conversa, discussão e o cansaço final. Tudo isso combinado com o calor intenso da cidade agitada, à medida que o sol ficava alto, quando recebíamos satisfeitos a brisa que às vezes soprava da praia e as sombras das marquises que protegiam as calçadas do sol e das chuvas inesperadas e passageiras. Alister havia ido conosco de carruagem até Santa Marta, mas quase não falou durante a viagem e separou-se de nós logo que chegamos.

— O que está acontecendo, Alister? Está com medo dessas coisas de mulher? Não gosta de ser visto fazendo

compras com uma mulher?

Alister sorriu, indolente.

— Claro que não. Mas gosto muito de política para me envolver com escolhas. Não, deixe Srta. Fiona se divertir. Você sabe, primo Andrew, panela em que muita gente mexe a colher... Podemos nos encontrar no Royal para almoçar?

Porém, apesar do que Alister pensava, eu não tive muita escolha. Fomos para a loja de Rodriguiz depois de deixar Alister no clube de Lawrence. Andrew limitou-se a ficar na porta, piscando os olhos por causa da claridade, batendo com a bengala no chão. Na mesma hora, apareceram o gerente e um vendedor.

— Ah, que bom ter o senhor aqui, Sr. Maxwell. Ultimamente, tem sido raro o senhor se arriscar a sair de Landfall. Não é sempre que Rodriguiz tem a honra de receber o senhor, embora o Sr. Alister Maxwell apareça sempre...

Andrew ignorou as gentilezas.

— Chega de conversa, Álvarez. Temos mais o que fazer. Primeiro, traga umas cadeiras, homem! Será que você acha que vou ficar em pé com esse calor? Essa é minha parenta, Srta. Fiona McIntyre. Queremos tomar alguma coisa, por favor. E faça-me o favor de botar alguma coisa que valha a pena beber no meu copo...

— Naturalmente, Sr. Maxwell. Já, já.

Álvarez bateu palmas, agitado.

— Ah, ah, bem-vinda a San Cristóbal, Srta. McIntyre. Eu tinha mesmo ouvido falar de um parente que tinha chegado a Landfall...

Andrew jogou-se numa cadeira de bambu e bateu

com a bengala, sério.

— Álvarez, eu disse que já chega de conversa! Precisamos de certas coisas, e não temos o dia todo a perder. Minha parenta, a Srta. Fiona, não teve tempo de se preparar para a viagem e chegou sem roupas próprias para o clima daqui. Ela precisa de tudo. Tudo, está entendendo? Então mexa-se e traga a bebida!

Álvarez, com a perspicácia de um gerente, sabia qual era minha posição em Landfall, e sabia também que governantas não devem competir com os patrões. Assim, com rápidos gestos, tipicamente espanhóis, os ajudantes foram chamados e as bebidas colocadas diante de nós; Duncan foi cumprimentado, e perguntou-se pela saúde da Sra. Maxwell. Aos estalos de seus longos dedos, os rolos de tecidos adequados foram indicados e trazidos até nós. Era o que eu esperava, as coisas apropriadas, algodão liso, roupa branca de serviço, os tecidos resistentes, escolhidos a dedo para minha profissão. Andrew rejeitou tudo sem consultar-me.

— Meus Deus, criatura, ela não é uma freira! Olhe para ela!

Violentemente, ele bateu com a bengala nos tecidos magenta e verde escuro, e vários rolos caíram no chão. Duncan explodiu numa risada histérica de criança.

— E por que é que você está rindo, droga? — falou Andrew, já sem paciência. — Só trouxe você com a condição de não amolar. Você quer ver a Srta. Fiona vestida com esses trapos?

— Não, eles são feios.

Seu rosto contorceu-se em sinal de desaprovação; ele remexeu-se na cadeira e depois caminhou solenemente até o balcão, seguido por Álvarez e um ajudante, muito sérios.

— Gosto disso e disso e disso. E daquela coisa ali, aquela que parece com o interior de uma concha...

Estava além da minha imaginação; o velho e a criança pegando os algodões delicadamente estampados, as musselinas enfeitadas de bolinhas, as cambraias finíssimas. Parecia mais um enxoval de noiva, e era completamente incoerente com minha posição em Landfall.

Enquanto Álvarez estava orientando um ajudante para subir numa escada e pegar um outro rolo de tecido, inclinei-me para Andrew e sussurrei:

— Sr. Maxwell, não posso permitir isso. É um absurdo! Onde já se viu uma governanta vestida com coisas como essas? Eu teria de trabalhar dez anos para pagar tudo. O senhor esqueceu quem eu sou? Está tentando me transformar numa espécie de pavão?

— E se estiver? — gritou ele; caí na cadeira, chocada.
— E quem é que falou em pagamento?

O terceiro copo de rum estava no balcão ao seu lado; ele parecia emburrado, do jeito que Duncan às vezes ficava, quando era contrariado.

— Será que um homem não pode ter um prazer em sua vida? Não gosto de ficar olhando esses trapos...

Ele parou e ficou olhando para um homem que se aproximava, inclinando-se para mim. Já tinha uma certa idade, era magro, com a barba e o bigode aparados de acordo com a moda.

— Muito bem, Rodriguiz — disse Andrew, irritado — você continua aumentando o preço de tudo, ao que parece.

— Ah, Sr. Maxwell, o senhor continua fazendo brincadeiras. Bem-vinda ao nosso estabelecimento, Srta. McIntyre. E, quanto aos nossos preços, Sr. Maxwell, o senhor bem sabe que qualidade nunca custou barato.

Qualidade por dinheiro, sempre, como já sabe a senhora sua esposa, que é nossa cliente há muitos anos.

— Você fala demais, Rodriguiz. Bem, acho que isso faz parte do negócio — Andrew ergueu a bengala, para indicar a loja toda.

— Você está com umas mercadorias bem finas. Deve ter gente que ainda fica gastando dinheiro, mesmo com essa conversa de emancipação. Vamos ficar todos pobres...

— O senhor mesmo está gastando um pouco, Sr. Maxwell. O senhor não consegue acreditar muito na emancipação. E, é verdade, ainda existe dinheiro em San Cristóbal, louvado seja Deus. Há duzentos anos que negociamos rum e açúcar, e não acredito que amanhã isso vá acabar.

— Sempre negociamos com o trabalho das peles negras — disse Andrew, apontando para a jovem negra que espanava os balcões e levava os copos usados por outros clientes para os fundos da loja. — Quando isso acabar, quando eles tiverem o direito de nos dar as costas, a não ser que sejam pagos, estaremos todos acabados.

Rodriguiz inclinou-se novamente, um sorriso fraco e descrente tentando abrir os lábios finos.

— Então, que esse dia esteja bem longe, tanto para Rodriguiz quanto para Landfall.

E virou-se para mim, encerrando a discussão.

— Qualquer coisa de que precisar, Srta. Fiona, estou inteiramente à sua disposição.

Depois, mais vagarosamente, caminhou para uma das muitas portas com arcos que davam para a rua, as mãos nas costas, cumprimentando quase todos os brancos que passavam, um homem tão dependente como qualquer outro do trabalho dos negros, cuja presença ele nem parecia

notar.

Parei de analisá-lo, porque, mais uma vez, Andrew estava rejeitando violentamente algo que uma jovem estava lhe mostrando. Era uma moça bem bonita, ativa, com uma pele quase branca e os cabelos lisos e brilhantes; devia ter pouco mais de 20 anos. Devido à cor da pele, devia ter um oitavo de sangue negro. Ela podia atender os clientes brancos e talvez fosse até usada por Rodriguiz para tentar seus clientes homens a comprar coisas que não quisessem. Rodriguiz era bem esse tipo.

Mas agora Andrew estava agitando a bengala violentamente, em sinal de recusa ao que ela nos mostrava: uma série de espartilhos, todos bordados e amarrados com fitas.

— Não, ela não quer nada disso. Não precisa. Pelo amor de Deus, olhe para ela, mulher. Você quer metê-la nessas coisas, para ela sufocar.

— Estou olhando, sim, Sr. Maxwell — respondeu a moça, com um movimento petulante de cabeça. — Não consigo imaginar a Srta. McIntyre usando um vestido sem alguma coisa desse tipo...

Andrew imaginou a situação na mesma hora, talvez se lembrando da esposa: os seios empinados realçados pelos corpetes ligeiramente justos.

— Está bem, está bem, estou entendendo. Então, vamos em frente.

— Ela vai ter de experimentar, senhor...

Andrew ainda estava resmungando por causa da perda de tempo quando a moça me levou para cima, para uma das cabinas que se abriam para a galeria superior da loja. Não havia clientes ali; as portas de caixilhos estavam abertas para que o ar entrasse, e havia um grande biombo

para proteger os clientes, caso aparecesse algum vendedor.

Como Álvarez, a moça sabia qual era minha posição em Landfall. A não ser pela cor, eu tinha poucas vantagens a mais do que ela, no que dizia respeito a dinheiro. Ela me tratava com uma certa arrogância realista que reconhecia tanto sua posição quanto a minha.

— Você tem sorte — disse, ao ajudar-me a experimentar o primeiro espartilho. — O Sr. Maxwell está com vontade de comprar.

Ela fez um movimento de cabeça, que vi através do espelho.

— Bem, pelo menos você tem alguma coisa para botar no espartilho. Devia ver só umas que vêm aqui, querendo que a gente faça nascer peito num passe de mágica. O Sr. Maxwell ia apreciar uma coisa dessas. Você tem sorte porque a Sra. Maxwell não veio. Eu também. Ela pergunta três vezes o preço das coisas e sempre quer desconto, e aí eu fico sem comissão.

— Não vou falar de meus patrões — disse eu, sentindo o rosto ficar vermelho de raiva.

Porém, não tinha como escapar do humor descuidado da moça. Estávamos as duas às voltas com os caprichos de um velho, e ela não estava sendo hostil. Apenas sabia o que eu era e o que valia.

— É, é melhor não falar neles — respondeu, rindo e mostrando maravilhosos dentes brancos que contrastavam com a pele café-com-leite. — Você joga bem, nada de conversa, nada de problema — com um ar de crítica, ela franziu as sobrancelhas diante do espelho. — Olhe, tenho uma coisa que vai ficar muito melhor que essa. Mil vezes melhor. Espere aqui, não vou demorar. Quer que eu mande trazer uma bebida?

— Não...

Ela se afastou rapidamente, com um farfalhar de saias, uma bela jovem presa na armadilha da cor, tentando aproveitar ao máximo o que tinha. Imaginei que Rodriguiz não era sua única fonte de comissão.

Ela demorou mais do que disse e eu, sentada na cadeira atrás do biombo, fechei os olhos para descansar da excitação e do caos daquela última hora, das emoções variadas, do choque de saber que era tratada como alguma empregada superior com quem o velho patrão havia cismado e para quem tudo na loja podia ser comprado. Estava com uma estranha sensação de que me tomavam por amante de Andrew. Pela primeira vez, dei graças a Deus por Maria ser tão bonita, o que tornava a ideia pouco plausível.

A porta abriu lentamente e a jovem negra que estava espanando os balcões no andar de baixo apareceu, com um grande copo de suco de lima numa bandeja.

— A Srta. Charlotte, que está atendendo a senhorita, disse para trazer a bebida. E o senhor lá de baixo, ele mandou esse bilhete.

— Senhor? Quer dizer, o Sr. Maxwell?

Tomei a bebida e ela deu de ombros, a expressão distante e vaga como se, como a maioria das pessoas de sua raça, se refugiasse numa ignorância fingida.

— Não sei o nome dele — ele só botou isso aí na bandeja na hora que eu subi... ele perguntou se só tem uma senhora aqui em cima.

Peguei o papel, intrigada. Era um dos talões de venda de Rodriguiz, e parecia que haviam escrito a mensagem às pressas, no balcão. Não estava assinada, só havia uma confusão indecifrável de iniciais. Li e vi imediatamente que

não era endereçada a mim: “O *Savannah Trader* sai de S. F. amanhã à noite.”

Tornei a dobrar o papel e coloquei-o na bandeja. Antes que pudesse explicar à moça que era um engano, a porta foi aberta com violência, sem que batessem para avisar. O próprio Rodriguiz precipitou-se para dentro, o rosto contraído de fúria por baixo da barba e do bigode. Nem percebeu que eu estava semidespida; parecia que havia algo mais importante para ele, algo que simplesmente apagava minha aparência.

— Mil perdões, Srta. McIntyre. Receio que tenha sido perturbada por esta idiota, que tem ordens de nunca se aproximar dos clientes. Idiotas, todos eles.

Quase num reflexo, deu-lhe um tapa no rosto que a jogou longe e que pareceu deixar uma marca até mesmo naquela pele escura.

— Francamente, Sr. Rodriguiz! — protestei.

Estava jogando instintivamente, para mantê-lo à distância. Havia alguma coisa mais grave do que o fato de uma escrava aproximar-se de mim sem permissão.

— A moça só veio me trazer uma bebida; ao que parece, foi a Srta. Charlotte quem mandou. Não há nada de mais, asseguro-lhe.

— O bilhete — disse ele, estendendo a mão para agarrar o papel na bandeja.

Fui mais rápida. Botei a mão em cima do papel e sorri inocentemente.

— O que é? Algum recado do Sr. Maxwell? Ele já deve estar ficando impaciente. Para dizer a verdade, eu não tinha visto, e a moça não me disse nada.

Peguei-o e comecei a abrir.

— Então a senhorita não leu? — perguntou Rodriguiz.

Estava lutando desesperadamente para recompor-se, para recuperar o ar civilizado que afetava.

Sorri novamente, fazendo-me de desentendida, como se não conseguisse imaginar o porquê daquela confusão.

— Claro que não, só tive tempo de tomar o suco, que veio em muito boa hora. Aqui esquenta muito, não é verdade, Sr. Rodriguiz? Então quer dizer que o bilhete não é para mim? Nesse caso, é melhor o senhor entregá-lo à pessoa certa.

Larguei o papel, sorrindo, e depois, como se tivesse lembrado que estava ali, vestida apenas com uma camisa e um espartilho, tentei jogar a blusa por cima dos ombros. Durante o tempo todo, estava olhando para a moça que havia trazido a bebida e o bilhete. Nós duas sabíamos que eu havia mentido; não sabia exatamente por que havia feito aquilo, a não ser pela sensação de que agora eu sabia de algo que nem eu, nem ninguém, deveria saber. Vi que o rosto da moça descontraíu-se, com alívio. Não seria ela a contar que eu havia lido o bilhete; já tinha problemas suficientes por ter me trazido o papel sem permissão.

Rodriguiz inclinou-se, a expressão já um pouco relaxada, mas eu não tinha certeza absoluta de que ele acreditava em mim.

— Um engano — disse. — Foi só um cliente que pensou que havia uma outra senhora aqui em cima.

Resolveu explicar-se mais:

— Rodriguiz é mais ou menos um centro de negócios aqui na cidade, sabe? Muita gente marca encontro aqui, ou então discute negócios que não têm nada a ver conosco. Naturalmente, não nos importamos com isso — ele fez um gesto com as mãos — quanto mais gente, mais coisas eu

vendo. Perdoe a intromissão, Srta. McIntyre. A senhorita é muito gentil. Vou mandar a Srta. Charlotte subir num instante.

Inclinou-se antes de sair e deixou-me tomando o suco, pensando no que havia acontecido. Mais uma vez, fiquei assustada com o aparecimento da jovem negra, que havia passado pela galeria externa e parado rapidamente na porta.

— Psst!

Estava escura como uma sombra, recortada contra a claridade que vinha de fora.

— Não tem engano, não. O homem perguntou se tinha uma senhora aqui em cima. Eu disse que só tinha uma. Aí ele me deu o bilhete para trazer. Eu não sabia que não era para a senhorita. Ainda bem que a senhorita não contou para o Sr. Rodriguiz que leu ele. Senão ele me bate mais. Ele me bate se eu faço alguma coisa... e bate se eu não faço. A senhorita é boa de ficar de boca fechada...

Subitamente, ela desapareceu na porta, sem fazer barulho, como se seus ouvidos, mais aguçados que os meus, tivessem ouvido os passos da Srta. Charlotte. A jovem entrou afobada, com uma pilha de espartilhos.

— Desculpe — disse.

Estava ofegante, como se tivesse subido correndo, e seu próprio espartilho estivesse muito apertado.

— O Sr. Maxwell está aprontando uma confusão lá embaixo. Depressa... depressa. Ele quer tudo feito em cinco minutos...

— Então você ficou ocupada lá embaixo? — perguntei. — Tem muitos clientes lá?

Ela riu com desdém.

— Esse aqui, vista esse. Acho que é do seu tipo.

Depois, enquanto amarrava as fitas, respondeu:

— Ocupada? Tem semanas que a gente não tem um dia calmo como esse. O Sr. Maxwell é o único cliente na seção de roupas. Vou ter pouca comissão hoje. Depois daquela porta, a seção de provisões, está cheia de homens, comprando essas coisas que eles sempre compram: pinos, parafusos, farinha. Lá não tem nada para mim. O menininho foi para lá e toda hora fica trazendo coisas e pedindo para o pai comprar, mas o Sr. Maxwell continua sentado na cadeira...

Ela continuou a falar enquanto nos apressávamos para selecionar o que achávamos melhor. Minha cabeça, porém, estava longe, e acabei deixando que ela fizesse a seleção final. Se Andrew Maxwell e Duncan eram os únicos clientes na seção de roupas, então a pessoa que havia mandado o bilhete devia ter pensado que era Maria Maxwell que estava no andar de cima. O bilhete era para ela e, de alguma forma, Rodriguiz havia descoberto o engano e veio correndo, pronto para encobrir Maria e a outra pessoa. Fiquei pensando naquilo, enquanto me vestia rapidamente. Quando descí as escadas para encontrar Andrew, estava suando, mas não era por causa do calor.

Seu humor, como a Srta. Charlotte me preveniu, havia sofrido uma reviravolta. Antes, sua grosseria era jovial, mas agora ele estava cansado de tudo aquilo. Havia comprado para Duncan um navio em miniatura e um arreio com tachões de prata para seu pônei, um luxo absurdo para uma criança. Estava visivelmente exausto, e notei que havia um jarro inteiro de rum ao seu lado. Mandou-me dar o número dos sapatos e botas de que precisava; uma série de gorros seria enviada junto com o resto das compras. Ele não me deu tempo para experimentar mais nada.

— Mande vários — ordenou. — Mandamos de volta o que não agradar. E quero que esteja tudo esperando no Royal, na hora em que terminarmos de almoçar. Providencie para que esteja tudo lá, Álvarez. Não vou ficar esperando.

— Mas é claro, Sr. Maxwell.

Andrew começou a levantar-se da cadeira, com dificuldade.

— Só falta mais uma coisa — disse eu.

— O que é? — perguntou irritado.

— Aveia.

Álvarez bateu palmas, como se a ideia o deliciasasse.

— Aveia — mas claro. Se pudessem ir até a seção de provisões ... Há muitas coisas que poderiam interessá-lo, Sr. Maxwell. Estamos importando finas iguarias e também, é claro, ração para os escravos...

Andrew, porém, encarava-me, intrigado.

— Por Deus, menina, para que é que você precisa de aveia? É algum cosmético da moda? Deixe sua pele em paz. É branca o bastante para o gosto de qualquer homem.

— Não estou pensando em cosméticos, Sr. Maxwell. Estou pensando é no café da manhã de Duncan. Onde já se viu um escocês crescer sem aveia no café?

Por um instante, seu bom humor voltou.

— Aveia? É claro, aveia! Nem sei se alguma vez já fizeram isso em Landfall. Minha mãe devia fazer quando Fergus era pequeno. É, aveia. O menino precisa disso!

— Não quero — gemeu Duncan. — Não gostei do som da palavra.

— Álvarez, mande aveia.

Andrew lutou para levantar-se, com a ajuda de Álvarez e de um vendedor. Rodriguiz não tomou a aparecer.

— E você — disse ele a Duncan — vai fazer o que mandarmos. Vai fazer o que a Srta. Fiona disser, e vai comer aveia no café da manhã.

Álvarez ajudou Andrew a subir na carruagem, e a mim também, embora com menos deferência. Olhei para trás enquanto nos afastávamos, e vi Álvarez ao sol, observando-nos, enxugando o suor da testa, com o ar desesperado de quem não sabe se deve rir pelo bom negócio feito ou apertar os punhos pelos insultos sofridos. Senti-me do mesmo modo em relação aos tesouros que haviam caído no meu colo naquela manhã, sabendo que teria de pagar algum preço por ele, embora não fosse dinheiro.

* * *

Alistar estava nos esperando pontualmente no Royal, e almoçamos na galeria superior, de onde se avistavam a praça da cidade e toda a extensão da praia, com os navios ancorados, alguns maiores no porto, outros atracados aos próprios embarcadouros, sendo carregados ou descarregados. A galeria do Royal parecia mais um clube: todos se conheciam. Havia poucas mulheres, e senti que estava sendo observada, às vezes abertamente. Andrew, irritado, respondeu a alguns cumprimentos, mas não encorajava ninguém a ficar muito tempo em nossa mesa. No entanto, houve uma exceção: um homem grisalho, mais velho que Andrew, um capitão aposentado que agora era negociante de navios em Santa Marta. Seu nome era Malcolm Gordon, e parecia ser um velho conhecido de Andrew. Não tinham necessidade de palavras para se comunicarem. Gordon foi convidado para nossa mesa.

— Bem, bem, a senhorita virou uma ou duas cabeças, Srta. McIntyre — foi assim que me cumprimentou. — Uma moça bonita, nova em Santa Marta, faz todos nós, velhos trouxas, ficarmos nos remexendo nas cadeiras. Não temos muito o que fazer. Essa turma que aparece durante o dia, a única coisa que fazemos é olhar. É à noite que os rapazes vêm aqui, e aí as senhoras não aparecem.

— Se quiser saber, Gordon, você está falando com uma senhorita e tem toda razão. Já que é assim, dobre a língua, ou vou mandar você procurar outra mesa.

— É, Maxwell — agradável como sempre. Está certo. Já esqueci como se fala com as senhoras.

Andrew pediu o almoço sem consultar ninguém; pediu também um jarro de rum.

— Deixe de onda, Gordon, e fale apenas do que sabe. O que é que anda acontecendo no porto? Como vão os negócios? Tem alguém ganhando dinheiro?

— Ah, sim, tem quem ganhe dinheiro, e todo o mundo está esperando uma boa colheita. Estão falando muito dessa tal emancipação, mas a maioria acha que não passa de conversa. — Ele fez um gesto na direção do porto. — Bem, olhe você mesmo, homem! Olhe só aquela fila de navios. Parece que tem negócios por lá? Estão ocupados, como sempre. Estão chegando navios maiores. O Lady Beatrice está sendo carregado há dois dias por um navio auxiliar, e está cheio até o convés. Este ano já é a quinta vez que o Josephine aporta aqui. Ele e aquele navio ianque ali, o *Savannah Trader*, vão partir logo de manhã...

Passei o almoço escutando distraída a conversa e tomando conta de Duncan, mas, principalmente, fiquei olhando um belo navio que estava saindo do desembarcadouro. Na manhã seguinte, ele deixaria o porto, como havia dito o Capitão Gordon. Mas o bilhete dizia que

partiria de onde? Na noite seguinte, de S. F. Se o recado era realmente para Maria, então eu sabia. Na noite seguinte, o *Savannah Trader* partiria de San Francisco. Por quê? Não havia respostas nos rostos à minha frente. Rodriguiz sabia, mas Andrew não; estava pronta a jurar que ele não sabia.

V

O espírito de alegria e aventura havia passado, e voltamos a Landfall num estado de irritação que quase chegava à depressão. Andrew havia gasto toda a sua energia; sem se importar com o calor, pediu uma refeição muito pesada e bebeu demais, mas achei que não era só o desconforto do almoço e da bebida que o incomodava, e sim uma dor de verdade. Pela primeira vez, ao estudar-lhe disfarçadamente o rosto, quando passávamos pelas estradas da ilha, vi a palidez que se escondia sob a pele queimada e castigada pelo clima. Frequentemente, ele mexia o corpo volumoso, sentindo-se desconfortável. Ao meu lado, Duncan havia perdido o interesse pelo navio e dormia, apoiando-se pesadamente em mim. Abriu os olhos quando batemos num buraco fundo da estrada. Depois, sua mão afundou na minha, como se estivesse procurando algum consolo que não sabia pedir; não retirei sua mão e ficamos ali, de mãos dadas, as palmas úmidas se encontrando. Estava ereta, aguentando o peso de Duncan, olhando pela janela os canaviais sem fim que pareciam indistintos aos meus olhos. Fazia muito calor; a blusa fina de bordado inglês estava amassada e amarrotada e colava-se às minhas costas quando me encostava nas almofadas de couro. A viagem de volta pareceu-me mais longa. Endireitei o corpo para não cair, para não sucumbir à fraqueza. Então, finalmente, voltei o olhar para os dois outros ocupantes da carruagem, Alister, que estava do lado do sol, havia baixado o chapéu para diminuir a claridade nos olhos; sob a sombra

lançada pela aba, descobri que seus olhos estavam fixos em mim, atentos, pensativos, indagadores. Rapidamente, olhei para Andrew. Também estava olhando fixamente para mim e para Duncan, para o vulto amarfanhado que formávamos. Por um momento, seus lábios se contraíram, mas era impossível saber se era o começo de um sorriso ou uma careta de dor. Voltei a olhar os canaviais, e a cabeça de Duncan caiu em meu peito. Deixei-o ficar dormindo como se fosse um bebê, sonhando até que a viagem aparentemente interminável chegasse ao fim.

A única coisa que marcou a viagem foi um cavaleiro solitário que apareceu quando já havíamos passado as encruzilhadas que davam para as fazendas, com exceção de Landfall, San Francisco e Winterslo. O homem levou a mão ao chapéu, no simples gesto de reconhecer um viajante numa estrada deserta. Não disse nada. Andrew não deu mostras de reconhecê-lo; encarou-o com os olhos vidrados, como se ele tivesse a mesma importância que os mil homens que podia ter visto nas ruas de Santa Marta. No entanto, não havia estranhos por ali, onde só existiam as três fazendas isoladas.

Foi então que comecei a perguntar-me se Maria havia conseguido receber sua mensagem.

* * *

Já passava da hora da sesta quando chegamos a Landfall, mas obedeci agradecida às ordens de Andrew para recolher-me até a hora do jantar. Não havia sinal de Maria. A voz de Duncan, queixosa, ecoou pela casa, chamando-a para ver seu arreio de prata. Foi levado por Juanita, e ouvi sua voz, petulante e queixosa, enquanto ela lhe tirava as roupas molhadas de suor, preparando-o para o descanso da tarde. Também ouvi uma outra coisa enquanto

Andrew subia com esforço a escada, apoiado no braço de Dougal; um gemido abafado, que devia ter escapado, embora ele fizesse força para controlar-se:

— Maldita seja ela, aquele demônio!

E depois:

— Dougal, traga meu remédio. O mais forte.

* * *

Tive um sono pesado, e foi Charity quem veio sacudir-me para que acordasse.

— Vai, patroa, acorda. Já é tarde.

Tomei banho em meio ao que deveria ter sido o alegre caos das compras do dia. Charity ronronava de prazer ao ver as coisas, e deixou-me intrigada. Ali, vestida com uma roupa de algodão grosseira, a carapinha amarrada por um lenço branco, acariciando com um prazer sincero as coisas que nunca poderia possuir, deleitando-se triunfante.

— A senhorita falou mesmo umas verdades para aquele velho. Agora vai ficar bonita mesmo, igual a ela. Agora vou ter orgulho quando a senhorita descer. A patroa não é a única...

O rosto rechonchudo e escuro iluminou-se de satisfação.

— Aqui, põe um desses espartilho novo...

Ela trouxe o vestido de fustão verde, que havia sido lavado, mais sem goma do que nunca. Mas havia uma mudança: no lugar do pescoço alto com a gola apertada havia um decote que ia quase até os ombros. Era um decote bem baixo, e um franzido de renda tornava o vestido

um pouco decente.

— Charity, o que foi que aconteceu? Não mandei você fazer isso.

Mas ela já estava me vestindo, e meu protesto foi abafado.

— Muito usado já — respondeu ela, o que não deixava de ser uma verdade. — Quando foi lavar, soltou tudo. Foi o melhor que a gente podia fazer.

Eu estava zangada, querendo saber quem havia ordenado aquilo, sentindo a afronta de ser manipulada pelo ódio de um velho contra sua esposa.

— E a renda? De onde saiu a renda?

— Foi a patroa que deu ela.

Sim, pensei, como devia ter sido forçada a “dar” o bordado inglês. Voltei-me para o espelho e vi minha imagem. Parecia que eu nunca havia me visto antes. O espartilho habilmente cortado oferecia todas as vantagens em que haviam pensado ao fazê-lo; o decote baixo era quase indecente aos meus olhos, desacostumados a me ver daquele jeito. As mãos rápidas de Charity já estavam em meus cabelos.

— Charity, não posso usar isso! Vai... vai ser uma vergonha!

— É o único que a senhorita tem — respondeu alegremente.

Meus cabelos estavam sendo puxados para cima, torcidos e afofados. Vi-me diante de uma imagem que era quase a de uma mulher elegante.

— A senhorita tem o que botar num corpete desse — acrescentou Charity agitada, puxando-me os cabelos. — Está com medo de quê? A senhorita é branca, bonita para

um homem branco. Dá para pegar tudo aqui. Se a gente não estica a mão, não ganha nada. Então, é melhor usar seu vestido bonito e esticar a mão. Porque a senhorita não vai conseguir nada se ficar quieta que nem um rato...

No entanto, foi como um rato que desci furtivamente as escadas, esperando ser a primeira no salão, esperando achar o assento mais distante da luz e do olhar dos outros. Pensei ter conseguido; já estava na metade do caminho quando ouvi a voz de Andrew. Estava sentado, como se também quisesse evitar a luz, bem no fim do salão, perto das portas abertas e do perfume do jardim.

— Esplêndido! — sua voz parecia estranhamente fraca, — Venha se sentar aqui do meu lado, menina. Foi um dia puxado.

Quando aproximei-me da cadeira que me havia indicado, ele inclinou lentamente a cabeça, satisfeito, quase como Charity. Seu olhar não tinha aquela luz de maldade que eu esperava; estava ausente, distante. Suas pupilas estavam dilatadas. Não parecia estar bêbado, mas o copo de sempre estava à mão.

Foi então que disse uma coisa estranha:

— Agora vamos ter companhia. Agora Fergus vai aparecer.

Aceitei a bebida que me ofereceu, porque precisava de coragem para enfrentar os outros. Fiquei com ele, sentada em silêncio, na escuridão cada vez maior, com uma sensação de camaradagem, querendo saber por que ele havia dito que agora Fergus apareceria.

CAPITULO IV

I

Na manhã seguinte, logo que Maria saiu com Duncan para a costumeira volta a cavalo — ele, excitadíssimo com seu novo arreio — saí, pela primeira vez, com o objetivo de ir até as enseadas que ficavam a sotavento, além de Serpent Rocks. Não sabia ao certo para onde estava indo, mas sabia que acharia uma baía pertencente à fazenda de San Francisco, onde poderia estar um navio. Segui as trilhas que Andrew havia indicado; à medida que avançava, elas se tornavam mais selvagens, cobertas de mato. Já não podia usar Kronberg como referência, por causa da grande quantidade de árvores que o encobriam. Não quis pegar a estrada de saída de Landfall, onde havia os postes que indicavam Winterslo e San Francisco. Aquele, afinal, teria sido o caminho mais fácil, mas eu não teria nenhuma desculpa para estar sozinha ali naquela estrada poeirenta e quente, entre os canaviais; não me arriscaria a contornar a casa grande de San Francisco. Ainda tinha viva na memória a descrição que Alister havia feito da mulher de olhos sagazes, armada com um fuzil, que não gostava de estranhos. Assim, continuei caminhando sob o sol, na direção indicada por Andrew; a selva de antes deu lugar a uma terra mais seca, de vegetação mais rala, e Kronberg reapareceu. Eu não sabia de quem era aquela terra, ou se alguém já havia pensado em cultivá-la um dia. Cheguei a uma espécie de promontório que parecia formar a última das Serpent Rocks e, abaixo, de mim, ficava a primeira das enseadas.

Foi uma surpresa. Só conhecia a descrição de Andrew, e ela não me preparou para a total perfeição do lugar. De repente, do promontório, eu podia ver a areia quase branca, que ofuscava os olhos, e a fileira de bagas-do-mar e amendoeirais; as águas rasas, cor-de-safira,

pareciam vidro, e as ondinhas quebravam na praia.

Poucas marés fortes conseguiriam alcançar aquele lugar; uma linha de pedaços de madeira, algas, cascas de coco, trazidos pelo mar, marcava o limite máximo. Havia sinais pela areia, rastros de pássaros e longas trilhas que podiam ter sido feitas por caranguejos.

Naquele momento, tive a impressão de que nunca um homem havia tocado aquela areia virgem. Havia magia ali, tudo era primitivo, um paraíso perdido. Os pelicanos, com seus bicos imensos, atiravam-se ao mar à procura de peixes, as gaivotas gritavam; um urubu-de-cabeça-vermelha pairava bem no alto, esperando, observando; era o pássaro que limpava as ilhas. Durante alguns instantes, fiquei parada, em êxtase, entregue à magia do lugar, à paz que reinava no meio daquela vida fértil dos pássaros, peixes, lagartos e humildes formigas. Eu, que durante toda a vida havia morado perto do mar, tive, pela primeira vez, a ideia de que seria uma sensação inebriante arrancar as roupas e mergulhar naquelas águas quentes e acolhedoras. Agora eu sabia por que Andrew não ia mais ali. Era um lugar de inocência, de juventude e força: tudo o que ele havia perdido.

Algun tempo depois, lembrei-me do motivo de minha presença ali. Com esforço, prossegui pela areia e depois subi o promontório seguinte, outra enseada, bem parecida com a primeira; à medida que o sol esquentava, a água tornava-se mais convidativa. Mais uma escalada, desta vez contornando rochas relativamente regulares; mais uma enseada e os primeiros sinais de construções. Ali, por entre trepadeiras que se alastravam e moitas espinhosas emergindo de bolsões do solo castigado pelo vento, pude ver os vestígios das curvas de nível feitas pela mão humana. Não avancei imediatamente, porque dali, pela primeira vez, vislumbrei duas casas. Estavam ao longe, na

encosta acima dos canaviais; a mais distante era quase invisível e a mais próxima, tão sólida que mesmo àquela distância senti sua presença esmagadora. Só podia ser San Francisco, e aquele pontinho branco e empoeirado, situado numa serra distante, algumas baías acima, devia ser Winterslo.

O promontório onde eu estava se estreitava até formar um longo banco de areia que contornava a baía como uma longa barreira protetora. Sob a vegetação irregular que se espalhava por todos os lados, só pude distinguir o contorno do que um dia devia ter sido as muralhas de uma construção parecida com um forte. Tudo à minha volta indicava que aquilo havia sido o posto avançado da primeira proteção ao porto de Santa Marta. Qualquer navio que viesse do Leste teria de contornar Serpent Rocks, expondo-se à fila de canhões que deviam ter existido ali; os que viessem do Sul e do Oeste não poderiam chegar ao porto sem serem vistos e sem que um sinal fosse enviado. San Cristóbal havia sido uma parada na rota do tesouro da América Central para a Espanha. Aquele monte de rocha sobre o qual me encontrava havia servido para guardar e proteger, e a mansão na colina era parte da grande presença espanhola naquelas ilhas, abalada e praticamente extinta.

Como a grandeza da Espanha, também aquele lugar havia passado. As bagas-da-praia cresciam em casas sem telhado, as trepadeiras cobriam paredes em ruínas, paredes tão cobertas de líquen que era difícil distingui-las das próprias rochas. Os lagartos fugiam do meu caminho enquanto eu prosseguia por entre paredes caídas; os pássaros, soltando gritos estridentes, levantavam voo bem perto de mim. Vi lugares onde haviam caído pedaços de ferro: portões, barras de janelas, até mesmo um grande canhão e que, agora, eram apenas manchas de ferrugem na areia branca. Fiquei olhando os quartos bem abaixo do

solo, que deviam ter sido masmorras. Senti a marca dos espanhóis, lutando para defender a terra contra os invasores; mesmo sob aquele sol ardente, o lugar era escuro, com um mau cheiro indefinível de decadência, como se fosse o cheiro das coisas que haviam acontecido ali — homens morrendo ou sendo mortos — e a vegetação exuberante encobrendo tudo, sem remorso, em sua ação inexorável. Não gostei do lugar, mas, antes de sair dali, acreditei ter encontrado o que procurava.

Havia um quarto que devia ter dado vista diretamente para a praia, mas que agora estava quase coberto pelas bagas-da-praia. Era o primeiro andar do que devia ter sido uma construção mais alta; as paredes mais altas já estavam quase todas desmoronadas, mas o piso de pedra que formava o teto do aposento inferior ainda estava intacto. Não havia nada que o distinguisse do resto, a não ser o brilho de metal novo, que percebi através das bagas-da-praia; quando avancei, encontrei, em vez das portas abertas que haviam me recebido por toda a parte, uma porta sólida, de madeira de boa qualidade, com dobradiças e fechaduras novas e resistentes; bem no alto da parede havia uma abertura para o ar e lá também, as barras haviam sido trocadas, não eram aquelas barras enferrujadas que vi por toda a parte. O silêncio era total, nada se mexia.

* * *

Mas a areia estava cheia de pegadas de botas e pés descalços. Voltei-me e olhei a calma inabalável da baía, o promontório em forma de gancho que a protegia, a passagem estreita sem uma ruga na superfície, indicando rochas escondidas; pensei que não havia lugar mais adequado para um encontro com o *Savannah Trader*. Foi a primeira vez que tive uma premonição de perigo. Dei a

volta e parti, procurando meu caminho por entre aquelas paredes desmoronadas e perigosas, sobre as muralhas mais distantes. Resvalando, ofegante, voltei à baía por onde havia me aproximado das fortificações. Quando recobrei a respiração, tomei a pequena trilha que levava a Landfall e a Serpent Rocks. Já não tinha mais tempo para ficar me arrastando de enseada em enseada e, depois do que havia encontrado, nem ousaria expor-me em cada promontório a um vigia de San Francisco. Achei que já devia estar nas terras de San Francisco. Havia trilhas cortando as plantações de cana fina, ervas daninhas tão altas quanto a própria cana, e o mato começando a tomar conta de tudo. Mas não havia escravos nos canaviais; não vi ninguém. Continuei avançando em direção a Landfall, tropeçando enquanto corria, e estava à beira da exaustão quando senti a sombra bem-vinda das grandes árvores, as trilhas mais limpas e os jardins bem tratados. Dei a volta por trás do pátio do estábulo, nos fundos, esperando que Maria não estivesse no escritório. Juanita me viu da cozinha, mas eu já estava longe, contornando a escada dos fundos, antes que ela pudesse chegar à porta para ver melhor. Duncan já estava almoçando na sala de aula, de cara amarrada porque havia sido abandonado.

— Fui dar um passeio e me perdi — disse, tomando um copo d'água com avidez.

Não era certo dar explicações a um aluno, mas Juanita lhe perguntaria alguma coisa ao levá-lo para a sesta.

— Você esteve nas baías do outro lado — disse ele.

— Como é que você sabe?

— Por causa da areia. Nas baías de Serpent Rocks só tem rochas. Sua roupa está cheia de areia.

Concordei, suspirando, sabendo que logo, logo, todos

os escravos da casa, e também Maria, saberiam que minhas roupas estavam sujas de areia.

* * *

No entanto, foi Andrew quem tocou no assunto naquela noite, ao jantar.

— Então quer dizer que você foi para os lados de sotavento...?

— Eu não pretendia ir tão longe; estava curiosa, depois do que o senhor me contou. Mas me perdi na hora de voltar...

— Devia ter pedido um cavalo — rosnou. — Não fique andando por aí com esse calor. O sol é mais perigoso do que imagina, Srta. Fiona. Mas as baías... o que achou delas?

Suspirei, esforçando-me para lembrar só da primeira, recordando o encantamento, a paz, a beleza.

— Acho que era a primeira dando a volta em Serpent Rocks — respondi sonhadora. — Era tão lindo que não conseguia acreditar. Fiquei sentada debaixo de uma árvore, sem fazer nada, olhando os pássaros...

— Foi um longo passeio — observou Maria, com sua costumeira frieza educada.

— Não para uma governanta escocesa — respondi, forçando um sorriso. — Na Escócia, muitas famílias gostam que as governantas passeiem com seus alunos pelo menos duas horas por dia. É para fortalecer ou para tomar ar puro. Na maioria das vezes, é só um ar frio e úmido, Sra. Maxwell. É, estou acostumada a andar... fiz isso a vida toda. Já é natural para mim. Assim como a sesta é aqui.

— Da próxima vez, vá a cavalo — disse Andrew. — O

calor pode matar, menina. E não vá sozinha. Não sabe o que pode acontecer. Vou mandar chamar Fergus...

— Fergus já tem suas preocupações — observou Maria. — Como ele vive dizendo, Winterslo toma seu tempo quase todo.

— Não quero ser nenhum inconveniente — murmurei, sentindo o rosto arder. — É mais fácil ir só até o lado de Serpent Rocks.

— Bem mais fácil — concordou Maria.

Alister interrompeu, com sua fala arrastada e tranquila:

— Ficarei encantado em acompanhá-la, a qualquer hora, Srta. Fiona.

E, lançando um olhar zombeteiro para Maria:

— Mas vamos tomar cuidado para não perturbar a paz de Dona Isabella.

Os olhos de Maria o fulminaram.

— Perdoe-me por ter-me esquecido de distraí-lo, Alister. É claro que vamos marcar uma visita a San Francisco. Qualquer dia... mas eu, como Fergus, tenho minhas obrigações.

— Ah, chega! — disse Andrew, impaciente. — Não vale a pena visitar San Francisco. Aquela megera e aqueles espantalhos não merecem que homem nenhum perca tempo indo lá...

Suspirei e encostei-me na cadeira, para ficar longe da luz das velas. Andrew já estava mostrando os efeitos da bebida, e o cheiro de tabaco havia tomado conta da sala; era a noite de sempre em Landfall.

* * *

Mas não era bem a noite de sempre. O sono nunca era fácil em Landfall; a noite tropical não é silenciosa e agora, como os dias ficavam mais quentes e o ar mais parado, o calor ficava preso até mesmo naqueles quartos altos e escuros. Naquela noite, porém, eu não estava esperando o sono, mas algum sinal que me indicasse que era mesmo para a baía de San Francisco que o *Savannah Trader* iria, e que seria Maria a abrir a sólida porta nova nas ruínas das fortificações.

Porém, é impossível passar uma noite inteira sem dormir ao menos alguns instantes. Várias vezes, caí num sono inquieto e acordei em sobressalto. Mas por que estava atenta? O que esperava ouvir? Não sabia; e também deveria saber que não tinha nada a ver com aquilo.

Agora, depois de todas aquelas semanas, eu já percebia a chegada da madrugada antes dos primeiros gritos dos galos. A esta hora, eu já não aguentava mais ficar na cama molhada de suor. Ainda estava escuro quando sai para a galeria. Meus pés descalços não fizeram barulho; no escuro, há um instinto que diz para andar na ponta dos pés. Fiquei agarrada ao corrimão, a fim de evitar as cadeiras espalhadas por ali. O perfume do jasmim e das madressilvas era forte. Ao passar pelo quarto de Andrew, ouvi seu ronco pesado; será que havia tomado o que chamava de “remédio forte”, ou será que a grande quantidade de rum fez com ficasse dormindo até mais tarde? Dei a volta pelos fundos da casa, no lado dos estábulos, na direção de sotavento. O que estava esperando? Não sabia. Encostei-me numa das pilastras, meio sentada no corrimão, como Fergus havia feito. O azul escuro começou a fugir do céu da noite, e a cor pálida que precedia a madrugada veio substituí-lo. Mais um pouco e aquele momento místico da madrugada tropical cairia

sobre nós. Fechei os olhos e, por alguns segundos, pareceu-me que o universo todo parou de respirar.

Naquela hora, quase deixei de vê-la. Com os nervos tensos, à flor da pele, talvez eu a tivesse pressentido, sem ter ouvido barulho algum. Ela se movia com a agilidade de um gato, saindo das sombras das árvores para o espaço aberto do caminho que levava às escadas dos fundos. Encolhi-me contra a pilastra e só tive aqueles segundos para ter certeza de que realmente havia uma figura se movendo. Ela parecia um jovem esbelto, vestindo uma jaqueta e calças espanholas pretas. A aba do chapéu de cordovês escondia-lhe completamente o rosto, até o momento em que olhou rapidamente para cima. Ninguém, a não ser Maria, tinha aquelas faces tão perfeitas, como se fossem esculpidas, aquele pescoço longo e majestoso, aquela postura de cabeça.

Teria ela realmente parado um instante, como se tivesse me visto? Ou foi meu súbito movimento prendendo a respiração? Silenciosamente, ela subiu as escadas, perdendo-se na galeria de baixo.

Fiquei ali, gelada, agarrada à pilastra. Então, subitamente, dei-me conta de minha própria situação. Maria já estava dentro de casa, caminhando para as escadas. Como que em agonia, com os movimentos deliberadamente lentos, fui tateando pelo corrimão, virei a esquina e, mais uma vez, ouvi o ronco de Andrew. Agarrando-me ao corrimão, amassava jasmins e madressilvas que umedeciam e perfumavam meus dedos. Graças à luminosidade daquele instante, podia perceber o contorno das cadeiras e, mais importante ainda, a porta entreaberta de meu quarto. Finalmente cheguei, ofegante, e fechei a porta com os dedos trêmulos, sem ousar trancá-la, para que Maria não ouvisse o barulho. Lá dentro ainda estava escuro. Tropecei na esteira de palhinha e quase caí.

A cama recebeu-me como um porto seguro. Enterrei o rosto nos travesseiros e abri os braços, como se fosse o fim de uma noite de sonhos inquietos. Fiquei escutando, alerta; lá, no outro lado do andar, no segundo em que o ronco de Andrew parou, ouvi o que estava esperando, o leve estalido de uma porta abrindo e fechando. Ou ela não havia me visto naquele breve olhar que lançou para cima, ou então sabia que eu devia ter abandonado meu posto. Maria nunca se trairia fazendo uma cena.

Finalmente, as batidas de meu coração voltaram ao normal. Depois, veio o sono que meus nervos e cérebro exaustos exigiam. Acordei com a mão de Charity em meu ombro, o sol luminoso entrando pelas venezianas abaixadas.

— Dormiu como um morto, patroa.

II

Se realmente Andrew havia mandado chamar Fergus a Landfall, ele, como no dia de minha chegada, preferiu desobedecer. Não ouvi mais Andrew falar em sua vinda. Só sabia, inexplicavelmente, que queria que ele viesse. Após a viagem a Santa Marta, estabeleceu-se uma calma na casa, mas, para mim, não havia serenidade. Era como a calma de um cessar-fogo; estávamos calmos, mas não estávamos em paz. Os dias passavam, e Maria não dava sinais de saber que eu havia presenciado sua volta a Landfall naquela madrugada; era educada quando me encontrava, mas, na maior parte do tempo, parecia não me notar. Nunca consegui me decidir se aquilo era uma preocupação autêntica com outras coisas ou um insulto deliberado. Para ela, era quase como se eu não estivesse lá. Alister continuava indo e vindo, cavalgando pelas estradas em volta da propriedade ou então passando o dia em Santa Marta; também continuava com suas sessões no escritório,

sozinho ou com Maria e Fellowes. Todas as noites, suas boas maneiras mantinham uma aparência de normalidade durante o jantar. Algumas vezes, discretamente, para que Maria não ouvisse, ele elogiava minha aparência. Eu sorria e agradecia, sabendo que era apenas parte de seu esforço para fazer-me feliz em Landfall, mas o que dizia não me dava o prazer que pretendia. Eu sabia o que queria; ouvir Fergus dizer aquelas palavras. No entanto, ele não aparecia. Assim, comecei a aborrecer-me com aquele eterno experimentar de vestidos novos, feitos pela costureira de Landfall com a grande quantidade de material comprado na loja de Rodriguiz. Parei de protestar contra os decotes dos vestidos de noite. Estava aceitando tudo, qualquer coisa, porque nada daquilo era parte de mim. Deixaria tudo para trás quando fosse embora de Landfall.

Andrew parecia mais apagado do que antes. Agora era raro um retorno ao vigor de nossos primeiros encontros; também já não o ouvia andar com tanta frequência na galeria, antes do nascer do sol. “O patrão não vai bem”, era tudo o que Charity respondia quando lhe perguntava alguma coisa. Eu não podia fazer perguntas a Maria sobre seu marido; era uma das muitas coisas que não eram ditas entre nós.

Apesar de seu descaso e de sua risada, recebi permissão para ir à cozinha e ensinar a preparar a aveia. No começo, Duncan recusou-se a comer; comecei a misturar um pouco de mel e ele aceitou. Andrew, sem saber o que dizer a uma criança tão distante em idade, puxava-lhe a orelha ao passar: “Comendo aveia, hein, garoto? Isso é bom, muito bom!” e afastava-se arrastando os pés, sem esperar resposta.

Um dia, no entanto, quando estava sentado na galeria externa, vi que alguma coisa despertar-lhe a atenção.

Duncan havia acabado de voltar de seu passeio matinal com a mãe, e estávamos esperando o almoço, a ser servido na sala de aula. Duncan pulava de um quadrado de mármore preto e branco para outro, cantando baixinho:

— *Fulodden, Cuflodden, Glencoe...*

Andrew agitou-se, como se alguma lembrança perdida tivesse voltado.

— *Flodden, Culodden* — corrigiu automaticamente. — Até que enfim está aprendendo coisas de sua gente, menino. Conheço todos esses nomes, do jeito que minha mãe me ensinou. Você vem de uma gente forte, durona, meu filho, nunca se esqueça disso. Quando eu não estiver mais aqui, vai ter de se lembrar que é um Maxwell.

Durante o almoço, Duncan encarou-me, apreensivo, intrigado, gaguejando um pouco ao fazer a pergunta:

— Você acha que papai vai morrer? Ouvi Juanita dizer a Flora que...

— Todos nós vamos morrer um dia, Duncan. Nunca dê ouvidos a falatórios.

— Mas logo — insistiu. — Elas disseram que ele vai morrer logo.

— Papai está ficando velho, Duncan, mesmo que você ainda seja novinho.

Eu havia aprendido a dizer meias-verdades às crianças, mesmo sabendo que era cruel, que elas sempre acabavam descobrindo e nos acusando.

— Mas se ele morresse, você ia ficar aqui, não ia?

— Quando papai morrer, e isso ainda pode demorar muito tempo, você ainda vai ter a mamãe.

— Mas e você?

— Pode ser que eu também esteja velha. Pode ser que eu queira voltar para a Escócia,

Ele franziu a testa.

— Odeio a Escócia. E também odeio aveia!

Todas as manhãs, enquanto Duncan estava com a mãe, eu caminhava, determinada a impedir que a lassidão dos trópicos tomasse conta de mim. Havia uma sensação de luta entre mim e os elementos; se relaxasse ou me entregasse, estaria perdida. Agarrava-me aos velhos hábitos com um certo desespero, e Andrew continuava a dizer-me para não andar ao sol. Às vezes, porém, eu me ensopava com a chuva inesperada, e ficava vendo o vapor subir da terra em brasa, pensando nos trabalhadores nos canaviais, movendo-se eternamente sob o chicote do capataz, ensopados seis vezes ao dia naquela época do ano, e secando sob o sol inclemente. Quando passeava, eu os via e, mais frequentemente, os ouvia cantando nos canaviais. Eram as canções mais tristes que já havia escutado, mais triste até do que as baladas da Escócia, porque eram sem esperança.

Às vezes, embora não com muita frequência, eu passava pelas senzalas; ficavam vazias durante o dia, porque os trabalhadores iam cedo para o campo, e só se ouvia as crianças. As menores eram amistosas, curiosas, ainda sorriam ao ver-me; as mais velhas, que já faziam pequenos trabalhos na casa e no jardim, de acordo com a capacidade, começavam a mostrar a indiferença silenciosa dos pais. Olhavam-me sem interesse, impassíveis, abaixando os cílios sobre os olhos escuros. Era impossível fazer mais do que cumprimentá-las; a resposta era uma saudação com o chapéu de palha desfiado e algumas palavras indistintas, que talvez não significassem nada. As crianças que tinham a sorte de mostrar aptidão iam trabalhar na casa; eram invejadas pelos irmãos,

condenados a passar a vida capinando e cortando cana sob a eterna ameaça do chicote. Os escravos da casa não estavam livres do chicote, mas eram mais rápidos e espertos, e sabiam como esconder suas faltas. Nos canaviais, os mais fracos caíam atrás das fileiras de trabalhadores e o castigo era inevitável.

— Lembre-se — disse Alister, certa vez — que Maria dirige uma boa fazenda. É provável que os escravos se comportem melhor com ela do que com Andrew. Mas isso é porque ela sabe o quanto eles valem. Quando Andrew começou, sempre se podia comprar mais escravos da África, para substituir os que trabalhavam até morrer. Era legal. Agora é preciso burlar a lei, comprá-los dos traficantes ilegais, ou então criá-los. Maria, como você já deve ter notado, tem muito cuidado com suas escravas grávidas. Ela lhes dá privilégios que as encorajam a ser mães, a chegar ao fim da gravidez. Ela as libera do trabalho nos canaviais durante os últimos meses e também no primeiro mês depois do nascimento. Acho que, para a maioria delas, ficar grávida deve ser como um grande longo presente, um descanso. Em outras fazendas que conheço... bem, gravidez é maldição, um fardo. Perdem-se muitas crianças. As mães arriscam as próprias vidas para se livrarem dos filhos... Não existe casamento, é claro. Só o fruto de um dos poucos prazeres que têm...

Havia alguma coisa rudimentar e essencialmente escocesa em Alister, que aparecia às vezes por baixo da educação e do verniz de Londres. Estávamos falando de um assunto que poucos homens com sua educação discutiriam com uma mulher solteira, e ele falava sem embaraço, sem confusão. Curiosamente, havíamos nos tornado amigos e pensei, com desânimo, na época em que ele partiria de Landfall.

— Mas, e as crianças aqui de Landfall? Elas ficam

todas aqui?

— Pela lei, elas são de Maria. São dela, e ela pode fazer o que quiser.

— Vendê-las?

Ele respondeu com relutância:

— Vendê-las. Ficar com elas. O que for melhor para a fazenda.

— Mas é monstruoso! Está errado! Você não pode achar...

— Não disse o que eu acho, Fiona — era uma leve censura.

— Estou contando o que acontece. Mas o fim está chegando. Logo tudo vai acabar. Wilberforce está velho, mas seu movimento é muito mais forte que um velho. O Parlamento vai acabar passando o ato... neste ano, no próximo, logo. A Emancipação dos escravos vai chegar às colônias britânicas. Ninguém mais vai ter, comprar ou vender escravos. Nenhum homem vai possuir outro homem de corpo e alma. A escravidão vai morrer.

— E Landfall?

— Landfall vai morrer também. Nenhum fazendeiro pode pagar essa gente para plantar cana-de-açúcar, agora que o monopólio britânico acabou. Ano após ano, tem de haver nova inversão nas plantações. Elas não podem se manter por si, mesmo sem pagar a mão-de-obra, elas têm de competir com o preço do açúcar no mercado mundial. E sem escravos, isso não é possível. Não ... Landfall e as outras vão morrer.

— Você não se importa?

— Importar? Não. Por quê? Meu avô fez fortuna com o açúcar de fazendas espalhadas pelas índias. Um pedaço

aqui, outro ali... nunca se deu ao trabalho de administrar pessoalmente nenhuma delas, mas também nunca financiou proprietários ausentes. Os homens para quem ele emprestava dinheiro tinham de ficar aqui, vendo a cana crescer, fazendo com que o rum, o açúcar e o melado partissem nos primeiros navios. Nunca um Maxwell fez negócios sem um homem de confiança. É, ele ficou rico. Não vou negar esse dinheiro, ou sua origem: a escravidão. Mas tudo acaba chegando ao fim.

— E o fim está muito próximo?

— Acho que está. Ninguém mais vai construir Landfalls, a não ser no sul dos Estados Unidos. Quando os escravos estiverem livres, cada um vai tentar cultivar seu pequeno terreno, tentar comprar alguns acres do antigo patrão. E os patrões, sem outro meio de ganhar dinheiro, vão vender acre por acre. O sistema todo vai desmoronar. Ninguém sabe o que vai acontecer com o preço do açúcar. Tudo o que sei, Fiona, é que está tudo acabado. Acabado.

— Eles não agem como se estivesse acabado. Santa Marta, Rodriguiz. Ninguém parece ter medo.

— É por que eles não acreditam que a badalada da meia-noite está próxima.

Já era meio-dia quando Alister disse isso. Estávamos passeando: pelo jardim, e finalmente sentamos no banco sob o grande choupo em frente à casa. Fiquei olhando o esplendor branco, ofuscante, daquela casa, seus recessos escuros e frios, a figura distante de Andrew tomando rum na galeria interna. Não parecia possível que tudo aquilo estivesse acabado. Alister leu a incerteza em meu rosto.

— Porque eles não conseguem aceitar que a emancipação é mais que um sonho mau para perturbar seus cochilos. Não conseguem acreditar que um parlamento britânico vai mandar matá-los, mas vai. O

movimento moral está lá, na Inglaterra, e o lucro está saindo do açúcar. Quando as duas forças se juntarem, vai ser o fim da escravidão, e o fim de Landfall.

— Você não parece perturbado com isso. Vocês, os Maxwell, vão perder muita coisa? Ou estou supondo?

— Suponha o que quiser, Fiona. Já tivemos nosso tempo, nossos lucros. Será que podemos tirar mais sangue dessas peles negras? Será que podemos tirar mais de um homem do que sua vida e sua alma? Eu, pelo menos, vou assistir ao fim disso tudo sem tristeza.

Então, bruscamente, sem uma desculpa ou despedida, ele me deixou. Lembro da figura alta, elegante, mancando pelo caminho que se afastava da casa. Não sabia por que ele estava ali, a não ser para testemunhar uma morte. Olhei novamente para a casa, para o velho, e pensei na criança cavalgando com a mãe, observando um modo de vida que julgava fosse durar para sempre. E eu estava encarregada de prepará-lo, de todas as formas, para aceitar que aquilo não duraria. Alister havia me encarregado sem precisar falar. Andrew também havia dito a mesma coisa quando, naquela primeira manhã, mandou-me ensiná-lo bem. Andrew podia fechar os olhos como quisesse, mas sabia, tão bem quanto Alister, que o fim estava próximo.

Porém, eu sabia que o que Duncan via a cada manhã, era a fileira de corpos negros e ensopados de suor, movendo-se sempre para a frente, num ritmo que nunca podia ser interrompido, com o golpe do chicote para dar-lhes força e energia. O encargo que me haviam imposto parecia mais urgente e quase impossível.

De vez em quando, eu voltava à primeira das enseadas além de Serpent Rocks, a sotavento. Estava como antes, lânguida, completamente encantadora, com apenas o

clarão do sol na areia branca ofuscando os olhos. Às vezes, tirava as botas, levantava as saias e andava com alegria pelas águas rasas da baía verde-azulada. Depois, sentava-me e ficava olhando os pássaros e refletindo sobre o que acontecia em Landfall. Geralmente, pensava em Maria; pensava no bilhete da loja de Rodriguiz, naquela figura esbelta passando pelas sombras e entrando na casa antes do amanhecer. O que significava tudo aquilo? Era um assunto com o qual eu nada tinha a ver? Não conseguia imaginar a sofisticada Maria tendo um encontro no depósito úmido trancado a chave na baía de San Francisco. Mas o que eu sabia das emoções de uma mulher como Maria? A aparência era uma máscara cuidadosamente fabricada; seria aconselhável arrancar parte dela para expor coisas piores? Que direito tinha eu? Minha primeira obrigação era para com Duncan: preservá-lo, protegê-lo, armá-lo. Por esta razão, nunca falei do que vi à única pessoa com quem poderia ter falado, Alister. Acreditava que ele não era parte daquilo; não se derruba prematuramente a estrutura, quando se sabe que está prestes a desabar. Agarrei-me à ideia de que estava ali com algum objetivo, alguma coisa relacionada com Duncan. Por isso, teria de sobreviver e enfrentar tudo. E faria isto.

Com mais frequência, nos passeios matinais, eu ia até o lado do Atlântico — o lado que dava para Serpent Rocks. Ia porque talvez fosse mais perto de casa, talvez porque tivesse saudade, pois aquelas ondas selvagens faziam-me lembrar um pouco do bater das ondas contra a muralha do cais de Silkirk. Ali, naquela enseada selvagem, açoitada pelas ondas, onde havia ficado com Alister na noite de minha humilhação, tinha a sensação de ouvir melhor as vozes de casa. Ali eu não era embalada pelo langor dos trópicos, aquele não era o paraíso entorpecedor do mar calmo e silencioso. Ali a força final das imensas ondas do Atlântico precipitava-se em poços rochosos, e meus pés

sentiam a dor aguda dos cortes infligidos pela aspereza. Sentia a espuma salgada nos lábios, a pitada de sal para tirar o gosto úmido e adocicado do que havia em Landfall. Aprendi a amar o eterno elevar e rebentar, das ondas, a retração e de novo a elevação. Aprendi a observar as minúsculas coisas do mar que habitavam aqueles poços aquecidos pelo sol, os peixinhos, a vida abundante e prolífica; acostumei-me a ver as sanguessugas cabeludas agarradas às rochas, e até descobri um poço que servia de habitação a um polvo. Certa vez, quando estava bisbilhotando com uma varinha, vi os tentáculos se agitando lentamente, tentáculos infantis, mas mesmo assim ameaçadores. Como aconteceu com a enseada no outro lado de Serpent Rocks, a enseada de San Francisco com as assustadoras ruínas das fortificações, também aprendi a manter distância daquele poço.

Foi para aquela enseada que me dirigi depois de saber de Thomas Scobie. Um dia, quando Duncan havia saído com Maria, fui para a galeria externa, e encontrei Alister numa cadeira perto da escada. Tinha uma carta nas mãos, o que não era raro. Alister recebia muitas cartas, que o seguiam fielmente pelos mares, como se ele fosse um elemento indispensável que não podia ficar longe nem por um curto espaço de tempo. Porém, ele não estava lendo, estava apenas fixando a folhagem verde e cerrada do jardim, com um olhar de abstração e dúvida que parecia completamente estranho.

— Alister? — não fiz nada para ser discreta; já havíamos passado daquele estágio. — Alister? Tem alguma coisa errada?

Ele se voltou lentamente, o cenho carregado, como se não tivesse resposta.

— Errada? Não, nada mais errado do que o de sempre.

Sentei-me ao seu lado.

— O que significa isso?

Ele tocou na carta.

— Um amigo, Peter Jenkins, estava lutando por uma eleição suplementar perto de Bristol. É claro que a causa da emancipação tem bastante peso. Bristol enriqueceu com o comércio de escravos, quando ainda era legal, e existem muitos navios piratas, pertencentes aos cidadãos de Bristol, que aliciavam escravos. Bem, foi uma luta feia e meu amigo perdeu. Ah, nós já esperávamos por isso, mas é preciso lutar sem ligar para as chances. Mas não foi só isso. Um de seus ajudantes, que fazia comícios nas cidadezinhas, foi morto. A multidão o cercou, atirou-lhe pedras e chutou-o até a morte, e não há ninguém para ser responsabilizado. Ninguém para ser julgado.

Ele baixou os olhos para a carta.

— Era escocês. Chamava-se Thomas Scobie. De Glasgow. Sem educação e sem dinheiro. Não era muito conhecido no movimento. Mas deixou todos nós envergonhados de saber que deu a vida pela causa.

Uma tristeza gélida invadiu-me o coração. Queria gritar, berrar que sabia, que o havia prevenido. Mas também sabia que ele prosseguiria, indo de encontro ao que lhe estava reservado, o fim que eu havia visto. Porém, não podia dizer isto a Alister. Já fazia parte do passado, e o aviso não havia servido para nada e, por um acaso maldoso, a notícia seguiu-me até aquele lugar, àquela hora. Desejei nunca ter visto o que aconteceu a Thomas Scobie. Desejei nunca mais ter ouvido seu nome. Mas ouvi; tinha de ouvir. É impossível escapar.

No entanto, disse alguma coisa. Thomas Scobie tinha pelo menos o direito de ter seu nome pronunciado.

— Uma vez ouvi Thomas Scobie falando. Por acaso, em Glasgow. Era o tipo de homem que seria... — hesitei — um mártir. Alister concordou, como se a coincidência não lhe parecesse estranha. Bateu na carta com os dedos impacientes.

— Logo, logo, vou embora de Landfall, Fiona. Não posso ficar mais muito tempo aqui, sentado, verificando contas, tentando descobrir as trapagens, grandes ou pequenas, de Maria. Já estou cansado de ouvir essas desculpas de escravos e comida, da quantidade de algodão que as mulheres precisam durante o ano. Há muito trabalho esperando na Inglaterra. O que está errado aqui em Landfall não passa de uma parte insignificante do que está errado por aí fora. Há homens morrendo para consertar o que está errado, e eu estou sentado aqui. Pois bem, daqui a um mês vou embora.

— Vai voltar para os negócios da família?

Ele suspirou.

— Vou. Tenho de voltar. É preciso dinheiro para lutar. É preciso ter influência, e é isso o que o dinheiro dá. É só para isso que ele serve...

Dei uma risadinha para tentar disfarçar o desânimo de saber que ele logo iria embora, e que eu ficaria sozinha ali, obrigada a enfrentar Maria.

— Acho que vai ter outras responsabilidades, Alister. Você não vai ficar solteiro pelo resto da vida.

Ele deu de ombros.

— Sabe, um homem pode ficar solteiro durante muito tempo, esperando a mulher certa. E, de repente, descobre que ninguém o quer, quer dizer, ninguém que ele queira. Não percebi minhas chances quando elas apareceram, e só tomei consciência delas quando já tinham ido embora. Sou

um homem muito franco, Fiona, e, com as mulheres, às vezes sou tímido. Sempre tive medo de mulheres muito bonitas. Elas exigem demais, como se a beleza fosse tudo o que precisassem dar. Para o que eu quero fazer na vida, é preciso um certo tipo de mulher. Teria de ser uma que soubesse disso, e que acreditasse nessa causa. Alguém que aceitasse a relativa falta de atenção, a solidão e uma vida social cansativa com pessoas que não a interessassem, mas que pudessem nos ajudar. As moças de dezessete anos me cansam e as outras, que talvez pudessem compreender melhor essas coisas, também sabem onde estariam se metendo.

— Onde estariam se metendo?

— Quando voltar a Londres, vou entrar na política; desta vez, não só com dinheiro, mas com minha própria pessoa. Se outros homens podem subir em plataformas e enfrentar multidões hostis, então eu também posso. Vou me candidatar ao Parlamento sempre que tiver uma chance, e vou chegar lá, nem que leve dez anos. E vou fazer isso do meu jeito, sem acordos.

Balancei a cabeça.

— Então, vai haver mulheres pedindo a sua atenção. Ser membro do Parlamento é uma posição de honra. Que mulher não se encantaria...?

— Não há muitas que se encantariam com o que eu quero fazer no Parlamento. Vou ser um daqueles malditos reformadores que Andrew vive amaldiçoando. Mas, quando isso acontecer, a emancipação já estará em vigor, sem dúvida, e há mais coisas a mudar do que você imagina. Temos de tirar as crianças das fábricas e diminuir as horas de trabalho; temos de dar casas para os pobres. Temos de fazer alguma coisa pela Irlanda, se é que, que Deus nos ajude, dá para fazer alguma coisa por esse país

desgraçado. São essas as coisas que me preocupam. Ah, sei que estou sendo pedante, exigente, mas não posso evitar. Cheguei a um ponto de minha vida em que ou entro na luta ou perco minha alma.

Então, veja o caso de uma esposa, Fiona... bem, as mulheres não gostam de ter uma eterna luta nas mãos. Elas não gostam de ver o dinheiro que seria de seus filhos indo para pirralhos anônimos das cidades industriais e das minas. Mas é assim que vai ser.

Baixei os olhos e olhei minhas mãos, apertadas, uma contra a outra, no colo.

— Você me faz ficar com vergonha, Alister. Nunca pensei em fazer essas coisas em toda a minha vida. Sou filha de pastor, mas, mesmo assim, parece que não compreendi a primeira parte do que significa amar e trabalhar por alguma coisa que não esteja diretamente ligada a mim... é, estou envergonhada.

— As mulheres não têm as mesmas armas dos homens — lembrou ele. — Elas apoiam, confortam, ajudam. Mas quanto ao amor... você tem o dom. Você o irradia...

Ele se levantou bruscamente, e as últimas palavras quase se perderam no arrastar da cadeira no chão de mármore. Talvez não quisesse que eu ouvisse.

— Preciso responder isso. Amanhã tem um navio que parte de Santa Marta para Londres.

Ele me deixou e desejei que tivesse ficado, porque fiquei só com a ideia de Thomas Scobie por companhia.

Assim, peguei o chapéu e fui caminhar ao sol, tomando uma das trilhas que levavam à enseada do Atlântico. No entanto, Thomas Scobie caminhava ao meu lado, aquele rosto pálido e os olhos febris. Ainda estava comigo quando cheguei à minha pedra na primeira

enseada, um pouco fora do alcance da espuma das ondas. Fiquei agachada, os joelhos dobrados, à sombra do grande chapéu, as botas e meias do lado, os pés molhados secando rapidamente ao sol, o sal se cristalizando neles. Havia arrancado um hibisco ao atravessar o jardim; não sei por que, só sei que eles estavam lá, aos milhões, prontos para serem colhidos. Vi que já estava murcho em minha mão e soltei-o. O vento o carregou para trás, mas a onda seguinte alcançou o poço onde havia caído e ele foi levado. Era o único tributo que podia oferecer a Thomas Scobie. Aquilo e a lembrança que tinha dele.

Fiquei sentada, sem me importar com o tempo que passava, consciente apenas do sol e do ritmo estrondoso das ondas. E foi ali que Fergus me encontrou. Fiquei contente de não ter acontecido como Andrew havia planejado; estava desarrumada por causa do vento, vestida com uma saia velha e uma blusa de algodão de mangas compridas e gola alta, que ainda usava naqueles passeios matinais. Era exatamente o que eu era e não uma mulher vestida de seda, sentada num salão iluminado. Era apenas Fiona McIntyre, a governanta escocesa. Não tive de tentar ser outra pessoa.

Limitei-me a levantar os olhos, e ele estava ali, descalço, as botas embaixo do braço, equilibrando-se enquanto atravessava o poço rochoso na minha direção; a rapidez de sua passada me mostrava como seus pés eram resistentes, acostumados à aspereza das rochas e das conchinhas e ao sal que faz arder.

— Bem... — disse.

— Bem...? — perguntei.

Era um terreno neutro. Nenhum dos dois estava em vantagem; nenhum dos dois possuía o mar ou o cenário, a grandeza, o esplendor.

— Posso me sentar ao seu lado?

Peguei minhas botas e meias para dar-lhe espaço na rocha, e o fantasma de Thomas Scobie foi levado pelo vento do Atlântico, dando lugar àquele homem cheio de vida. Fergus deu um salto e sentou ao meu lado, mais perto do que eu esperava; não me olhou. Ficou olhando para Serpent Rocks, através da enseada. O mar é um grande equilibrador; se estivéssemos em Landfall, eu ficaria nervosa, confusa. Ali, a tensão estava no rebentar das ondas, e não entre nós.

— Estou vendo — disse eu — que alguém lhe ensinou boas maneiras, ensinou-o a pedir as coisas com educação. Estava com medo de que fosse exatamente como seu pai.

Ele riu.

— Você o conhece, não é? Ele não passa de um embusteiro, principalmente com as mulheres. Toda aquela grosseria não passa de casca. Ele tem de disfarçar porque está ficando velho e sente que está perdendo o poder. Mas você está certa, é claro. Realmente, alguém me ensinou boas maneiras, a mesma mulher que ensinou a ele. É uma pena que nenhum de nós lembre dessas lições. Minha avó era como você. Fazia questão das coisas certas, não necessariamente das coisas convenientes. Só das certas. As virtudes escocesas. Desculpe se parece que estou rindo delas. À minha maneira, sou tão horrível quanto meu pai. Todos embusteiros. Mas espero que você consiga ensinar alguma coisa a Duncan. Deus sabe que ele vai precisar disso.

— Vou fazer o possível — disse calmamente.

Todos eles me pediam isso, como se estivessem impotentes, como se houvesse algo ameaçando Duncan, além da grande mudança que ele deveria estar preparado para enfrentar. O que todos eles desconheciam era a visão

que tive daquela criança, aquela visão breve e terrível, no outro lado do mundo.

— Mas não tenho poder nenhum. As governantas não têm poder. E tenho pouca influência. E pouquíssimo tempo. Duncan é um menino voluntarioso, e foi muito mimado.

Fergus inclinou-se para ouvir melhor, por causa do barulho das ondas.

— Mimado... é, eu sei. Disputado. Mimado... mas talvez ainda tenha tempo de corrigi-lo. É uma pena que você não tenha chegado mais cedo.

— A mãe dele — disse eu.

— A mãe dele... é, tem a mãe dele — a resposta veio numa espécie de determinação amarga. — Não há como lidar com aquela mulher. Ela é mais forte do que seis homens. É, acho que todas as virtudes escocesas, mesmo que você tivesse pegado Duncan no berço, teriam pouca chance contra essa ganância diabólica dos espanhóis, essa obsessão de trazer o passado de volta. Ah, tenho certeza de que você já ouviu Maria se gabando disso. Mas, em parte, ela tem razão. San Francisco foi realmente uma concessão original de Fernando e Isabel, e era quase metade da ilha de San Cristóbal. Os Medina são grandes na Espanha. Provavelmente, esses daqui eram os primos pobres, mas tem um pouco de verdade nessa história toda. Ninguém ligaria se o assunto parasse aí, mas ela fica enchendo os ouvidos de Duncan, quando isso já não tem o menor sentido. É melhor que o lado espanhol fique morto nele, mas o orgulho dela não permite.

— O orgulho escocês também é um pouquinho cabeçudo — lembrei. — Mas você pode fazer sua parte, se está realmente preocupado com ele. Ele adora você... fala sempre em você.

— Meu pai não deixa que ele se aproxime de mim e

nem Maria. Não, Duncan não vai aprender comigo. É melhor assim. Tem muita coisa que ainda não sabe sobre Landfall, Srta. Fiona.

Não queria afastá-lo, mas tinha de ir mais longe; havia compreendido que aqueles momentos eram incrivelmente preciosos. Nosso encontro havia sido tão repentino... estávamos conversando como se não houvesse nenhuma barreira de espaço ou ignorância entre nós. Era difícil acreditar que fazia pouco tempo que eu conhecia Fergus. Não sei como, mas o mundo inteiro havia mudado quando ele subiu naquela rocha e sentou-se ao meu lado. Éramos duas pessoas, e não dois estranhos. Éramos um homem e uma mulher; todo o elaborado ritual de formalidade havia sido dispensado. Não havíamos passado por nenhum estágio intermediário, por nenhum jogo de sala de estar, por nenhum convite educado para passear, para trazer vinho, para virar as páginas de música. Nunca passaríamos por estas coisas. Havíamos pulado um capítulo inteiro do livro e nenhum dos dois sentia falta dele. A história prosseguia.

Perguntei;

— Como era Landfall no começo, quando você ainda era pequeno? Você começou a me contar naquela manhã...

— Não tinha muita coisa. Todas as coisas boas estavam lá em Winterslo. Era minha avó, para dizer a verdade. Ela era a alma do lugar. Era uma cristã que lia a Bíblia e que ainda conseguia defender o marido por tolerar a escravidão; que aceitou o bastardo do filho e o criou com amor e dignidade. Ela era rígida e severa, mas acreditava no mandamento do amor. Ficava lá, como uma árvore alta onde eu podia me agarrar. Meu pai também se agarrava a ela. Ela mandava em nós dois, mas não era cruel. Lembro que desaprovava completamente a reforma de Landfall, a grandeza não fazia parte de suas ambições e, de qualquer

forma, ela sabia que não estávamos destinados a ser uma família comum de fazenda, dando festas e indo a festas. Ela morreu antes de Landfall ficar pronta e eu me lembro... bem, lembro que foi exatamente como se meu refúgio contra um furacão me tivesse sido tomado de repente. Meu pai só sabia fazer duas coisas: era igualzinho ao que é com Duncan hoje. Uma chuva de presentes e o completo abandono. Cheguei a um ponto, lembro-me bem, em que voltaria com prazer às sessões noturnas da Bíblia, com minha avó, em vez de ficar ganhando todos aqueles presentes. Eu precisava do tempo dele, e não dos presentes. E com a fazenda era a mesma coisa. Tinha horas em que ele trabalhava o dia todo nos canaviais, e passava metade da noite lendo; outras vezes, ele quase esquecia da existência de Landfall. Nessas horas, nessas horas ele estava ocupado com alguma mulher — ele fez um gesto repentino, para descartar qualquer ideia que eu pudesse ter. — Ah, não se deixe enganar. Ele não trazia nenhuma a Landfall. Eu só sabia o que ouvia dos escravos. Eles sabem de tudo. Nunca soube quem eram as mulheres. Talvez, mestiças. Pode até ter tido uma ou duas brancas em Santa Marta, de família tão pobre que as deixasse pensar em casar com Andrew Maxwell. Mas esses casos não deram em nada, e ele nunca deixou as coisas escaparem do seu controle. Landfall prosperou, embora os escravos fossem caros e difíceis de obter. Antes de ficar doente, antes de Maria e daquela erva ordinária que ela deu para ele fumar — aquilo, e o rum — ele era um bom administrador. Acho que ganhou muito dinheiro. Ele não me falava dessas coisas, e não permitiu que eu tomasse parte da administração. Depois, me deu Winterslo, e são os mesmos acres difíceis e estéreis que meu avô cultivou. A cada colheita, ficam mais pobres e ruins.

— Gostaria de conhecer Winterslo.

— Você não ia gostar de lá — respondeu rapidamente.

— Não é como Landfall.

— Mas gostaria de conhecer assim mesmo.

Foi então que interrompi-me. Não sabia quem mais morava em Winterslo. Continuava andando às cegas, tropeçando em terreno desconhecido.

— Bem, talvez...

Ele respondeu inesperadamente:

— Então está bem. Venha. Amanhã. Sabe andar a cavalo?

— Não tão bem como a Sra. Maxwell. Um animal manso e velho.

— Venho buscar você amanhã, quando Duncan tiver saído com Maria. Espere no pátio dos estábulos.

Ele se afastou pelas rochas, em direção ao caminho que levava a Landfall. Não esperou por mim, não pediu minha companhia. Simplesmente foi embora. Havia deixado tanta coisa de lado; porém, algumas coisas faziam falta, uma falta dolorosa. Lembrei-me do que Alister havia dito, que uma mulher tinha de suportar o abandono. Fora do alcance das águas, calcei as meias e as botas e subi em direção à trilha. O sol estava insuportável, eu estava cansada, com os sentidos esgotados. Estava com uma dor de cabeça fortíssima; estava consciente da terrível solidão que sua ausência me trazia.

III

Na manhã seguinte, logo que Duncan saiu com Maria, fui para o pátio do estábulo. Estava nervosa, desejando não ter chegado cedo demais, desejando não ter de ficar esperando, exposta aos olhares dos escravos e, porém, com medo de perder um só minuto das poucas horas que tinha

para ficar com Fergus. Lembro-me que, ao correr para trocar de saia, fiquei com medo de que Fergus quisesse uma vez mais afirmar sua independência e simplesmente não aparecesse. Mas ele estava lá, esperando, sem nenhum sinal da arrogância habitual; e eu... eu parecia uma colegial, tímida, sem saber o que falar.

O criado particular de Maria também estava lá, segurando, embora não parecesse necessário, uma velha égua com uma sela para mulheres. Era o escravo Samuel, um homem grande e silencioso, cujos cabelos estavam ficando grisalhos nas têmporas. Andrew mandava-o acompanhar Maria e Duncan todas as manhãs, e ela, com a mesma autoridade, dispensava-o. Diziam que era devotado a ela; já havia escutado Maria gabar-se disso: “Aquele homem é capaz de morrer por mim.” Naquela manhã, porém, por alguma razão, ele parecia estar gostando de fazer parte de um encontro que Maria ignorava.

— Tudo pronto? — perguntou Fergus. — Pensei que as mulheres sempre faziam os homens esperarem. Mas isso não podia estar na lista das virtudes escocesas que sua avó admirava.

Olhei para a égua, completamente imóvel, com a cabeça inclinada sob o sol.

— Estava querendo ter certeza, não é? Acho que até eu posso montar essa aí.

Senti a força gentil das mãos de Samuel ao ajudar-me a montar. Olhei o rosto negro voltado para mim e, por uma vez, os olhos não se desviaram, o confronto não foi evitado.

— A patroa vai se dar bem com a velha Rosa. Primeiro é melhor ir com ela. Quem sabe da próxima vez tem coisa melhor.

Por alguma razão, ele parecia desejar-me boa sorte e, quando sorri, agradecida, recebi um sorriso em lugar da

resposta mecânica que esperava.

Tive de instigar Rosa para a frente. Fergus, em seu cavalo castanho, foi saindo do pátio do estábulo e chegou a uma das trilhas dos fundos que levavam para fora da casa. Não havia espaço para cavalgarmos lado a lado, e ficamos em silêncio enquanto atravessávamos as sombras, às vezes nos abaixando sob as trepadeiras quando o caminho ficava mais acidentado. Tomamos uma bifurcação que eu nunca havia percebido em meus passeios. A vegetação era selvagem e exuberante nos dois lados, mas a trilha única estava bem marcada, como se fosse utilizada com frequência por um cavalo e seu cavaleiro. Era uma trilha feita no lado de Kronberg, mas muito mais alta que a estrada de Landfall.

— Nunca vim aqui antes — gritei para Fergus, que ia na frente.

— É o caminho mais rápido para Winterslo. É aqui que a chuva cai mais, uma verdadeira floresta tropical, não é? Nunca foi cultivada. Impossível desbravar. Mas logo que chegarmos àquele canto, vai aparecer um deserto de novo. Kronberg fica com toda a chuva naquele lado. Não sobra nada para a encosta a sotavento. É lá que fica Winterslo.

Como ele disse, foi uma mudança súbita e espantosa. A brisa diminuiu, as árvores ficaram mais raras, e dali podia-se ver o lado da ilha que ficava a sotavento. Daquela altura, dava para ver o verde brilhante dos imensos acres de cana de Landfall. E lá estava a casa grande que eu havia visto dos promontórios, mais a baía em forma de gancho onde ficavam as fortificações. E então, muito mais longe e bem mais alto, na direção da subida de Kronberg, ficava a casa branca e poeirenta que havia adivinhado ser Winterslo. Havíamos começado a descer, e agora estávamos lado a lado numa trilha poeirenta entre os canaviais. A cana não era tão alta quanto a de Landfall, nem o solo era tão

bem cuidado.

— Não tenho escravos suficientes para trabalhar o solo adequadamente. A maior parte é cana rebrotada. Quer dizer, é só deixar nascer nas próprias raízes por um terceiro ou quarto ano, em vez de replantar a cada segundo ano. A colheita não é lá muito boa. A cada ano, a cana fica menor. Todo ano eu replanto alguns acres, mas nunca é bastante. Faço o que posso, mas o lugar precisa de dinheiro e de homens. Meu pai esqueceu dessa terra depois da morte de minha avó. Disse que o solo não valia o esforço, já que Landfall produzia muito mais — ele baixou ainda mais o chapéu. — Mas eu tenho de trabalhar esse solo de alguma maneira, ter algum rendimento. É uma herança, como meu pai vive me dizendo. Um lugar em que ele e meu avô labutaram muito. Parece que tenho de me inspirar nisso.

Estávamos passando por um declive muito mais suave, entre os canaviais; a estrada estava cheia de sulcos profundos de velhas marcas de rodas. Não vi nenhum escravo nos canaviais. Em Landfall, naquele mesmo trecho, já haveria vários grupos, o ar já estaria cheio com suas vozes, suas canções estranhamente melancólicas que davam o ritmo de seus movimentos no meio da cana. Ali havia silêncio; não havia nem mesmo o som dos pássaros.

Subitamente, sem querer, fiz Rosa parar. Olhei de um lado para outro no meio da cana, mas não vi nada. No entanto, alguma coisa havia me feito parar. Apesar do calor inclemente, havia algo gelado naquele lugar. Não consegui conter o calafrio que me percorreu. Virei-me para Fergus e vi que ele me fixava de uma maneira estranha, com uma expressão espantada e um pouco chocada.

— O que foi, Fiona?

— Nada, nada não.

— Mas você parou! Você está com um ar... estranho.

Tentei dar de ombros e sorrir.

— Não sei por quê. Pensei que tinha alguém aqui. É ridículo, eu sei, mas de repente fiquei com frio.

Ele aproximou o cavalo do meu, e nossas pernas se encontraram.

— Você sentiu? Você sabe?

— Se eu sei? — gostaria de sair dali. — O que devo saber?

Ele sabia que eu odiava aquele lugar; fez os cavalos andarem para a frente antes de responder.

— Foi exatamente aqui, segundo meu pai, que meu avô foi assassinado. Ali, longe da vista da casa. É uma das primeiras coisas que eu lembro. Ele me trouxe aqui e me contou a história.

Minha avó não gostou, mas meu pai se defendeu dizendo que eu tinha de aprender desde pequeno a não confiar em escravos, se possível, nunca virar as costas para um — ele parou e depois acrescentou: — Bem, é uma coisa que não se pode evitar. A gente se acostuma a viver com isso. Acho que todos os brancos sentem medo a maior parte do tempo, mesmo se não estiverem pensando nisso. Está sempre lá, no fundo da mente. Mas a gente tenta deixar de lado, senão fica louco ou não consegue dormir nunca. A maioria, acho, dorme com pistolas ao lado da cama. Olhe, aí está Winterslo.

Saímos da trilha das carroças para o que devia ser a estrada de terra que encontrava a de Landfall mais embaixo. Aproximamo-nos pelo lado, mas eu estava certa ao reconhecer a propriedade lá do promontório, com aquelas casas espalhadas. Havia uma espécie de avenida, quase tão cheia de sulcos quanto as trilhas das carroças, onde se alinhavam casuarinas, plantadas já havia muito

tempo, com o cuidado escocês, mais pela proteção contra o vento do que pela beleza. O engenho de açúcar era perto da casa e ao seu lado ficava uma fila de estábulos e anexos. A casa em si era pequena, simétrica, com apenas a galeria necessária para distingui-la do tipo de casa quadrada que os fazendeiros relativamente prósperos da Escócia construía. Ali não havia nenhum esforço para marcar presença ou ostentar grandeza; era simplesmente a casa que um escocês trabalhador havia construído para a esposa e o filho, tendo sido assassinado num ponto da serra logo acima; dali não dava para ver. Não disse nada; não havia nada que eu pudesse dizer sobre Winterslo que Fergus não classificaria de fingimento. À medida que nos aproximávamos, o desmazelo ia ficando cada vez mais evidente. Não havia jardim, apenas um lugar vazio na frente da casa, parcialmente coberto pela sombra de grupos de árvores que se inclinavam para fugir à ação do vento. A terra parecia seca e cheia de fendas; as galinhas bicavam o chão, sem entusiasmo. No lugar das janelas de uma casa escocesa, havia portas de vidro. As pesadas venezianas contra furacões do lado de fora, e as persianas internas para serem fechadas à noite. Todas elas estavam bambas e precisavam de pintura. Fergus teve de gritar para que um escravo aparecesse para pegar nossos cavalos. Ele não veio correndo como fariam os de Landfall. Veio arrastando os pés, vestido com roupas sujas, ostentando uma indiferença preguiçosa que mostrava que pouco temia o patrão.

— Droga, Daniel, será que você não pode se mexer pelo menos uma vez na vida?

O homem deu de ombros.

— Não ouvi o patrão chegar.

Aquilo respondeu a uma pergunta que já estava me fazendo. Fergus, obviamente, não usava chicote, se usava,

era em raríssimas ocasiões. O homem levou os cavalos, cantando para si mesmo; não olhou para trás nem uma vez. Não temia um castigo posterior. Fergus havia se esquecido dele; pegou meu braço com a mesma cortesia solícita de Alistair e conduziu-me aos poucos degraus que davam para a galeria. Só que ali não havia o corrimão trabalhado, as escadas em curva de Landfall. A galeria era mobiliada com algumas cadeiras decrépitas de bambu. Porém, ele me levou mais longe, para a escuridão da sala principal e a escadaria de Winterslo.

Estava tudo cheio de poeira, sujo. Bolas de sujeira voavam pelo chão quando passávamos; havia poeira por toda a parte, a não ser numa ponta de uma grande mesa de mogno, boa o suficiente para enfeitar Landfall. Todo o resto era de bambu. Cadeiras com encostos cheios de teias de aranha; algumas mesinhas. Havia uma mesa de costura cuja seda estava quase toda desmanchada, e um espelho manchado pelo tempo. Em alguns lugares, a madeira podre do chão rangia sob minhas botas.

— Bem-vinda a Winterslo — disse Fergus, sem ironia; ele estava acostumado ao lugar.

Depois, bateu palmas!

— Hannah! Hannah! Onde é que você se meteu?

Levou algum tempo até a mulher aparecer, vinda dos fundos; a cozinha devia ficar ali, separada do resto da casa. A mulher era de meia-idade, magra e lacônica.

— Chamou, patrão?

— Você sabe muito bem que chamei. Traga suco de lima, o meu com rum.

Ela deu de ombros.

— Não tem lima, patrão.

— Então qualquer coisa. E veja se anda rápido!

Fergus balançou a cabeça, como se soubesse que estava sendo enganado.

— Não adianta. Não tenho pulso firme com eles. Fazem o que bem entendem. Bom, sente aqui.

— Não vai me mostrar o resto da casa? A parte de cima? Sabe que não tenho muito tempo. Tenho de estar em casa quando Duncan voltar.

— A parte de cima? É o que você já deve esperar. Pior do que aqui embaixo. Goteiras. Aranhas. Cupim na escada e no chão. Bem, mas eu convidei você para vir a Winterslo. Mas não pode ver a cozinha: provavelmente, ficaria enojada. Pois bem, então, vamos lá em cima. Sem dúvida, Hannah ainda vai demorar para trazer as bebidas.

Segui-o escada acima. Não uma grande escadaria como a de Landfall, mas uma estreita, saindo da parede, típica de uma casa escocesa. O corrimão estava cheio de poeira, e o suor de minhas mãos fez com que a poeira grudasse nelas. No alto, um corredor dividia os quartos. Deviam ser uns seis.

— Acho que meu avô esperava ter muitos filhos. Esta casa serviria por algum tempo.

Levou-me de quarto em quarto, escancarando as portas, mostrando-os praticamente vazios, mobiliados com uma arca ou um guarda-roupa, simples demais para irem para Landfall. Chegamos ao último quarto, o quarto do canto com duas grandes janelas que davam para vistas diferentes.

— É aqui que eu durmo agora. Antes, era o quarto de minha avó.

Era simples, sujo. Não havia nenhum motivo para embaraço. Se Fergus tinha uma amante, se tivesse tido

muitas no passado, nenhuma esteve em Winterslo. A cama de quatro colunas era rústica. Sobre uma escrivaninha em que faltava uma gaveta havia, duas escovas de prata, já muito usadas; um armário com uma porta aberta solta numa das dobradiças revelava uma montoeira de roupas. Havia ali uma espécie de desolação terrível que não tinha, nada a ver com pobreza. Ninguém cuidava daquele lugar. Ali não morava nenhuma mulher. Uma flor ou duas teriam ajudado, assim como um quadro na parede, ou até mesmo uma das conchas espalhadas pela praia. Não havia nada. Não consegui fazer nenhum comentário; limitei-me a ir até a janela que dava para o mar. Contrastando; com Landfall, Winterslo não apresentava o luxo de uma galeria superior, de modo que o sol forte entrava direto pelas venezianas abertas. Mesmo com a brisa que soprava entre as duas janelas, o calor era forte. As venezianas chegavam até o chão e havia um pequeno trilho ao longo de cada janela.

— Não debruce aí — avisou Fergus. — Está tudo podre por causa dos cupins. O lugar todo precisa de limpeza. Talvez — acrescentou, e senti que ele não estava brincando — talvez haja uma revolta qualquer dia desses, e os escravos acabem fazendo o favor de botar fogo nisso tudo.

Voltei-me, para ele.

— Você está esperando uma revolta?

Ele deu de ombros.

— De vez em quando elas ameaçam, como os furacões. Às vezes rebentam, geralmente, não. Mas elas fazem parte disso que vive com a gente, como a pistola ao lado da cama.

Instintivamente, meus olhos dirigiram-se para a mesa ao lado da cama. Estava coberta de poeira, mas havia uma gaveta com fechadura. Ele sabia o que eu estava

procurando e confirmou.

— Aqui não dorme nenhum escravo à noite. Trago um dos cães para dentro. Não dá para evitar. É assim que se cresce por aqui.

— Alister diz que...

Ele me interrompeu.

— Não estou interessado no que diz Alister. Ele está cheio das ideias de Londres sobre as índias Ocidentais, não conhece a realidade. Já leu livros, mas nunca soube o que é ver a cana açoitada por um furacão. Ele pode fazer um discurso sobre Wilberforce, mas não sabe que essa gente vive melhor aqui do que na África. Lá, eles também eram escravos. Uma tribo vendia a outra, e a supressão do comércio foi uma vergonha. Estamos morrendo aqui por falta de escravos, enquanto na África eles estão se comendo. Não, não me venha falar de Alister. Aquele homem é uma besta cheia de pompas!

Como se estivesse com medo de meu protesto, virou-se depressa e saiu do quarto.

— Vamos descer. Ao meio-dia, faz um calor danado aqui em cima. Pode ser até que Hannah já tenha alguma coisa para bebermos.

Dei mais uma rápida olhada antes de sair, gravando na memória o aspecto triste daquele quarto; sabia que pensaria várias vezes em Fergus naquele quarto. Notei mais uma coisa: olhando da janela que dava para a praia, a serra que ficava entre aquelas terras e as de San Francisco era muito alta para poder se ver a baía em forma de gancho abaixo da casa grande; um navio passando por ali não poderia ser visto por ninguém, a não ser por quem estivesse em San Francisco.

Lá embaixo havia uma bebida doce e enjoativa

esperando por nós, numa mesa de galeria. Hannah havia colocado rum nos dois copos.

— Ela não sabe fazer outra coisa — disse Fergus. — Eu não sei ensiná-la. Não tenho paciência. Ela não quer aprender. Gosta das coisas do jeito que elas são. Quando quero assustá-la, falo que vou trazer uma mulher para Winterslo. Ainda tem um chicote pendurado na cozinha, do tempo de minha avó. Mas ela só fica rindo. Não acha que Winterslo vá ter uma branca tão cedo. Ela também não é boba. Que mulher gostaria de vir para cá?...

Eu não sabia o que dizer; fiquei olhando o mar e tomando a bebida, e estava estranhamente contente com o rum, que acalmava meus nervos. Mas se bebesse um pouco mais, acabaria falando, e poderia dizer coisas que não deveriam ser ditas. Queria inclinar-me e tocar o braço daquele homem; queria sentir sua mão na minha. Éramos completamente diferentes. Ele, rude e irritadiço, com pouca educação, sem cultura, com ideias sobre a escravidão que eu achava difíceis de aceitar. Não vi nenhum livro na casa e, durante toda a minha vida, eu havia convivido com livros. No entanto, ele tinha uma sensibilidade curiosa; parecia saber o que ia na cabeça das pessoas e, quando a brusquidão desaparecia, era um homem gentil. Nenhum escravo de Winterslo tinha medo do chicote. Ele atraía as crianças, assim como as mulheres. Eu sabia —da devoção que Duncan tinha por ele, mesmo os dois se vendo tão pouco. Ele era um homem capaz de apreciar a grandeza das enseadas de Serpent Rocks, que ia lá só para ver aquela beleza; no entanto, eu sabia das histórias de suas brigas nos bares de Santa Marta. Mas qualquer um o perdoaria se visse o triste estado de Winterslo e a acolhida relutante e tensa que havia recebido em Landfall. Era um homem deserdado e, mesmo assim, não odiava a criança que havia tomado seu lugar.

Meus pensamentos foram ficando perigosos. De repente, fui tomada por um desejo de tê-lo para mim, uma coisa horrível quando acontece com uma mulher. Naqueles momentos terríveis, sabia que meu desejo era tão forte quanto o de qualquer homem. Isso não devia acontecer, mas aconteceu. Não conseguia mexer-me, sufocada por meu próprio desejo. Nestas horas, toma-se consciência de uma coisa terrível. Compreendi imediatamente por que as pessoas agiam na loucura da paixão, por que vidas eram destruídas, arruinadas; compreendi os encontros de Andrew com a mãe de Fergus, a menina de apenas 17 anos, na casa grande da colina. Compreendi por que Fergus havia nascido. Mas agora havia uma diferença entre só saber e compreender. Antes, eu não acreditava naquela onda de desejo e ansiedade; agora, cada nervo de meu corpo se estendia, tenso, desejando-o. Se ele tivesse feito o menor movimento na minha direção, teria me agarrado a ele, e minha alma nunca mais voltaria a ser livre. Será que eu poderia chamar aquilo de amor? Era absurdo. Como podia amar o que não conhecia? O problema era que eu nunca havia passado pela doença do amor; não conhecia seu poder irracional.

Minha mão estava tremendo quando coloquei o copo sobre a mesa, ainda pela metade.

— Tenho de ir.

Como havia conseguido dizer aquilo?

Ele me olhou diretamente.

— Você quer ir?

Será que ele sabia, como parecia saber tantas outras coisas? Achei que não poderia suportar saber que ele havia percebido meu tormento; porém, que desperdício se ele nunca viesse a saber, que falta de honestidade. Será que, se soubesse, ele usaria isso como uma arma? Eu estava à sua

mercê, mas ele não era oportunista.

— Não se trata do que eu quero. Tenho de voltar para Landfall. Não sou paga para... bem, tenho de ir.

A cadeira de bambu rangeu ruidosamente quanto levantei-me e, por um momento, apoiei-me nela.

— Eu sei... eu sei.

O tempo parecia ter parado; os cavalos custaram a ser trazidos e, durante todo este tempo, ficamos calados, de pé nos degraus, esperando. No entanto, alguma coisa na expressão de Fergus deixou o escravo de sobreaviso; vi que o sorrisinho aparentemente costumeiro havia desaparecido subitamente; lancei um rápido olhar para trás e achei Winterslo pior do que antes de conhecer seu interior. Mesmo assim, eu queria voltar para lá, desejava ficar naquele lugar, e temia a volta a Landfall.

No mesmo lugar, exatamente na subida para a floresta de Kronberg, Fergus parou o cavalo e voltou-se para mim.

— Fiona, como é que você soube? Como é que soube que foi aqui?

Balancei a cabeça, recusando-me a encará-lo.

— É que tive uma sensação... como é que poderia saber?

— Está bem.

Com aquela estranha consciência que possuía, ele não me perguntou mais nada, não tentou aprofundar-se no ponto mais doloroso de minha existência. Fez o cavalo avançar, falando comigo por cima do ombro.

— Eu mesmo sempre penso nisso quando passo por aqui. Mas é que você sabia. Eu nunca saberia onde tinha acontecido se não tivessem me contado. Esta é a

diferença...

Ele conhecia meu segredo, pensei, mas não se esquivou dele, nem o temia. Aceitava em mim algo que não entendia, mas não pedia nenhuma explicação. Prosseguimos sem falar mais nada até chegarmos ao lugar em que a trilha da subida da montanha se encontrava com a bifurcação que levava a Landfall.

— Pode me deixar aqui. Eu sei voltar daqui.

— Não quer que eu vá com você?

— Acho que é melhor não ir.

Ele concordou, deu meia-volta com o cavalo e tornou a parar.

— Se você sabe o caminho de volta, então também sabe ir até Winterslo.

— É, sei sim.

— Você podia ir lá.

— Podia.

Ele hesitou.

— É só falar com Samuel... ele é um amigo. Vai arranjar um cavalo para você.

— Mas não fica muito bem — lembrei. — Uma mulher sozinha...

Fiquei envergonhada; minhas palavras pareciam maldosas e mesquinhas.

— Na casa de um homem solteiro? — completou meu pensamento. — Na casa de um homem como eu?

Ele voltou e chegou bem perto, inclinando-se na sela.

— Você se importa, Fiona? Você se importa com o que fica bem e o que não fica? Ou com o que não é

conveniente?

Agora ele estava tão perto que seu rosto estava quase tocando o meu, mas nossas mãos continuavam segurando as rédeas.

— Fiona, você não é como as outras mulheres. Nós dois sabemos disso. Eu sinto, sei que você já viu coisas que as outras pessoas não viram. Você já viveu numa espécie de inferno em algum lugar por aí. Cada um de nós tem seu próprio inferno. A maioria nunca admite sua existência. Mas você e eu, nós sabemos que nossos infernos existem. Pelo menos existe essa honestidade. Então, se você voltar a passar por essa trilha, vai saber o que está fazendo. E se eu vir você subindo por essa avenida de novo, vou saber que não liga a mínima para o que não fica bem. Você conhece o caminho e eu vou ficar olhando para ver você chegar.

Mantive Rosa parada e fiquei olhando até que a massa verde encobriu o cavalo e o cavaleiro. Depois, empurrei Rosa para a frente, de volta a Landfall. Nunca havia sentido nada como aquela felicidade louca que era, ao mesmo tempo, o medo de comprometer-me. Estava começando a ter consciência de que um amor com aquele peso e com aquela recompensa nunca poderia ter paz.

IV

Forcei-me a esperar. Disse a mim mesma que tinha de esperar pelo menos três dias — cinco — não tanto para satisfazer meu orgulho, mas para poder confiar em minha sensatez, por causa do meu tumulto interior. A razão me dizia que amar Fergus Maxwell era loucura e que pensar em casar com ele era delírio, mesmo que ele quisesse. Mas casamento... eu estava indo longe demais. O bom senso diria a qualquer um que a mulher que se casasse com Fergus Maxwell não teria futuro; se Landfall já não tinha

futuro, o que dizer de Winterslo? Porém, a frieza desse raciocínio me envergonhava, e o fogo de minha paixão quase não deixava a razão manifestar-se. Em todos os momentos, tanto os melhores quanto os piores, eu só conseguia pensar que casar com Fergus seria ao mesmo tempo dor e prazer; dor eu já sentia. Será que não tentaria alcançar o prazer? Nestas horas, considerava-me uma idiota. Tudo o que ele havia me pedido era para voltar a Winterslo. Não era assim que um homem cortejaria uma mulher com quem pensava casar. Ele havia dito: “Você se importa, Fiona, você se importa com o que fica bem?” Seria um convite indireto para usar sua cama, mas não seu nome? E eu estava louca o bastante para aceitar.

Assim, forcei-me a esperar. Numa espécie de agonia, forcei-me a esperar. E finalmente ele veio.

Fez tudo certo. Ouvi a briga violenta entre os quartos de Andrew e Maria no dia em que, de manhã bem cedo, chegou um bilhete pedindo permissão para jantar naquela mesma noite. Ao que parecia, ele também perguntava se Duncan não podia descer para jantar, já que fazia muito tempo que não se viam.

— Droga, ele ainda é meu filho! — ouvi a voz zangada declarar. — E Duncan é parente dele.

O tom de Maria foi ficando estridente e ela começou a falar em espanhol, por causa da emoção intensa. Mas o próprio Duncan venceu.

— Vou jantar lá embaixo — disse, quando o café da manhã foi servido.

— Então vê se comporta bem para fazer justiça ao trabalho da Srta. Fiona — disse Charity, empurrando Juanita com os ombros, enquanto serviam os pratos.

Durante todo o dia, senti-me como se estivesse com febre. Não dei meu passeio de costume quando Duncan

saiu com a mãe; as horas da sesta foram insones. Deliberadamente, fiquei dentro de casa, pois não queria exhibir os efeitos do sol: sardas e pele avermelhada. Ele havia me visto do pior jeito possível, na enseada abrasada pelo sol e na poeira dos canaviais. Agora, queria que me visse como Andrew havia planejado: fria, vestida de seda, uma mulher de salão. Mas, no fim, fiquei com medo. Vesti-me cedo e não deixei Charity fazer um penteado muito complicado; o vestido era o mais simples que a costureira havia feito, embora tivesse o decote baixo que parecia ser seu forte.

Desci timidamente e sentei na galeria interna, escondida pelas sombras. Entretanto, Fergus também chegou cedo e foi ali que me achou. Estava bem vestido, dentro das possibilidades de seus escravos: a camisa passada, embora não muito bem, o casaco de corte descuidado e empoeirado, escovado. Havia deixado o cavalo no pátio dos estábulos e veio andando silenciosamente, encoberto pela noite. Os escravos estavam começando a acender as velas do salão e da sala de jantar. Subiu as escadas da frente sem ser anunciado, piscando um pouco com a luz que vinha do *hall*. Antes de prosseguir, porém, examinou cuidadosamente a galeria interna.

— Fiona?

Mexi-me e ele se aproximou de mim, com o passo mais rápido.

— Você não foi!

Era uma acusação, um grito de orgulho ferido, de incredulidade.

— Tenho de ir todos os dias? Tenho outras coisas...

Ele se inclinou, agarrando os braços de minha cadeira; seu rosto ficou bem perto do meu, intenso, cheio de paixão, tão surpreendente quanto o de Duncan, quando

estava perturbado.

— Queria que fosse todos os dias, eu esperei — novamente, uma censura. — E que outras coisas são essas que você tem para fazer? É Alister? Aquele idiota está tomando seu tempo? Se eu soubesse.

Foi então que endireitou-se e deu um passo para trás; o olhar de reprovação deu lugar a uma expressão de espanto.

— Mas você está diferente! Por que é que está toda vestida desse jeito? Onde é que arranjou esse vestido? É para Alister ficar lançando olhares para você? Droga! Por que você mudou? Eu gostava de você do jeito que você era!

Fiquei zangada.

— O que eu uso é da minha conta. E também para quem uso. Que direito tem você...

— Nenhum — disse. — Nenhum mesmo. Desculpe — seu tom estava tenso, frio. — Já imaginava que você não ia. Era esperar demais.

Depois, voltou-se e percorreu a galeria até o *hall*. Ouvi-o dizer algo a Dougal, e logo ouvi o tilintar dos cristais se encontrando. Depois, silêncio. Fiquei sentada naquele canto escuro até ouvir as vozes que vinham do salão: a fala confusa e alta de Andrew, a risada de Maria, a estridência excitada de Duncan. Tive o cuidado de entrar pelo *hall*, como se tivesse acabado de descer.

Andrew voltou-se para mim com um ar de triunfo.

— Srta. Fiona, meu filho Fergus está nos dando a honra de sua companhia esta noite. Estou certo de que não o esqueceu, mesmo que ele apareça tão pouco. Os modos de Fergus sempre causam uma impressão...

— Boa noite, Sr. Maxwell.

Disse aquilo com tanta frieza que parecia até que não o conhecia. E tive a satisfação perversa de ver o olhar sombrio de Fergus dirigindo-se a Alister quando este foi pegar com Dougal o meu vinho preferido. Quando Alister inclinou-se para me dar o copo, Fergus nos deu as costas deliberadamente e dedicou toda a sua atenção a Maria.

* * *

O jantar foi mais animado naquela noite. Pela primeira vez, vi Alister mostrar alguma emoção, devido às alfinetadas que Fergus lhe lançava.

— Wilberforce já está velho, gasto. Os ingleses sabem que a escravatura tem de sobreviver, senão as índias Ocidentais morrem.

— Então as Índias Ocidentais já estão mortas, meu amigo.

— Isso não vai acontecer nunca. E os americanos?

— Os estados escravocratas americanos vão passar por isso quando chegar a hora. Vão ser tempos terríveis. Mas logo que o açúcar, o algodão e o tabaco pararem de render tanto, você vai ver que os moralistas vão tomar o poder. A atitude moral vai prevalecer quando a comercial tiver perdido a força.

— Você é um cínico, Alister — disse Maria, suave, descrente.

Uma ligeira inclinação de cabeça.

— Realista, prima Maria. O fervor moral floresce quando o bolso de um homem não pode ser mais atingido do que já foi,

Maria deu de ombros.

— Palavras! Não acredito nisso!

Eu estava ouvindo sua voz, mas, sobretudo, estava olhando-a. Algum dia ela já havia se mostrado tão bonita? Era só o vestido, um de seus mais sofisticados, ou a companhia de três homens que não podiam ignorá-la que acrescentava aquele brilho essencial à sua beleza, dando-lhe uma razão de ser, um esplendor que às vezes lhe faltava?

— Mas vai acontecer — disse Alister, inabalável.

— Então, os tempos mudaram. Mas não acredito nisso. A base das índias está nessa instituição. Será que uma região inteira pode ser abandonada a seu destino por causa de uns ingleses velhos que ficam berrando no Parlamento? Todos nós sabemos que isso precisa continuar. Afinal de contas, é uma coisa antiga. Não fomos nós que começamos, que inventamos a escravidão. Minha família já a conhecia desde o começo.

Estaria algum deles consciente da presença dos escravos? Será que pensavam que eram surdos ou ignorantes demais para entender? O que haveria por trás da inexpressividade daqueles rostos, daquelas feições perdidas na escuridão por detrás das velas? Eles não eram nada infantis, por mais que Maria quisesse acreditar nisso.

— Então a sua família — disse Fergus — estava entre os espanhóis que fizeram os arauaques trabalharem até a morte.

— Eles nunca tinham trabalhado antes! — respondeu Maria. — Eles não sabiam o que era trabalhar. Foi por isso que morreram. Aí trouxeram outros da África.

Subitamente, Fergus voltou-se para Duncan.

— Ouro espanhol! — foi quase um grito. — Duncan, nunca acredite em outra coisa. Os espanhóis vieram atrás

de ouro, não foi de terra, nem de trabalho, nem de açúcar e nem de rum. Ouro e prata. Foram maus colonizadores. Os piores! A terra tem de ser tratada com carinho, não pelo que dá à força, mas pelo que pode ser obtido dela. Nunca acredite no ouro e na prata, Duncan, nunca, nunca!

Era como se soubesse que o tempo seria curto. As palavras saíram atropeladamente, quase incoerentes, contrastando curiosamente com o modo de vida do próprio Fergus.

Ele sabia que tinha de ser rápido. Maria já havia feito um sinal, e a cadeira de Duncan já estava sendo afastada da mesa. Uma mão negra estendeu-se para pegar a dele.

— Mamãe... você prometeu!

— Já é tarde, Duncan. Você já devia estar na cama há muito tempo. Foi um favor, está lembrado? Não foi uma promessa.

Ele não protestou mais. Porém, quando sua mãe afastou um pouco a cadeira para que ele lhe desse um beijo de boa-noite, ele se agarrou mais à mão negra que o conduzia. Deliberadamente, virou a cabeça.

— Duncan!

O tom de Maria foi ríspido, furioso. Ele continuou andando. Quase cheguei a ver e a sentir, que ele apertou ainda mais a mão que segurava a sua. A mensagem era bem clara: ela o havia confiado àquelas mãos, impedindo-o de ficar conosco; então ele ficaria ali, onde ela havia mandado. Até gostei de sua reação, mas sabia que teria problemas com ele nos dias seguintes. Ele havia presenciado um protesto contra a escravidão, porém, havia sido confiado às mãos de um escravo. A confusão criada em sua mente se revelaria numa altivez mal-humorada. Eu estaria no meio do caminho: uma empregada, mas branca.

Quando as portas se fecharam atrás de Duncan, Maria voltou à carga com Fergus.

— E o que seria da Inglaterra nas Índias, sem a Espanha? Não foi a Espanha, de Fernando e Isabel que ajudou a Colombo?

Quem foi que pagou sua viagem com ouro espanhol? E o que foi que os ingleses fizeram? Ficaram esperando até que o fluxo de ouro e prata viesse do México para depois mandarem seus piratas para o sul do Mar das Antilhas. Fomos saqueados, roubados e destruídos. E não me venha falar de Drake e Hawkins! Piratas, todos eles! E os seus soldados ingleses que vieram invadir San Cristóbal quando sabiam que era fundamental proteger as rotas do tesouro, quando sabiam que tínhamos feito o trabalho de colonizar, de trazer a fé cristã...

— De trazer escravos africanos quando acabaram com os arauaques de tanto procurar ouro.

Em vez da resposta bombástica que eu esperava, o sorriso frio voltou aos lábios de Maria. Ela havia recobrado o controle.

— As necessidades são sempre satisfeitas pelas fontes mais acessíveis, sejam elas quais forem.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça para Alister.

— Um banqueiro e negociante deve apreciar isso mais do que os outros homens. E a procura do ouro ou da prata ou das riquezas da terra vai continuar enquanto houver homens na face da Terra. Não fomos nós, os espanhóis, que começamos, e não vamos ser nós a acabar com isso. Estamos todos presos — ela lançou um olhar em volta da mesa. — Quem aqui pode dizer que é livre? Desafio vocês a dizerem isso e, se alguém disser, vou chamá-lo de mentiroso.

O jantar foi interrompido. Não houve nenhuma formalidade. Os homens não ficaram para tomar vinho do Porto. Ficamos todos quietos, e cada um foi para um canto, para o *hall*, o salão, a galeria. Mas nenhum de nós ousou negar o que Maria havia dito. A ganância e o desejo estavam entranhados em todos nós. E ela havia sido a única a ter coragem para dizer a verdade.

* * *

Fiquei sozinha na galeria por alguns minutos, acho que esperando que Fergus viesse me encontrar ali; mas parecia que ele havia ido embora. De onde estava, podia ver Maria bordando no salão. Alister foi para o escritório e ouvi-o pedindo para trazerem as lâmpadas. Algum tempo depois, Maria foi atrás dele e então começou uma daquelas conversas de comércio que nunca acabavam: rum, melado, açúcar, metros de tecido, sacos de milho. Eu devia ter subido para o quarto, mas ainda estava muito inquieta. Levantei-me para ir até o jardim e, ao aproximar-me da sala de jantar, fiquei surpresa de ver que Andrew ainda estava à mesa. Tive de passar perto da luz; ele me viu e me chamou.

— E então, menina? A noite foi boa?

Ele riu maldosamente de sua piada de mau-gosto. A garrafa de Porto havia sido afastada; um jarro de rum estava ao alcance de sua mão. Dougal, como sempre, estava pacientemente ao lado do patrão, provavelmente esperando a hora de levá-lo para a cama.

Limitei-me a ficar ali, sem tentar responder. Ele franziu a testa.

— Bem, as noites em Landfall nunca foram famosas pela animação. Nem mesmo depois que casei com Maria. Tarde demais.

Ele levantou a cabeça e lançou um olhar pela sala inteira.

— Não sei por que fui construir esse lugar. Era melhor ter ficado em Winterslo.

Estava bem bêbado. Dougal sozinho não conseguiria levá-lo para a cama.

— Mas tem Duncan — acrescentou de repente. — Tem Duncan. Ele vai botar tudo no lugar. É pena que não vou poder vê-lo adulto. Pena...

Havia se esquecido de minha presença. Deitou a cabeça na mesa.

— Boa noite, Sr. Maxwell — disse baixinho e saí. Ele não percebeu nada.

Depois do que havia acontecido na casa, o jardim parecia um amigo; até mesmo os animaizinhos noturnos que corriam apressados eram menos hostis que os homens. Fui andando para os fundos da casa, levada pelas fogueiras que se extinguíam nas portas das senzalas e pela cadência suave das vozes dos escravos. Logo iriam dormir, talvez um sono com menos problemas, apesar de toda a sua miséria, do que o dos moradores da casa grande. Finalmente, resolvi voltar à casa majestosa e iluminada.

— Fiona!

A voz de Fergus era baixa; ele vinha dos estábulos.

— Pensei que tivesse ido embora.

— Queria que eu fosse?

— Não foi isso o que eu disse! Por que é que você tem sempre de distorcer o que eu digo, de inventar coisas...?

— Bem, para dizer a verdade, eu já estava na metade do caminho, mas tive de voltar para ver você.

— Geralmente, vou para o quarto depois do jantar.

— Eu teria mandado Charity chamar você. Teria ido eu mesmo.

— Talvez você não fosse bem recebido. Depois do que me disse...

— Ah, pelo amor de Deus, Fiona! — aquilo foi quase um gemido. — Será que temos de continuar com isso? Não sou nada bom nesse jogo. Nunca fui. Como meu pai, não tenho modos de salão.

Aproximou-se e pegou minhas mãos.

— Fiona, voltei só para dizer que não queria dizer aquilo, mas queria, ao mesmo tempo. Estou com ciúme, reconheço. Você não foi a Winterslo, e eu nunca passei dias tão longos como esses. Nunca esperei desse jeito. Você me entende?

— Não sei bem.

— É claro que sabe! Uma mulher sabe quando faz um homem ficar louco. Não pensava que você fosse do tipo provocante.

— Eu nunca prometo...

Não consegui terminar. Subitamente, ele me abraçou como se quisesse que eu fizesse parte dele; nunca havia sido beijada daquele jeito, como se estivesse sendo arrastada ao limiar de algum reino da paixão, de cuja existência não suspeitava. Mas, depois que entrei, descobri que poderia ficar lá para sempre. Esta era a resposta ao desejo que havia sentido por ele quando estávamos na galeria de Winterslo. Estava chegando cada vez mais perto do que senti no segundo em que o conheci, em que vi sua beleza e sua força impressionantes, quando senti a agitação interior que não havia mais passado desde aquele momento. Não pude evitar a resposta que me invadiu; não

podia mais manter os lábios frios, e também não podia me soltar de seus braços. Nossos corpos pareciam se fundir, mas, sabendo que a realização total nos era negada naquele momento, nos endireitamos, tensos, e finalmente tivemos de aguentar a agonia da separação. Eu estava fraca, quase soluçando, quando nos afastamos.

— Amanhã. Venho buscar você amanhã — disse ele. — Tenho uma coisa para mostrar a você. Não, não é para ir a Winterslo. Você tem de ver uma outra coisa. Uma coisa que pode ajudar você a aguentar Landfall até... até... ah, só Deus sabe o que vai acontecer. Não tenho nada para oferecer agora, mas nem assim posso deixá-la tranquila. Mas pode esperar que amanhã eu venho.

Ele foi embora, e fiquei parada durante um longo tempo debaixo da árvore, até meus sentidos voltarem ao normal, até passarem a tremedeira e a fraqueza. Estava louca de felicidade, porém, sentia-me privada de alguma coisa. Já havia dito a mim mesma que teria de suportar o sofrimento em troca do prazer; bem, agora ele era meu, e era difícil suportar. Vi que as luzes da casa haviam começado a apagar e resolvi voltar. Entrei direto pela cozinha. Acho que tropecei nos degraus, porque o barulho fez Maria e Alister, que estavam sentados na escrivaninha, olharem em volta.

Acho que os perturbei, pois Alister levantou-se rapidamente e veio para a porta do escritório. Atrás dele, o rosto de Maria, exposto por um momento, perdeu o controle e a frieza; foi fúria o que vi ali? Ódio explícito, sem desprezo. Ela não se divertia mais com minha presença.

— Fiona? Você está bem? — perguntou Alister.

Acho que estava despenteada; provavelmente, o vestido de seda, manchado de suor, estava amarrotado. O arrebatamento de minha emoção devia estar evidente,

como se estivesse falando a respeito. Menti, sem muita convicção.

— Perfeitamente bem, obrigada. Boa noite.

Devia estar parecendo meio bêbada quando dirigi-me para o *hall*; lembro que tentei manter uma postura ereta e talvez isso tenha parecido estranho, porque as coisas pareciam estar rodando à minha volta. Tive certeza disso quando Maria, fora de si, perguntou subitamente:

— E Fergus? Já foi embora?

Não olhei para trás.

— Acho que sim — respondi, e saí flutuando, como se estivesse em algum lugar mágico e desconhecido.

Sabia que ela havia adivinhado que Fergus era o causador daquele desalinho, daquela indiferença em relação ao que pensavam. Não podia evitar. Se tivesse de perder tudo, não perderia o que poderia ter de Fergus, fosse o que fosse. Peguei minha vela e subi lentamente. Lá de cima, olhei para baixo. Alister estava no *hall*, olhando-me fixamente. Ocorreu-me que ele também sabia. Porém, sua expressão, inescrutável, calma, diferente da de Maria, não me disse nada. Fiquei um pouco triste ao pensar que podia estar me reprovando; ele era meu amigo em Landfall, e por isso me era muito querido; mas eu não podia comparar isso ao meu desejo por Fergus.

Entrei de mansinho no quarto de Duncan. Ele estava dormindo, quente e caído na cama enorme; à luz da vela, seu rosto era quase idêntico ao de meu meio-irmão que sempre se embrulhava nos cobertores como se estivesse num casulo, para proteger-se do frio do presbitério escocês. Coloquei a vela sobre a mesa e curvei-me mais. Foi então que vi as manchas das lágrimas em suas faces, resultado, evidentemente, do brusco afastamento da mesa de jantar. Fiquei envergonhada ao vê-lo; era para lá que

deveria ter ido, para confortá-lo e ajudá-lo. Mas só havia pensado em mim mesma, em Fergus. Afastei de sua testa os cabelos empapados de suor; o toque fez com que abrisse os olhos, ainda meio adormecido.

— Srta. Fiona...?

De repente, ele levantou os braços e agarrou-me, pendurando-se em meu pescoço,

— Quietinho, agora. Durma... ssh...

— Fica comigo?

Dei-lhe um beijo na testa, com os lábios ainda doloridos e quentes pelo contato de Fergus.

— Fico.

Fiquei sentada ao seu lado, segurando-lhe de leve a mão, muito tempo depois de ter dormido. Senti-me estranhamente calma ao ficar ali, com aquela criança adormecida, sentindo o silêncio de Landfall à minha volta, ouvindo as últimas portas se fecharem, o arrastar dos pés descalços dos escravos que apagavam as lâmpadas das galerias. A casa toda estava silenciosa quando fui para meu quarto. Tirei a roupa rapidamente e cai na cama. Dormi imediatamente e só acordei quando Charity veio trazer a água na manhã seguinte. O sol já estava penetrando na galeria e os sons da casa já se faziam ouvir. Apesar do tumulto de todo o meu ser, aquela foi a melhor noite de sono que tive desde a chegada a Landfall.

V

Fergus já estava esperando quando cheguei ao pátio dos estábulos. Um cavalo já havia sido preparado; não era Rosa, com sua cabeça inclinada, e sim um pequeno animal, rápido, que me olhou com uma certa suspeita quando Samuel levou-o até o cepo de montar.

— Este é Fidelito — disse Fergus. — Ele vai carregar você melhor do que Rosa, e tenho certeza de que pode com ele.

Samuel estava sorrindo abertamente quando ajudou-me a montar.

— Ele vai se portar bem com a senhorita, patroa. Eu falei com ele.

Encarei o escravo, séria.

— Você consegue falar com os cavalos?

— Claro.

Não duvidei e senti-me um pouco mais segura por causa daquilo. Avançamos pelo caminho da floresta, para fora de Landfall. Num ponto em que a folhagem diminuía, onde havíamos tomado a trilha para Winterslo na semana anterior, Fergus apontou para uma estrada que parecia passar pelos canaviais que ainda deviam pertencer a Landfall.

— Para a frente — disse, batendo com a mão na anca de Fidelito. — Este território é de Landfall, e não estou com a menor vontade de encontrar Maria e Duncan. Pelo menos, não agora. Na volta, não tem importância.

Tive de reunir toda a minha prudência e força para controlar Fidelito quando começamos a andar a meio galope. Já fazia um longo tempo que não montava um cavalo naquele passo, um cavalo tão esperto quanto aquele. Mas a mágica das palavras de Samuel persistia. “Ele vai levar você direitinho”, havia dito Fergus, e Fidelito não o desmentiu; ele me aceitou, sabendo de minhas limitações, mas não me desprezou. Fergus mantinha-se ligeiramente à minha frente, com a mão direita livre para pegar as rédeas se Fidelito escapasse ao meu controle. Porém, não foi necessário; Samuel havia falado muito bem com ele.

Quando começamos a andar num passo mais firme, adquiri confiança suficiente para relaxar um pouco e chamar Fergus.

— Aonde estamos indo? Qual é o problema de encontrar Maria agora?

— Se ela nos encontrasse aqui, ia saber aonde estamos indo. Ia tentar impedir ou insistir em ir junto.

— Então aonde estamos indo?

— Visitar a avó de Duncan.

Levei um segundo para compreender.

— A mãe de Maria!

— Isso mesmo. Agora vamos andando. Maria pode ver a poeira que estamos levantando. Os olhos dela são bons para essas coisas.

* * *

Não era Landfall nem Winterslo. San Francisco anunciou-se nas ruínas das pilastras de pedra em frente à estrada que juntava à principal, levando a Santa Marta. Em volta das pilastras havia pedaços de metal enferrujado, remanescentes de postes ou portões, era impossível distinguir. Os tocos caídos de uma dupla fileira de árvores, outrora magníficas, expunham a avenida sulcada à inclemência do sol. Fergus parou no portão.

— Agora vai ficar mais fácil.

Fiquei imaginando se ele não estava dando tempo para que a dona da casa o reconhecesse e não atirasse.

Ele parou e levou o cavalo para o lado, olhando para os canaviais por onde havíamos passado.

— Tudo isso já pertenceu a San Francisco. Landfall, Winterslo, toda essa terra à nossa volta e mais além, na direção de Santa Marta. Antigamente, a gente cavalgava quase o dia inteiro e ainda continuava nas terras de San Francisco. Mas na época em que as ilhas começaram a ser colonizadas, quando San Cristóbal era uma parada para os navios de tesouros que vinham do México ou do Istmo, as terras que não davam ouro nem prata não tinham nenhum valor, pelo menos, era o que pensavam os espanhóis. Os Medina nem se preocupavam com isso. Naquele tempo, não era preciso muito esforço para produzir açúcar, e a obtenção de escravos era barata e fácil. Tudo era mais fácil, e eles mandavam os filhos para serem educados na Espanha, enquanto o dinheiro dava. Mas eles eram fracos, ou então enfraqueceram com tanto desperdício. Pouco a pouco, foram perdendo tudo. O lugar já não pode se aguentar mais. Só tem uns escravos e mais uns acres nos lados daquela baía ali. Me parece que só dá para o rum que aquela velha toma: rum e o terreno de haxixe que ela cultiva. Eles vivem das poucas verduras e frutas que conseguem plantar e das sobras da cozinha de Landfall. Não sobraram muitos homens, sabe? Só Dona Isabella e as duas irmãs de Maria, mais velhas que ela, que nunca vão conseguir casar.

Ele se interrompeu, cruel.

— Às vezes acho que Maria gostaria de cortar até mesmo o pouco que dá a elas, deixá-las morrer de fome. Aí, o que restou de San Francisco seria dela, assim como Landfall.

Estávamos subindo lentamente a avenida enquanto conversávamos. Eu já podia ver a figura sentada na galeria da casa grande. A terra à nossa volta era uma desolação só; sem ter sido revolvida, havia se tornado dura ao calor do sol. Árvores e arbustos lutavam pela sobrevivência ao redor

da casa, mas sem mãos que tratassem deles, os mais fortes haviam dominado. Aquela casa não transmitia a mesma sensação que Winterslo — a simplicidade que, com o devido cuidado, poderia mostrar dignidade; havia sido construída numa escala muito maior que Landfall, mas a grandeza havia desmoronado. À medida que íamos nos aproximando, comecei a imaginar se a própria casa podia suportar a vibração dos cascos dos cavalos; as sólidas colunas estavam desmoronando e os restos dos capitéis esculpido jaziam entre as trepadeiras e as ervas. Uma balastrada havia encimado a construção, para dar-lhe maior altura e escala; agora, só havia os espaços desolados contra o céu azul. Em outros tempos, uma galeria em forma de arco unia a casa grande e os anexos; ainda restavam algumas colunas, com sua beleza em ruínas; a linha dos arcos estava encoberta pela vegetação exuberante.

A figura na galeria observou nossa aproximação com atenção, mas não se mexeu. Não houve tiros para nos receber, como havia acontecido com Alister. Ela conhecia Fergus e, provavelmente, respeitava sua ira. Quando chegamos ao pé da escada, a figura se moveu. Um punho forte bateu sobre a mesa, e o som pareceu ecoar no vazio da casa morta. Não houve uma resposta imediata. Eu sabia que estava diante de uma mulher, mas era difícil distinguir suas características femininas. Sua gordura era grotesca; estava com um vestido branco sujo que lhe caía dos ombros, sem nenhum estilo. Era apenas algo que cobria o corpo. Se não fosse pelos seios caídos, seria difícil dizer que se tratava de uma mulher. Os cabelos puxados para trás, e mantidos no lugar com o auxílio de goma, terminavam num coque que não era visível para quem estava à sua frente. As próprias feições eram assexuadas, perdidas na gordura; os olhos eram dois rasgões negros e os dedos, grossos cotocos de pele enrugada, cor-de-oliva.

Um escravo acabou aparecendo em uma das portas

para responder ao grito. Demorou um longo tempo até que alguém viesse pegar os cavalos. Com dificuldade, eu mantinha Fidelito quieto, e tinha a impressão de que a figura grande e pesada na cadeira estava se divertindo com meu desconforto. Finalmente, veio um homem, e Fergus pediu-lhe apenas para deixar os cavalos à sombra de uma árvore. Depois, conduziu-me escada acima, ao encontro da mulher.

— Dona Isabella, apresento-lhe a Srta. Fiona McIntyre. Sem dúvida, a senhora sabe que a Srta. McIntyre está em Landfall para...

Ela o interrompeu:

— Eu sei, eu sei. Meu neto, aquele menininho louro que nem sabe falar espanhol, está sendo educado por uma escocesa. Uma Maxwell — ela deu uma risada grotesca, horrível. — O velho Maxwell... ele mantém o que é seu com o que é seu.

Parecia que ela estava fazendo uma careta através dos rasgões negros.

— Bem, sentem-se.

Indicou uma cadeira quebrada. Estava num lugar de onde se podia ver o mar, mas que também dava diretamente para o salão principal de San Francisco. Em tamanho, era muito mais imponente que qualquer outro cômodo de Landfall, mas era de uma decadência e uma imundície inacreditáveis. Todos os móveis — e não havia muitos — pareciam quebrados, talvez por causa do peso da imensa criatura. Os estofados estavam rasgados e, na melhor das hipóteses, pareciam ter sido comidos por ratos. Havia xícaras e copos vazios espalhados e engordurados, sobrevoados por moscas à procura de restos de açúcar. Perto da escada ficava um colchão rasgado. Talvez fosse a cama de algum escravo, ou até mesmo da mulher que,

provavelmente, já não conseguia subir. Naquela sala enorme havia uma lareira central; estava cheia de cinzas, e havia até uma panela enegrecida pendurada, como se fosse uma cabana de meeiro na Escócia. Dos fundos vinha o cheiro forte de alguma coisa sendo cozinhada, mas o lugar todo cheirava à comida gordurosa e queimada. As próprias paredes pareciam impregnadas de poeira, abandono e desespero.

A velha tornou a bater com o punho.

— Katarina! Joanna! Venham cá! Temos visita.

Seus modos pareciam triunfar sobre a sujeira e a decadência. Ela podia ter ensinado as filhas a receber convidados na mansão mais esplêndida das índias. Enquanto gritava, eu a examinava com mais atenção, o vestido manchado, que mais parecia um saco, a sujeira endurecida por baixo das unhas compridas; senti o cheiro de um corpo sujo, de rum, e aquele mesmo cheiro penetrante do haxixe que Andrew fumava. De alguma maneira, eu sabia que Maria havia dado a erva a Andrew com a intenção de reduzi-lo à mesma espécie de monstro que estava à minha frente.

Finalmente as irmãs apareceram, ao mesmo tempo relutantes e ansiosas, como se odiassem aquela demonstração pública de pobreza, mas como se estivessem loucas para ver um rosto diferente, ouvir uma outra língua. Provavelmente, elas nos haviam observado quando subimos a avenida. Uma delas carregava uma bandeja com copos lavados às pressas, ainda molhados e manchados.

Não havia necessidade de distinguir quem era quem. Elas eram a mesma coisa. Eram irmãs de Maria: os mesmos traços, porém mal feitos, o nariz em forma de gancho, os maxilares proeminentes, as sobrancelhas muito escuras e grossas. Os corpos também eram como o dela, mas magros

e emaciados, com seios flácidos e pescoços longos, escuros e fortes. Usavam vestidos de algodão desbotados e largos, mas razoavelmente limpos. Os cabelos estavam penteados como os da mãe, com a mesma goma e o mesmo coque. Era quase impossível acreditar que a beleza de Maria havia saído daquela linhagem.

No entanto, seus modos tinham as marcas das gerações de espanholas empertigadas, educadas na Espanha, embora eu soubesse que Maria era a única a ter estado lá. Inexpressivamente, mas com educação, deram-me as boas-vindas a San Francisco e a San Cristóbal; do mesmo modo, perguntaram-me sobre a viagem, sobre minhas impressões de Landfall e do clima. Eu já havia ido à Espanha? Falava um pouco de espanhol? Quando respondi à última pergunta com um não, a velha soltou uma risada dura e estridente.

— Acho que os ingleses levaram tanto tempo para expulsar os soldados de Napoleão da Espanha que, a essa altura, o espanhol já devia ser a língua materna deles.

— Isso foi há muito tempo, Dona Isabella. E os ingleses são famosos por resistir às inovações estrangeiras. Eles foram realmente muito bobos ao se recusarem a aprender algumas maneiras civilizadas com a Armada de Filipe, a senhora não acha?

A velha franziu a testa. Não fiquei arrependida, mas sabia que havia exagerado.

— Filipe chegou a ser rei da Inglaterra por seu casamento com Maria Tudor.

— Acho que os ingleses, e até os escoceses, contestaram o fato de que a Inglaterra já teve um rei espanhol. Mas vou tentar contar os dois lados da história a meu aluno, para que, quando chegar a hora, Duncan possa julgar a questão por si mesmo.

— Quando chegar a hora, quando aquele velho tiver morrido, meu neto, seu verdadeiro nome é Ferdinando, irá para a Espanha ser educado. Lá ele vai aprender a verdadeira história, e também a verdadeira fé. Agora ele está sendo criado nesta religião herege...

As palavras eram incisivas, enregelantes, e eu não disse mais nada. Subitamente, percebi que eram só a idade e a saúde instável de Andrew que separavam Duncan da completa influência da mãe, daquela família de onde ela havia saído. Agora, eu entendia muitas coisas que não estavam claras antes: o gosto de Maria pela exibição, seu interesse pelos negócios, aquilo que Fergus e Alister chamavam de ganância. Ela era a única daquelas quatro mulheres que havia escapado à herança de indolência feminina da ilha. Mas havia escapado a mais do que isso. Suas irmãs, aquelas mulheres patéticas, eram as últimas relíquias do trágico processo de um longo declínio. Pensei em Maria, que havia saído dali apenas oito anos antes, e entendi imediatamente sua crueldade e frieza. O orgulho obstinado que demonstrava ainda era evidente naquelas mulheres envelhecidas; parecia ser tudo o que lhes sobrou.

Finalmente, trouxeram uma bebida enjoativa, mas não para Dona Isabella, que tinha um jarro ao seu lado, exatamente como Andrew. Dona Isabella seria apenas um título de cortesia? Perguntou pelos mexericos de Santa Marta e, quando Fergus deu de ombros e disse que não sabia de nada, pareceu ficar entediada.

— O quê? Você nunca vai lá? Não está querendo que eu acredite nisso, está? Todo o mundo sabe que Fergus Maxwell dá o que falar com suas brigas e jogatinas, e com aquele uísque que trazem da Escócia...

Ele suspirou, cansado.

— Isso já foi há algum tempo, Dona Isabella. Será que

um homem não pode fazer bobagens em sua juventude? Winterslo toma todos os minutos do meu tempo. Não tenho dinheiro para jogar nem para tomar uísque escocês.

— Então quer dizer que você vive como um monge?
— perguntou ela, zombeteira. — Ah, nisso eu não acredito.

Seu tom estava ficando mais alto. Ela já havia enchido o copo várias vezes, e tornou a fazê-lo antes de falar.

— Bem, agora tem uma razão para ele ficar perto de casa, muito mais forte do que para ficar perto de minha filha Maria. Ah, já ouvi falar nisso, eu ouço tudo. Já me contaram que o velho Maxwell vai ao Rodriguiz e veste você como se fosse uma boneca. Por quê? Ele já não pode mais rastejar para a cama de uma mulher. Não foi para ele, para seu próprio prazer, que ele comprou todas essas coisas: as sedas e rendas e tudo o mais. Olhe para você agora, com uma blusa mais fina do que as de minhas filhas, com botas que serviriam para elas durante um ano! Por que é que ele faz isso? Você, uma espécie de empregada que veio da Escócia! Porque você é uma Maxwell, e ele vê nisso um jeito de...

Fergus agarrou-me pelo braço e fez-me levantar.

— Vamos, Fiona. Trouxe você aqui com uma finalidade. Agora já podemos ir. Não precisamos ficar ouvindo essa velha abusada e bêbada.

Ele me empurrou pela galeria até os degraus. As duas irmãs estavam de pé, ultrajadas. Contudo, a fúria da mãe era muito mais violenta, sua língua estava solta por causa do rum. Uma torrente de insultos em espanhol veio atrás de nós. Fergus jogou-me para cima da sela e gritou para o escravo segurar seu cavalo enquanto montava. O homem, porém, era lento e confuso, e talvez entendesse melhor do que nós o que sua patroa estava gritando. Àquela altura,

Dona Isabella havia conseguido levantar-se da cadeira. Lutando para segurar Fidelito, deparei-me subitamente com a visão inesquecível de seu corpo imenso no alto da escada, um braço agarrado a uma pilastra, o outro erguido para nós, com o punho fechado.

— Já vou dizer, sua escrava escocesa, por que aquele velho está fazendo tudo isso. Ele está pensando em casar você com o filho dele, para afastar Fergus das saias de minha filha. Eu sei, eu sei! Ouço tudo e sei. Era outra Maxwell que vinha, mais nova e mais bonita que você. Ela ia casar com Fergus. Aí veio você, mas você também é uma Maxwell, então serve. Sei de tudo... que Andrew prometeu dinheiro a Fergus para casar, com a outra. Dinheiro para Winterslo. Dinheiro para ser de novo um cavalheiro. Tudo o que ele tinha de fazer era casar e ficar longe de Maria.

A ilha toda sabe que ele é louco por Maria, mesmo antes do casamento dela com Andrew. E ele vai continuar louco por ela, mesmo que o velho tenha enfeitado você como uma...

Fergus berrou:

— Pelo amor de Deus, cale essa boca, sua megera velha e indecente! Fiona, não ligue para o que ela está falando. Não é verdade. Não é verdade, está ouvindo?

Mas eu podia ler a angústia em seu rosto: culpa, vergonha, raiva. Havia alguma verdade nos disparates obscenos da mulher, e todos nós sabíamos disso. Meio louca e cheia de angústia, chicoteei Fidelito, que deu um pulo, soltando-se da mão do escravo. Disparamos pela avenida cheia de sulcos, ele fora de meu controle, o barulho de seus cascos como o quebrar de alguma coisa dentro de mim. Nem tentei pará-lo, limitei-me a ficar na sela, sem nem ao menos me segurar com os joelhos. Se caísse, poderia ter a graça de um pescoço quebrado, o que parecia

mais fácil de suportar do que a dor causada pelas revelações da velha. Assim, deixei Fidelito fazer o que quisesse, ir como o vento da fúria. Não me importava. Queria morrer.

Ouvia Fergus atrás de mim, ouvia seus gritos. Mas Fidelito era mais rápido e havia partido antes. Continuamos em disparada pelas plantações de cana até que apareceram as árvores esporádicas que marcavam o início da floresta de Kronberg. Havia perdido o chapéu, meus cabelos voavam, e eu sentia o vento frio através da blusa ensopada de suor. O suor de Fidelito atravessava minha saia, e ele começou a diminuir o passo. Eu estava consciente do perigo das árvores que se aproximavam, mas nem assim tentei pará-lo. Que continuasse! Ao chegarmos à área onde havia árvores por todos os lados, o galope transformou-se num meio galope e, quando a floresta foi se aproximando, ele diminuiu a velocidade quase que totalmente. Eu não tinha nenhum controle sobre ele, que estava fazendo o que queria. Admirava-me de ainda estar na sela.

Quase imediatamente, Fergus apareceu ao meu lado; pegou as rédeas para parar Fidelito completamente, e o cavalo obedeceu.

— Fiona, que diabo deu em você para fazer isso? Sabe que podia ter morrido?

Balancei-me na sela, furiosa, trêmula.

— E isso ia fazer alguma diferença? É, acho que ia. Você não ia poder casar comigo, e aí seu pai não soltaria dinheiro nenhum. E você ainda ia continuar louco por Maria!

— Fiona...

Eu não podia mais suportar a dor. Tinha de agir, de fazê-lo sentir um pouco do que havia sofrido. Ergui o chicote e atingi-o em pleno rosto.

Antes que o chicote caísse, percebi o que havia feito. Ele parecia congelado na sela, pequenas gotas de sangue corriam do corte. Por um instante, fechei os olhos para não ver aquilo, querendo saber que demônio havia me possuído para fazer uma coisa que teria desprezado e condenado em outra pessoa. A humilhação só aumentou quando percebi que não era melhor que a estridente Dona Isabella, nem diferente, e que também era tão selvagem quanto Maria com seus escravos.

Apertei na boca o chicote e a mão que o havia erguido.

— Perdoe-me — disse, engasgando com as palavras.
— Perdoe-me.

— Talvez tenha sido uma boa coisa — disse ele. — Dizem que o castigo alivia a culpa. Para mim, é mais fácil aguentar um tapa do que ver você chorando.

— Mas por dentro estou chorando...

— Toda coragem chora por dentro. É, você sabe que tem um fundo de verdade nos disparates daquela velha. Mas não era a verdade toda. Eu ia contar a você, mas sem aquelas obscenidades que ela berrou. Será que você aguenta ouvir? Sabe que a levei até lá por causa de Duncan, para você saber o que ele vai ter de enfrentar no futuro e para prepará-lo. Mas eu não imaginava que aquela velha maldita fosse capaz de tanta infâmia. Ela foi mais longe do que eu esperava. Ela bebe, sempre, o tempo todo e fuma aquela droga ordinária que Maria dá a meu pai. Ela é louca, louca!

— Mas quanta verdade há nesta loucura? — perguntei.

Estava saindo mais sangue do corte, começando a escorrer pelo rosto de Fergus. Fiquei nervosa ao ver aquilo.

— Temos de conversar, Fiona. Precisamos conversar. Você vai saber a verdade. Todinha.

O sangue escorria mais e eu estava impotente diante do que havia feito. Ele desceu do cavalo, amarrou-o e ajudou-me a desmontar. Estava fraco de cansaço e emoção e agarrei-me à sela por um momento. Depois ele me levou a um lugar debaixo de uma árvore enfeitada de trepadeiras. A grande sombra nos abraçou. O vento balançava os ramos acima de nossas cabeças, mas não chegava até nós. Os cavalos amarrados esforçavam-se para alcançar a folhagem próxima.

O golpe de misericórdia foi o modo como Fergus colocou a mão sobre a minha. Tentei forçar-me a tirar a mão, mas não pude. Eu era dele, e estava mais presa do que os cavalos.

* * *

— Quando a conheci — disse ele — ela devia ter uns dezenove anos, um pouco mais velha do que eu. Você não pode nem imaginar como era naquela época. Calma, Fiona! Não estou dizendo isso para ferir você, e sim para você tentar ver as coisas como um garoto veria. A vida não era boa em Landfall. Eu me sentia sozinho. Ainda sentia a falta de minha avó e já estava velho demais para os amigos que tinha feito entre os escravos. É claro que tinha as escravas, mas elas estavam sempre lá, à minha disposição. Nunca seriam companheiras.

“Mesmo morando numa casa como Landfall, nós não recebíamos convidados. Bem, você já sabe disso. Parece que meu pai se divertia, deixando os rumores sobre a grandeza de Landfall se espalharem pela ilha, mas sem convidar ninguém para ir lá. Era raro irmos a Santa Marta e, quando íamos, ficávamos pouco tempo. Meu pai

trabalhava como um escravo. A única companhia que eu tinha era a do contador. Ele também devia ser meu professor. Não é de admirar que eu tenha crescido ignorante e mal-educado. Mas isso tudo já é passado, não dá para voltar atrás. Andrew está tentando não cometer o mesmo erro com Duncan.”

— Mas Maria — apressei-o, impaciente.

Sem pensar, peguei meu lenço para limpar o sangue de sua face. Ele sorriu e manteve minha mão em seu rosto por um instante.

— Já vou chegar em Maria. Nunca a tinha visto antes. É claro que eu sabia de San Francisco, mas tinha havido uma desavença entre Andrew e Dona Isabella. Não foi surpresa. Acho que os dois já brigaram com todo o mundo aqui na ilha. Assim, não íamos lá, embora fosse a fazenda mais próxima. Eu já tinha ouvido falar nas três irmãs, a mais nova era linda, segundo diziam, e tinha sido mandada para a Espanha aos dezessete anos, para arranjar um marido. Mas aí ela voltou, desesperada, provavelmente querendo compensar o fracasso na Espanha. Ela foi até Landfall sem ser convidada. Disse que não tinha a intenção de entrar na casa, que só queria passear pelo jardim. Tinha vindo a pé de San Francisco. Disse que o cavalo estava manco, mas não creio que tivesse um. É claro que ela queria ser descoberta. De qualquer forma, fui eu que a achei no jardim, parada, olhando a casa. Desculpe, Fiona, mas tenho de dizer. Ela era adorável... nova, com uma beleza inocente. Agora que a conheço, e também aquele inferno que ela construiu em San Francisco, sei que ela nunca poderia ser a criança ingênua que eu pensava. Mas foi como se meu desejo de ter uma amiga, uma amante e uma esposa aparecesse de repente numa pessoa só. Acho que me apaixonei no momento em que a vi.

“Meu pai estava nos canaviais, e eu a convidei para

entrar. Era a primeira vez que eu mostrava Landfall a alguém. Podia ver que ela estava impressionada, mas não admitia isso. O maldito orgulho que eles têm... Bom, mas teve uma época em que San Francisco foi mais grandiosa que Landfall. Ela parecia doce, gentil, sorridente e mais bonita com os vestidos reformados de suas irmãs do que agora, com todas aquelas sedas. Está entendendo, Fiona? Como aconteceu? Como eu me sentia?”

Concordei. Sabia muito bem como havia acontecido.

— Por alguma razão senti que devia mantê-la afastada de Landfall. Acho que estava com medo. Costumávamos nos encontrar em Winterslo, que estava fechada. Só que eu tinha a chave. Nas primeiras semanas, foi uma espécie de paraíso. Ela era toda minha. Estava louco de amor, mas mesmo assim não encostei nem um dedo nela. Ficávamos conversando por horas a fio. Ela era muito engraçada, e muito mais bem-educada do que eu.

Calou-se por um momento.

— Agora parece incrível que eu tenha sido tão inocente a ponto de pensar que ela também era. Eu não ousava tocá-la. Queria casar com ela, mas queria tê-la só para mim durante aquele pouco tempo. Sabia que, assim que falasse com meu pai e Dona Isabella, tudo estaria acabado. Daí em diante, haveria pessoas à nossa volta sempre, provavelmente. Nunca mais íamos ter horas como aquelas, todas nossas.

“Mas, como era de se esperar, a coisa chegou aos ouvidos de meu pai. Quando chega uma certa hora, os escravos acabam contando tudo. Acho que ele ficou contente de saber que eu queria casar e formar família, mas não queria que fosse com uma Medina. ‘Degeneradas, decadentes’, dizia ele. Mas, mesmo assim, ele me mandou levá-la a Landfall uma tarde, e disse que viria dos canaviais

para conhecê-la.

“E aí foi o fim. Eu já devia saber, mas na época meus sentidos se recusavam a aceitar a ideia. Tudo o que eu sabia era que meu próprio pai ficou tão enfeitiçado por ela quanto eu. Fiquei sentado entre os dois, mudo, escutando a conversa deles. Parecia que estava diante de duas pessoas completamente estranhas. Ela era cheia de manhas, dava até para pensar que era uma frequentadora dos salões de Londres e que tinha, pelo menos, uns quarenta anos. Mas a beleza continuava a mesma: brilhante, maravilhosa, jovem. Ele estava preso, pior, de cabeça virada. E numa idade perigosa para um homem. Nunca me senti tão miserável quanto naquela volta a San Francisco. Lembro que ela falou o tempo todo, sobre nada, só para me impedir de falar. Arranjou uma desculpa para não me encontrar no dia seguinte em Winterslo.

Foi só quando a acusei de não se importar comigo que ela se rendeu. Acho que, naquela época, ela ainda não tinha certeza dos sentimentos de meu pai, e estava com medo de me perder.

“Bom, no dia seguinte ela foi a Winterslo, mas a magia tinha acabado. Eu continuava desejando-a mais do que qualquer outra coisa, mas ela não era mais intocável. Não era melhor do que eu, nem do que meu pai, já que combinava tão bem com ele. Naquela tarde eu a possuí, Fiona. Não, nunca vou acreditar que tenha sido à força, embora ela possa dizer isso. Acho que já tinha resolvido o que ia fazer da vida, mas, ao mesmo tempo, não ia perder a oportunidade de me ter, se pudesse. Ela é capaz de toda a paixão que até hoje dá para perceber debaixo daquela máscara controlada e quando ficou excitada, queria tanto quanto eu. Às vezes, quando mal consigo acreditar que aquela tarde aconteceu mesmo, me forço a lembrar de suas mãos, daquelas mãos cheias de paixão, urgentes,

arrancando minha camisa. Ela é assim... era. Eu me forço a lembrar, Fiona. E a odeio mais ainda..."

— Mas você não casou com ela.

— Não me deram chance. Talvez o que aconteceu naquela tarde a tenha assustado, quando recobramos um pouco de consciência. Talvez tenha sido minha culpa. Mas, acontecesse o que acontecesse, acho que a perderia, e foi melhor assim.

— O que foi que aconteceu?

— Até hoje não sei muito bem. Nunca quis saber dos detalhes. Deixei Landfall na manhã em que descobri e passei um mês andando pelas tavernas e bordéis de Santa Marta. Finalmente, meu pai apareceu e me obrigou a voltar para Landfall. Eu nunca teria voltado, mas ainda era muito novo, e meu pai sempre tinha me dado ordens.

— Fergus, o que foi que aconteceu?

— Aquela cachorra! Uma noite, ela foi sozinha até Landfall e subiu para o quarto dele. Não me pergunte como. Nunca quis saber. Fiquei enojado com aquilo tudo. Talvez ela tenha subido enquanto estávamos jantando. Você sabe como é fácil entrar pelas escadas dos fundos. Talvez eles já tivessem combinado tudo. Se foi ele quem a chamou para sua cama, ou se ela simplesmente apareceu, naquela época ele não era homem para recusar uma coisa dessas. Ela estava lá, e a primeira coisa que me fez desconfiar foi sua presença na manhã seguinte. Disseram aos escravos que tinham se casado, mas eu sabia que eles iam casar em Santa Marta naquele mesmo dia. Está em algum cartório por aí, mas eu nunca quis descobrir qual.

Eu sabia que ele não estava mentindo. Fiquei horrorizada; sabia que ela era capaz daquilo.

— Mas por quê? Você era jovem, tinha a idade dela, já

era seu amante, queria casar com ela. Um... um homem jovem e bonito — não pude evitar essas palavras. — E ele já estava começando a envelhecer. Você era o herdeiro de Landfall...

— Acho que é esse o problema. Eu não era o herdeiro de Landfall. Tenho o nome Maxwell, mas meu pai nunca tentou legitimar meu nascimento, me legitimar como filho. Sempre achei que ele me culpa pela morte de minha mãe e, às vezes, ele não aguentava nem me ver na frente dele. Você ouviu o que ele disse, Fiona: “Consegui ficar com meu filho, mas era a mãe que eu queria.” Quem é que sabe o que passava pela mente gananciosa de Maria? Talvez ela tenha pensado que meu direito ia ser contestado por outros Maxwell. Era um risco que ela queria correr; qualquer coisa era melhor que San Francisco, e ela não tinha dote para atrair outros filhos de fazendeiros. Tudo o que tinha era a beleza e a inteligência. Mas quando viu que meu pai estava louco por ela, resolveu correr o maior risco de todos. Ela devia saber, como poderia não saber? Que homem nenhum resistiria ao vê-la nua na cama. Talvez tenha até convencido meu pai de que ainda era virgem. De qualquer forma, ela ganhou. Ele ainda estava apaixonado quando ela ficou grávida. Era o seu primeiro filho legítimo. Agora ela sabia que estava segura. Os direitos foram estabelecidos. Ela ficaria viúva, e seu filho seria o herdeiro de Landfall.

As palavras eram como um vento frio na umidade quente e tropical da floresta. Fiquei ouvindo os pássaros, o vento que soprava acima de nós, o ruído dos cavalos que pastavam. Estas eram as coisas mais belas da floresta. Havia também um escorpião, com seu ferrão mortal na cauda. De repente, fiquei vermelha ao perceber que, sob a beleza da ilha, jazia o mal que era o preço da ganância. Agora eu tinha consciência, como nunca havia tido antes, de que cada acre sob a cana havia custado o preço do sangue, e de que, quando as pessoas eram obrigadas a

aguentar o sofrimento, não percebiam como ele lhes era infligido, e nem se importavam com o preço. Conheci mais uma parte da história da ganância de Maria, do desespero de Andrew para transmitir o que havia construído, de todo o atormentado ciclo de amor e ódio.

Eu tinha de perguntar; já havíamos ido longe demais, e eu não teria paz até perguntar e obter uma resposta.

— É possível...? — voltei-me e encarei-o diretamente.
— É possível, então, que Duncan seja seu filho?

A resposta estava em seu rosto; a desgraça havia convivido com ele durante um longo tempo.

— Ninguém pode ter certeza, nem mesmo Maria, de que Duncan não é meu filho. Mas ele também teve de pensar nisso, como eu. Quando descobriu quem ela era, teve de pensar nisso.

Sua mão apertou a minha como se estivesse procurando força.

— É isso que está no coração da podridão de Landfall.

* * *

Tornamos a montar e tomamos o caminho para Landfall. Fiquei surpresa ao ver, pela posição do sol, que passava pouco do meio-dia. Havia acontecido muita coisa; devia ter passado muito tempo. Foi só quando nos aproximamos do pátio dos estábulos que Fergus falou comigo.

— Fiona, acredite em mim. Esses anos representaram uma passagem longa e solitária; às vezes, eu nem queria mais viver. Mas agora eu quero, quero viver, muito. Não se recuse a me ver de novo. Não vá embora de Landfall.

Não consegui responder; meus olhos estavam

embaçados com as lágrimas, fazendo com que a claridade do meio-dia ficasse enevoadada. Fiz um ligeiro movimento de cabeça, concordando, e então prosseguimos.

Maria estava esperando no centro do pátio exposto ao sol, ereta, o rosto coberto pela sombra do chapéu de cordovês, a simetria da figura realçada pelo modo como ela segurava o chicote, com uma das mãos em cada ponta. Um pouco atrás estava Samuel. Parecia que eles já estavam lá, como estátuas, por muito tempo.

Ela esperou até chegarmos bem perto e então suas palavras, baixas e furiosas foram dirigidas a mim.

— Você, quem foi que lhe deu permissão para montar meu cavalo? Você é uma empregada nessa casa, e não a patroa!

Não ia pedir desculpas.

— Não sabia que Fidelito era seu cavalo, Sra. Maxwell.

— Fui eu que dei Fidelito para Fiona, Maria — disse Fergus.

— A responsabilidade é minha.

— Você não tem responsabilidade nenhuma em Landfall. Não tem nada aqui que pertença a você.

Até aquele momento, sua fúria e atenção estavam voltadas para mim, mas agora ela estava olhando diretamente para Fergus, e viu o corte em seu rosto. Subitamente, ela soltou uma risada amarga, cruel, que me fez lembrar da velha gritando obscenidades na galeria de San Francisco.

— Então quer dizer que você... você apanhou! O que foi que você tentou fazer? Atentou contra a virtude da governantazinha escocesa? E ela se entregou, depois de

uma luta honrada? Vocês... vocês parecem é dois camponeses no cio!

Eu não podia aguentar mais. Tentei desmontar sem ajuda e Maria, vendo aquilo, foi subitamente movida pela fúria. Senti suas mãos agarrando minhas pernas, tentando pegar meus braços para jogar-me ao chão, como se precisasse realmente ver-me a seus pés, na poeira, para ficar satisfeita.

Foi então que aconteceu uma coisa extraordinária. De repente, aqueles braços erguidos foram presos pelos braços negros de Samuel, que continuava atrás dela. O choque imobilizou Maria; ela não lutou, nem tentou escapar.

— O patrão Fergus ajuda a senhorita a desmontar, patroa.

Quase caí nos braços de Fergus.

— Vá — disse ele. — Rápido, vá para dentro!

Eu sabia que era melhor obedecer e corri. Mas não pude deixar de ouvir o grito de fúria de Maria. A enormidade do que havia acontecido finalmente explodiu nela.

— Você botou as mãos numa branca!

* * *

Naquela tarde, os escravos foram chamados mais cedo dos canaviais para assistirem ao açoitamento de Samuel. Alister e eu havíamos ido ao encontro de Andrew, na galeria onde ele estava, para pedir-lhe que proibisse aquilo.

— A culpa é minha — disse eu. — Eu não devia ter montado Fidelito sem a permissão de sua esposa.

— Fique quieta, menina — rosnou ele. — Você não sabe onde está se metendo. Não tem nada a ver com você. Escravo nenhum pode atacar um branco, nem se meter com ele. E se ousar tocar numa mulher... — ele deu de ombros. — Samuel tem sorte de não ser morto. Maria não manda açoitar por nada. Não é fácil conseguir bons escravos, mas nossas vidas não valeriam um tostão se deixássemos uma coisa dessas passar impunemente. Deixe as coisas como estão, e não se meta com o que não é da sua conta.

Retirei-me. Alister ainda ficou, talvez para tentar convencer Andrew. Estava enojada, desolada, e pensei em ir até Winterslo para ver se Fergus não conseguia impedir aquilo. Mas sabia que não ia adiantar. Ele já devia ter tentado desculpar Samuel e já estava bem claro que a fúria de Maria era mais contra mim e Fergus do que contra o homem que havia tentado interferir. Ela estava nos punindo através de Samuel. Quando o sino tocou para chamar os trabalhadores, peguei Duncan e empurrei-o para fora de casa, para que Maria não mandasse chamá-lo. Tomamos o caminho da enseada perto de Serpent Rocks; eu tinha a sensação de que Samuel aguentaria tudo em silêncio, mas não podia deixar Duncan ouvir os sons do chicote. Mas depois, disse a mim mesma que era uma idiota; Maria o expunha a isso durante a inspeção matinal. Sentamos numa rocha sobre a enseada e comecei a lhe falar do modo como o mar batia na muralha de Sil Kirk; ele me falou dos ventos fortes que açoitavam as colheitas e derrubavam todas as casas, com exceção das casas grandes mais resistentes. Estava falando do que haviam lhe contado; nunca havia visto um furacão.

— Mas agora a gente está seguro. Já passou da época.

E repetiu os versinhos:

— “Junho ainda é cedo,
Julho é de espera,
Em agosto é preciso Lembrar de setembro;
Em outubro acaba tudo.”

Enquanto andávamos, pensei que ele havia esquecido de Samuel, mas estava enganada. Quando começou a escurecer, e calculei que o terrível ritual já tivesse acabado, voltamos para casa. Fiquei triste ao ver como tentava consolar-me. Ele segurou minha mão.

— Sabe, Srta. Fiona, os escravos não sentem a mesma coisa que a gente. A senhorita tem de ser forte, eles não sentem tanta dor assim.

Sacudi-o para que parasse.

— Eles são homens e mulheres, exatamente como você e eu. Eles sentem as mesmas coisas.

Inesperadamente, belisquei com força a pele delicada de seu braço.

— Ai! — era um grito ultrajado.

— Sentiu isso, Duncan?

— Senti — ele estava perplexo e surpreso.

— Então Samuel sente o que o chicote faz com ele. Ele sente, Duncan.

Ele se manteve em silêncio durante a volta. Não estava zangado, apenas quieto. Quando nos separamos, ele para jantar e eu para preparar-me, ergueu o rosto espantado para mim.

— Tem certeza de que ele sente a mesma coisa?

— Sente, sim, juro. Quando for rezar esta noite, reze por ele. E reze para que você nunca tenha de sentir uma dor dessas.

* * *

Desejei poder evitar o jantar daquela noite, mas tinha de enfrentá-lo. Assim, vesti o vestido mais sofisticado que Andrew havia comprado e até mandei Charity buscar a camélia que ainda não havia ousado colocar nos cabelos. Agora a guerra estava declarada entre mim e Maria, e se tivesse de ser despedida de Landfall, deixaria com eles uma lembrança de alguma coragem. Nunca mais, para nenhum deles, eu tornaria a ser a “governantazinha escocesa”. Eu, que nem ao menos era pequena. Não desceria mais timidamente, e nem fingiria não estar lá. Antes que eu fosse embora de Landfall, Maria teria razões para lembrar de minha existência.

Charity aprovou minha decisão.

— Parece uma senhora importante — disse.

E depois, ao estudar meu rosto sombrio no espelho, curvou-se para a frente e falou baixinho:

— Não fica triste, não, patroa. Samuel já sofreu outras coisas piores do que essa. Ele mostrou orgulho fazendo isso, e não ia deixar ela jogar a senhorita no chão. A gente não é boba, não. A gente sabe por que ela fez isso.

Depois ela se ergueu:

— Tenho um filho de Samuel, um menino de dez anos que vai ser forte como o pai dele e vai aguentar a dor do mesmo jeito. Agora desce, patroa, e fica com a cabeça bem empinada. A senhorita não fez nada de errado aqui em Landfall.

* * *

Deliberadamente, só resolvi descer quando achei que todos já deviam estar lá embaixo. Nunca mais me

apressaria para esconder-me nas sombras de um canto do salão. Todos os três voltaram-se quando entrei. Alister levantou-se na hora e serviu o vinho antes mesmo que Dougal alcançasse a garrafa. Trouxe-me o copo.

— Quer sentar?

— Não — disse Maria, — Já vamos jantar.

— O jantar ainda não está pronto — interrompeu Andrew. — Deixe-a sentar.

Eu só havia tomado um pouco de vinho quando Fergus apareceu na porta. Estava arrumado, escovado, penteado. Seu rosto mostrava o corte causado por meu desespero; estava inchado, e ele nem tentou escondê-lo. Sua expressão era calma, fria. Nunca o havia visto tão controlado.

— Boa noite — disse, inclinando-se, mais para mim do que para Maria.

Sem hesitar, Maria respondeu:

— Saia já! Saia e fique longe de Landfall!

Andrew não disse nada à esposa. Limitou-se a erguer a mão e fazer um sinal para Dougal.

— Coloque um lugar para meu filho.

E alguns minutos depois:

— Vamos, Srta. Fiona. Quer me dar seu braço? Acho que já podemos jantar agora...

Desta vez, não houve nenhum aperto lascivo em minha cintura, enquanto nos dirigíamos à sala de jantar, numa espécie de procissão solene, quase majestosa. A risadinha cruel de Fergus, que vinha por último, arruinou tudo.

— Dava até para pensar que estamos em sociedade

aqui em Landfall.

* * *

O jantar estava destinado a ser um desastre, e assim foi. No entanto, a distribuição da conversa foi diferente. Alistar e Fergus ficaram conversando e deixaram Maria de lado; foi a primeira vez que os dois se aliaram, independentemente do que sentiam um pelo outro. E a exclusão de Maria era evidente. Andrew parecia estar gostando.

Quando Maria levantou-se, seguida por mim, os homens se retiraram para tomar vinho do Porto. Foi então que perguntei alto, antes que Maria saísse:

— Fergus, você passou pelas senzalas. Como está Samuel?

— Está machucado, mas vai se recuperar. Maria nunca iria acabar com um bom escravo.

Ela soltou um som sibilante; havia horas em que parecia mesmo filha de Dona Isabella. Fergus virou a cabeça lentamente, insolente, e olhou para ela.

— Mas aconteceu um acidente muito triste. Fidelito morreu, envenenado, ao que parece, pelas frutinhas que deve ter comido na floresta.

O grito de fúria de Maria ecoou pela casa. E por um momento, observando atentamente, notei o leve brilho de emoção, de satisfação, que passou pelos rostos dos escravos que nos serviam. Ao que parecia, eles tinham suas próprias armas contra o chicote.

CAPÍTULO V

I

Toda a aparência de paz deixou Landfall. Não só porque agora a hostilidade entre mim e Maria era evidente, mas também porque todas as tensões que jaziam semienterradas haviam sido expostas. Cada vez que olhava Duncan, eu era assaltada pelo desejo de saber quem era seu pai; a pergunta permanecia sem resposta, e eu pensava nos quase oito anos em que ela havia atormentado os corações das três pessoas que formavam aquele triângulo de amor e ódio. Mesmo com a lembrança do beijo de Fergus, de seus braços me envolvendo, de seu pedido para que eu ficasse, ainda podia ouvir os gritos obscenos da velha na galeria em San Francisco. “Ele está pensando em casar você com o filho dele, para afastar Fergus das saias de minha filha.” Ainda me lembrava do modo como os olhos de Fergus haviam devorado Maria na primeira noite em que ele apareceu em Landfall, quando fiquei em silêncio, despercebida, sem chamar a atenção. Continuava sendo perseguida pela pergunta que queria fazer a Fergus e um dia perguntei a Andrew se podia montar Rosa algumas vezes. Ele respondeu:

— Monte o cavalo que quiser. Eles ainda são todos meus, não importa o que ela diz.

Assim, pedi a Samuel, cujas feridas estavam cicatrizando — embora ainda se abrissem quando ele se esforçava demais, fazendo com que o sangue escorresse pela camisa — para selar Rosa. Fui até Winterslo. Fergus estava lá. Um escravo devia ter me visto chegar e correu para avisá-lo, porque ele estava esperando para ajudar-me a desmontar.

— Até que enfim, você veio!

— Não vim para ficar. Não, não vou descer. Só quero

fazer uma pergunta. E quero uma resposta clara e honesta. Não minta para mim e não fique fazendo rodeios.

— Que pergunta, Fiona?

— Seu pai ofereceu dinheiro para você casar comigo? Dinheiro para Winterslo, como disse aquela velha? Vou ser eu a sua parte nessa transação para você ficar longe de Maria?

Seu rosto contorceu-se numa espécie de agonia, mas era ao mesmo tempo raiva e vergonha.

— Como é que você espera que eu responda a essa pergunta numa situação dessas? Tenho de explicar várias coisas. Você tem de entrar.

Com a vantagem que a altura de Rosa me dava, olhei para ele, fria.

— A verdade vai ser a mesma, aqui fora ou lá dentro. Bem, foi isso?

— Meu Deus, você é mesmo uma escocesa, Fiona. Tão teimosa!

— Se está querendo dizer que não sou cheia dessas manhas espanholas, então acertou. Sou franca e teimosa. Fui criada para ser assim. E é a falta de verdade o que está errado em Landfall. Se... se eu fosse casar com você, Fergus Maxwell, ia querer saber exatamente a razão desse casamento. Ia querer saber onde estaria o amor e onde estaria a verdade. Ia querer saber onde ficaria a lealdade.

Ele olhou para cima e me encarou, os olhos se apertando contra a claridade do céu.

— Não pedi para você casar comigo, Fiona.

— Sei muito bem disso. Mas aquela velha gritou coisas que meus ouvidos entenderam. Quero saber se é verdade.

Demorou muito tempo; pensei até que ele ia embora. Mas por fim, concordou:

— Eu diria que tem um fundo de verdade nisso.

— Não quero um fundo de verdade. Quero toda a verdade!

Agora era ele quem estava frio.

— Isso, minha querida Fiona... você nunca vai ter fora do paraíso, se é que existe um lugar desses. Você devia ficar satisfeita com a parte da verdade que estou contando. Somos todos humanos, Fiona. Por que é que você se coloca acima do pecado, da ganância, e do amor aqui na Terra?

— Eu faço isso?

Fui pega de surpresa, como se um membro da congregação de meu pai tivesse se levantado inesperadamente para pedir satisfações de sua vida. Respondi, mais pensativa:

— É, talvez seja verdade. Então me diga e me deixe pensar.

— Então pense bastante. Você conhece meu pai, conhece Maria. Meu pai me deu Winterslo quando eu mal tinha vinte anos... nada com que dirigi-la. Ele me disse para pedir a Maria os escravos que ela pudesse dispensar. Ela só podia dispensar os velhos e os doentes. É por isso que Winterslo está quase do mesmo jeito que era antes. E aí Andrew pensou em me casar. Ah, sim, ele queria me afastar de Maria. Um homem pode odiar e desejar a mesma mulher. Talvez eu devesse dizer isso por nós dois. Aí então ele pensou em me casar, mas não tinha nenhuma mulher na ilha, nenhum bom partido que me quisesse. Afinal de contas, o que é que eu tenho para oferecer? Uma fazenda arruinada e nenhum direito à propriedade de meu pai. Depois de alguns anos, e de algumas histórias fantasiosas

sobre o tipo de mulher com quem ia me casar, ele começou a pensar numa Maxwell. Uma senhorita recém-chegada da Escócia e inocente demais para saber onde estaria se metendo. Primeiro, uma governanta para Duncan e depois, se as coisas corressem bem, uma mulher para Fergus. O problema estaria resolvido. Fergus não ia mais incomodar. Ah é, Fiona, falou-se em dinheiro. Mas você acha mesmo que Maria ia soltar algum dinheiro? E logo para mim? Mesmo que haja dinheiro. Estou começando a duvidar disso. Meu pai fica falando em dinheiro, mas há anos que não abre um só livro de contas. Por que é que você acha que Alister está demorando tanto aqui? Ele quer descobrir para onde está indo o dinheiro. Eu não sei se tem algum dinheiro do lucro de Landfall, tudo o que sei é que não vou ver nem um tostão. Quanto à outra... que diabo me interessa o que eles mandam da Escócia, Maxwell ou não? Eles podiam fazer o que bem entendessem, a escolha seria minha. E tudo o que haveria para oferecer seria Winterslo, e só.

— É a verdade?

— É a verdade, Fiona.

— Muito bem, então — respondi.

Ficamos nos olhando por um longo tempo, como se a vontade, a paixão e o desejo procurassem um par à altura. Naqueles segundos, estávamos quase tão iguais quanto um homem e uma mulher poderiam estar. Medindo, pesando. Era a hesitação final antes que cada bem — vida, confiança, esperança, amor — fosse lançado na balança. Era o momento que antecedia o compromisso; fomos duros um com o outro, como dois negociantes em um balcão. Eu poderia estar dizendo a ele: “Pelo meu amor, o que você vai me dar? Por minha lealdade, minha fidelidade, meus filhos, o que você vai oferecer?” Sem uma palavra, quase podia acreditar que ele respondeu baixinho: “O meu amor.” Mas

eu não tinha certeza.

— Muito bem, então — tomei a dizer.

Depois, virei-me e fui embora.

* * *

No entanto, a tensão não se concentrava só na casa, ia além dela. O castigo que Maria havia infligido a Samuel foi como um marco.

Os escravos de Landfall eram bem tratados e não eram tão ignorantes: sabiam que os escravos com saúde interessavam mais ao proprietário do que os famintos que trabalhavam até morrer. Mas Samuel era o escravo especial de Maria, considerado seu protetor. E agora murmurava-se que ele só a havia protegido de si mesma, e a infâmia de seu castigo foi pior que a dor. Assim, não havia nenhum sorriso para nós, nem mesmo fingido. Os rostos impassíveis e inexpressivos assumiram uma expressão de verdadeira casmurrice. Surgiram pequenas dificuldades. As refeições demoravam, vinham queimadas. Lençóis novos eram rasgados ao serem lavados, pratos eram quebrados. Arreios eram estragados, ferraduras eram soltas, os moinhos de vento eram obstruídos com entulhos. Uma centena de probleminhas atingiu Landfall, mas Maria não podia açoitar cem escravos. Ninguém se acusava; não havia um culpado em particular. O chicote começou a ser usado indiscriminadamente, mas levar uma chicotada no ombro não era o mesmo que ser açoitado no poste. Dois bebês nasceram mortos. No entanto, quando Maria foi ver os corpinhos pela manhã, não havia nenhum.

— Eles foram enterrados, patroa, enterrados num lugar que os espíritos não podem achar eles.

Não acreditei. Mas sentia que aquelas mães

orgulhosas haviam preferido se separar de seus filhos do que entregá-los a Maria. Só Deus sabia onde estavam, mas eles não pertenciam a Maria.

— Wilberforce morreu — anunciou Alister, uma manhã.

Ele havia ido cedo para Santa Marta a negócios, e voltou imediatamente com a notícia.

— Bom! Vamos beber — gritou Andrew. — Talvez agora essa agitação idiota, essa bobagem de emancipação morra com ele.

— Não vai morrer — respondeu Alister. — Prepare-se.

Seu rosto estava terrivelmente contraído, pálido sob o bronzeado que estava começando a adquirir. Achei que estava tremendo e que havia voltado para Landfall, por mais hostil que fosse aquela casa, a fim de ter um lugar privado para suportar a dor. Contrariando seu costume de não beber álcool durante o dia, ele foi, sem permissão, até o jarro de Andrew e serviu-se.

— Alister? — fui para seu lado. — Essa notícia... ela entristece você.

— Eu o conhecia — disse. — Encontrei-me com ele várias vezes. Não podia dizer que era meu amigo. Era muito velho, e muitas pessoas se diziam suas amigas. Mas ele era a voz da consciência. Eu o admirava.

Ficamos sentados na galeria, em silêncio, até Maria voltar com Duncan. Fui com ele para cima. Foi a primeira vez na vida que observei um período de luto por alguém que nunca havia conhecido,

* * *

Mas uma outra notícia veio perturbar Landfall, bem

como todas as casas da ilha. A notícia espalhou-se de Santa Marta; falava-se sobre o assunto nos clubes e nas lojas, mas ninguém era capaz de dizer se era verdade. A história foi crescendo. Um negro havia chegado a San Cristóbal e rondava furtivamente as fazendas. Diziam que era um antigo escravo das índias, levado para a Inglaterra e alforriado pelo dono; alguns chegavam a dizer que havia sido comprado por Wilberforce ou Tom Clarkeson e treinado para aquele fim: quando já era noite alta, ele ia para as cabanas dos escravos e lhes contava o que estava acontecendo no Parlamento inglês, dizendo que um dia seriam libertados pela lei e que deviam estar preparados. Ninguém nunca viu este homem, ninguém nunca declarou tê-lo visto, mas os rumores se espalharam. Algumas fazendas afirmavam que havia mais de um homem. Além disso, os navios que aportavam em Santa Marta traziam histórias das atividades do mesmo homem em todas as ilhas britânicas. Tornou-se uma história de origem duvidosa e, no espaço de algumas semanas, uma lenda.

— Mas Wilberforce morreu — dizia Andrew, o tempo todo. — E essa bobagem toda foi com ele.

No entanto, a história daquele homem sem nome e sem forma, contada de cabana em cabana, persistiu e foi tomando cada vez mais vulto.

* * *

Fosse qual fosse, a doença de Andrew piorou; agora vinha regularmente um médico de Santa Marta. Notei que suas pupilas estavam dilatadas; os remédios receitados deviam ser muito fortes. Ele só dormia quando tomava a droga mais forte, e isso não era sempre. Em meus próprios períodos de insônia, eu o ouvia resmungando e praguejando. Os sons passavam pelos caixilhos abertos das

venezianas. Ele ficava sentado o dia inteiro, de mau humor, na galeria e agora era raro ter forças para erguer o binóculo a fim de ver os navios que contornavam Serpent Rocks em direção ao porto de Santa Marta. Frequentemente, caía num cochilo exausto; acordava como se tivesse sido atingido por alguma dor e, irritado, procurava o rum.

— Não se pode fazer nada? — perguntei a Alister. — Ele está morrendo, não está?

— Está, aos pouquinhos. Parece que Maria está sempre querendo me impedir de falar com o médico. Pela aparência dele, eu diria que é alguma coisa do fígado e a falta de ar. O coração dele não é forte. O médico tem boa reputação. Já andei perguntando por aí.

Como que impelido pela ideia da morte de Andrew, Alister começou a passar mais e mais tempo no escritório da fazenda. Às vezes, ao falar com Maria ou Fellowes, sua voz ficava alta e impaciente com a frustração. Eu ouvia pedaços da conversa.

— Mas por que foi que custou tão caro? Eu sei qual era o preço na época, vi nas outras fazendas. Por que estes preços?

— O que é que você queria? Eu era muito nova naquela época, muito inexperiente. Meu marido, bem... você sabe que ele bebe. Foi nessa época que ele começou a beber mais, e eu tive de assumir a direção da fazenda. Faz-se o que se pode, e eu não tinha experiência nenhuma.

— Mas continuou pagando esses preços.

— Os preços aumentam. Nunca notou isso? E o preço do açúcar está cada vez mais baixo.

— Landfall está gastando mais do que pode, pelo que estou vendo nestes livros. Nossas outras fazendas estão em

melhores condições, mesmo com o preço do açúcar baixo.

— Então elas têm sorte de ter um homem competente para dirigi-las. O que é que uma mulher pode fazer...?

Ele insistia:

— Aqui, esta parcela enorme para a substituição de toda a maquinaria da usina: os trituradores, os tonéis novos, essas coisas todas... Examinei pessoalmente a maquinaria e não tem nada novo lá.

— Isso foi um azar daqueles. Construimos o moinho novo para produzir mais, você sabe, e para estar pronto quando a maquinaria atual se acabasse. Comprei mais escravos para trabalhar lá; roçamos mais terrenos para colheitas extras. O moinho pegou fogo. Eu não precisava mais dos escravos e não tinha dinheiro para alimentá-los e os vendi. Tive de deixá-los ir sem fazer nada. Na época, houve uma seca e uma sobrecarga de escravos para alimentar. Ninguém queria mais escravos.

— Os livros mostram a compra de escravos, mas não a venda.

— Bem — o tom era zangado — nunca me ensinaram a fazer a contabilidade. Nossos capatazes vêm e vão. Alguns nos roubaram. Ninguém pode manter os capatazes. E você deve saber disso. Pergunte! É assim em todas as fazendas. “Rico como um fazendeiro das índias” é uma expressão que já perdeu o sentido, Alister. Os únicos que ficam ricos nas índias são gente como os Maxwell de Londres, que têm dinheiro para emprestar e juros para receber.

As discussões de Alister e Maria já faziam parte da tensão geral que reinava em Landfall. À noite, o jantar era insuportável, porque ninguém mais se importava em aparentar uma falsa cordialidade. Eu me perguntava quanto tempo Alister ainda levaria para fazer acusações

mais graves que a de má administração. Por quanto tempo ele ainda aguentaria ficar em Landfall? Havia dito mais um mês, mas o prazo já estava quase no fim. Porém, tudo dependia daquele homem à beira da morte. Por quanto tempo ele havia defendido a esposa, e até quando continuaria fazendo isso? Qualquer acusação perante a lei teria de ser feita contra ele, e eu sabia que Andrew não viveria para ser levado a uma prestação de contas definitiva.

A cada dia, eu esperava que Maria me despedisse de Landfall, mas ela não fazia nada. Talvez a resposta para isso também estivesse em Andrew. Mas eu sabia que iria embora assim que ele morresse. Minha ansiedade era em relação a Duncan; ninguém podia sentir nada por aquele velho, que havia ido longe demais em sua crueldade, indiferente aos que o cercavam; sua natureza havia sido deformada pela morte de uma menina, 26 anos antes, e pelo peso do nascimento de um filho indesejado.

Não voltei a Winterslo, embora meu coração e minha alma ansiassem por isso. Foi um período de teste. Esperei e Fergus apareceu três vezes para jantar em Landfall, mas só tornou a tensão mais insuportável. Não conversamos a sós e, cada vez que Maria falava e Fergus olhava em sua direção, eu pensava no que havia acontecido entre eles, e também me perguntava se um homem conseguia esquecer um amor como aquele. Eu sabia que não conseguiria dividir nem uma só parte de Fergus com outra mulher, nenhum pensamento, nenhum olhar. Foi a primeira vez que senti ciúmes. Nessas ocasiões, sentia frequentemente sobre mim o olhar de Alister e ficava imaginando até que ponto ele adivinhava meus sentimentos. Provavelmente, ele também havia tomado parte do plano de trazer a “governantazinha escocesa”, mas deveria ter sido minha meia-irmã, uma esposa mais dócil e mais fácil de ser conquistada. Em relação a mim, nem mesmo Alister, tão frio e experiente,

estava seguro. E muito menos eu estava segura de mim mesma.

Certa vez, após o jantar, quando estava pegando minha vela para subir — nunca renunciei ao hábito de evitar o salão quando a refeição acabava — Fergus deixou a mesa de jantar e veio até a escada, na hora em que eu começava a subir.

— Fiona, não quer ficar mais um pouco? Lá fora está mais fresco. Não quer andar um pouco?

E depois, num tom mais baixo:

— Esperei você em Winterslo. Fui até a enseada de Serpent Rocks. Eu esperei, Fiona, eu esperei.

— Então espere mais e, se puder, aprenda como se deve cortejar uma mulher. O orgulho é uma coisa boba, Fergus, mas eu sou orgulhosa. Só quando eu tiver certeza...

— Sua boba — falou entre dentes, zangado. — Como se existisse alguma certeza. Ou você confia ou não confia. Ter certeza é para os que não querem correr riscos. Se você é desse tipo e eu sei que você não é, então é melhor me esquecer.

— É, talvez seja melhor. Talvez você esteja me interpretando mal. Pode ser que correr riscos não faça parte de minha natureza — acrescentei: — Espere, espere mais um pouco. Logo vai acontecer alguma coisa em Landfall e todos nós vamos saber o que temos de fazer.

Ele se virou, furioso, humilhado, talvez porque, embora nossas palavras não tivessem sido ouvidas pelos outros, os tons das vozes, assim como minha recusa, deviam ter ficado evidentes. Em vez de voltar para a companhia dos dois homens, ele simplesmente saiu para o *hall*, pisando duro. Antes mesmo que passasse pela cozinha, ouvi-o gritando para trazerem seu cavalo.

Aquela foi mais uma noite em que fiquei sentada durante horas a fio na galeria escura do andar superior, amaldiçoando-me por estar sozinha, quando podia estar com Fergus.

O próprio Andrew me cercou na noite seguinte, quando descí para o salão, antes do jantar. Estávamos sozinhos, e ele me chamou rispidamente, com um gesto.

— Venha cá, menina. Sente aqui, onde eu possa ver você.

Fiz o que mandou, e ele se inclinou no sofá vermelho para observar-me mais de perto.

— Então? Você vai casar com Fergus?

— É uma pergunta bem estranha, Sr. Maxwell. Afinal, ele nem falou nisso.

— Então ele que vá para o raio que o parta: O que é que ele está querendo? Você, o que está querendo? Acha que sou tão cego que não vi o que aconteceu na noite passada? Você o mandou embora.

— Não o mandei embora. Ele foi porque quis.

— Você não o encorajou a ficar.

— E eu devia fazer isso? É por isso que estou aqui? Pensei que fosse para ser a governanta de Duncan.

— Você sabe perfeitamente bem por que está aqui. Então que você também vá para o inferno. Mas todas as mulheres são trapaceiras e provocadoras. Ou você está querendo mais alguma coisa? É atrás de Alister que você está? Bem, não fique atrás dele. Pegue meu filho. Pode ser que ele seja o último a pedir você em casamento.

— Nesse caso, posso passar sem isso. E ele não me pediu em casamento.

— Então, droga, o que é que você quer? Uma

declaração escrita? Meu filho não é desse tipo.

— E eu, Sr. Maxwell, não sou parte de nenhum negócio que não seja feito por mim mesma. Quando chegar a hora e se Fergus me pedir, eu me decido.

— Então tome cuidado para não perder a hora!

Levantei-me e deixei-o. O jantar pareceu mais insuportável do que nunca.

E finalmente os dias sufocantes de calor tomaram conta de Landfall. Havia dias em que os ventos alísios não sopravam, e o calor se instalava como um peso tangível. As roupas ficavam ensopadas de suor; os ânimos estavam exaltados.

— Tempo de furacão — murmurava Andrew quando acordava de um de seus cochilos na galeria. — Muito parado. Tempo de furacão.

II

As noites nunca foram fáceis em Landfall. Com a calmaria dos alísios, o calor parecia ficar preso até mesmo nos cômodos mais espaçosos, e eu me agitava, acordada, deitada num travesseiro ensopado de suor. Eu temia a noite, porém, temia mais ainda a chegada do dia, que devia ser enfrentado com a exaustão das pálpebras que teimavam em abaixar. Retomei o hábito de andar na galeria, descalça, para que ninguém me ouvisse, tentando esgotar-me até o ponto em que o sono vencesse o calor. Raramente dava certo. Frequentemente, pensava em descer até o jardim quando o sono me enganava daquele jeito, sem muita esperança de que estivesse mais fresco, mas lá eu ter ia mais espaço para andar, e poderia tomar menos cuidado. Finalmente, chegou a noite em que decidi descer. As coisas em Landfall haviam chegado a um tal ponto que nenhuma

transgressão das regras normais — mesmo se soubessem que saí de casa à noite — faria diferença. Ainda faltavam algumas horas para amanhecer e a lua ainda estava alta quando joguei o robe de algodão sobre a camisola e descii. Passei pela porta da frente a fim de evitar os fundos, onde dormiam Dougal e os outros dois escravos da casa. Landfall era uma casa bem conservada. O ferrolho deslizou silenciosamente; escorei a porta com um calço, para que uma brisa inesperada não soprasse forte demais para batê-la, embora isso fosse pouco provável. Segundos depois, eu já estava lá embaixo, em meio à escuridão segura das árvores.

Tive uma sensação de alívio ao escapar da casa, embora o calor fosse quase o mesmo. O jardim havia se tornado um amigo em Landfall, o jardim e toda a beleza além, até mesmo os canaviais poeirentos e ondulantes. Agora eu caminhava com confiança pelas trilhas do jardim, e até pelas áreas espaçosas à sua volta. As árvores começaram a desaparecer, e cheguei à linha dos preciosos canaviais de Landfall. A lua clareava tanto quanto a luz do dia, mas pelo menos não havia aquele calor abrasador. Estava tudo tão parado que nem mesmo as altas hastes de cana madura se moviam; seu brilho agora estava prateado em vez de verde. A terra estava transformada. Era estranho como o medo de aranhas e escorpiões não me perturbava como a tensão encerrada entre as paredes de Landfall. Fui avançando; os intervalos poeirentos entre as plantações me pareciam tão familiares quanto as colinas de Sil Kirk. Fui avançando, como que enfeitiçada, perguntando-me como havia passado todo aquele tempo sem ousar ir além da região da casa durante a noite. Via uma terra diferente, iluminada pela luz fantasmagórica da lua, cheia de estrelas. Só havia o céu brilhante e a cana alta; eu caminhava como se estivesse num sonho e então veio a catarse, o alívio e a paz final e abençoada do espírito.

Não saberia dizer em que ponto comecei a, ouvir sons diferentes — não os sons da noite, as cigarras, o rastejar dos lagartos perturbados com minha passagem, o grito ocasional dos pássaros noturnos na floresta. Eram sons humanos, indistintos, abafados, mas definitivamente humanos. Sem pensar muito, encaminhei-me para a primeira enseada a sotavento que, àquela hora, já podia ser vista do alto de cada elevação, cintilando com sua superfície prateada e transparente. Os sons, porém, vinham da direita, a muitas baías da primeira. De pé no ponto mais alto de uma trilha de carroça entre os canaviais, procurei situar-me, vendo o contorno desolado da balaustrada desmoronada da casa grande de San Francisco. Mais além, pude ver a mancha escura que era Winterslo. Fiquei bem quieta, escutando. Mal se podiam ouvir os sons, mas eles continuavam. As elevações daqueles pequenos vales que, inevitavelmente, levavam a cada enseada arenosa tinham o efeito de um anfiteatro: os sons aumentavam além da potência normal. É engraçado como as lembranças aparecem sem nenhuma razão especial, mas subitamente lembrei-me de que, certa vez, minha madраста havia dito que eu tinha ouvidos de raposa. Agora eu sabia que estava acontecendo alguma coisa na baía abaixo de San Francisco. Fiquei paralisada, contida apenas por um medo: o de dar inadvertidamente com algum ritual dos escravos, algum lugar em que praticavam os antigos ritos da África, agora proibidos. As velhas fortificações de San Francisco deviam ser este lugar. E então, ocorreu-me uma outra ideia. Talvez fosse uma das reuniões organizadas pelo negro da lenda, que de fazenda em fazenda, dava a notícia da liberdade iminente. Será que teria coragem de ver aquilo? Ousaria descobrir os planos para a chegada daquele dia, temido pelos brancos e ansiado pelos negros? Mas eu havia tido uma visão terrível de Landfall; talvez aquela fosse a noite de saber sua hora e lugar.

Umedeci os lábios repentinamente secos e pensei em voltar para chamar Alister, mas era longe demais, e eu perderia muito tempo. Muito antes do amanhecer, quem quer que estivesse se movimentando naquela enseada iria embora.

Assim, resolvi continuar, dando graças a Deus por ter escolhido um robe razoavelmente escuro para vestir sobre a camisola; porém, os chinelos finos que serviam bem para o jardim e para as trilhas eram traiçoeiros na rocha escorregadia das fortificações. A noite, cujo esplendor havia me dado tanto prazer, era agora uma ameaça e uma maldição.

Dirigi-me firmemente para a baía de San Francisco; estava ficando em dúvida se aquilo seria mesmo uma reunião organizada de escravos ou o lugar de chegada do líder negro. Mesmo oculto pelo promontório saliente, qualquer navio, por menor que fosse, poderia ser visto de San Francisco, e seu barulho chegaria à casa grande, assim como chegava a mim.

Havia chegado ao fim dos canaviais pobres de San Francisco, atingindo a faixa de terra arenosa demais para o plantio. Hesitei mais uma vez, sabendo que era minha última chance de voltar. Ouvi o som monótono de movimento — movimento humano. Embora pudesse ouvir vozes, elas eram baixas e abafadas; entretanto, ouvi uma ordem, uma ameaça e, apenas uma vez, o estalo inconfundível de um chicote. Foi então que tive certeza de que aquela não era nenhuma reunião organizada para receber o negro anônimo da lenda. Onde quer que o chicote estalasse, havia brancos e eu ia ver.

O caminho dava diretamente para a enseada e para a praia, mas eu não podia ir por aquele lado. Perdi a noção do tempo, quase perdi a direção, enquanto avançava e me desviava através da vegetação rasteira em direção às

fortificações, amaldiçoando os chinelos que insistiam em cair e o longo robe que parecia agarrar-se em cada arbusto espinhoso. Uma vez, na escuridão, meu braço foi espetado pela ponta de uma planta; perguntei-me se, ironicamente, eu não havia sido vítima da ponta de uma planta que podia arrancar o olho de um homem, ou pior e que era conhecida na região como baioneta espanhola. Mas finalmente cheguei lá, ao primeiro grupo das paredes desmoronadas, e agora a luz era bem-vinda. Estava me lembrando daquelas masmorras sem teto, escancaradas para receber alguém que caísse. Deitei-me ao longo de uma das paredes e deixei o matagal esconder-me; depois, fiquei observando, concentrando-me no que estava acontecendo na baía.

Era maior e mais funda do que eu imaginava, sem nada com que compará-la antes. Havia pensado que era só um pouco maior que as outras. Mas o navio que flutuava lá, bem escondido pelo contorno do promontório, não era nenhuma escuna da ilha, e sim algo tão grande quanto o *Clyde Queen*, e talvez até maior; era um navio que podia navegar os mares bravios do Atlântico. Enquanto eu olhava, uma lancha deixou as sombras de seu casco e dirigiu-se para a praia, com o brilho do luar refletindo nos remos molhados e o gemido amortecido das forquetas. Várias figuras — não sabia se brancas ou negras — esperavam sua chegada à margem. Observei-o por um momento e então um outro som alcançou-me, um som terrível, uma espécie de gemido agudo, que era uma expressão africana de desespero, medo e dor. Lembrei-me do cômodo de janelas com barras e da fechadura na porta sólida e nova. Soube então o que significava tudo aquilo. Estavam desembarcando escravos. O navio na enseada, tão belo ao brilho calmo da baía, era um transporte ilegal de escravos, provavelmente no fim de sua viagem da África. Ilegal, eu sabia, porque qualquer transferência normal de escravos de ilha para ilha seria feita abertamente no porto de Santa

Marta. Os sons humanos mais próximos que ouvia deviam vir dos escravos já presos na masmorra.

Continuei quieta, esperando. Finalmente, a lancha tocou a praia e todas as figuras, com exceção de uma, foram arrastadas para terra firme. Foi então que ouvi o ruído que só precisa ser ouvido uma vez para nunca mais ser esquecido: o ruído de correntes sendo arrastadas por um corpo humano. Gritos agudos se elevavam quando homens e mulheres eram arrancados do barco e postos de pé, enfileirados e forçados a começar a marchar em direção às fortificações. Estavam acorrentados pelos tornozelos, uma longa fila de uns 20. Mais uma vez veio o estalo do chicote, quando um dos componentes daquela fila terrível tropeçou, caiu e foi arrastado pelo peso dos outros.

Comecei a montar o quebra-cabeças. Maria usava aquela baía, com o conhecimento de Dona Isabella, e talvez o de Andrew, como um ponto de descarga dos navios ilegais que ainda faziam o tráfico de escravos da África. Eu não podia ter certeza do lugar para onde iriam dali, mas o *Savannah Trader* só poderia levar uma carga para os estados do sul dos Estados Unidos. Era possível que outros navios menores que faziam a rota das ilhas também viessem àquele lugar para pegar a carga ilegal e distribuí-la nas ilhas. Talvez escravos de outras ilhas também fossem trazidos para lá. Para os capitães americanos, era conveniente. Eram poupados da longa e perigosa viagem de ida e volta à África e da longa permanência na costa infestada de febre, junto aos velhos fortes negreiros, esperando um número suficiente de corpos para encher seus porões. Eram poupados da doença, da morte, da ameaça de revolta durante a viagem. Ali eles só teriam os que desembarcassem vivos e, se outros fossem mandados de outras ilhas para aquele ponto de encontro, os capitães podiam estar certos de que eram escravos aptos, saudáveis, acostumados à vida das fazendas, talvez já criados nos

moldes dos brancos, acostumados àquela vida e conscientes do que era esperado deles.

Horrorizada, vi que muitas mulheres na fila carregavam bebês e outras, crianças mais velhas, que se agarravam desesperadamente aos trapos das saias de suas mães. Lembrei-me então do cuidado que Maria tinha com suas escravas grávidas, alimentando-as melhor e dando-lhes descanso para encorajá-las a ter mais filhos. Como resultado dessa política, deveria haver uma proliferação de crianças em Landfall, o que não acontecia. Havia mais ou menos uma dúzia em volta do jardim e das cabanas, ainda muito jovens para o trabalho nos canaviais; será que os outros haviam sido vendidos, como aqueles que estava vendo? Maria vendia realmente as criancinhas, separando-as de suas mães? De repente, lembrei-me dos dois bebês natimortos, cujos corpos não foram apresentados para a inspeção de Maria. Será que suas mães, sabendo que seriam vendidos logo que crescessem, preferiram escondê-los, mesmo correndo o risco de morrer? Elas deviam acreditar que o dia da liberdade estava bem perto para ousar fazer tal coisa: agarrarem-se aos filhos, escondidas, esperando desesperadamente que um dia estariam vivos para serem livres. Na mesma hora, também comecei a acreditar na lenda do negro messiânico, percorrendo a ilha com sua mensagem de fé na liberdade vindoura.

Parecia que aquele era o último descarregamento de escravos do navio; a lancha voltou e foi recolhida a bordo. Ouvi o clangor da corrente da âncora e assisti ao içamento das velas, prontas para receberem a primeira brisa que soprava da terra. Continuei ouvindo o som horrível das correntes, as ordens, o chiado e o estalo do chicote, mas não conseguia ver nada do que estava acontecendo. Tudo estava sendo feito na praia abaixo da linha das fortificações, e seria preciso ir muito perto para ver alguma coisa. Em vez disso, comecei a contorcer-me e a serpentear

para trás, em direção ao caminho que deveriam tomar se fossem para San Francisco; era quase impossível que a nova fila de escravos recém-desembarcados fosse colocada no cômodo com barras, juntamente com os que lá estavam,

Fiquei afastada do caminho, na vegetação rasteira, e ouvi as correntes muito antes que a coluna surgisse. Achei que era um homem branco quem os conduzia. Podia ver suas botas, bem engraxadas, à luz da lanterna que carregava. Mais uma ou duas figuras de botas passaram com a coluna, arrastando os chicotes; de vez em quando o luar refletia palidamente em um rosto branco. Também podia ver, abaixada como estava, os pés descalços, às vezes sangrando, com os grilhões em volta dos tornozelos. Não ousei arriscar-me a levantar a cabeça mais do que algumas vezes, pois sabia que meu rosto apareceria como o deles e que, ao luar, meus cabelos pareceriam quase louros. Fiquei agachada e quieta até a procissão afastar-se. Não ouvi mais o chicote; agora os escravos, já acostumados ao ritmo da marcha, moviam-se com a terrível resignação de sua espécie.

Mexi-me para voltar a uma posição quase ereta; meus membros contraídos tremiam após o esforço de ficarem imóveis durante tanto tempo. Não havia escutado os passos na trilha de areia. O que chegou primeiro foi o sussurro baixo, mais ríspido. A voz de Maria:

— Espere! Mexeu alguma coisa aqui? Você viu?

A resposta foi um murmúrio que não consegui entender.

— Vá olhar. Aqui, idiota, leve a lanterna.

Não havia visto a luz porque a porta que encobria seu lado estava quase toda fechada. Agora ela estava aberta e a figura alta de um homem começou a avançar pela vegetação. Atirei-me de rosto para o chão, mas ele devia ter

ouvido o movimento, porque veio firme na minha direção; eu podia ver a luz da lanterna balançando no chão à medida que ele se aproximava. Estava muito perto de mim, que via seus pés negros e grandes. Sabia que o mato ralo nunca me esconderia totalmente, e que a lanterna apontava direto para mim. Virei a cabeça de lado e olhei para cima.

A luz não chegava ao seu rosto. Só sabia que era negro, suas feições não eram visíveis ao luar. Agachei-me, sem querer revelar minha identidade a Maria, até que fosse totalmente inevitável. O homem devia ter percebido que não o reconheci, mas podia ver o medo e a apreensão estampados em meu rosto. Assim, com um único movimento rápido, ergueu a lanterna bem alto, e vi que era Samuel. Ele balançou a cabeça ligeiramente e com uma das mãos fez um gesto para que eu continuasse agachada. Imediatamente, virou-se e embrenhou-se no mato, como se estivesse seguindo algum som distante. Foi prosseguindo e finalmente a voz de Maria chamou-o, apressada.

— Pare de perder tempo. Se não tem nada, venha.

Obediente, ele voltou para onde ela estava, passando pelo lugar onde eu me encontrava agachada sem mover a lanterna para o meu lado.

— Nada, patroa. Devia ser um gato. Tem muito gato que vem dos estábulos e fica bravo aqui. Eles vão muito depressa. A gente nunca consegue pegar eles.

— Bem, então vamos andando...

Arrisquei-me a levantar-me para vê-los e fiquei me perguntando como havia deixado de reconhecer a figura esguia de calças espanholas justas, jaqueta e chapéu de cordovês entre o grupo na praia. Mas é claro que ela estaria ali; nada que fosse do interesse de Maria seria deixado nas mãos de outros. Pensei nos homens brancos que acompanhavam a coluna; um deles, ou o homem que os

pagava, havia rabiscado aquele bilhete que, por engano, chegou-me às mãos na loja de Rodriguiz. E o próprio Rodriguiz devia fazer parte daquilo, porque sabia o que estava escrito. Mas ele só devia ter dado dinheiro e organizado a operação daquela noite; ele não era o tipo de percorrer o longo caminho até Landfall, esperar pelo navio e levar os escravos para o lugar onde deveriam esperar o navio seguinte. Ele não faria nada disso enquanto alguém tão competente e implacável quanto Maria estivesse ali para dar ordens. E eu não tinha dúvida nenhuma de que era ela quem dava as ordens; também sabia para onde ia o dinheiro de Landfall e a razão daquele caos deliberado sobre o qual Alister vivia discutindo com ela. Maria havia feito um investimento que não ousava mostrar no papel; provavelmente, só ela sabia onde estava o lucro.

Ao compreender isso, um arrepio de medo tomou conta de meu corpo. Se Maria soubesse que havia presenciado aquele ato criminoso, eu estaria correndo um perigo bem maior do que ser simplesmente despedida de Landfall. Era bem fácil imaginar os meios que acharia para ter certeza de que eu me calaria para sempre. O que deveria fazer agora? Para onde devia ir? Será que Andrew sabia? Se soubesse, então eu não tinha proteção nenhuma. Não tinha nenhum lugar a que me dirigir, ninguém, a não ser Alister ou Fergus. Deveria fazer as malas no dia seguinte e ir embora? Deveria aproveitar a chance oferecida pelo silêncio de Samuel? Mas eu havia ido para Landfall por causa da visão de Duncan correndo para mim em busca de ajuda. Se a visão fosse verdade, eu ainda tinha uma função em Landfall. E indo embora, também abandonaria Fergus. Será que devia tomar o caminho mais fácil e rápido, longe do perigo e dos problemas, e passar o resto da vida como uma solteirona escocesa, envelhecendo, enquanto ensinava crianças que não eram meus filhos? Ou devia viver para meu próprio momento supremo, aceitando

as chances que o acompanhassem?

Chances? Acho que nunca fiz uma escolha. De alguma maneira, o caminho seguro e sensato nunca se abria diante de mim; parecia que havia nascido para ter uma vida tumultuada. Embora não desejasse tal coisa, parecia que era a minha forma natural de vida. A menos que Maria me forçasse, eu não faria as malas e nem iria embora de Landfall.

Foi nesse momento que lembrei que havia deixado a porta escorada. Maria a acharia assim quando voltasse, e a caçada começaria. Ela saberia imediatamente que somente Alister ou eu teria saído, e seria uma simples questão de descobrir qual dos dois. Esqueci de pensar no que aconteceria naquele dia, ou no outro. O que interessava agora era afastar-me daquela enseada de qualquer maneira, para o lugar mais longe possível, e inventar uma desculpa para ter saído de casa.

A aurora já estava quase chegando; ela vem tão rápido quanto a noite tropical. Ouvi o primeiro galo cantar ao longe, na direção de Winterslo. Eu queria desesperadamente ir até lá, até Fergus, mas a casa estava muito longe e havia San Francisco entre nós. Seria bobagem tentar convencer Maria de que eu havia caminhado sozinha até Winterslo durante a noite. Assim, dei as costas para a casa e para a trilha que levava a San Francisco. O que eu precisava fazer era buscar meu caminho pelo mato e sobre os pequenos promontórios até a primeira enseada além de Serpent Rocks, onde eles sabiam que já havia ido antes. Corri, tanto quanto aquele terreno acidentado me permitia, abençoando o hábito de perambular pelas colinas escocesas, as pernas fortes que agora tinham de aguentar além do que jamais pensei poder superar. Tinha de estar naquela enseada antes que o sol nascesse e consegui, com a respiração cortando-me o peito

como uma faca, os joelhos tremendo. Consegui chegar lá, na enseada mais bela, mais calma, onde as águas rasas eram mais transparentes e a areia mais branca. Desci correndo para a beira da água, deixei cair os chinelos estragados, o robe e a camisola e corri direto para a água.

Meu Deus, que paraíso! O bálsamo suavizante e quente, o movimento da água salgada recebendo meu corpo cansado como mãos gentis que me levantavam. Durante longos minutos, esqueci do perigo, do medo, do horror da noite. Não sabia nadar, mas as águas calmas deixaram-me ficar deitada, contorcendo-me num êxtase de prazer sensual. Deitada na margem, senti o fino pó da areia como uma suave cama de plumas sob o corpo, beijado pelas pequenas ondas. Meus cabelos, respingados de areia, espalhavam-se sobre mim; meu rosto e membros, acima da linha da água, já estavam começando a secar, cobertos por uma camada de sal. Fiquei deitada, o rosto escondido nos braços cruzados, sentindo o sol aquecer-me a pele suavemente, enquanto o medo e o cansaço afastavam-se de mim. Aquele banho na madrugada explicaria minha ausência, e o pretexto seriam o calor e a dificuldade para dormir; explicariam também a porta aberta. Que Maria, se pudesse, provasse que eu estava em algum outro lugar. Por enquanto estava segura ali, e relutante em voltar para casa, com a força e a coragem restauradas pela água e pelo sol. Talvez até tenha dormido durante algum tempo, com os sentidos, preparando-me, inconscientemente, para o que eu sabia esperar-me em Landfall.

Sacudi-me para acordar; o sol parecia mais quente, e ouvi um barulho na enseada. Não era o som de alguém vindo pela trilha, o som seco dos arbustos se quebrando, e sim o som da água: o barulho de um nadador atravessando a água.

Virei de lado e ergui-me um pouco. O nadador veio na

minha direção, os braços longos e poderosos batendo na água, cortando a baía diagonalmente, como se tivesse mergulhado das rochas. Fiquei bem quieta e não fiz nenhum movimento tolo nem recatado para pegar o robe. Ele chegou à parte rasa e ficou de pé, nu como eu, e vi toda a sua beleza, com o sol da manhã brilhando em seu corpo e nos cabelos louros e molhados. Há momentos na vida que compensam todos os demais instantes de dor; aquele momento eu guardaria para sempre. Algumas coisas são tão naturais em sua hora e lugar quanto a respiração a cada segundo. Nossa união foi como se já estivesse preparada há muito tempo. Não houve nenhuma agitação, nenhuma pressa indevida. Nós nos amávamos. Não haveria nenhuma mancha de sangue num lençol para me lembrar da dor maravilhosa de sua penetração; as ondas suaves levaram tudo, e a areia ficou limpa e branca.

* * *

Fergus havia amarrado o cavalo no outro lado da enseada, e montei à sua frente na sela, seu braço envolvendo minha cintura. Meus cabelos molhados estavam soltos ao vento; de vez em quando, com o nariz, ele os afastava, inclinava-se e beijava-me o rosto.

— Você é uma desgraça! — riu ele. — Está maravilhosa! Nunca ficou tão bonita!

Eu também ri porque, subitamente, era engraçado e belo estar com uma aparência tão terrível. Finalmente, ele notou meu robe rasgado e os chinelos estragados e, quando levantei o braço e a manga caiu para trás, ele viu o corte feito pelo cacto.

— O que aconteceu?

Dei de ombros.

— Estava escuro, fui correr e bati contra alguma coisa. Mas não está doendo. A água salgada limpou o ferimento. Olhe, não está nem sangrando.

— Mande Charity botar alguma coisa aí. Os escravos têm uns remédios que são melhores do que qualquer outra coisa que os médicos inventaram.

Ele apertou o braço em minha cintura.

— Tenho de cuidar de você, não tenho? Acho que você deve ser meio maluca, Fiona. Esse seu jeito de montar cavalos e de sair pela ilha de noite, vestida assim... Não ficou com medo? Nunca pensa em coisas como cobras e aranhas?

— Seu pai me disse que todas as cobras desapareceram. Eles importaram mangustos para acabar com os ovos.

— A maioria desapareceu, mas sempre se pode ter uma surpresa desagradável. Ah, minha menina selvagem, louquinha! Se eu soubesse que você ia nadar naquela enseada de manhã cedo...

— Nunca fui antes. Mas o calor da noite passada... Bem, acho que não consegui dormir nada. Só queria dar uma volta pelo jardim, mas continuei andando. Conheço aquele caminho. Só que eu não nado. Não sei! A coisa mais ousada que já fiz até hoje foi tirar as botas e as meias e ficar andando na água.

— Bem, é a melhor enseada — admitiu. — Eu também não sou de ir tão longe assim, mas na noite passada, como você disse, o calor estava demais. Winterslo é muito perto de Kronberg para se ter um pouco de conforto. Geralmente, eu nado na baía mais perto da casa. Mas eu também passei metade da noite em claro e, com a lua tão clara, peguei o cavalo e calculei chegar àquela enseada antes do nascer do sol. É um dos lugares de que mais gosto. Costumava ir lá,

quando morava em Landfall...

Então ele havia cavalgado à noite, e nem assim havia cruzado a trilha dos escravos acorrentados saindo da baía de San Francisco? Não ouviu nada? E da baía de San Francisco, não viu o navio parado no mar? Tudo era possível. Havia uma dúzia de caminhos diferentes pelos quais ele poderia ter chegado à enseada, e o tempo passado entre meu encontro com Samuel e o despertar final à beira da água, com o sol já aquecendo meu corpo, havia sido considerável. Lembrei-me dos brancos de botas que acompanhavam a procissão, mas, até aquele momento, ainda não havia pensado que Fergus podia estar entre eles. Será que ele faria tal coisa, unindo-se a Maria por dinheiro? Não acreditava nisso. Acreditava em todas as outras histórias que contavam a seu respeito: jogo, bebida, mulheres, mas não achava que fosse capaz do tipo de deformação compatível com a ação daquela manhã. Fergus não podia mentir tão bem assim. Não o achava capaz de mentir com o próprio corpo. E eu? Poderia ser tão crédula a ponto de ser enganada de um modo tão selvagem? Maria o teria mandado à minha procura quando descobriu a porta aberta? Teria ele recebido ordens de descobrir se realmente havia presenciado o que se passou na enseada de San Francisco? Não contei a história ao homem com quem havia acabado de fazer amor. Qualquer mulher contaria, era o mais lógico; e por que não disse nada? Porque a dúvida estava lá; havia sempre uma dúvida em relação a Fergus. Ele havia exigido respostas de mim, e não lhe dei nenhuma. Naquela manhã, porém, respondi com meu próprio corpo. Mais uma vez, estava consciente do capricho cruel do dom que me deixava ver o futuro e sentir coisas enterradas no passado, mas que não podia ser invocado à minha vontade para dizer-me o que eu mais precisava saber com certeza na vida.

Assim, inclinei-me contra Fergus e fechei os olhos,

desejando com todas as forças que pudesse acreditar nele e expulsar as dúvidas. Porque agora eu estava presa a ele. Para o bem e para o mal. Amei com instinto, sem razão. Aproximamo-nos da casa e, como se sentisse meus pensamentos, ele parou o cavalo, inclinou-se e beijou-me na boca, um beijo muito suave, sem paixão, como se estivesse tentando tranquilizar-me.

— Deixe tudo por minha conta— disse.

Por que eu duvidava? Aquelas eram as palavras de um homem assumindo a responsabilidade, começando a pagar com amor e apoio o que havia possuído. Desci do cavalo e ele desmontou na entrada do pátio dos estábulos. Embora a trilha desse para a entrada da cozinha, ele me fez dar a volta pela casa, para que entrássemos pela porta da frente, à vista de todos. Como poderia duvidar? Aquele era o gesto de um homem orgulhoso do que era seu.

Estavam todos os três no *hall*. Maria com um longo robe, com uma aparência tão fresca como se tivesse dormido a noite toda. Deviam ter dito a Andrew que eu não estava em casa, porque ele havia se arrastado escada abaixo, de robe e descalço; estava sentado com o jarro de rum ao lado. Alister estava vestido, impecável e correto como sempre: tinha o hábito de tomar café no andar de baixo.

A dúvida se desfez quando observei o rosto de Maria. Ela não esperava aquilo. Por breves segundos, os rostos de todos registraram suas emoções mais íntimas. O ligeiro olhar de choque que Alister havia se permitido foi imediatamente controlado. Andrew, ao examinar minha aparência, deixou escapar um sorriso malicioso e astuto; estava quase estourando de triunfo.

— Já estávamos preocupados — disse Alister.

Maria não disse nada, mas seu rosto falava por ela.

Suas feições se contraíram enquanto olhava de Fergus para mim, e vi o medo tomar conta de seus olhos, que já demonstravam ódio. Porém, achei que o medo nada tinha a ver com a ideia de que podia ter presenciado os eventos na enseada. Ficou paralisada, agarrada à beirada da longa mesa do *hall*. Depois, vi que seus olhos me deixaram e se voltaram para Fergus, parecendo devorá-lo.

Fergus conduziu-me até o pai.

— Quero que saiba que Fiona e eu vamos nos casar. E logo. Eu havia lhe dito para esperar, porém, ele não me perguntou nada. Mas naquela manhã, nenhuma pergunta foi feita, e eu também não impus nenhuma condição para aceitar. Não discutimos, nem negociamos, nem planejamos. Com aquelas poucas palavras, proferidas diante de todos, a dúvida em minha mente foi aplacada.

Era como se, ao assumir uma responsabilidade em relação a mim, Fergus tivesse ganho autoridade na casa do pai. Ele nem olhou na direção de Maria.

— Suba agora, Fiona, e descanse. Você não dormiu nada. Duncan pode passar sem você por hoje. Volto depois; vamos ter de discutir muita coisa.

III

Fui tomar banho, e as mãos de Charity nunca pareceram tão gentis. Várias vezes, enquanto me ajudava, ela parecia estar reprimindo o contentamento, uma risada significativa.

— A senhorita e o patrão Fergus agora estão comprometidos.

Como a notícia correu rápido entre eles!

— E aquela outra lá, a patroa, ela quer matar a senhorita porque está com ciúme.

Saí da espécie de torpor em que estava.

— A Sra. Maxwell não tem nenhum motivo para ficar com ciúme. Ela tem seu marido e sua fazenda.

— Essas coisas não bastam para uma mulher como ela, patroa. É bom ficar de olho aberto e tomar cuidado. Ela não vai desistir do patrão Fergus assim fácil, não.

— Desistir? — agarrei-lhe o braço e sacudi-a, obrigando-a a me encarar. — Desistir! Desistir de quê?

— Ela nunca deixou ele ir embora, esses anos todos. Por que que a senhorita pensa que ele nunca casou até hoje? Ela prendeu ele, e fez ele esperar. E o marido velho dela, ele bebe e ela faz ele beber, e ele vai morrer logo e aí ela vai ficar com o patrão Fergus.

— Isso não é verdade, Charity! Por que é que o patrão Fergus ia esperar tanto tempo? Ele é livre... — minha voz foi parando.

— Aquela lá usa a mulher da mágica. A criada dela, Juanita, que veio de San Francisco com ela, é boa nisso. A patroa faz ela usar feitiço para deixar o patrão Fergus sozinho, esperando em Winterslo.

— Mas ela não ficou com ele — eu estava triunfante, segura. — Está errado. Agora ele é meu!

Charity deu de ombros.

— Mas a patroa Fiona tem lá sua mágica. A mulher do feitiço vê e sabe. É um tipo diferente. Ela contou isso para a patroa Maria. Então é melhor pegar o patrão Fergus rápido, e casar com ele. Aí vai ser muito tarde para a patroa.

Afundei-me nos travesseiros.

— Você está enganada, Charity, muito enganada. Não tem mágica nenhuma. Os brancos não fazem mágica.

Ela soltou um som de desprezo.

— Isso é o que os brancos sempre dizem, mas se eles acham mágica, eles castigam e falam com os deuses. Então, se não tem feitiço nenhum, por que que eles têm medo? Eu vejo gente branca morrer por causa da magia do negro. Vejo os corações deles secarem, e nenhum branco consegue salvar eles. Pode ser que a patroa Maria já use isso contra o marido dela, desde que a senhorita chegou. Ela está com medo agora, por causa da senhorita. Mas eu acho que a sua mágica deve ser muito forte também. A senhorita não ficou doente, eu estou tomando conta. Não vi nenhum sinal.

— Eu não tenho mágica nenhuma, Charity.

— A senhorita vê coisas, patroa. E por causa disso a senhorita é forte e pode contra eles. Agora dorme e descansa, porque ainda vai ter muita confusão com a patroa.

Fechei os olhos, sem poder discutir; ela fechou as venezianas e saiu do quarto na ponta dos pés. No entanto, não deixou paz atrás de si. Era bobagem, ela só havia dito bobagens. É claro que se ouvia falar das histórias dos poderes negros que vieram da África com os escravos, do segredo que eles transmitiam aos dotados. Mas ninguém acreditava nisso. Porém, de alguma maneira, eles ficaram sabendo minhas malditas visões do futuro. Como haviam descoberto? A felicidade da manhã estava destruída. Não foi só aquele aviso que me perturbou, mas também as palavras terríveis e sábias: “Ela não vai desistir do patrão Fergus assim fácil, não...” Mas os acontecimentos já eram todos tão antigos, e ele já havia superado a febre de seu primeiro amor. Ele havia dito que odiava Maria. Mas ainda pertencia a ela? Enterrei o rosto no travesseiro e tentei afastar o pensamento. Mas fui atacada por mil dúvidas e lembrei da primeira vez em que vi Fergus, de sua beleza

forte, jovem e cheia de vida, rindo de mim, e do vulto sem forma e sem nome que vislumbrei na sombra da árvore atrás dele, o cavaleiro negro da violência. Não havia paz, nem descanso.

Tive um sono inquieto e, quando levantei na hora de encontrar Duncan, que já devia estar voltando da cavalgada matinal, não foi Charity quem veio me ajudar, e sim uma jovem, Flora, filha de Juanita. Ela sempre foi a segunda criada de Maria, uma fiel seguidora das ordens de sua mãe. Era do tipo que baixava a cabeça e se colava contra a parede todas as vezes que um branco passava por ela. Nunca gostei do seu jeito, muito magra, com um rosto bem marcado e mãos que pareciam garras.

— Onde está Charity?

Ela balançou a cabeça.

— Charity está doente. A patroa disse que é para eu cuidar da senhorita.

— Que absurdo! Charity não pode estar doente! Ela estava perfeitamente bem algumas horas atrás.

A menina baixou a cabeça, recusando-se a encontrar meu olhar. Vi o ligeiro dar de ombros que indicava que não devia questionar ordens.

— A patroa diz que Charity está doente, e que é pra eu cuidar da senhorita — insistiu.

Cedi. Não havia nada a fazer no momento, mas odiei o toque daquelas mãos magras; mesmo com o calor elas pareciam geladas. Mande-i embora o mais rápido possível, mas, teimosa, ela permaneceu no quarto; andando de lá para cá, dobrando roupas, arrumando gavetas, fazendo sons cacarejantes de desprezo, que evidenciavam sua opinião sobre o trabalho de Charity. Por fim, tive de ir ao encontro de Duncan e deixei-a sozinha no quarto. Odiei

deixá-la ali bisbilhotando as poucas coisas íntimas que havia trazido da Escócia, as lembranças queridas, os últimos presentes postos em minhas mãos: o livrinho de desenhos de meu meio-irmão, que continha sua visão do mundo de Sil Kirk, a Bíblia usada de meu pai, um medalhão de minha mãe que eu nunca havia usado porque a corrente de ouro era muito frágil. Acho que deve ter sido difícil para meu pai se separar disso. E também havia a almofadinha de alfinetes em veludo, com meu nome bordado, presente de Mary, uma espécie de agradecimento por eu ir embora de Sil Kirk e deixar James Killian para ela. Odiei pensar naquelas garras geladas tocando nessas coisas, nos olhos escuros examinando-as. Comecei a entender melhor por que os brancos insistiam em dizer que os escravos sabiam de tudo e que, quando chegava a hora, eles contavam tudo.

* * *

Quando Duncan foi fazer a sesta, fui à procura de Alister; ele não estava no escritório, nem em nenhuma das galerias. Andrew estava dormindo no sofá vermelho, com a cabeça pendida para um lado.

— O patrão Alister, você o viu? Ele saiu a cavalo?

O homem balançou a cabeça.

— O patrão Alister foi embora.

— Embora? Embora para onde? Para Santa Marta?

Fiquei consternada; era para Alister que queria contar a história dos acontecimentos da noite anterior. Ele saberia o que fazer, como me aconselhar. Ele tiraria o peso de meus ombros, e eu não teria de enfrentar o problema de contar a Fergus e de imaginar como ele reagiria contra seu pai e Maria. Eu não teria de lhe passar o problema, porque Alister se encarregaria dele. Eu tinha certeza de que

Fergus ficaria furioso com minha falta de confiança, mas eu não podia evitar. Eu o estava protegendo; é o que se faz pelo homem que se ama.

— Foi. Para Santa Marta. Muito apressado. Mas para sempre.

— Para sempre! Está dizendo que ele deixou Landfall?

Dougal concordou.

— Deixou. Chegou carta essa manhã, e ele disse que precisava voltar para a Inglaterra. Disse que tem um navio que sai de Santa Marta com a primeira maré, e que ainda tinha uns negócios para acabar lá. Aí ele fez as malas enquanto a patroa Fiona dormia. Mas ele deixou carta, aqui.

Ele foi até a gaveta da longa mesa do *hall* e tirou um envelope.

— Ele me deu para entregar a senhorita.

Perguntei-me se Maria já havia lido a carta. Este era o tipo de pensamento que me vinha à cabeça em Landfall. Porém, quando virei a carta, vi que Alister também havia pensado a mesma coisa, estava selada e lacrada com seu selo particular. Fui para o banco sob o choupo, onde costumávamos ficar conversando, e minha mão tremeu um pouco ao rasgar o selo.

“Minha querida Fiona. Recebi um comunicado de Londres dizendo que devo estar lá o mais rápido possível. Não houve chance para uma despedida; você estava dormindo e, de qualquer forma, nesta casa, só se podem dizer coisas formais, para que os ânimos não se exaltem. Sinto ir embora a esta altura, quando talvez minha presença pudesse facilitar as coisas para você. Mas meu prazo já se esgotou, e não consegui fazer muita coisa. Você

sabe que lhe desejo toda a felicidade do mundo, sempre. Fique com seu Fergus, ame-o e trate-o com carinho, como você sabe fazer tão bem. Faça o que puder por Duncan. Pode ser que não haja muito tempo. Tenho a impressão de que falta muito pouco tempo. ”

E assim Alister me deixou. Pensei na frequência com que havia observado aquela figura elegante mancando pelos passeios do jardim, afastando-se de mim, com a cabeça ligeiramente inclinada, as mãos cruzadas nas costas e o rosto, quando se podia vê-lo, coberto por uma sombra meditativa, quase melancólica. Ele havia ido embora; eu mal conseguia compreender o fato. Ele fazia parte de Landfall desde minha chegada e, inconscientemente, eu pensava nele como uma presença constante. Havia perdido um apoio. Voltei-me e olhei para a casa branca que brilhava ao sol, sabendo que não tinha nenhum amigo ali. Pela primeira vez, estava realmente assustada.

IV

Após as horas da sesta, que passei no banco sob o choupo, como se a casa fosse hostil demais para que eu pudesse entrar, fui para a sala de aula e encontrei um Duncan petulante e atrevido, sorrindo de prazer por causa da notícia de meu casamento com Fergus. Ele não falou em Alister e pensei que, provavelmente, ninguém havia se dado ao trabalho de informá-lo que Alister havia ido embora. Ele devia ter partido durante a cavalgada matinal, e talvez, para Duncan não fosse mais que uma figura vaga, alguém que ficava horas a fio no escritório e que vivia sozinho, andando a cavalo ou caminhando. Ele não podia saber do interesse que Alister tinha por ele, e de sua importância diante disso. Não falei de sua partida; não tive coragem. Para mim, aquele devia ser um dia feliz.

— Então agora você vai ficar para sempre? —

perguntou Duncan. — Vou ter você para sempre.

— Vou morar em Winterslo — disse baixinho. — Não vou poder ficar com você o tempo todo. E depois — por que ter vergonha com ele? — provavelmente Fergus e eu vamos ter nossos próprios menininhos e meninas também.

— Mas eu vou estar em primeiro lugar — disse ele. — Ainda vou ser o primeiro.

Concordei.

— É, acho que você vai ser sempre o primeiro.

E admiti que, realmente, ele poderia ser sempre o primeiro em meu coração, mesmo com aquela dúvida importuna de que podia ser filho de Fergus.

— Talvez — disse, para lhe dar esperança — a mamãe deixe você ir até Winterslo para ter aula.

Ele franziu as sobrancelhas, e ficou tremendamente parecido com Fergus.

— Minha mãe diz que qualquer dia eu vou estudar na Espanha. É por isso que ela sempre fala espanhol comigo quando a gente sai de manhã. Eu finjo que não estou entendendo e ela fica zangada, mas meu pai bem que gosta. Eu sei que ele não vai me deixar ir para a Espanha. Mas quando ele morrer, mamãe vai poder fazer o que quiser.

A vizinha infantil tremeu; ele já havia aceitado a ideia da morte de seu pai, mas as mudanças que isso traria eram difíceis de imaginar.

— Mas se ela tentar me mandar para lá, eu fujo para Winterslo.

— Não creio que nos permitissem ficar com você, Duncan.

Por que dar-lhe falsas esperanças?

— Tente não ficar pensando nisso. Você ainda é muito novo para ser mandado a qualquer lugar e, quando tiver crescido, talvez a mamãe tenha mudado de ideia. Talvez você até queira ir viajar para fora da ilha.

— Eu nunca vou querer ir para a Espanha — respondeu, firme. — Acho que a Espanha está cheia de velhas feias e sujas como a minha avó, Dona Isabella. Minhas tias não são tão más, mas elas não contam em San Francisco. Elas fazem tudo o que Dona Isabella manda.

— Ela é uma velha senhora, Duncan. Às vezes, as pessoas velhas não entendem os meninos, esquecem do tempo em que eram jovens.

— Ela foi má comigo — disse ele, amargamente. — Uma vez minha mãe me levou a San Francisco e elas ficaram conversando e me mandaram brincar. Não tinha nada para fazer, ninguém para brincar comigo. Eu fui para os estábulos, mas também não tinha ninguém lá. Aí então comecei a explorar aquelas ruínas nos fundos. San Francisco é a casa grande mais velha da ilha e a que tinha mais terras. Eles tinham senzalas e depósitos bem grandes e lugares como esses. Agora está tudo desabado, mas eu me diverti bastante explorando tudo. Aí minha mãe e Dona Isabella vieram atrás de mim e, quando descobriram onde eu estava, Dona Isabella me bateu com o chicote. No traseiro e nos ombros. Ela não tirou minha roupa, como fazem com os escravos. Mas ela me bateu mesmo e eu não tinha feito nada de errado. Agora, então, quando minha mãe me leva a San Francisco de manhã, eu só fico sentado debaixo de uma árvore grande, segurando meu pônei, e também não tomo nada quando minhas tias trazem alguma coisa. Dona Isabella bem que gostaria de me chicotear por causa disso também, mas minha mãe não deixa.

Senti seu medo e amargura. Eu também conhecia o chicote da língua de Dona Isabella. Não ousei dizer

abertamente que sua dor era justificada, só complicaria mais as coisas.

— Você vai crescer logo, Duncan, e nunca mais ninguém vai chicoteá-lo. É por isso que nunca deve chicotear um escravo. Eles sentem do mesmo jeito que você sentiu. E odeiam-no por causa disso. Um dia, o chicote pode dar a volta e ir parar nas mãos deles.

— Não pode ser — disse, incrédulo. — A lei não vai deixar os escravos fazerem essas coisas. Nós somos os patrões deles. Somos os donos deles.

— Ah, Duncan, Duncan! As coisas não podem ficar assim para sempre! Um dia tudo vai mudar. Você precisa estar pronto para o dia em que a lei disser que você tem de jogar o chicote fora, e que os negros vão ser libertados.

— Se um dia acontecer isso, eu vou correndo para Winterslo. Lá é mais seguro. Fergus nunca bate nos escravos dele e aí eles vão deixar que ele continue sendo o patrão.

Era uma solução infantil e simplista para as desgraças que poderiam estar próximas; porém, parecia a única resposta que, até ali, os brancos das Índias haviam preparado contra o dia em que toda a estrutura de seu mundo desabaria sobre eles.

* * *

O choque da partida de Alister havia afastado Charity de minha mente; assim, fui atingida por uma grande sensação de culpa e contrariedade ao ver que Flora esperava para ajudar-me a vestir para o jantar. Ela estava lá, calada, com os olhos no chão, pronta com as toalhas e a água perfumada.

— Charity ainda está doente? — perguntei. — O que é? Febre?

Ela sacudiu a cabeça, coberta por um turbante branco.

— Sei não, patroa. Não perguntei nada da Charity. A patroa só disse para eu cuidar da senhorita e eu vou fazer isso até ela mandar eu parar.

Não conseguiria tirar nada dela; todo o ritual de lavar-me e vestir-me foi mais exasperante em suas mãos. Submeti-me com toda a boa vontade de que era capaz, mas tremia ao sentir seu toque. O assalto final aos meus nervos veio quando ela estava escovando-me os cabelos, antes de prendê-los num coque. Era algo que eu não gostava que ninguém fizesse, nem mesmo Charity, mas com aquela mulher foi insuportável. Fechei os olhos por algum tempo, tentando acalmar-me, sabendo que logo acabaria; porém, fiquei alerta quando ela interrompeu os movimentos e, repentinamente, passou por mim para chegar à penteadeira. Dei um pulo quando vi a tesoura em sua mão.

Com um movimento tão brusco quanto o que Maria teria feito, agarrei-lhe o braço e seus dedos, insensíveis por causa do medo, soltaram a tesoura, que foi cair no chão encerado.

— O que é que você está tentando fazer? — virei as costas para o espelho e encarei-a diretamente. — O que está tentando fazer?

Como resposta, revirando os olhos assustados, ela ergueu a mão cheia de cabelos.

— Está maior que as outras partes, patroa. Só estava tentando ajeitar ele. Não está ficando direito com o resto.

Levantei-me.

— Eu digo quando for preciso cortar meu cabelo.

Nunca mais ouse fazer uma coisa dessas. Agora vá, vá. Posso me arranjar muito bem sozinha.

Ela se encolheu.

— Mas a patroa disse para cuidar da senhorita. Ela vai me bater se souber que eu não fiz o que ela mandou.

— Saia! — disse eu. — Vou dizer à patroa que não quero ajuda nenhuma. Vou dizer a ela que a mandei embora.

— Por favor, patroa... por favor. A patroa Maria vai me bater.

— A patroa não vai bater em você quando eu lhe disser que fui eu que a mandei embora.

Ela cedeu e saiu, pisando de leve. Estava assustada porque era tola, disse a mim mesma. Ninguém bateria nela se eu dissesse que preferia esperar até Charity poder me servir. Como se precisasse ser servida! Com as mãos tremendo de fúria, enrolei os cabelos num coque apertado, abotoei o vestido, como havia feito em toda a minha vida, e então corri na escuridão; atravessei a casa e saí pelos fundos, em direção aos estábulos e às senzalas.

Não fui bem recebida, como era de se esperar. Os escravos estavam reunidos em torno das fogueiras e das panelas, na única hora do dia que tinham para ficarem livres do patrão, a única hora para conversar e cantar as canções que não tinham o ritmo melancólico dos canaviais, a única hora para voltar à vida da África que, para a maioria, não era mais que uma vaga memória, apenas uma tradição.

— Charity — perguntei ao primeiro grupo. — Onde está Charity?

Sacudiram as cabeças, mudos.

— Ela está doente? Está com febre?

Novamente, nenhuma resposta.

— Onde é a cabana dela?

Apontaram o dedo, vários apontaram, mas ninguém disse uma palavra. Fui até lá e olhei para dentro. Estava escuro; não havia fogueira diante da porta. Mesmo na escuridão, sabia que estava vazia; havia o som do vazio em volta. Eu sabia que não havia restado nada.

— Onde está Samuel?

Alguns apontaram na direção dos estábulos. Corri de volta para lá, deixando atrás de mim um silêncio mortal em cada uma das fogueiras. Naquela noite, eles não tornariam a descansar, nem a cantar, pensei.

Samuel estava escovando um cavalo, sua última tarefa. Parou quando aproximei-me.

— Samuel, onde está Charity?

Ele não usou a tática do silêncio, como os outros. Havia me salvado na noite anterior; existia um elo entre nós, que ambos reconhecíamos. Havia confiança mútua, forjada por aquele negro; não foi presente meu, que deveria ter dado o primeiro passo.

— Charity foi embora — disse.

— Embora! O que você quer dizer com isso? Fugiu?

— Fugiu, não. Não tem lugar para fugir sozinho. Não... Charity foi vendida. Vendida para um homem do outro lado da ilha. Muito de repente. A patroa disse que ela vai ser escrava de um homem que vai casar e que ainda não tem nenhum outro criado de casa.

Estava falando aos arrancos, mas suas mãos espertas, gentis e fortes estavam paradas no couro do cavalo.

— Vendida! — eu não podia acreditar. — Vendida! Mas ela pertence a Landfall!

— Charity nasceu em Landfall; eu também. Mas ela foi vendida daqui. O filho dela... ele foi com ela. Mas ele é meu filho, patroa Fiona. Charity tem mais dois filhos, mas eles foram vendidos há muito tempo. Eu tenho de trazer ele de volta. Eu acho que sei, e se sei, trago os dois de volta.

— Mas se eles estão do outro lado da ilha...?

Ele balançou a cabeça e, subitamente, o rosto negro contraiu-se de raiva.

— A patroa viu na noite passada. Sabe o que vai acontecer. Vem escravo, vai escravo. Acho que Charity e meu filho vão ser vendidos para fora da ilha. Tenho de impedir isso, patroa. Não sei como, mas vou dar um jeito.

— Mas por que ela seria vendida agora, logo agora?

Ele sacudiu a cabeça.

— Como que eu sei o que passa na cabeça da patroa Maria?

Por um instante, ele voltou a escovar o cavalo, como que para acalmar-se, para recuperar o controle. Por fim, falou, hesitante. Um escravo não estava acostumado a dar opiniões a seus patrões, nem a receber pedidos de sugestões.

— Eu acho...

— Acha...?

— Acho que talvez Charity ficou muito perto da patroa Fiona e ficou gostando muito dela, como se fosse dela. Ela me disse isso. E a patroa Maria não gosta disso. Charity não conta as coisas que ela quer saber. Talvez ela não faz as coisas que a patroa Maria manda ela fazer com a patroa Fiona. A patroa Maria não ia suportar ninguém

contrariando ela.

Eu estava atordoadada.

— Por minha causa! E você acha que ela vai ser vendida para fora da ilha? Para onde? Para os Estados Unidos? Como podemos impedir, Samuel? O que podemos fazer?

Seu desespero estava em seu gesto, quando inclinou a cabeça negra contra o pescoço do cavalo. A voz profunda estava abafada; ele havia começado com confiança, mas essa confiança era falsa.

— O que se pode fazer? Fugir é morrer. Mas até a morte às vezes é melhor. Mas Charity e meu filho iam sofrer também. Talvez eles não conseguem aguentar a dor tão bem. E se a gente tentar, para onde que a gente vai? Não tem barco, nem dinheiro, nenhum lugar para um negro ir. Nenhum lugar a não ser voltar para a África, mas a gente nunca vai voltar. Não tem jeito de voltar. É só a alma do negro que volta lá, quando o branco já espremeu todo o trabalho do corpo dele. É só a alma que pode ir contra o vento, patroa.

Voltei-me e corri para a casa, sentindo correr pelo rosto as lágrimas que Samuel não choraria. O que fizemos? O que forjamos na Terra, todos nós? Aqueles que sabiam o que faziam, e aqueles como eu, culpados por nunca se importarem com nada, até que o problema atingisse nossa própria pessoa, nossos corações. Naquela tarde, eu havia dito a Duncan mais verdades do que imaginava. Um dia o chicote daria a volta e pararia nas mãos deles. E nossas próprias almas conheceriam o vento que soprava do lado errado.

* * *

Cheguei atrasada para o jantar; já estavam todos sentados, e Fergus também. Por alguma razão, não esperava que ele viesse para o jantar, mas ele veio, e sua presença confortou-me. Era estranho olhar para o lugar de Alister e vê-lo vazio. Não dei nenhuma desculpa ou explicação a Maria; as coisas já estavam num outro estágio.

— Então, Alister foi embora — disse eu.

— Foi, e boa viagem! Maldito incômodo — respondeu Andrew. — Talvez agora possamos ter paz, em vez de ficar ouvindo falar em reformar isso e mudar aquilo.

— É tempo de mudanças — disse eu. — Em todo lugar. Alister pretende fazer parte disso. Ele é simplesmente um homem de seu tempo.

— Ah — disse Fergus, um pouco irritado — você agora está querendo virar político, é?

Sorri-lhe.

— Fique calmo. Ainda vai levar muito tempo até que as mulheres comecem a fazer política. Não tenho a ambição de mudar as coisas com tanta pressa assim. Mas só espero ser capaz de reconhecer a mudança quando ela chegar. E estou triste por não ter me despedido de Alister. Talvez, quando fosse à Escócia, ele pudesse ir ver meu pai e lhe contar.

Maria interrompeu-me:

— Eu não ia deixar Alister incomodá-la. Presumi que você precisava de descanso, depois de seus exercícios matinais...

Conseguí sorrir com a alfinetada, que era tanto uma referência ao que havia acontecido entre mim e Fergus quanto à suspeita, de que eu realmente havia presenciado as atividades na enseada de San Francisco.

— Já tinha descansado, obrigada, mas senti muito a falta da ajuda de Charity. É verdade que ela foi vendida?

— E se foi!

Maria desafiou diretamente meu direito de questionar qualquer medida tomada pela dona da casa.

— É que foi tão de repente... r

— De repente? Não, eu não acho. Charity deixou de me dar satisfações durante algum tempo. Foi ficando descuidada. Outro dia, quebrou vários copos de cristal. Ela teve sorte de só receber uma censura. Em outras fazendas... — Maria deu de ombros.

— Mas ela nasceu em Landfall.

— Então, agora vai para outro lugar. Talvez para uma patroa que não seja tão tolerante. E Landfall vai passar sem dois escravos. O filho foi com ela. Que pena que Alister não está aqui para tomar conhecimento da nova lei econômica instituída em Landfall. Menos duas bocas para alimentar e uma bela venda registrada nos livros. Ele teria me dado um prêmio, pelo menos por uma vez. Mas ele foi embora e Charity também.

Ela estava realmente sorrindo para mim, ou parecia um sorriso? Exultante, talvez, porque dois suportes de minha existência haviam sido removidos. Olhei em volta da mesa; só restávamos nós quatro, cujas vidas se entrelaçavam perigosamente.

Após o jantar, esperei Fergus na galeria, e fomos juntos para o jardim. Os primeiros momentos de nosso abraço me fizeram sentir como se estivesse voltando de uma longa viagem, porém, eu só havia esperado desde aquela manhã. Era a sensação maravilhosa do familiar, do desejado, do conhecido e, no entanto, tinha consciência de que, dele, só sabia o que meu coração e meus sentidos me

contavam. Se meus sentidos estavam enganados agora, então haviam se enganado durante toda a minha vida, e ficariam assim até a morte. Nosso pacto havia sido inesperado e silencioso, e estávamos comprometidos. Abandonei-me à sua sensação, ao seu toque e à sua excitação, ao prazer de suas mãos e lábios. Como era possível viver tanto tempo sem saber que existia um prazer como aquele?

Mais uma vez, omiti a informação do que havia descoberto naquela manhã em San Francisco. Ainda era cedo para abalar a felicidade daquelas primeiras horas em que soubemos que estávamos ligados um ao outro. Agora que Alister havia ido embora, a urgência também foi. Ocorreu-me que Fergus já podia saber do que se passava em San Francisco, mas mantinha-se em silêncio porque qualquer acusação que fizesse acabaria envolvendo seu pai. Andrew Maxwell seria julgado responsável pelos feitos da esposa. Talvez ele já tivesse falado com Maria, tendo sido lembrado do escândalo público que aquilo causaria e, mais uma vez, da responsabilidade do pai. Estava claro que Maria não dirigia a operação sem a ajuda de pessoas de Santa Marta. Outros interesses poderosos demais para serem combatidos por um homem como Fergus, sem dinheiro nem influência. Talvez já estivesse acostumado, como o resto dos fazendeiros, a aceitar a escravidão. Duncan não era o único que precisava de educação. Fiquei imaginando, com uma sombra de intranquilidade, o que meu pai pensaria quando lhe escrevesse comunicando meu casamento com um homem que possuía escravos, que acreditava na escravidão. Foi então que me passou pela cabeça a ideia cruel de que a emancipação, se viesse logo, poderia resolver o problema. Teríamos, então, outros problemas.

Também não quis falar de Charity com ele. Samuel descobriria se ela e o filho estavam mesmo destinados a ir

para fora da ilha e, se viesse dar-me a notícia, eu falaria. Falaria com Fergus, com Andrew e, principalmente, com Maria. Ameaçaria como pudesse, até mesmo usando a ameaça relativamente impotente de tornar públicas suas atividades. Era aí que estava a minha responsabilidade. Se Charity fosse vendida para os estados americanos, sua chance de ser livre estaria liquidada, provavelmente para sempre. Na manhã seguinte, eu iria falar com Samuel para saber o que havia descoberto. Se ela realmente tivesse sido vendida para um fazendeiro da ilha, estava segura. Senão, eu teria de agir. Estava com medo e, naquele momento, senti outra vez a falta de Alister. Ele teria muito mais peso e autoridade do que eu.

Depois, não senti falta de mais nada, porque Fergus pousou a cabeça em meu ombro, os lábios em meu pescoço.

— Vai ter de ser logo, Fiona. Não vou esperar, não posso esperar.

— Não há necessidade de esperar — respondi. — Nenhuma, se você tem certeza.

— É claro que tenho!

Ele levantou a cabeça e sua mão forte e áspera levou meu queixo para trás, fazendo com que olhasse para ele.

— Foi como se estivesse saindo de um deserto. Desde... desde Maria que estou vagando. Ela pode ser selvagem, mas é forte. Meu Deus, como ela é forte! Você é a única coisa mais forte do que Maria, seu equilíbrio faz você mais forte. As coisas que me aconteceram nesse intervalo não foram boas; coisas que aconteceram em Santa Marta. Mas continuei esperando um fim, uma razão para terminar com tudo. Ah, não foi tão ruim assim. Fui recuperando aos poucos a razão e dei duro em Winterslo. Mas o vinho do meu ócio era tão amargo quanto fel. Chega. Já passou. Só quero você.

— E eu — disse — preciso ter você. Quero ter filhos seus. Trabalhar com você. Qualquer coisa, em qualquer lugar, contanto que eu esteja com você.

Seu aperto relaxou um pouco; ele soltou meu queixo.

— Você acredita quando digo que não tem dinheiro, não acredita? Toda essa história de meu pai me prometer dinheiro para me estabelecer e casar com a mulher certa não passa de conversa. Meu pai pode dizer o que quiser, mas quando chegar a hora, não vai ter dinheiro para dar. E eu não estou atrás disso. Você já viu Winterslo: só tem eu e a casa.

— Eu sei. Disse a você que estava preparada para trabalhar. Nunca tive esses luxos, até chegar a Landfall, e tudo aqui é irreal. Do que é que vou sentir falta? Sua avó e seu pai fizeram o que podiam em Winterslo. Não podemos fazer o mesmo?

— Suponha... — disse as palavras de um modo relutante — suponha que essa conversa de emancipação dê em alguma coisa. E aí?

— Vamos ter de pagar os escravos para trabalhar, é só. Eles vão ser livres para nos deixar e ir aonde quiserem. Mas vai ter suas compensações. Vai ter alguma coisa, Fergus.

Foi minha vez de apertá-lo, tentando sacudir aquele homem imenso.

— Podemos fazer alguma coisa. Então, o que há de mal em ser pobre e não ter prataria na mesa? Vamos ter Winterslo, a chuva vai cair, o sol vai brilhar e a cana vai continuar crescendo. Vai haver menos dinheiro, mas não vamos morrer de fome. Você nunca foi à Escócia, Fergus, e não sabe o que sentimos em relação à terra. Só de possuir a terra e ter um abrigo contra a chuva, já se é um rei.

— Um rei?

Ele sorriu, e percebi como era raro ele fazer isso. Na maioria das vezes, era sempre o sorriso sardônico que tentava disfarçar a amargura e a dor.

— Você me faria um rei, Fiona? O rei de um pedaço exausto de terra, onde quase não chove e onde tem goteira no telhado?

— Para mim, você é um rei. Menos do que isso você não é. Quer mais?

Ele me abraçou.

— Sabe — disse, beijando-me os cabelos — estou quase com vontade de chorar. Eu! Um homem adulto. Não choro desde que minha avó morreu. Por que é que você me enfraquece; me faz parecer menos homem?

— Não fiz você parecer menos homem hoje de manhã.

Ele riu alto, uma risada que podia ser ouvida dentro de casa, uma risada feliz de triunfo, prazer e domínio.

— Não e nem vai. Vamos ter muitas outras manhãs, Fiona.

* * *

A julgar pelo número de velas na longa mesa, parecia que eu era a última a subir. Só restava uma: uma distração, pensei, porque Alister havia ficado na casa durante muito tempo. Ver aquela vela fez-me sentir vulnerável novamente, agora que Fergus não estava comigo e que a presença estabilizadora de Alister já não estava ali. Desejei ter tido uma chance de despedir-me, mas, como disse ele, só conseguiria dizer palavras formais na frente dos outros. Fui até o quarto de Duncan para ver se estava dormindo e depois fui para o meu. Foi um choque desagradável ver

Flora sentada de pernas cruzadas no chão, ao lado das portas de caixilhos, a cabeça pendendo para o lado enquanto dormia. Ela deu um salto quando entrei.

— O que é que você está fazendo aqui? — perguntei.

Ouvi minha própria voz, ríspida e desagradável. Já havia passado por muitas coisas naquele dia, e não queria aturar aquela mulher.

Ela baixou a cabeça.

— Vou ajudar a patroa...

— Já disse, Flora, que não preciso de ajuda. Agora vá embora, por favor.

— A patroa Maria disse que é para eu ajudar a senhorita.

Peguei seu ombro ossudo e sacudi-a ligeiramente, para enfatizar o que ia dizer.

— Agora ouça bem, Flora. Você não vai ser castigada, mas eu não me importo com o que a patroa Maria diz, prefiro cuidar de mim mesma. Vá embora agora, já!

Ela não suplicou mais, como havia feito antes. Talvez eu também estivesse me tornando dura com a experiência de Landfall. Porém, vi o último olhar que me lançou antes de baixar a cabeça na posição de costume. Vi os olhos negros, sem sombra de passividade, ardendo momentaneamente, como se um fogo tivesse sido aceso neles. E chegou minha vez de saber o que a maioria dos brancos acaba aprendendo nestes lugares: o ódio total e implacável dos negros. Lembrei-me de algo que escutei certa vez: de que é preciso crescer para fazer inimigos. Eu havia realmente crescido em Landfall.

Naquela noite, o sono caiu sobre mim como um manto. Mesmo com a dupla consciência do amor e do ódio

adquiridos naquele dia, o mais importante de minha vida, caí num sono que era em parte exaustão. Nem havia me incomodado em trançar os cabelos. Mesmo sem querer admitir, eu realmente sentia falta da ajuda de Charity. Assim, espalhei-os como um leque no travesseiro e em alguns segundos já estava adormecida.

Não sei por que acordei de um sono como este, a não ser que, numa atmosfera como a de Landfall, os sentidos nunca adormecem completamente. Lutei para acordar, com as pálpebras ainda pesadas. Não ouvi nenhum movimento, não vi nada. Mas estava com uma sensação sufocante de perigo; eu o sentia, como já havia sentido outras coisas, e era impossível explicar aquilo racionalmente. Abri bem os olhos e deixei-os se acostumarem à escuridão, deitada, imóvel, tentando manter uma respiração ritmada e profunda. Depois, bruscamente, virei-me na cama e sentei-me com um só movimento. Olhei diretamente para o rosto de Flora; até mesmo na escuridão eu poderia reconhecê-lo: a forma, o brilho e a intensidade dos olhos.

Minha própria mão voou até os lábios para reprimir o grito que queria soltar.

— Você! O que está fazendo? O que está querendo?

Joguei os lençóis para trás e saí da cama; ela foi forçada a recuar diante de mim.

— O quê? — perguntei. — O quê? O quê? — cada palavra -era acompanhada de uma violenta sacudidela em seu ombro.

— Nada, nada. Só ver se a senhorita estava bem. A patroa me disse.

Dei-lhe um violento tapa no rosto. O medo e a fúria estavam me fazendo perder a cabeça; mal conseguia manter o controle. Naqueles segundos terríveis, fiquei pensando no que Landfall estava fazendo comigo: atingir

Fergus com o chicote, bater naquela mulher que não ousava revidar. Porém, uma premonição poderosa me dizia que precisava liquidar com aquele assunto de uma vez por todas.

— Saia — disse — saia! Nunca mais volte a este quarto. Nunca mais!

Minha mão estava erguida, e ela recuava diante de mim enquanto eu falava.

— Você vai se dar mal se voltar...— se aquele ritual primitivo era tudo o que ela podia entender, então o teria. — Eu vejo coisas... coisas ruins para você.

Ela estava visivelmente assustada. Foi se aproximando da porta, de frente para mim e, ainda me encarando, tentou abri-la com uma das mãos. Algo caiu da outra mão e deslizou pelo chão. O luar que entrava pelas venezianas iluminou-o. Peguei-o; Flora estava como que congelada. Era a tesoura com que havia tentado cortar meus cabelos na noite anterior.

Fui direto para ela, agitando a tesoura na altura de seu rosto. Ela se afastou de mim, aterrorizada.

— Por que roubou isso? Por quê?

— Roubei, não, patroa. Só vim cuidar da senhorita. Vim cortar as pragas que juntam na lua cheia. A patroa não entende essas coisas. Eu tomo conta...

— Não! Você não toma conta coisa nenhuma!

Segurei a tesoura entre nossos rostos, como se fosse um talismã.

— Não tome a se aproximar de mim. Eu rogo pragas mais fortes do que as que a tesoura pode cortar, mais poderosas que as de seus deuses. Fique longe de mim!

Suas mãos tatearam a maçaneta como se ela fosse

um animal assustado; um estalido e ela foi embora. Bem devagar, guardei a tesoura na escrivaninha e voltei para a cama. Estava trêmula e ensopada de suor. Não conseguiria mais dormir. Sentia-me desgraçada pelo que havia feito. Bater nela já era ruim, mas fiz pior. Aqueles que conhecem — e os infelizes que a possuem — o dom da “visão”, ou a maldição, nunca o tratam assim despreocupadamente, nem falam dele ou o invocam quando não há verdade. Ele não pode ser chamado à nossa vontade. Usei-o para ameaçar e assustar fraudulentamente aquela pobre menina ignorante. Usei mal aquele poder. Sempre havia tomado consciência de sua presença involuntariamente, tendo falado sem pensar. Naquela noite, não senti tal compulsão, limitei-me a usar as sensações que já conhecia para assustar e proteger-me. Comecei a conhecer o poder, e isso era perigoso. Comecei a conhecer a corrupção.

CAPÍTULO VI

I

Era mais cedo do que nunca quando ouvi os passos de Andrew na galeria externa, antes mesmo que a primeira luz tocasse o céu. Também havia algo diferente no som dos passos. Não era o arrastar lento de um homem sem nada para fazer, e sim o passo de alguém com um objetivo. Para baixo e para cima, para baixo e para cima; uma pausa, como se parasse para escutar, e depois tudo recomeçava. Saí da cama, vesti o robe e fui abrir as longas portas que davam para a galeria.

— Fiona?

Não era uma saudação. Eu só podia distinguir seu contorno imenso apoiado no corrimão, olhando fixamente para fora, como se estivesse lutando para ver o que ainda estava escondido. A lua estava baixa, e a primeira luz da aurora ainda não havia aparecido.

— Venha cá!

Fui até o corrimão; Andrew cheirava a rum, tabaco e suor. Uma noite em claro para ele também, pensei.

— Está ouvindo?

— O quê?

— O vento, menina, o vento.

— Sempre tem vento a não ser à noite e nesses meses de verão.

— Mas não vindo deste lado. Está vindo do lado errado, de sotavento, droga!

— E o que quer dizer isso?

— Uma tempestade; é isso que quer dizer. Talvez violenta. Acho que tem um furacão chegando por aí, Fiona.

— “Em outubro acaba o medo” — repeti a rima de Duncan.

— Gostaria de acreditar nisso. O pior furacão que já vi em San Cristóbal aconteceu no começo de outubro. Eu lembro, tinha a idade de Duncan. Levou dois dias para passar totalmente. Foi aquela calma inesperada, bem no meio, e depois o vento de novo. Naquele ano, não teve colheita em Winterslo, nem em nenhuma outra fazenda da ilha. E todos nós apertamos os cintos, tanto os brancos quanto os escravos.

Senti uma espécie de medo e excitação.

— O senhor acha que esse é um desses ventos fortes?

— Ouça só, menina; ouça só!

Ouvi um gemido baixo e lúgubre e, de repente, uma rajada violenta desarrumou-me os cabelos; vinha, realmente, do lado errado. Não era o alísio de noroeste que levava os navios na travessia da costa africana. Até o cheiro do ar estava diferente, como se estivesse carregado de força. Nas rajadas, sentia o gosto de sal que atravessava a ilha, vindo da direção errada.

— Está escuro — disse eu. — Por que é que não está clareando? Já passou da hora. É claro que já passou da hora.

— Pode continuar escuro. Este pode ser um dia em que não se vai ver o sol em San Cristóbal, Fiona.

Ele se inclinou mais no corrimão, os olhos fixos no horizonte onde apenas a faixa sombria cinza começava a aparecer. Seus cabelos brancos estavam revoltos, a barba e o queixo apontados para a frente, como se estivesse tentando farejar alguma coisa, como um animal.

— Está bem lá, bem lá. Muito forte, acho. Mas quem sabe qual é a força? Para onde ele vai virar? Já os ouvi

chegando e passando; depois ficava um redemoinho durante dois dias no mesmo lugar. Ah, se eu soubesse... meu Deus, eu queria saber como vai ser esse. Podemos pensar que vai ser um vendaval forte, que pode passar inofensivo, provocando apenas uma ou duas horas de chuva pesada. Ou então pode vir direto em cima de nós e nos arrasar. Bem, vou descer para dar uma olhada no barômetro...

Ele saiu se arrastando e deixou-me no corrimão, observando o cinza poderoso que tomava conta do céu, sentindo a repentina pancada de chuva no rosto e alguma coisa que se colou a ele: a pétala arrancada de um botão.

Voltei-me e fui ao quarto de Duncan para acordá-lo. Se o grande vento da lenda estava chegando, seria o primeiro para nós dois. Eu sabia que tinha de ficar perto dele.

* * *

Os berros de Andrew, vindos da galeria externa inferior, acordaram todos os que ainda podiam estar dormindo com o vento cada vez mais forte.

— O barômetro está lá embaixo! Todo o mundo de pé! Comecem a se preparar!

Vesti Duncan e corri para meu quarto, a fim de vestir-me. O vento estava aumentando. Eu ouvia os escravos apressados pela casa toda. Era bem estranho não estar tomando banho e me vestindo na beleza radiante e intensa do amanhecer tropical. A não ser pelo calor sufocante, parecia mais uma das manhãs escuras em que as tempestades vindas do Atlântico açoitavam Sil Kirk. A chuva quase não parava; pela casa toda ouvia-se o bater das portas que ninguém havia tido tempo de fechar. Levei

Duncan para baixo; tomamos o café da manhã em pé, no aparador. Só pão com manteiga e chá quente. Ficamos ali, porque nenhum escravo tinha tempo para nos servir. Duncan deu uma risadinha e me cutucou.

— Hoje não tem aveia.

Pensei que era uma sorte Andrew não ouvi-lo rindo. Ele estava de um jeito que seria capaz de dar-lhe um tapa por esta leviandade.

De repente, parecia que Andrew havia se recuperado. Ainda estava cambaleando, ainda precisava da bengala e do braço de Dougal para apoiar-se, mas, pela primeira vez desde que cheguei a Landfall, ninguém pensava em procurar outra pessoa para pedir instruções. Maria estava quieta e parecia estranhamente preocupada, como se a tempestade que se aproximava fosse uma ameaça a outra coisa além de Landfall; ela obedecia a Andrew sem criar problemas, como fazíamos todos nós.

O choque daquelas primeiras horas veio com a chegada de Alister, sozinho, ensopado, com uma trouxa de roupas envolta em lona e amarrada à sela. Desceu do cavalo e amarrou-o ao corrimão da escada. Andrew, que estava se movimentando pelo *hall*, apoiado no braço de Dougal, parou.

— Por que diabo você voltou?

Alister deu de ombros, cansado.

— Pensei que podia ajudar mais aqui do que se ficasse sentado em Santa Marta. Embarquei na noite passada, mas eles começaram a sentir a marulhada do lado errado muito antes do amanhecer. O capitão disse que não se arriscaria a sair do porto até ver como o vento estava soprando. Pensei que, se fosse um vento muito forte, podia vir para cá ajudar vocês...

Andrew limitou-se a resmungar.

— Você ainda pode montar mais um pouco? Se não estou enganado, ainda temos algumas horas antes que ele ganhe altura. Se bem que nunca se pode saber a velocidade com que essas coisas se movimentam. Bem, você pode sair de novo?

Alister jogou a cabeça para trás, o rosto vermelho.

— Posso fazer isso, pelo menos!

— Está bem, está bem! Não comece a se fazer de melindroso logo agora. Podemos ficar presos aqui durante dias e vamos precisar de muita paciência. Bem, então, escute o que quero que faça: mande Samuel selar um cavalo descansado e atrelar uma ou duas carroças de cana. Ponha uma ou duas almofadas, se achar necessário. Leve Samuel com você. Vá a San Francisco e traga aquela megera gorda e suas filhas para cá. E todos os escravos...

Foi então que Maria fez seu único protesto.

— Não, não! Minha mãe não vai vir nunca. Ela nunca vai deixar San Francisco!

— Então, se a tempestade piorar, San Francisco vai ser seu túmulo. Aquela velharia não vai aguentar um vendaval como o que tivemos há dezesseis anos. Metade de Santa Marta foi com ele.

— Pois eu estava em San Francisco há dezesseis anos. A casa ficou de pé. Meus antepassados fizeram um bom trabalho.

— Não comece a me falar bobagens sobre seus antepassados. Sou eu o responsável pelas mulheres que eles deixaram. Faça-as vir, Alister, não importam os meios.

Alister virou-se e desceu a escada para desamarrar o cavalo e levá-lo ao estábulo. Só teve um momento para

correr até a beirada da galeria, com a chuva me fustigando. Estendi a mão para ele e nos tocamos por apenas um segundo.

— Graças a Deus que você voltou.

Seu sorriso cansado foi minha resposta.

Parei Andrew no *hall* para perguntar sobre Fergus.

— Fergus? Ele é a menor de minhas preocupações. Ele sabe o que fazer.

Não me deu mais atenção e fiquei preocupada, imaginando o que queriam dizer aquelas palavras, enquanto ele me dava instruções. Primeiro, eu deveria supervisionar a retirada de todos os móveis das galerias interna e externa, que deveriam ser levados para o centro da casa.

— Se ele nos atingir diretamente — disse com energia — a chuva vai cair quase na horizontal. As venezianas contra furacão vão nos proteger, mas pode entrar alguma coisa pelas portas e pelos lados. Tudo o que for de valor tem de estar fora de alcance.

Tudo o que puder se mover ou voar com o vento vai embora.

Lembre-se disso. E quando tiver acabado, suba e mande encostar todos os móveis nas paredes internas. As peças mais leves podem ser levadas para o patamar. Vamos fechar as venezianas. Minha mulher vai providenciar a comida...

A cozinha ficava nos fundos da galeria externa, sendo, portanto, vulnerável ao vento. Não poderia ser utilizada enquanto o furacão soprasse. Logo que Andrew disse a primeira palavra, comecei a azáfama. Os fornos foram acesos e as postas de carne foram trazidas dos anexos para serem preparadas, a massa foi batida para

fazer pão, como se estivéssemos nos preparando para um cerco. As fogueiras deveriam ser apagadas antes que o vento comesse a soprar muito forte.

— Já vi lugares pegando fogo por causa de uma fagulha na cozinha, quando o vento ficava muito violento — resmungou Andrew.

Havia um grupo de escravos trazendo água para a casa, enchendo cada recipiente que encontravam: vasos, copos, jarros, tigelas, baldes.

— Mas com essa chuva toda...? — perguntei a Andrew. — Não vai ter água sobrando?

Ele me encarou.

— Não vai me dizer que você é mesmo uma boba, menina? Acha que vamos ficar com um balde esperando a água cair, é? Não podemos chegar às cisternas. Não dá para pensar em abrir uma daquelas venezianas enormes se formos atingidos diretamente. Boba... eu não imaginava que você fosse tão boba assim.

E afastou-se.

Talvez eu fosse boba mesmo; várias vezes, tive a impressão, enquanto ia fazendo o que ele mandou, de que havia uma névoa diante de meus olhos, e eu tinha de ficar repetindo as instruções de Andrew, percebendo que minha língua parecia paralisada enquanto dava as ordens. Nunca vi os escravos se movimentarem tão depressa ou era eu que estava muito lenta? O ritmo lento que nos protegia do calor foi abandonado. Todos se moviam com velocidade e com uma agilidade surpreendente; era como se se movessem ao ritmo de uma nova ordem, de uma nova dança. Talvez fosse medo, ou simplesmente o estímulo da mudança naquelas vidas sempre iguais. Duncan ia comigo para todos os lados, levando seus pertences adorados para a galeria em volta da escada, onde estariam a salvo da chuva. Às vezes, achava

difícil acompanhar aquele novo ritmo; apoiava-me a portas e balaustradas enquanto dava ordens para que a mobília fosse enfileirada nas paredes internas, as cadeiras de bambu empilhadas e os tapetes de junco enrolados e colocados em lugar seguro. Fiz tudo lutando contra a pior dor de cabeça que já tive, aquela dor em que o simples ato de virar ou inclinar a cabeça é um sofrimento. Disse a mim mesma que era a tempestade. Não havia algo relacionado com a pressão atmosférica? Mas fosse o que fosse, eu tinha de prosseguir. Todos tinham suas tarefas, e eu tinha de cumprir as minhas. Às vezes, no entanto, através da névoa de dor, via Duncan me olhando intrigado, mas ele não dizia nada. Parecia entender, com sua inteligência, que eu precisava dele. Ficou bem perto e não fez perguntas.

Àquela altura, o próprio Andrew comandava os preparativos mais importantes. Enquanto as galerias externas eram desimpedidas, as portas de caixilhos eram fechadas, como acontecia todas as noites; por fora, as grandes e sólidas venezianas contra furacão foram cerradas (aquelas que eu pensava serem ornamentais e que agora eram movidas em suas dobradiças negras e maciças). Enormes armações de metal estavam prontas para receber as barras de ferro colocadas horizontalmente, para segurar bem as venezianas contra o vento. Era quase como o som do juízo final quando cada uma das grandes portas era empurrada para seu lugar e as barras desciam com um estrondo. Voltei a ter a sensação de que estávamos sendo encerrados numa fortaleza medieval, preparando-nos para um cerco. Ouvia Andrew praguejando quando alguma veneziana resistia e as dobradiças rangiam.

— Vou mandar arrancar o couro dos responsáveis por isso! Olhem só! Ferrugem! Um pé-de-vento daqueles e vai tudo abaixo. Seus preguiçosos!

E praguejou ainda mais ao ver que algumas

venezianas haviam empenado, ocupando vários escravos para colocá-las no lugar a marteladas.

— Fellowes! — berrou Andrew. — Onde é que está aquele idiota? Por que é que ele não está aqui para ajudar?

— Mande-o ontem a Santa Marta — respondeu Maria. —

Acho que passou a noite lá.

— Humm... mas Alister voltou, não foi? Ele conseguiu voltar. Devo dizer que nunca esperaria que ele tivesse capacidade para isso. Podia ficar sentado tranquilamente no clube de Lawrence. Santa Marta seria arrastada pelo mar antes daquele lugar. Bem, Fellowes nunca valeu nada...

— Mas será que existe alguma diferença entre eles? Alister vive me censurando, mas...

— Está bem. Mais tarde vamos ter tempo de sobra para discutir os méritos dos capatazes. Como é que estão se arranjando na cozinha?

O centro da casa foi ficando cada vez mais escuro, à medida que cada veneziana era fechada contra a chuva fustigante. Lá dentro parecia noite, uma noite completamente diferente das que eu já havia passado em Landfall. Mas Andrew nos permitiu acender algumas velas e lâmpadas.

— Poupem as velas, poupem o óleo. Pode ser tudo o que vamos ter nos próximos três dias.

Por fim, exausto, atirou-se em seu sofá vermelho. Apressadamente, Dougal terminou de encher um copo de rum.

— Lembro da última vez que fizemos isso; antes de você nascer, Duncan. Não, não foi antes de você nascer. Você tinha um ano e não tinha consciência do que estava

acontecendo. Foi um dia exatamente como esse. Começou com esse tipo de chuva e vento. Fizemos os mesmos preparativos. Cozinhamos tudo o que tinha na casa. Viramos o lugar de cabeça para baixo. Acho que pegamos a cauda dele. O vento parou naquela mesma tarde. Uma chuvinha com névoa, que me fez lembrar do clima de Londres. Um dos dias mais calmos da ilha, pelo que me lembro. Ficamos esperando, caso ele voltasse a nos atacar, mas acabamos desfazendo tudo e recolocando no lugar, e comemos carne cozida durante duas semanas. E aí os navios começaram a vir para Santa Marta; aqueles que não haviam sido avariados e que estavam preparados para a viagem. Os outros foram encontrados mais além da ilha, em Martinica e Santa Lúcia, destruídos. Centenas foram afundados. Casas desabaram, plantações foram arruinadas. É assim que os grandes ventos fazem. Eles ficam girando, envolvem tudo. Levamos meses para descobrir exatamente onde começaram e para onde foram. Se você reza, Srta. Fiona, reze para que estejamos fazendo tudo isso à toa, para que tenhamos de comer carne cozida durante duas semanas.

Depois, ele berrou uma ordem:

— Maria, mande apagar o fogo. Não estou gostando do barulho do vento.

O barulho aumentava progressivamente; tanto que era difícil ouvir alguma coisa com o zunido do vento e o bater da chuva no telhado e nas venezianas externas; algumas rajadas eram como uivos estridentes e pareciam agarrar a casa, como se fossem despedaçá-la. Todas as venezianas contra tempestade estavam fechadas, a não ser a última, que dava para a cozinha, e uma outra, que se abria para o lado contrário à direção do vento; ironicamente, o lado do Atlântico. Ouvi a da cozinha sendo fechada.

— Como? — disse, sentindo a voz estranhamente confusa e tentando concentrar-me mais nas coisas ao meu redor. — Como é que Alister vai conseguir entrar? Como é que alguém vai conseguir entrar? Se esta última porta for fechada, nunca vamos ouvi-los.

— Não vamos fechar a última porta — respondeu Andrew. — Deixaremos um gancho bem apertado para impedi-la de ficar batendo, mas ela ainda vai ficar um pouco aberta. Num vendaval, é sempre importante lembrar de deixar uma portinhola de escape no lado contrário ao vento. Ele sempre consegue entrar. É preciso dar lugar para ele ir, senão as venezianas vão pelos ares. Mas é preciso ficar atento o tempo todo. Se der a calmaria que às vezes chega no meio de um vendaval, temos de estar prontos para fechar este lado e abrir o outro no segundo em que o vento recomeçar, porque ele pode vir de outra direção. Pelo menos, é isso o que dizem os que já enfrentaram a calmaria. Claro, dos outros nunca vamos conseguir informação nenhuma, porque eles morreram.

Ele deu uma risadinha cruel e voltou a atenção para o rum; de repente ocorreu-me, em meio ao torpor crescente causado pela dor de cabeça, que ele havia aproveitado ao máximo todo aquele ritual. Havia tomado todas as precauções, mas, na verdade, não estava se importando muito com o que pudesse acontecer. Ele ia morrer logo e sabia disso; realmente, não se importava em ser varrido, juntamente com tudo o que o cercava, pelo vento que soprava de uma direção que ninguém podia prever.

II

Finalmente Alister chegou, as roupas coladas ao corpo, os cabelos escorrendo pelo rosto. As duas irmãs, Katarina e Joanna, estavam no mesmo estado, os vestidos molhados e colados ao corpo, realçando a magreza, os

cabelos negros e escorridos dando-lhes uma estranha aparência de corvos. Ficaram paradas, com poças de água ao redor, com um olhar que revelava exaustão e medo. Cinco escravos de ar patético estavam com eles. Comprimiam-se o mais que podiam perto da porta ainda aberta; os olhos redondos e assustados fixavam Andrew com apreensão.

Alistar só veio até a beirada da galeria; o cavalo e a mula ainda tinham de ser levados para os estábulos.

— A velha — gritou Andrew, — Onde está ela?

— Não quis vir — berrou Alistar.

— Mandeí você obrigá-la a vir, custasse o que custasse.

— Esqueceu de me lembrar de levar um fuzil. Reuni os escravos. Estavam todos escondidos nos anexos, e as duas mulheres preparavam tudo. Tentei fazer com que os escravos a forçassem a entrar na carroça. Ela não é uma mulher que se possa pegar só com uma mão, você sabe. Ameaçou arrancar minha cabeça se eu chegasse perto. Falei que ela estava correndo perigo; riu de mim. “É só você deixar uma boa quantidade do rum de San Francisco”, foi tudo o que disse. “Vou enfrentar este furacão como enfrentei os outros, na casa dos Medina, e em nenhuma outra.”

— Eu falei! — gritou Maria. — Eu falei!

Depois, voltou-se para as irmãs:

— E vocês a deixaram! Que filhas boas! Bem, vocês vão pagar por isso!

Katarina afastou os cabelos da testa com um gesto de cansaço infinito. Depois, abriu as duas mãos, para que pudéssemos ver; estavam arranhadas, sangrando; o sangue escorria nas juntas.

— Pagar! Como se já não tivéssemos pago! Quanto tempo faz, minha boa irmã, que você não tenta colocar uma veneziana no lugar, com a madeira rachando e lascando diante dos seus olhos? Teve uma, num quarto do andar de cima, que perdeu as dobradiças e me atingiu.

Ela sacudiu a cabeça, indicando o ombro esquerdo. A chuva havia lavado suas roupas de tal forma que foi só aquele momento que percebemos o sangue que ensopava a manga molhada. Seu braço pendia mole e desajeitado.

Alister cansou-se daquilo tudo. Seu cavalo, seguro por um garoto de estábulo, estava indócil, enquanto os ramos das árvores ao seu redor gemiam, fustigados pelo vento.

— Fiz o que pude — disse com energia. — Se a velha quer morrer lá, a escolha é dela. Vou até o estábulo. Vai ficar gente lá com os cavalos?

— Vai — respondeu Andrew. — Os melhores homens que temos. Vamos tentar manter os cavalos quietos. Os estábulos são resistentes. Não vão desabar com o vento, a não ser que seja pior do que esperamos.

— Samuel vai ficar lá — disse Maria. — Ele é o melhor com os cavalos.

— Samuel não está aqui. Foi embora.

O choque transpareceu até no rosto de Andrew.

— Foi embora! Como é que você sabe?

— Ele insistiu em dirigir a carroça até San Francisco, enquanto eu ia a cavalo. Eu disse que ia precisar de ajuda com Dona Isabella. Ele esperou até saber que as senhoras viriam, e me ajudou a encontrar os escravos. Depois ele — Alister deu de ombros — bom, ele simplesmente sumiu.

— O idiota! Não adianta fugir. Não tem nenhum lugar

mais seguro do que este. Nenhum navio vai sair do porto. Ele não poderia ir de barco. Bem, ele vai voltar. Eles sempre voltam quando já estão bem assustados — fez um gesto com a mão. — Muito bem, então, vamos continuar. Vamos ficar muito bem sem a megera.

Depois que Alister saiu, Maria atacou as irmãs com uma torrente de palavras em espanhol, selvagem e agressivamente, o rosto ardendo e com uma cor pouco comum. No final, Katarina limitou-se a dar de ombros e a responder, na minha opinião, deliberadamente, em inglês.

— Palavras, minha irmã; palavras! Como disse seu querido esposo, se ela escolheu morrer em San Francisco, está no direito dela. Mas nós, Joanna e eu, preferimos viver, pelo menos um pouco mais. Então, resolvemos aceitar a hospitalidade de seu bom marido, e a deixamos com uma boa quantidade do melhor rum de San Francisco e suas outras necessidades. Se ela vai viver ou não, isso depende da vontade de Deus.

Ela deu um suspiro longo e profundo.

— E agora, minha querida irmã, será que era exigir muito de sua hospitalidade se pedíssemos roupas secas? Qualquer coisa serve — acrescentou, com profundo sarcasmo. — Sem dúvida, tem roupas usadas dos escravos... nada fino demais, você entende, para não termos aspirações além de nossos bolsos. E seria demais pedir água e pomada para nossas mãos? E talvez um pano velho para enrolar meu ombro?

Antes que Maria pudesse responder, Andrew deu um berro.

— Juanita! Juanita!

Alguns minutos depois, a velha veio dos depósitos, arrastando os pés.

— Não demore tanto tempo para atender meu chamado — ele sacudiu a cabeça. — Cuide das *señoritas*. Vá até o quarto da Sra. Maxwell e providencie o que elas precisarem. E traga seus unguentos: o tipo certo, lembre-se. Nada de feitiçarias. Mande Flora ajudá-las...

A última tarefa que Andrew me deu foi mandar trazer colchões e colocá-los em lugares adequados no *hall*, no salão e na sala de jantar.

Aqui embaixo é mais seguro — disse. — Nunca se sabe quando o telhado pode cair. Estaríamos mais seguros nos depósitos, mas é lá que os escravos vão ficar, e não dá para aguentar o mau cheiro. De qualquer forma, temos de nos mostrar superiores, mesmo estando no mesmo barco. Acredite-me, se aquela velha lá em San Francisco sobreviver, os escravos vão começar a espalhar a história de que ela é uma feiticeira, mais corajosa do que o homem mais corajoso. Agora eles estão com medo dela, mas isso não é nada em comparação com o prazer que ela vai ter se conseguir passar por mais essa. E ela gosta mesmo disso. Meu Deus, como aquela velha gosta de meter medo neles!

E Andrew também gostaria, pensei, se pudesse fazer o mesmo. No entanto, a paixão havia acabado e o poder passou para sua esposa. Naquele espetáculo montado desde as primeiras horas da manhã vi uma pálida imagem do homem que devia ter sido. Mas ele estava se acabando; ainda berrava ordens, mas a energia se escoava; tive a sensação de que, dali em diante, ele raramente se levantaria do sofá vermelho.

Quando o último colchão foi posto no lugar, tornei a perguntar:

— E Fergus?

Estava agarrada à porta do salão, querendo saber por que as coisas insistiam em dançar à minha frente.

— O senhor mandou buscá-las em San Francisco. Mas deixou Fergus naquele lugar caindo aos pedaços. O senhor diz que esse telhado pode desabar. Aquele lá pode até voar!

Ele afastou o cachimbo da boca.

— Isso eu deixo com Fergus. É ele quem decide se quer vir ou não. Não tenho de lhe dar ordens ou instruções.

— O senhor podia tê-lo convidado.

— Convidado! — veio o rugido de uma risada forçada. — Você já devia saber o que acontece quando convido Fergus. É o melhor modo de ter certeza de que ele não vem. Deixe para lá e pare de fazer confusão. Todas vocês, parem de fazer confusão, droga!

Encurvado, ele voltou para seu tabaco.

Alister chegou dos estábulos; passou pela sala de jantar, os braços carregados com os livros de contas e os diários do escritório.

— Alguém me ajuda? — perguntou, peremptório.

Notei que mancava muito e que estava à beira da exaustão.

— Gostaria que tirassem todos os livros e papéis do escritório. A galeria externa é muito exposta. Não se pode fazer grande coisa com os livros encharcados. É estranho que vocês tenham tomado tantas providências em relação às outras coisas e esquecido disso.

— Então...? — disse Maria. — Então quer dizer que agora você é o dono dos livros de Landfall, Alister?

— Sou dono deles na medida em que tenho o direito de vê-los preservados. Nós também temos uma parte de Landfall, Maria.

Andrew se mexeu.

— Os livros, os livros! Droga, por que é que você não pensou nos livros, Maria? Idiota! Meu Deus, os livros de minha mãe, de Winterslo, estão aqui. Tragam todos; até o último! Andem! Mandem trazê-los!

Alister esperou um bom tempo até ver uma fila de escravos começar a trazer as pilhas de livros de contas do escritório, e depois, devagar, com dores, subiu para trocar de roupa.

* * *

Fergus acabou vindo; chegou quando já era quase tarde, quando o vento havia atingido a força que me fez acreditar nas palavras de Andrew: nenhum homem conseguiria ficar de pé. Com ele vieram os dez escravos de Winterslo, cada um carregando uma trouxa envolta numa esteira de palha, como proteção contra a chuva.

— Fergus! — disparei para a frente e atirei-me em seus braços.

Senti seu abraço ansioso, mas apressado; por cima de meu ombro, ele olhava para Maria e seu pai.

— Amarrei tudo o que podia ser amarrado. Preguei as venezianas e isso só serviu para mostrar o que os cupins fizeram com o lugar. Não teve jeito de prender o telhado. Fiz o que pude, e no fim decidi que era melhor viver, se pudesse, e voltar para lá, mesmo com tudo arruinado, do que morrer lá. Trouxemos nossa comida. A única coisa que pedimos é o abrigo de seu teto, meu pai.

Andrew fez um gesto expansivo.

— Bem-vindo mais uma vez a Landfall, meu filho. Está vendo? Agora estamos completos. Alister voltou de Santa Marta e fez o favor de trazer as *señoritas* Medina de San

Francisco. Ele tem a companhia de seus livros. Fiona tem você. A casa tem comida e bebida de sobra, os escravos estão agradecidos pelo abrigo e, por causa disso, estão dóceis. A única que falta é a velha senhora de San Francisco, que se recusou a vir, e por isso devemos ser gratos a ela. Sinta-se em casa, meu filho. Vamos ter um grupo alegre e original para esperar a tempestade. Isso, encha o copo de rum, Fergus, e fique à vontade. Vai ser como se estivéssemos comemorando um grande acontecimento, e não a data do pagamento tantas vezes exigido pelas ilhas do açúcar daqueles que extraem suas riquezas. Então, meu filho, pegue seu copo e faça uma cara alegre. Meus ossos me dizem que desta vez vai ser um pagamento e tanto.

Foi então, quando ainda estava abraçada a Fergus, que não consegui mais controlar a sala que rodopiava à minha volta, a névoa cada vez mais densa diante dos olhos; foi então que veio a escuridão total.

III

Em minha mente, nenhuma parte daquele dia ou da noite distinguiu-se do resto; as pessoas pareciam ir e vir enquanto eu estava deitada num dos colchões do salão. Falavam entre si, mas eu não entendia quase nada. Às vezes, sentia os que se inclinavam sobre mim, mas em outras eu saía da escuridão de um sono inconsciente para descobrir que Fergus segurava minha mão, que era ele quem enxugava o suor de meu rosto; no entanto, eu não sabia que ele estava ali. De vez em quando, via o rosto de Flora e fechava os olhos, porque ela me causava um estranho medo; outras vezes era Alister quem estava lá, e sentia-me confortada com sua presença, como acontece quando se está perto de alguém sensato e objetivo. Por uma vez, tive consciência de uma presença maior, lenta e

pesada; era Andrew, com Dougal segurando uma lâmpada. Os dedos suados, mas curiosamente experientes, tomaram-me o pulso.

— Uma febre. Mas não sei, ela não parece o tipo de se deixar abater assim. Não gosto do jeito dela. Nem um pouco. Podíamos chamar um médico... bem, está além das minhas possibilidades...

O barulho do vento e da chuva era a única constante pela noite adentro, em meio ao fogo que parecia consumir-me e ao redemoinho atordoante de luz e escuridão ao meu redor, sempre que abria os olhos. Às vezes, havia rajadas que faziam com que me erguesse, e eu me dava por mim sentada, esperando o momento da destruição final, esperando que as paredes cedessem àquela força. Nada poderia resistir ao vento; pensei. Todos nós seríamos destruídos com a casa, enterrados sob os escombros, enterrados onde os escravos estavam, nos depósitos, finalmente iguais naquele túmulo comum.

No entanto, as paredes resistiam, o telhado resistia e tudo o que sentíamos, encerrados na escuridão, eram as correntes de vento que penetravam através de frestas nas grandes venezianas. A cada nova rajada, eu ouvia o gemido de medo que a acompanhava, vindo dos depósitos; os escravos podiam manifestar seus medos; mas nós, os brancos, não. Para nós, o alívio vinha nas disputas e rixas que sempre acompanhavam os que estão encerrados juntos contra a vontade. Logo que se acostumaram ao fato de que eu estava doente e começaram a aceitá-lo, os tons abafados foram voltando ao normal. Já não temiam acordar-me, porque meu sono não era natural. De vez em quando, as vozes vinham em espanhol. Frequentemente, o berro rouco de Andrew se fazia, ouvir com estrondo. Ouvi a voz de Duncan, queixosa, entediada, exigente. Às vezes eu percebia aquele grupo de pessoas heterogêneas e

dispersas. Katarina e Joanna trouxeram a mesa de jogo e lançavam suas cartas, num jogo que parecia tê-las ocupado durante anos. Ganhavam e perdiam grandes somas uma da outra; tudo no papel. Alister, sentado sob o olhar severo de Maria, virava as páginas dos livros de contas. Quase não falava. Maria tinha pouco o que fazer. O bordado lhe havia sido negado por falta de luz; parecia que ela não podia suportar ver Fergus tão perto de mim, ou assistir ao exame que Alister fazia nos livros. Eu tinha a impressão de que, na maior parte do tempo, ela andava pelo *hall*, mas seus passos, como sempre, eram muito leves; só havia a sugestão de sua presença. Andava de um lado para outro, um espírito inquieto, perambulando, esperando, como todos nós.

No fim, porém, a exaustão atingiu a todos. Estávamos tão acostumados ao zunido do vento que só as piores rajadas nos faziam parar e escutar. Com os relógios já marcando meia-noite, um por um ia se deitando nos colchões espalhados, tentando dormir. Havíamos trabalhado desde a madrugada; nem mesmo o tumulto podia impedir o sono. O silêncio tomou conta da casa, enquanto a tempestade continuava lá fora. Andrew dormia inquieto em seu sofá vermelho, com o rum sempre ao seu lado; o cheiro adocicado do tabaco impregnava os cômodos. Durante a noite, houve o momento em que todos nós pensamos que o clímax havia chegado, e com ele o fim de tudo. Durante alguns minutos, ouvimos um som furioso, estridente, quase como o de um animal ferido, e depois uma série de estrondos que não paravam. Todos os que estavam na sala ficaram quietos até que, por fim, o estrondo parou.

— Uma árvore — anunciou Andrew. — Perto da casa. Provavelmente o choupo grande. Arrancado pela raiz. Os alicerces da casa devem ter sido abalados. Todos nós vamos ser arrancados pela raiz, se continuar com essa força por

mais tempo.

Tudo o que sentia era a pressão de Fergus em minha mão, como se quisesse me fazer recuperar um pouco de força. Houve um momento, porém, em que ele soltou minha mão. Ouvi as vozes de Fergus e Alister sussurrando bem perto.

— Eu fico com ela agora — disse Alister. — Você tem de dormir algumas horas.

A oferta foi rejeitada bruscamente.

— Cuide de sua vida! Ela é minha; eu cuido dela.

— Deixe de bobagem, homem! Você tem de dormir um pouco, senão não vai valer nada quando isso tudo acabar. Talvez quando amanhecer alguém possa ir procurar um médico ou, pelo menos, trazer remédios. Se não consegue ficar acordado, como vai fazer isso? Além do mais, temos de ficar em vigília. Não podemos dormir todos na mesma hora. Você podia cochilar. Quem sabe quando os escravos vão sair dos depósitos? Como é que se pode ter certeza de que eles não levaram facas nas trouxas?

Foi só então, vagarosamente, que compreendi o perigo que corríamos. Alister estava numa cadeira de bambu ao meu lado e, às vezes, inclinava-se para me dar água quando eu pedia, fazendo coisas que ninguém imaginaria que um homem elegante como ele pudesse fazer: molhando-me o rosto, pescoço e mãos com um pano; durante o tempo todo, ele observava a entrada do salão. Seu olhar indo constantemente de mim para a porta. Quando largava o pano, tornava a pegar a pistola que permanecia ao seu lado durante todas aquelas horas. Não se podia permitir que todos dormissem na mesma hora, por causa dos pés descalços e silenciosos, e dos facões que podiam acabar com uma vida antes que a vítima acordasse. Fiquei contente de ver que, quando o grupo foi para seus

colchões, Flora foi mandada de volta aos depósitos; sua presença era quase pior do que o medo da tempestade.

E então chegou a manhã, embora a escuridão continuasse a mesma. O movimento recomeçou, e as vozes também. As pessoas dirigiam-se à sala de jantar, onde a comida estava servida no aparador. O vento ainda continuava soprando, mas seu zunido não estaria um pouco menos agudo, e as rajadas um pouco mais fracas? Ou seria porque nossos ouvidos já estavam tão acostumados ao ruído que já nem o ouvíamos com tanto medo?

Flora havia recebido permissão para subir dos depósitos, e com ela veio Juanita. Com a ajuda das duas, fui cambaleando até o banheiro improvisado em uma das salas de estoque. Mesmo depois de uma noite, o cheiro era terrível. As duas me seguravam, e suas mãos pareciam esmagar minha carne. Recomecei a suar, quase desmaiando enquanto elas me levavam de volta ao colchão. Quando me deitei, Andrew levantou-se e chegou perto, inclinando-se sobre mim.

— Não estou gostando nada disso. Se fosse uma febre qualquer, já devia estar dando sinais de melhora. Se pudéssemos conseguir um médico... Não que esses curandeiros saibam melhor do que nós o que aflige uma pessoa neste clima. Pelo menos ia ser alguma coisa. Mas ainda não podemos mandar buscar um. O vento diminuiu um pouco, mas ainda está muito forte para um homem e um cavalo. E nenhum médico viria. Covardes, o bando todo!

Senti a mão de Juanita jogar para trás os cabelos molhados que me caíam na testa e tremi com seu toque, encolhendo-me contra o colchão.

— Médico branco não adianta, patrão. Essa praga veio com o vento, e o espírito da Srta. Fiona vai embora voando com ele.

Nenhum médico branco sabe dessas coisas.

— Ora, vá para o inferno!

Ouvi um estalo e pensei que Andrew havia batido na mulher.

— Não vou ficar aturando essas bobagens aqui! Está tentando matá-la de susto? A Srta. Fiona é forte. Ela vai ficar boa. O espírito dela não é desses que voam com o vento. Ela vai viver e dar muitos filhos ao meu filho. Para o inferno com a sua feitiçaria. Vá dizer aos seus deuses que ela vai viver.

Furioso, voltou-se para a esposa com dificuldade.

— Maria, por que é que você deixa esse monte de trapos chegar perto de Fiona? Por que a deixa dizer essas coisas? Você também está tentando assustar a menina?

A voz respondeu, atrás de mim.

— Você sabe muito bem, Andrew, que Juanita tem muita prática com ervas medicinais. Quantos escravos doentes ela já não curou para nós? Mande buscar um médico, perfeito. Enquanto isso, quem mais posso oferecer além de minha Juanita?

— Deve ter alguma coisa que se possa fazer! Não temos nada para dar a ela, Maria? Por que diabo você não ajuda? Você e suas irmãzinhas queridas...

A discussão prosseguia, uma torrente de insultos contra todos, que meus ouvidos ensurdecidos mal podiam distinguir; agora parecia que estava ouvindo outros sons além daqueles perto de mim. Parecia estar ouvindo o som borbulhante da água. A cena à minha volta dissipou-se e eu seguia a maré que subia na praia de Silkirk, deixando quilômetros de areia brilhante. Sentia a maré, a linha prateada recuando, a areia firme e áspera sob os pés. Queria acompanhá-la, alcançá-la; foi então que comecei a

sentir frio. Senti o corpo contrair-se por causa do frio, mas nada podia afastá-lo. Naquele momento, deixei de sentir a mão de Fergus; sabia que ela estava lá, mas não podia senti-la. De algum lugar, de armários estocados há muito tempo, vieram cobertores, sob as ordens de Andrew. Foram empilhados sobre mim, mas o calor essencial do corpo havia sumido. Senti o corpo de Fergus apertando o meu, numa tentativa de me transmitir calor. Minha consciência ia e vinha; às vezes, eu sabia o que estava acontecendo, outras, não. E o tempo todo, minha mente seguia aquela linha prateada do mar que recuava pela areia para desaguar no Atlântico.

Senti algo mais: mãos que tentavam parecer gentis, mas que eram ásperas, mãos que pareciam penetrar-me a carne, em vez de apoiar-me enquanto me ajudavam a sentar.

— Bebe, vai fazer bem.

— Não! — a voz de Fergus.

Só senti aquele líquido derramado em meu rosto, e um pouco escorreu pelos cobertores. Depois Maria disse:

— Vocês me pediram ajuda. É um velho remédio da ilha. O melhor que podemos fazer agora.

— Eu não confiaria nem num copo d'água que você desse a ela. Agora deixe-a comigo. Afinal de contas, sou eu que vou perder mais. Se ela morrer...Oh, meu Deus...

Ouvi-o soluçar ou era o barulho do vento? Será que um homem como Fergus era capaz de chorar? Ele se importava tanto assim? Não sei; nunca vou saber. O vento continuava, e a casa rodopiava ao meu redor, e eu ainda estava gelada, como estava a água na praia, quando finalmente consegui alcançar a linha espumosa e tocá-la. Estava fria como gelo.

Nos momentos de consciência, sentia a inquietação que tomava conta de todos, e que aumentava com o passar do tempo. Katarina e Joanna haviam retomado o jogo, mas murmuravam ríspidamente, sem interesse. Alister ainda estava examinando os livros, mas, pelo virar impaciente das páginas, eu sabia que havia perdido a concentração. Maria andava de um lado para outro; às vezes, mandava Dougal arrumar o aparador, mas não havia lugar para lavar os pratos. Ouvi o zumbido das moscas em meio às rajadas de vento. Maria era a mais inquieta de todos. Andava constantemente entre o salão e o *hall* — uma figura incômoda que entrava em minha linha de visão e depois saía. Por fim, Andrew cansou-se.

— Pelo amor de Deus, mulher, quer ficar quieta? Você sabe ficar quieta muito bem quando precisa.

Ela não respondeu, mas seus passos foram para a sala de jantar, e achei que ficou sozinha lá. Ouvi Andrew levantar-se do sofá e ir mancando para o *hall*.

— Duncan... onde é que ele está?

A vozinha aguda veio flutuando do andar superior.

— Estou aqui, papai.

— O que é que você está fazendo?

— Só estou pegando meus soldadinhos, papai.

— Bem, então pegue-os e desça. Não confio em deixar você aí. Se abrir uma das portas dos quartos, a pressão pode arrombar uma veneziana. Pegue suas coisas e traga-as para baixo.

A resposta, raramente dócil:

— Está bem, papai.

Ouvi seus passos lentos e cuidadosos quando descia. E então ouve um barulho, e pequenos objetos rolaram pelo

chão do *hall*. A fraca vibração atingiu minha cabeça como uma pancada. Maria devia ter saído da sala de jantar.

— Duncan!

— Deixei cair, mamãe. Não deu para segurar.

— Olhe! Você pegou minha caixa de pau-rosa sem me pedir. Veja só! A dobradiça estragou. Você é uma criança má...

— Eu não tinha lugar para botar os soldadinhos...

Ele estava impassível, na defensiva, esperando o castigo.

Andrew gritou de seu sofá, para onde havia retornado:

— Deixe-o, Maria. Ele está engaiolado. Tem de fazer alguma coisa. A dobradiça pode ser consertada. Pelo amor de Deus, deixe o menino em paz. Traga suas coisas para cá, meu filho...

— A caixa veio da Espanha há mais de duzentos anos...

— Então já é tempo de levar uma ou duas pancadas. Ela não é sagrada. Venha, traga suas coisas para cá, meu filho. Pode ficar brincando aqui com seus soldadinhos.

Era raro Andrew interferir em qualquer ordem que Maria dava a Duncan, mas, quando o fazia, o menino sabia que tinha o caminho livre. Agora ele parecia saber que era o instrumento da raiva da mãe contra o marido. Sabia que havia acabado de livrar-se de um tapa e estava exultante. Conversava alegremente com Andrew enquanto se aproximava, os soldadinhos recolocados na caixa avariada de Maria. Ela mesma não disse nada; devia ter voltado para a sala de jantar. Duncan, tendo sido encorajado por Andrew, tentava explorar seu interesse, trazendo a caixa de

soldados para bem perto do sofá e pondo-se a brincar aos pés do pai. Andrew, porém, nunca conseguiria suportar por muito tempo as perguntas sem fim de Duncan, nem dar-lhe a atenção que exigia. Queria beber seu rum em paz, e o menino o aborrecia e o incomodava.

— Duncan, pegue suas coisas e saia daqui. E fique quieto. Pare de falar.

Vi que afastou-se timidamente, magoado, espantado. Ele sabia que estava sob a ameaça do castigo da mãe, e agora o pai não queria mais saber dele. Era parte do constante vaivém de sua vida, razão pela qual apegava-se a mim com tanta tenacidade. Lançou um olhar de reprovação para meu colchão, como que para censurar-me por não poder ajudá-lo. Mas manteve-se à distância, como lhe haviam ordenado.

As horas passavam e um tédio entorpecedor apoderou-se de todos; não sabia ao certo se eram horas ou minutos. O vento parecia mais calmo, e as rajadas mais fortes haviam diminuído. Ou talvez eu já não as ouvisse mais.

Ergui-me, entretanto, com o inesperado berro de triunfo de Andrew:

— O barômetro está começando a subir! O barômetro está subindo! Já devemos ter passado pelo pior.

Naquele momento, foi a mão fria de Alister que senti em meu rosto.

— Calma, Fiona, calma!

— Tire as mãos de cima dela, droga!

Os nervos de Fergus estavam tensos e, por um momento, pensei que fosse bater em Alister.

— A responsabilidade é minha. Minha! Minha!

Mais uma vez, senti todo o seu corpo apertando o meu, tentando passar-me calor, sem se importar com os outros. Mas como era diferente de nossos momentos na praia ensolarada, quando nos movemos juntos num esplendor de felicidade à beira da água. A maré estava fria, e eu estava muito mais fundo.

Fergus começou a dizer que, em uma ou duas horas, poderia ir chamar um médico. Andrew resmungou, perguntando-se em voz alta se algum médico consentiria em vir a Landfall quando tantos estariam precisando de ajuda em Santa Marta. Ouvi-o mandar Flora trazer rum da garrafa do aparador, sempre o melhor rum da casa. Com as próprias mãos, Andrew misturou rum e vários condimentos; depois mandou Flora fazer um fogo na lareira sem uso por tanto tempo. Também mandou que levassem meu colchão para perto do fogo. Porém, o vento trouxe a fumaça de volta para a chaminé, e ela se espalhou pela sala. Furioso, Andrew jogou água nos gravetos, enquanto engasgávamos com a fumaça e o cheiro acre. O insucesso perturbou-o; ele observou criticamente quando Fergus fez-me tomar o rum: um calor apenas momentâneo. Juanita andava de um lado para outro, e fiquei assustada ao ver seu rosto negro e brilhante atrás de Andrew. Virei o rosto.

— A patroa Fiona vai morrer — disse Juanita. — O patrão não deixa Juanita usar os remédios dela, a patroa vai morrer, tenho certeza.

— Cale essa boca suja e saia daqui — gritou Andrew. — Falei para você ficar longe.

Ele voltou para o sofá, como que desencorajado; eu ouvia sua respiração pesada pela sala.

A voz de Maria foi a próxima; quanto tempo depois, não sei. Estava na porta do salão.

— O vento está diminuindo. Quando vamos poder

sair?

— Ainda não — respondeu Andrew. — E você não vai gostar muito do que vir quando sair. Não sobrou muita coisa lá fora para nos fazer ficar com pressa.

— E minha mãe em San Francisco? Ela não é nada?

— Aquele monstro velho e decadente! — bufou ele. — Você faria melhor se se preocupasse com essa moça aqui. Ela sim, vale a pena salvar.

Ele foi interrompido por um grito de Maria.

— Duncan! O que está fazendo agora? Já não estragou o suficiente? Ponha isso no lugar, já!

Todos olharam para o lugar onde Duncan, sentado diante do grande armário de San Francisco, brincava com seus soldadinhos. Mas, talvez pelo tédio, havia passado do estágio de alinhá-los e derrubá-los. Retirou as duas gavetas inferiores debaixo das portas de vidro, erguendo-as de lado, fazendo, assim, um forte para o destacamento de suas tropas. Com o conteúdo das gavetas; caixinhas, bastidores para bordar, dominós, um grupo de pequenos camafeus emoldurados, as bugigangas de uma casa, construiu muralhas externas para seu forte, a ser atacado pelas tropas enfurecidas.

— Deixe-o em paz, Maria — tornou a dizer Andrew. — Ele não está fazendo nada demais. Tem de ter alguma coisa para ocupá-lo. Se você tivesse alguma cabeça, podia ler para ele...

Depois, seu tom mudou bruscamente:

— O que é isso, Duncan? Uma boneca? Você não devia pegar nisso.

— Eu não peguei — respondeu Duncan com teimosia. — Estava aqui, numa das gavetas. Não fiz nada com ela.

— Numa das gavetas? Por que estava lá? — voltou-se para Maria. — Por que ela estaria lá? O armário está sempre fechado. Como é que ela foi parar lá?

Com dificuldade, desviei o olhar para onde ela estava, mas seus traços eram indistintos.

— Não foi nada — respondeu rispidamente. — Nada. É que outro dia notei que a renda estava rasgada e tirei-a de lá para consertar. Tive de parar por alguma razão e coloquei-a na gaveta. Duncan não tinha nada que ficar mexendo nessas gavetas.

— Bem, então ponha-a de volta no lugar — disse Andrew, exasperado. — Aí você não vai precisar zangar com o menino.

A princípio, ela hesitou, mas depois mexeu-se rapidamente, como que para barrar qualquer outra pessoa. Ouvi o tilintar das chaves que pegou, o chocalhar enquanto esforçava-se para achar a chave certa.

Joanna resmungou:

— Quando éramos crianças, nunca nos deixaram pegar nessas bonecas...

As portas do armário foram escancaradas; Maria abaixou a mão para pegar a boneca, mas Duncan foi mais rápido.

— Deixe que eu guardo, mamãe, deixe!

Precipitou-se sobre a armação cheia de bonecas, procurando o lugar daquela. Por fim, parou, intrigado.

— Mas onde é que...?

— Dê-me a boneca, Duncan!

Ela arrancou a boneca de suas mãos e tentou colocá-la junto com as outras, mas não havia lugar sobrando, nenhum lugar vazio na armação onde estavam as outras.

Na escuridão, todos os olhos aguçaram-se para ver, assistir ao esforço febril de Maria para conseguir um lugar, para colocar a boneca junto com as outras. Ela continuava caindo e, enquanto isso, Duncan já havia inspecionado cuidadosamente a longa prateleira. Seu grito de triunfo fez-me lembrar de Andrew.

— Tem uma boneca nova, diferente! É por isso que não tem lugar...

Maria interrompeu-o, com um grito que demonstrava mais medo do que aborrecimento.

— Duncan, deixe comigo! Não mexa...

Porém, ele já havia tirado a boneca da armação, erguendo-a para que todos a vissem.

— Olhem, uma boneca nova!

Tudo o que conseguimos ver foi uma coisa esbranquiçada, sem forma, com um vestido cor de fogo.

— Mas ela não é igual às outras.

Seu tom passou da excitação para uma espécie de repugnância.

— É feia.

Andrew inclinou-se para a frente.

— Traga-a aqui, meu filho.

Maria tentou agarrá-la, mas Duncan passou rapidamente por ela e correu para Andrew.

— É uma boneca feia, papai. Não é nem um pouco parecida com as outras.

Por um longo tempo, Andrew ficou olhando a coisa que Duncan havia posto em suas mãos.

— Meu Deus! — disse. — Uma boneca de Fiona. Um

vodu fedorento e sujo.

Um terrível silêncio caiu sobre a sala. Até o vento parecia ter parado. Ninguém se mexia ou falava, estavam todos paralisados pelo objeto que Andrew tinha nas mãos. Fui eu, afinal, a fazer o primeiro movimento, a dizer as primeiras palavras.

Ergui o braço com toda a força de que era capaz e quebrei o silêncio com um sussurro rouco:

— Deixe-me vê-la.

Ele sabia que não podia recusar. Levantou-se mais uma vez do sofá e, apoiado no ombro de Duncan, aproximou-se de mim. Durante todo este tempo, Maria estava quieta e empertigada, como sempre ficava, diante das portas escancaradas do armário.

Foi Fergus quem pegou a boneca e ergueu-a para que eu pudesse vê-la. Àquela altura, os outros, Alister, Katarina e Joanna, haviam se aproximado, atraídos pela terrível fascinação do objeto. Fergus a mantinha num lugar iluminado pela luz da lâmpada que estava no chão, atrás de mim.

Era uma coisa branca: uma boneca de pano, completamente diferente das lindas bonecas de cera do armário. Sua cabeça redonda e monstruosa não tinha traços definidos; tudo o que havia eram grotescas manchas vermelhas: boca, olhos, sobancelhas, nariz. Como Duncan havia dito, era feia, terrivelmente feia, e estava vestida com uma roupinha grosseira, feita com um dos velhos vestidos estampados que eu trouxera para Landfall e que, segundo me disseram, havia ficado em pedaços ao ser lavado. Tudo isso era horrível, mas ainda havia coisa pior. Em sua cabeça de algodão estava espetado um emaranhado de cabelos humanos, cabelos ruivos claros, colados com alguma substância que havia secado.

— Fiona! É o cabelo de Fiona! — sussurrou Fergus, horrorizado.

Mas quando tentei pegá-la, ele não me impediu, talvez sabendo que eu precisava ver tudo para combater aquele horror. Ergui a mão incerta para agarrá-la, para trazê-la mais perto da minha visão, de modo a poder examinar sua aparência assustadora. Toquei-a e senti-a.

— Sangue — disse. — A coisa vermelha é sangue.

Ao apertar o corpo grosseiro, senti as pontas agudas através do vestido. Foi então que reconheci as cabeças de pérola dos alfinetes fincados no corpo de pano, mais ou menos no lugar onde ficam o coração e o fígado humanos. Apertei os cabelos pavorosos e também achei alfinetes.

— Os alfinetes de minha almofadinha — disse. — A almofadinha que Mary me deu.

Soltei-a.

Bem no fundo da sala, pois havia voltado para sombra, Joanna falou baixinho:

— Dizem que, quanto mais coisas se tem da pessoa que é para morrer, mais poderoso é o feitiço. O cabelo de Fiona, os alfinetes. E colocar num lugar de frente para ela...

— Obscenidade! — disse Alister. — Uma obscenidade absurda. Queimem-na! Queimem-na imediatamente! E pensar que vocês acreditam nessas coisas...

Joanna replicou, obstinada e teimosa:

— Só sei o que já vi antes. Eles fazem mágicas que não entendemos. Não sabemos como funcionam, nem por quê. Provavelmente, Fiona vai morrer. Agora isso já foi muito longe. E a coisa ficou olhando para ela o tempo todo.

— Morrer! — Duncan deu um gemido aterrorizante. — Não! Não! Fiona não pode morrer!

Ajoelhou-se ao lado do colchão, envolvendo Fergus febrilmente, a cabeça enterrada em seu corpo.

— Você não vai deixar Fiona morrer, Fergus! Ela prometeu que ia ficar para sempre.

Ergui a mão para tocá-lo e ele se soltou de Fergus, um pouco receoso de olhar-me, para não demonstrar medo,

— Não — disse eu. — Não vou morrer.

A água à minha volta estava terrivelmente fria, mas eu sabia que não morreria. Ainda tinha algo a fazer, algo que dizia respeito a Duncan. Meu cérebro confuso não sabia ao certo o que eu tinha de fazer por ele, mas tinha de ser feito. Eu sabia porque havia tido a visão: eu não morreria.

— Não — disse a ele e a Fergus. — Não vou morrer. Ainda não acabou. Ainda não fiz o que vim fazer.

Fergus inclinou-se mais.

— Você tem de fazer alguma coisa, Fiona? Sabe o que é?

— Sei. Uma vez tive uma visão. Não consigo lembrar...

Ele apertou minha mão.

— Então fique quietinha, meu amor. Você não vai morrer.

Atrás de mim, ouvi a voz de Alister, que a custo continha a fúria.

— Será que não dá para nos livrarmos logo desta coisa? Por que não a queimam de uma vez?

— Espere — disse Andrew, abaixando-se para pegar a boneca.

— Espere. Essas coisas têm de ser feitas com

cuidado.

— Não é possível que você acredite nessas bobagens.

— Já moro aqui há muito tempo para não me surpreender com qualquer coisa que venha da África — encarou Alister. — Afinal de contas, será que as coisas são tão mais civilizadas assim na Inglaterra? Os padres não continuam lutando e rezando a noite inteira contra o diabo, como se ele fosse uma figura de chifres e rabo? Isso é tudo o que essa gente fez: puseram chifre e rabo no diabo. Os padres ingleses não continuam pregando o fogo do inferno, que arde para sempre, mas que nunca consome? Eles não acreditam na graça salvadora da alma? Bem, então, que direito temos nós de negar o poder de uma crença muito mais forte do que a que qualquer um de nós tem? Eles acreditam que podem matar com o ritual assassino desta boneca de pano. O feitiço deve ser desfeito pela pessoa que o criou.

Virou-se para Flora, que estava atrás de Maria, encolhida na escuridão, agachada, com o rosto escondido entre as mãos.

— Flora, vá chamar sua mãe. Rápido!

Ela disparou para fora, curvada, como se fosse um animal apavorado.

— Tenho de protestar — disse Alister. — Continuar com essas crenças é uma blasfêmia. Queimem a boneca e acabem com isso.

— Então talvez vejamos a vida de Fiona queimar-se com ela! — gritou Fergus. — Não seja idiota! Vamos fazer o que meu pai disser. Ele tem experiência de uma vida toda e entende dessas coisas muito mais do que você. Deixe tudo com ele.

— É monstruoso, monstruoso! — tornou a protestar

Alister.

— Concorde, é monstruoso — respondeu Andrew. — E estou lidando com a monstruosidade do melhor jeito que posso. Ah...

Juanita e Flora chegaram. Juanita estava calada, ereta, com um ar de desafio diante de Andrew, Flora estava de cabeça baixa, e parecia estar tremendo.

— Foi você que fez isso, não foi, Juanita? Mesmo tendo sido proibida de praticar essas coisas?

— Foi a patroa que me mandou — disse, inexpressiva.

— Eu sei. E Flora ajudou, pegando o cabelo da Srta. Fiona, quando Charity foi afastada, não foi assim?

A mulher mais velha não respondeu, mas Flora soltou um gemido.

— Eu estava com medo, patrão. Medo de não fazer o que me mandaram. A patroa disse que me mandava para um lugar bem longe...

— Pois vai ficar com mais medo quando souber o que vai acontecer com você agora.

Andrew ergueu a mão e apontou para as duas, como se estivesse proferindo uma sentença.

— Queimadas — disse, com a voz alcançando toda a sua força, adquirindo um poder que agora era raro de se ouvir. — Queimadas, como iam queimar esta boneca. Mas antes disso, eu mesmo vou enfiar um prego no coração de vocês, como os alfinetes que estão na boneca...

Alister interrompeu:

— Pelo amor de Deus, acabe logo com isso! Você complica as coisas, insistindo nas crenças pagãs dessa gente. É só se livrar dessa coisa execrável. Jogue-a fora!

— Meu filho já disse que não podemos fazer isso. Fique quieto, meu amigo, e não se meta no que não entende. Juanita vai morrer no lugar de Fiona e Flora vai com ela, para que os deuses tenham duas em vez da que elas lhes prometeram. Vai ser uma morte muito pior do que a que a Srta. Fiona ia ter, Juanita, juro.

O gemido de Flora ficou mais alto; Juanita continuava em silêncio, os olhos ardendo com ódio e desprezo, mas sem medo.

— Ou... — continuou Andrew. — Tem um outro meio, e talvez eu seja benevolente. Talvez eu nem mande vocês para os juízes de Santa Marta, que certamente iriam enforcá-las. Talvez todas possam continuar vivendo. Mas o feitiço tem de ser desfeito.

Juanita continuou quieta por mais alguns minutos, os braços cruzados, como se estivesse refletindo sobre sua submissão definitiva ao homem branco. Depois virou-se, aproximou-se de Maria e cuspiu deliberadamente a seus pés.

— Eu não vou morrer por causa de nenhuma mulher branca. Eu tiro esse feitiço, mas o velho, a praga que uma negra rogou há muito tempo em Landfall, vai continuar. A mulher que fez isso morreu, e o feitiço nunca vai poder ser tirado. Vocês vão apodrecer aqui!

Então aproximou-se do colchão e pegou a boneca. Instintivamente, retraí-me com sua proximidade, e ela me olhou com rancor.

— Você disse para Flora que a sua mágica é maior que a nossa, mas agora sabe que não é. Se elas não acham a boneca, você morria; era só eu colocar mais alfinete na hora certa.

— Já chega — ordenou Andrew. — Comece.

Juanita agachou-se no chão, a boneca à sua frente. Começou um canto estranho em sua própria língua, mas interrompeu-se. Olhou para Andrew.

— Não dá. Tem de ser feito no meio da noite, quando a lua brilha.

— Os deuses mandaram esse vento forte porque você fez coisa errada. Nada de lua nem de meio de noite. Continue!

Ela recomeçou o canto misterioso, que prosseguia indefinidamente, como o zunido do vento. Depois parou e removeu o alfinete mais baixo. O canto recomeçou, sonoro, aumentando e diminuindo. Mais uma pausa e o segundo alfinete, que estava no lugar do coração, foi retirado. Do mesmo modo, mais três foram removidos da cabeça. Queria virar-me para não ver mais aquilo, mas não conseguia, assim como ninguém conseguia, nem mesmo Alister. Ela estalou os dedos negros e magros e Flora apresentou imediatamente a tesourinha que eu havia agitado diante de seu rosto. Com grande cuidado, totalmente absorta, Juanita começou a remover os pontos grosseiros que prendiam os fios de cabelo ao corpo. Feito isto, retirou com extremo cuidado cada um dos pontos que ligavam o corpo grotescamente costurado da boneca. O enchimento saltou para fora, como se fosse meu próprio sangue. Eram tirinhas cortadas de todas as roupas de que havia me desfeito desde minha chegada a Landfall. No fim, estava tudo no chão, uma massa indistinta, um aglomerado de mim, Fiona, todo retalhado.

Os olhos escuros dirigiram-se para Andrew.

— Agora tem de jogar para o vento.

— Então jogue.

Ela juntou o montinho e vi todos, com exceção de Maria e Alister, dirigirem-se para o *hall*, de onde poderiam

vê-la ir até a porta que estava parcialmente aberta, segura pelo gancho. Deve ter sido Fergus quem a manteve aberta; ouvi-o dizer algo a Juanita.

Ela cantou durante mais alguns instantes e depois todos retornaram, com exceção de Juanita e Flora, que Andrew mandou de volta para os depósitos.

— Abominável! — disse Alister. — Nunca vi nada tão bárbaro assim em toda a minha vida. E pensar que vocês aceitam essas crendices! Pensar que deixam uma criança ficar aqui e assistir a tudo isso. Devem estar loucos!

— Se tivesse morado aqui durante um tempo suficiente, ia ficar louco também, ou respeitaria essas coisas. Quanto ao bárbaro, na Inglaterra ainda não existe uma lei contra a feitiçaria? Se a feitiçaria não existe, por que há uma lei contra ela?

Andrew jogou-se no sofá.

— Eu quis que Duncan visse tudo. Ele vai ter de conviver com isso. É melhor ensiná-lo a lidar com essas coisas. O que importa é que o feitiço seja retirado do jeito que eles acreditam. Temos tendência a fazer tudo do nosso jeito, mas nem sempre o resultado é o esperado. Mas acho que agora Fiona vai melhorar.

— Foi uma febre — falei. — É tudo. Uma febre. Ela tomou conta de mim e fiquei gelada. Mas estou esquentando agora. Era o vento...

— Você pode dar o nome que quiser. Mas foi quando ficou gelada que tive medo de você morrer. Esse não é o curso normal das febres daqui. Mas não vou tentar convencê-la. Acredite no que quiser. Dougal, onde está o jarro?

Dougal trouxe o jarro e colocou-o a seu lado. Ele percorreu a sala com o olhar, examinando a todos nós,

numa atitude de comando. Pareceu meditar por um instante, e depois apontou para Duncan.

— Hora de descansar, meu filho. Dougal vai subir com você.

Deite lá em cima.

Como sempre, Duncan protestou.

— Mas ainda não está na hora. Nós não almoçamos. Não é hora da sesta.

— Enquanto o vento continuar, o relógio não interessa, Duncan. Logo, logo, ele vai passar e nós vamos precisar de sua força para ajudar a arrumar as coisas, como a força de um adulto. Então suba e descanse, e prepare-se.

Relutante, Duncan dirigiu-se para Dougal, mas Andrew tomou a chamá-lo.

— Venha cá, meu filho.

Duncan foi até ele; Andrew inclinou-se para a frente e, com um raro gesto de afeição, beijou a testa franzida do menino.

— Fique tranquilo, meu filho. Lembre-se de que este velho se preocupa com o seu bem-estar.

Conseguí ver o rosto de Duncan enquanto ele se afastava. Brilhava com uma alegria que nunca havia visto antes. Com aquele único gesto, Andrew forneceu o antídoto para o horror presenciado pelo menino, a garantia de que o mundo logo retomaria seu ritmo normal; com aquele gesto, deu-lhe seu presente mais raro, a prova do amor. Naquele momento, perdoei-lhe muitas coisas.

— Bem, minha querida — disse finalmente, quando Duncan e Dougal já haviam subido. — Bem, foi uma tentativa. Você já não podia mais esperar o velho morrer,

porque Fiona teria Fergus antes que isso acontecesse. Tentar me matar logo daria muito na vista. Entendo tanto quanto você de venenos e feitiços. Então tinha de ser Fiona.

Maria estava em sua cadeira de costume; seu rosto não se alterou enquanto Andrew falava, seus olhos estavam meio fechados, como se tivesse de aguentar com paciência as divagações de um velho bêbado.

— Está falando bobagem, Andrew. Você sabe que Juanita mentiu, que eu não tenho essas crendices...

Ele bateu com o braço no sofá.

— Por Deus, você acredita sim, e até praticaria, se pudesse. E você ainda o deseja... deseja meu filho Fergus, e não pode aguentar a ideia de que ele vai casar e ficar fora de seu alcance quando esse velho doente morrer.

— Se fosse assim, eu teria casado com ele, e não com você. Por que não casei com ele?

Um sorriso cruel apareceu no rosto de Andrew, um sorriso que reconhecia a vitória duramente conquistada.

— É, é verdade, você podia ter casado com ele, para ter uma vida não muito melhor do que a de San Francisco. Você sabia que Winterslo era tudo o que ele realmente tinha, e havia sempre a possibilidade de que, com vocês dois casados e morando lá, eu me decidisse a casar, o que significaria a perda de Landfall. Até naquela época sua ganância foi maior que seus desejos. Mas você não pensava que ia demorar tanto, não é? Eu não era tão velho. Mesmo agora, não sou tão velho assim, mas você achava que eu estava fraco, e que tanto Landfall quanto Fergus seriam logo seus. Em todos esses anos, esse foi meu único prazer: continuar vivendo, apesar de você.

— Se você sabia de tudo, por que foi que casou

comigo? Eu não tinha meios para forçá-lo.

— Só aquele meio velho e tradicional. E eu fui bastante idiota para cair nele. Tive amantes, mas nunca tinha tomado uma mulher de meu filho, nem acreditado, na minha loucura, que ela realmente me preferia. Ah, como eu era idiota naquela época, e que mulher você era na cama, minha querida! É até difícil imaginar a minha loucura. Você me fez sentir como se fosse jovem de novo, e eu já tinha passado dos quarenta. Eu ria desta loucura em outros homens, e não sabia que ela estava em mim...

Bruscamente, virou a cabeça.

— Não — disse, apontando para Katarina e Joanna — não, não comecem a sair de mansinho como se essa conversa grosseira fosse demais para seus ouvidos virginais. Vocês são do mesmo barro que ela e, pelo que sei, também tinham conhecimento dos planos. Provavelmente, saiu tudo da cabeça daquela megera de San Francisco. Afinal de contas, comigo e com um filho, Maria podia garantir Landfall. Com meu filho, que não é legítimo, quem sabe o que poderia acontecer? Quem podia dizer que um Maxwell não apareceria para contestar seus direitos?

— Pare! — Fergus deu um grito angustiado, — Precisa falar tudo isso de novo? E agora, diante de Fiona? Já não estamos todos vivendo num inferno por causa disso? De que adianta remexer tudo de novo? Todos nós cometemos nossos erros...

— Cometemos nossos erros. Você tem razão, Fergus. E nos arrependemos, dia após dia; dias amargos. Eu, mais do que todos. Não quero concentrar-me no mal e na ganância de que ela é capaz. O meu já é o bastante. Mas uma coisa é ser ganancioso, ambicioso. Será que alguém está livre disso? Mas tentar matar é outra coisa. É disso que estou falando agora, e diante de Fiona, que quase foi a

vítima.

Alistar interrompeu:

— Mas Fiona não acredita nessas coisas! Como ela mesma disse, foi uma febre, que agora já passou.

— Mas as pessoas que tentaram matá-la acreditam mesmo nisso, então, elas são culpadas. A menina estava quase morrendo, e vocês sabem disso. Olhem só como ela mudou desde que demos fim àquela coisa maldita! Olhem como a cor está voltando ao rosto dela. Acreditem ou não, ela quase morreu. Foi uma tentativa e feita por minha mulher. Devemos deixar isso de lado, como se nada tivesse acontecido? Não é possível, e vocês sabem muito bem disso.

— Mas eu nego suas acusações — disse Maria, baixinho. — Nego. Contra mim, você só tem a palavra de uma escrava velha, assustada e ignorante, que queria salvar a própria pele. Você sabe que a lei não permite isso. Como é que pode dizer que Fiona não fez alguma coisa a Juanita, a ponto de ser alvo de seu ódio? Como pode provar tudo o que está dizendo?

— Você não mandou Charity embora, sem uma palavra a ninguém, para substituí-la por aquela magricela infeliz que estava assustada demais e que só fazia o que você e a mãe dela mandavam? Charity não era a proteção de Fiona? Não foi por isso que você se livrou dela?

— Já vendi outros escravos para fora da fazenda. Nos últimos cinco anos, você deixou tudo nas minhas mãos. Por que isso iria provar alguma coisa? Está fazendo uma confusão danada em sua cabeça, Andrew. Você é mais velho do que eu pensava e — acrescentou com crueldade — mais doente. Devia prestar atenção no que diz.

— Nunca um escravo de casa deixou Landfall antes de Charity. E quando foi que ela partiu? No mesmo dia em

que você soube que, finalmente, ia perder Fergus. No dia em que soube que ele ia casar logo com Fiona, e que ia perdê-lo, mesmo que eu morresse o mais rápido possível. Além disso, minha querida e isso mais do que tudo, quem, além de você, tem a chave do armário? Quem a não ser você põe a mão lá dentro, desde que o trouxe para Landfall? Eu mesmo já vi você tirando o pó umas cem vezes, porque você não confia em ninguém para pôr as mãos nas coisas que guarda com tanto cuidado. E quem além de você, Maria, minha esposa esperta e capaz, teria tido tempo e ideia, ontem de manhã, no meio de todos os preparativos, de pôr o vodu num lugar onde ele poderia estar perto de Fiona e passar despercebido? Ah, não, isso não é coisa de uma escrava ignorante, como você diz.

Ela deu de ombros.

— Diga o que quiser. Posso ficar com minhas chaves a maior parte do tempo, mas elas não estão sempre em minhas mãos. Juanita entra no meu quarto e sai a qualquer hora. É muito fácil pegar uma chave. É a Juanita que você devia estar perguntando isso, e não a mim. E se sou culpada de tentar todas essas coisas de que está me acusando, por que não mandei Juanita botar um feitiço em você, Andrew?

O tom estava terrivelmente baixo, difícil de ouvir por causa do vento que ainda batia na casa.

— Afinal de contas, você já está doente. Mais fácil, muito mais fácil de matar do que uma mulher jovem e forte.

Exultante, ele apontou o dedo para ela.

— Porque observei você, Maria, quando Fergus e Fiona chegaram naquela manhã e disseram que iam casar. Você ficou abalada de um jeito que nunca vi antes. Pela primeira vez, você não tinha certeza absoluta de que Fergus ia escolhê-la quando eu morresse. Se naquele

momento eu tivesse caído duro aos seus pés, você não poderia ter certeza de que ele ia deixar Fiona pelo que você podia oferecer. Naquela manhã, viu um Fergus diferente, não foi, Maria? Um homem livre e feliz. Ficou assustada. Teve de se apressar. E aí tinha de ser Fiona, e não seu marido.

— Você continua fazendo confusão. Fergus e eu brigamos durante anos. Se eu o desejava, como você diz, por que não matei você há mais tempo?

— E há quanto tempo se usa brigar para esconder o desejo? Você brigava com Fergus porque ele ia a Santa Marta, porque a deixava de lado. Você sabe esperar pelo que quer, isso eu garanto. Era só dar a seu marido rum e haxixe suficientes, e sua energia ia acabar cedendo. E medo. As pessoas não se jogam nas mãos de uma feiticeira como Juanita sem uma boa razão. Até você estava com medo daquilo. Você poderia esperar, mas só enquanto Fergus continuasse se metendo com as mulheres de Santa Marta. Nem ligou para a ideia de chamar Mary Maxwell para ser governanta de Duncan. Você conhecia Fergus. Ele gosta, perdoe-me, Fiona, de coisa mais forte do que parecia ser a descrição de Mary Maxwell, mesmo que ela fosse doce e bonita como um bombom. Se Mary Maxwell viesse para cá, haveria toda a possibilidade de Fergus se limitar a olhá-la como uma colegial, o que é pouco mais do que ela é. Mas foi Fiona quem veio, e com ela vieram seus problemas, Maria.

Ela tornou a dar de ombros, como se estivesse ficando cansada de toda aquela discussão enfadonha.

— Conjeturas, Andrew, tudo conjeturas. Não tem nenhuma prova, nada de real com que você possa me acusar. Nenhum tribunal vai aceitar a prova de uma escrava ou de um ritual de assassinato. Nem mesmo aquela boneca de pano existe mais. Foi você quem se encarregou

de dar fim nela!

Ele tomou um longo gole de seu rum, meditando.

— Quem falou em acusação? Sei muito bem que nenhum tribunal levaria em conta qualquer coisa que eu dissesse contra você, e também não tenho razão nenhuma para dar a essa ilha um escândalo que ultrapassaria todos os motivos de mexericos desde que lhes forneci o último grande assunto. Não, isso não vai sair desta sala. Mas existe uma lei entre marido e mulher, uma justiça natural que não tem nada a ver com tribunais e julgamentos. É aqui que sou o juiz. Ainda estou vivo. Ainda tenho forças para aplicar qualquer castigo que julgue adequado.

— O que é? — o tom de Maria estava mais fraco. — O quê?

— Ainda estou vivo, Maria. Ainda posso dispor de meus bens. Ainda posso ordenar o que vai acontecer depois que eu morrer.

— E o que vai acontecer?

— Fergus vai ficar com Landfall, como seria o certo desde o começo. Vou deserdá-la. Só vou deixar uma pensão, para você não ter de ir reclamar nos tribunais. Você não vai ousar protestar, porque nesta sala há muitas testemunhas ouvindo o que estou dizendo.

— Quer dizer que, para se vingar de mim por algum crime imaginável, você vai desertar seu próprio filho?

— Duncan? E ele é meu filho, Maria? Ou é de Fergus?

A risada estrondosa e bêbada pairou no ar, uma risada de mágoa e solidão, a terrível risada de triunfo depois de passar anos no sofá vermelho, ficando velho e sem forças.

Nenhum dos dois filhos vai ser deserdado. Fergus vai

herdar Landfall junto com Duncan, e vai ser seu tutor até que ele fique maior de idade. Vou determinar que, quando isso acontecer, meu filho Fergus deverá fazer uma justa distribuição de tudo o que a união das propriedades de Landfall e Winterslo puder produzir. E se ele é filho de Fergus, e não seu meio-irmão, ou seja lá o que for, acho que posso muito bem deixar que se faça uma justiça natural. Há um jeito de fazer isso.

— E eu?

— Você, minha viúva, vai, é claro, ser autorizada a continuar em sua casa. Se bem que Landfall vai ter uma nova patroa. Será que você vai gostar de viver sob a direção de Fiona, Maria? Imagino que não, minha querida. Acho que você vai voltar para San Francisco e ficará apodrecendo lá, como essas duas infelizes das suas irmãs. Oito anos mais velha do que quando saiu de lá, com as rugas começando a marcar seu rosto perfeito, e com uma reputação de mulher dura, adquirida em toda a extensão de San Cristóbal. Que homem vai querer ir até San Francisco para cortejar uma viúva sem herança? Não uma mulher como você, Maria, uma mulher que vem de uma família como a sua.

Nesse momento, Katarina ou Joanna, quem poderia dizer? — soltou um grito estridente, quase mais atormentado que o vento.

— Não! — disse. — Não, não pode ser! Não pode ser assim! Não trabalhamos todos esses anos para...

— Katarina, cale a boca! Estou mandando!

— Mandando! — Katarina fulminou a irmã. — Está mandando. Como ousa e logo agora!

Suas palavras ficaram presas na garganta; parecia que ia sufocar com elas. Sua mão foi até a boca, como que para abafar um novo som de medo. Todos nos viramos a fim

de olhar para a porta do *hall* que ela fitava. Ergui-me um pouco nos travesseiros para ver.

Estava parado, com água ainda pingando de seus trapos. Ao acostumar-me com aquela visão, pude ver mais, os filetes claros de sangue ficando cada vez mais vermelhos e manchando a camisa ensopada, o sangue que escorria da densa carapinha e um corte que o fazia fechar o olho, dando-lhe uma aparência estranhamente insana.

— Cheguei, patrão.

Devia ter entrado pela veneziana que ainda estava com o gancho. Como Andrew, Samuel devia conhecer os preparativos de Landfall contra os furacões. Voltou para casa e soube como entrar.

Andrew resmungou, mas foi Maria quem ficou de pé com um salto.

— Então você voltou! Afinal de contas, não tinha jeito de escapar, como eu sempre disse a vocês. A tempestade lhe deu uma surra, e aí você voltou rastejando como um cachorro. Bem, você foi castigado, e vai ser muito mais.

Os lábios grossos de Samuel contorceram-se num sorriso longo e doloroso. Ele se equilibrava ligeiramente nas solas dos pés ensanguentados, indiferente e desafiador.

— Vou ser mais que castigado, patroa. Vou morrer. Eu sei o que acontece com os escravos que desobedecem. Mas eu trouxe Charity e meu filho e eu peço ao patrão, enquanto ele ainda é o patrão, para poupar eles.

— Charity...? — Maria deu alguns passos na direção de Samuel. — Você não tem nada a ver com Charity. Eu trato disso. Você fez coisa errada, mas vai ser poupado. Agora desça, vá ficar com o resto.

Porém, ele continuou lá, balançando-se para a frente e para trás, desafiador.

— Não adianta, patroa. Não tem mais negócio porque a senhora não cumpre. A senhora me prometeu que um dia eu ia ficar livre, era só fazer o que a senhora dizia, mas quando mandou Charity embora eu vi que a senhora nunca ia manter a promessa. Muitos da minha gente, que vêm com os navios de escravos, pula para os tubarões que é para não ser preso nas correntes. Acho que era melhor se o meu pai tivesse feito isso. Mas eu estou aqui, e desobedeci a senhora. Sei qual é o castigo. Sei o que sei sobre a patroa. Eu só vim pedir para o patrão poupar Charity e o meu filho, porque estão dizendo que a liberdade vai chegar logo aqui nessas ilhas, e eu quero que eles fiquem aqui para ficarem livre.

— Do que é que você está falando? — perguntou Andrew. — Não faz sentido. Se essa lei idiota passasse, Charity teria sua liberdade, como qualquer um, mas isso não vai acontecer!

Fergus havia se afastado de mim e estava ao lado de Samuel, sacudindo aquele ombro largo; vi que suas mãos ficaram vermelhas.

— O que é que você quer dizer com isso, Samuel? Onde foi que você achou Charity e seu filho?

A sólida cabeça negra voltou-se para Fergus, e até ele pareceu menor.

— O senhor não sabe, patrão Fergus? Eu sempre achei... mas eu nunca vi o senhor naquelas noites quando os navios chegavam. Eu sempre quis saber quanta ajuda essa mulher tinha; se o senhor ajudava ela. Os homem que vêm, esses eu não conheço. Acho que talvez o senhor...

Ele olhou para Andrew.

— O patrão não sabe? Não sabe o que essa mulher anda fazendo? Deixa ela andar de noite pela ilha, vestida que nem um homem, e não sabe. Mas eu digo para mim

mesmo que, mesmo que o patrão soubesse de San Francisco, ele não sabe que Charity e meu filho foram mandados para lá. Ele nunca ia deixar eles irem assim. Então eu trouxe eles de volta, e estou pedindo para o patrão proteger eles. É só deixar eles ficar em Landfall, patrão. A gente sobreviveu o vento forte, Charity, ele e eu. É um sinal de vida para eles.

Andrew agitou a mão.

— Deixe isso para lá. Onde foi que você achou Charity?

— Em San Francisco, onde eu achava que eles estavam.

— San Francisco? Por quê?

— O patrão não sabe? — Os lábios de Samuel contorceram-se num sorriso zombeteiro, inteligente. — Acho que estou contando coisa velha para o patrão. Ele já deve saber dessas coisas todas.

— Eu lhe digo quando for para parar de responder minhas perguntas, droga!

Samuel deu de ombros.

— Eu fui para San Francisco porque é lá que a patroa ajunta os escravos de outras ilhas e dos navios que chegam da África. Ela vende eles para os Estados Unidos. Os navios vão chegando. Têm uns pequenos que vêm de outras ilhas. Essa não é a única parada para os navios da África. Tem muito navio para um lugar como esse. Ela ajunta os escravos e manda eles esperar os navios que vêm dos Estados Unidos. Dizem que lá nem se fala em libertar os escravos. Eles ainda pagam bem pelos escravos. Eu sei que é contra a lei o inglês trazer escravo da África, mas eles continuam vindo, patrão. Quando o navio chega na baía, não dá para nenhum outro navio ver ele. Fica escondido de

Serpent Rock e ninguém vê quem vem e quem vai. Às vezes os navios param de noite aqui, deixa escravos e no dia seguinte vai para Santa Marta com a carga comum. Ninguém faz pergunta. Mas eu estou falando coisa velha, patrão, o senhor já sabe disso.

— Continue! — Não era nem a voz de Fergus nem a de Andrew, e sim a de Alister.

Dirigiu-se para Samuel, mancando, e agora os dois brancos estavam frente a frente com o escravo. Curiosamente, Samuel ainda parecia dominar.

— O senhor quer saber, patrão? Bem, todo o mundo diz que o senhor é o dono de Landfall, mesmo se o senhor não diz isso.

— Não interessa. Agora me conte.

— Eles chegam na baía de San Francisco e depois vão embora. Mas nos intervalos, os escravos ficam trancafiados nas masmorras velhas de San Francisco; aquelas mais longe da casa grande. Tem muito tempo que eu sei disso, patrão, porque a patroa disse que, se eu ajudasse a ela, um dia ela me dava a liberdade. Aí eu fiz isso. O que que custava? Era só mais uns negros iguais a mim. Indo para outros patrões. Quando eles chegam deste lado do oceano, eles nunca mais voltam, então que diferença faz se eles ficam aqui ou vão para qualquer outro lugar? Eles vão para os Estados Unidos. Lá pode ser diferente. Talvez as coisas são melhores lá. Eu não sei. Só faço o que a patroa me manda, porque ela me trata bem, e porque Charity e meu filho também recebem favor. O senhor ia fazer a mesma coisa, patrão. Mas agora, com essa conversa de liberdade, eu não quero que eles vão para os Estados Unidos.

— Está bem, está bem!

Alister já havia escutado o suficiente; deu as costas àquela figura ensanguentada e ficou andando pela sala, as

mãos nas costas, em sua atitude característica. Tornei a olhar para Samuel e comecei a imaginar como ele, a mulher e o filho haviam conseguido sobreviver sem abrigo durante dois dias. Mesmo agora, com o vento e a chuva ainda fortes, eles haviam voltado para o único refúgio que conheciam, para Landfall. Provavelmente, Samuel devia ter carregado o filho e ajudado Charity, e ainda teve de lutar para chegar à casa, com o intuito de oferecer-se como vítima, mas para encontrar uma trégua e, talvez, se as previsões estivessem certas, a liberdade para as duas pessoas que amava. E nós ainda chamávamos essa gente de selvagem.

— Você vai ser castigado — disse Maria, em voz baixa. — E só para ter consciência do que fez, Charity e seu filho vão sofrer junto com você.

Andrew virou-se para ela.

— Quieta! Fique quieta! Já esqueceu o que aconteceu hoje? Já esqueceu qual vai ser sua futura situação?

Samuel, porém, não sabia o que havia acontecido; ainda se dirigia a Maria.

— É melhor eles sofrerem do que morrerem afogado, patroa.

— O quê?

Alister virou-se.

Samuel olhou para todos, Andrew, Maria e Alister, confuso. Por fim, falou com Alister.

— Patrão, eu fui para San Francisco com o senhor porque não estava acreditando no que a patroa falou sobre a venda de Charity para o outro lado da ilha. Aconteceu rápido demais. Ela decidiu muito depressa. Nenhum escravo de casa nunca foi vendido de Landfall. Acho que ela queria Charity longe da patroa Fiona, aí mandou ela,

junto com os outros escravos, para o próximo navio que vem dos Estados Unidos. Eu sei o lugar onde os escravos ficam trancafiados até o navio chegar. É na masmorra de um lugar muito velho que nem tem mais telhado. Só tem o chão e os quartos velhos para eles ficarem. Mas o chão é de pedra, patrão. E o lugar fica bem do lado do desfiladeiro de onde a água vem descendo de Kronberg. Com o furacão, aquilo lá vira um rio grande. Ele sobe e sobe, eu sei. Tudo o que está lá dentro vai ser afogado. Eles iam morrer afogados, presos nas correntes, patrão.

— O que foi que você fez, Samuel, quando me deixou?

— O senhor lembra, patrão, que eu peguei o machado grande do engenho de açúcar quando fui com o senhor? Eu disse que era para o caso de qualquer árvore cair no nosso caminho. Bem, quando eu vi que a velha não vinha com o senhor, achei que o senhor podia andar se caísse alguma árvore no caminho de volta. Aí eu larguei o senhor e fui para o lugar onde estavam os escravos. Dei um monte de machadada. Era o único pedaço bom de madeira que sobrou em San Francisco, porque a patroa mesmo se encarregou de mandar deixar ele novo e forte. E o tempo todo a água estava subindo. Ela já estava na altura do meu pé quando eu golpeei a porta. Aí acabei conseguindo, e os escravos saíram. Mas eles estavam acorrentados, patrão. Não podiam andar acorrentados no furacão. Um cai, todos caem. Com corrente não tem chance. Aí eu tive de golpear as correntes e o machado quebrou. Depois eu tive de ir procurar no meio das coisas velhas de San Francisco. Achei o martelo grande da casa do ferreiro. Machuquei muito escravo para conseguir quebrar as correntes. Eles estavam tão juntos. Mas no fim deu para soltar todos eles. Eu disse que não podia fazer mais nada. Eles tinham de procurar abrigo sozinhos. Para mim, Charity e meu filho, achei um lugar nos estábulos que não era muito ruim, se o telhado não caísse. A água entrou a noite toda, mas as paredes

continuaram de pé, e o telhado também não caiu lá no lugar onde a gente estava. Quando o vento passou um pouco, eu decidi trazer Charity e meu filho aqui para Landfall. Quanto a mim, eu sei que vou morrer. Mas eles não fizeram nada de errado. Eles iam se afogar, patrão. Acho que talvez o patrão Fergus — mas ele olhou com mais esperança na direção de Alister — podia dar para a patroa o dinheiro que ela ia pedir por eles. Aí eles podem ficar. É isso que eu vim dizer.

Atrás dele apareceram Charity e o menino. Lembro que já o havia visto em volta da casa; estava sendo treinado para as tarefas internas. Os dois estavam tão feridos quanto Samuel, por causa dos cortes feitos pelas árvores da floresta e das quedas. Pareciam exaustos e vencidos, como se o abrigo dos estábulos tivesse sido mínimo; também deviam estar famintos, pensei. Ficaram ali, descalços; em volta de seus tornozelos havia uma algema, com um pedaço de corrente pendendo. Havia cortes profundos na pele em volta da algema, e o menino equilibrava-se em um pé só, como se não conseguisse pôr o outro no chão.

— Voltei, patrão — disse Charity a Andrew. — A gente sobreviveu na tempestade, e o senhor não pode mandar a gente embora de novo!

Era mais uma afirmação do que uma súplica, como se sua fuga e retorno a Landfall fosse um milagre que ninguém pudesse negar.

Andrew, porém, resmungou, sem responder diretamente.

— Desçam e comam alguma coisa. E limpem esses ferimentos. Cuide do menino, Charity. Parece que ele tem alguma coisa no tornozelo.

Seu braço estava em volta do filho, como que para protegê-lo, mas ela me lançou um olhar,

— A patroa Fiona precisa de mim? Está doente?

— Ela já está melhor — disse Fergus. — Agora faça o que meu pai disse. Tem comida para todos. Comam e descansem. Vamos precisar de todos vocês quando pudermos sair daqui.

Os três fizeram menção de sair, mas a voz de Maria os fez parar.

— Um momento! San Francisco? Dona Isabella?

Samuel voltou-se, relutante, como se desejasse que ela não tivesse feito a pergunta.

— Não sei, patroa. O telhado da casa grande caiu. A chuva entrou lá dentro. Tem umas venezianas abertas, penduradas. Aquela casa velha aguentou muito vento, mas esse foi o último.

— E Dona Isabella?

— Não sei, patroa. Antes de sair, eu fui lá. Tinha uns pedaços do telhado dentro da casa. O resto voou com o vento. O vento ainda estava forte, ela devia estar no depósito e não me ouviu. Dizem que tem uns lugares secretos em San Francisco. Ela pode ter ido para um deles... eu não vi ela.

— Mentiroso! Nem procurou! Dona Isabella não é do tipo que se esconde em depósitos. Ela teria ficado onde você a deixou.

— O vento entrou pela casa adentro, patroa. Ficou tudo despedaçado. Alagado de chuva. Como que eu posso dizer onde ela está?

Com um aceno, Maria o dispensou, e os três foram mancando para a escuridão do *hall*. Joanna soltou um gemido baixo, não de tristeza, mas de medo.

— Os escravos estão soltos! Eles devem tê-la

encontrado. Ela morreu, e Samuel não teve coragem de dizer. O lugar está em pedaços, o telhado caiu — sua voz tornou-se um lamento. — Ela morreu! Todos nós vamos morrer, com esses selvagens à solta por aí. San Francisco acabou. É o fim; o fim!

— Cale a boca! — Ordenou Maria. — Você me enoja com essas lamúrias sem fim. Fica aí, tremendo pela sua pele miserável, quando devia estar sentindo a morte de sua mãe. Os escravos devem ter invadido a casa. Devem tê-la matado e saqueado a casa, em busca de rum e de qualquer outra coisa.

— E isso por sua culpa, minha querida. Então quer dizer que o que ocupava seu tempo livre e seus pensamentos era o tráfico ilegal de escravos, não é? Era isso que fazia você sair de casa quando pensava que eu estava dormindo. Eu via você sair e pensava, que Deus e Fergus me perdoem, que estava fugindo para se encontrar com ele. Bem, você fez tudo sozinha e acabou causando isso, e talvez a morte de sua mãe. Quais são as penalidades para a importação e exportação ilegais de escravos, Alister? Você entende dessas coisas...

Alister fez um gesto de profunda repugnância.

— Por que não perguntou isso antes de deixar sua mulher prosseguir com essas atividades?

— Meu querido primo, eu não sabia de nada. O que é que eu tenho a ver com San Francisco? Minha mulher vem e vai como quer, e ninguém pode lhe dizer não.

— E mesmo assim, você acabou de confessar que sabia que ela ia a algum lugar e que pensava que era para os braços de seu filho. Que coisa mais baixa! E mesmo pensando isso de Fergus, você foi capaz de empurrar Fiona para ele? Ou Mary Maxwell, ou quem quer que viesse para Landfall?

— Isso mesmo, viesse quem viesse. Fiz minha mulher escrever chamando Mary porque seu pai, Jeremy, indicou o nome dela numa carta. Eu tinha poucas esperanças sobre o tipo de moça que ele descreveu, mas, quando vi Fiona, soube imediatamente que ela seria meu instrumento de vingança contra essa desgraçada calculista com quem me casei. É, eu joguei Fiona para cima de Fergus, só para ver minha mulher ardendo num tormento de ciúme e fúria. Foi a última piada do velho.

— Que coisa mais suja! Não acredito nisso — disse Alister — Eu simplesmente não acredito que Andrew Maxwell, o Andrew Maxwell que você foi um dia, não sabia o que sua mulher andava fazendo. Ou que não fez nada para interferir, se acreditasse que sua mulher e seu filho eram amantes. Nem mesmo você podia ligar tão pouco assim! Se os detalhes disto tudo vierem à tona e com os escravos à solta pela ilha, as pessoas vão acabar sabendo. Você vai chegar ao tribunal e dizer que não sabia das atividades de sua mulher? Que tribunal vai acreditar nisso, ainda mais em se tratando de Andrew Maxwell? Que tribunal vai acreditar que ele não conseguia controlar a própria mulher? Eles vão rir. Eu podia rir agora, só que você me enoja! Todo esse negócio sujo me deixa enojado. Sabendo ou não dos detalhes, você sabia que ela estava fazendo alguma coisa mais importante do que se encontrar às escondidas com o amante. Como é que pode? Você recebia os lucros e nunca perguntava de onde eles vinham? Nunca perguntou de onde vinha o dinheiro extra, o dinheiro que nunca era registrado nos livros de contas? Não sou o único a não acreditar em você, Andrew Maxwell.

Andrew pegou o jarro de rum. Ao servir-se, o jarro bateu contra o copo, e a bebida foi derramada à sua volta, no sofá e em sua camisa. Aquilo fez-me notar que o vento estava diminuindo progressivamente e que meus sentidos estavam ficando aguçados. Esforcei-me para colocar outro

travesseiro embaixo de mim, de modo a levantar a cabeça, mas a mão de Fergus foi mais rápida. Encarei-o naqueles momentos de silêncio. Em seu rosto, vi uma expressão que desconhecia; ternura, desespero, mágoa, uma espécie de súplica para que eu entendesse e perdoasse o mundo que estava sendo revelado aos meus olhos. Foi então que soube a verdade, uma verdade em que havia me forçado a acreditar e em que, no entanto, não acreditava totalmente até ali. Ele só havia possuído Maria uma vez, e já fazia muito tempo. Eu estava preparada para sua meia-verdade porque estava louca de paixão, uma paixão tão grande quanto devia ter sido a de Maria. Seu olhar, porém, foi um presente que me disse toda a verdade. Podia descansar, agora não haveria mais dúvidas. Sua mão acariciou-me o rosto com delicadeza.

— Lucros — Andrew ergueu o copo. — Lucros, é isso o que você está dizendo? Eu não sabia de lucro nenhum! Não tente empurrar isto para cima de mim. Os Maxwell não receberam seu pagamento? E um lucro adequado ao que investiram! Do momento em que a dívida foi saldada, tudo o que acontecia em Landfall passou a dizer respeito a mim, e só a mim.

Ele pousou o copo sobre a mesa.

— Não, não foi isso o que aconteceu. A dívida foi paga, e eu casei com Maria. Depois disso, o dinheiro que circulava em Landfall deixou de ser da minha conta. Não me incomodei em mudar a situação. Era ela quem administrava tudo, e eu deixava. Quanto ao fato de não me importar... você tem toda a razão, meu primo. Não dou a mínima para o que ela faz, praticamente desde o dia de nosso casamento. Desde que vi que o ar de inocência tinha sumido e soube a espécie de mulher a quem dei meu nome, desde que vi o pouco que restava de minha honra. É, você tem razão. Eu não dou a mínima!

Havia uma determinação terrível naquilo tudo. Era verdade; ele simplesmente não se importava com nada. Ninguém conseguiria atingir aquele homem, protegido pelo rum e pela fumaça do haxixe. Ninguém conseguiria imaginá-lo sendo forçado a responder por qualquer coisa, deitado naquele sofá vermelho.

— Você tem consciência — disse Alister — de que, quando a ilha ficar sabendo que os escravos soltos estavam presos em San Francisco, esperando um navio, vai ser você quem vai arcar com a responsabilidade? Afinal de contas, você é o marido de Maria.

Andrew agitou a mão com desprezo.

— Eles que tentem! Vamos ver até onde eles vão! Primeiro, vamos ver quantos mais estavam envolvidos e quem vai fazer a primeira acusação. Se minha mulher andou mandando escravos para fora da ilha, tinha muitos outros envolvidos além dela. Se procurassem bem, tenho certeza de que iam encontrar alguns nomes muito influentes metidos nesse negócio. Uma pessoa só, uma mulher, não podia organizar e financiar um plano desses. Ah, não duvido nada que ela tenha pensado em tudo isso e a utilização de San Francisco foi perfeita. Ela deve ter gasto o dinheiro de Landfall para dar sua parte. Mas eu apostaria tudo o que tenho como não vai ter inquérito nenhum. Essas coisas são sempre abafadas. Todo o mundo sabe, mas ninguém diz nada. Se acontecesse alguma coisa, não ia aparecer ninguém para proteger Maria, mas também duvido que apareça alguém para acusá-la. Autoproteção, meu caro primo. Todos nós cometemos erros.

Alister voltou-se para Maria.

— Suponho que haja outros envolvidos...? E os capitães americanos vinham de bom grado, sabendo que os escravos que levavam daqui tinham sobrevivido à travessia

do Atlântico; sabiam que eles descansavam e eram alimentados antes de serem embarcados, ou então que eram escravos de outras ilhas, fortes, saudáveis, acostumados ao tipo de trabalho que se espera deles. Afinal de contas, era você quem corria o risco dos que morriam no caminho. Os americanos só pagavam os sobreviventes. Dão uma gratificação por eles e se livram das despesas de toda a viagem para a Costa do Ouro e da volta, assim como dos riscos que a acompanham. Um bom negócio para você, Maria, lucrativo e bem organizado. Você não conseguiria fazer tudo sozinha.

Ela deu de ombros.

— Não vou admitir nada. Faça o que quiser.

— E também não admite que sabia do vodu. Mas será que pode negar as algemas no tornozelo de Charity? Ora vamos, não tente me fazer de bobo! Era lucrativo, e você escondeu o dinheiro em algum lugar. Tirou o que podia ser roubado de Landfall e empregou nessa aventura, não foi? Onde estão os lucros, Maria? Enterrados debaixo da areia em alguma baía? Ou num daqueles lugares secretos que só Dona Isabella conhece em San Francisco?

— Lucros? Você está louco! — O tom de Maria era furioso.

— Acha mesmo que essa fazenda miserável funciona sozinha? O que você acha que aconteceu com o preço do açúcar nestes últimos anos, desde que acabaram com o monopólio britânico? Trouxe tudo de volta para Landfall e você, Alister Maxwell, tão piedoso e cheio de boas intenções em relação ao bando de escravos, recebeu sua parte...

— Minha parte! Eu nunca recebi...

— Recebeu, sim! O que é que você pensa que pagou o retorno do capital que os Maxwell investiram aqui? Só

porque parecia dinheiro limpo num banco de Londres, isso não quer dizer que não foi tirado deste solo. Eu paguei a vocês. Foi graças a mim e a meus esforços que vocês receberam, e mesmo assim você chega aqui e fica discursando sobre essa história de emancipação dos escravos que aumentaram suas contas bancárias com açúcar? Você não é menos culpado do que nenhum de nós. Não tem ouro nenhum enterrado nessas baías. Não tem nada, a não ser o que está vendo à sua volta. Só tem Landfall e seus bens, inclusive os escravos e, no momento, uma colheita arruinada lá fora. É tudo o que existe.

Alister sacudiu a cabeça.

— Se isso é tudo o que existe, então você administrou a fazenda tão mal quanto está nos livros — ele olhou para Andrew.

— Aqui não tem nenhum ativo e, apesar de todas as investigações que fiz, na qualidade de acionista de Landfall, não achei nada em nenhum banco de Santa Marta. A propriedade está vivendo ao deus-dará, e não consigo descobrir capital em lugar nenhum. Ou sua mulher é uma péssima administradora ou então é uma ladra espertíssima.

Andrew limitou-se a rir.

— Bem, isto é problema seu, Alister. Seu e de Fergus. Não vou estar aqui para me preocupar com isso. Já disse que não dou a mínima. Ao que parece, trabalhei a vida toda para nada. Agora que devia estar recebendo a recompensa, só estou sentindo um gosto amargo. Não tem nada para compensar a luta. Mas não vou me levantar para me defender em tribunal nenhum, e nem tentar deslindar essa confusão, porque não vou durar nem seis meses, e todos nós sabemos disso. Vou deixar vocês lutando sozinhos. Depois dessa tempestade, não vão ter colheita tão cedo, pelo menos nos próximos dezoito meses. Se, como você diz,

não tem nada aqui, Landfall vai acabar. Não vai ter nada... nada. Mas eu não vou estar aqui para ver, e nem estou ligando.

— Mas eu estou — o tom de histeria na voz de Katarina era sinistro. — Estou ligando, sim. Minha irmã, o que é que você fez com o dinheiro? Desde que veio para Landfall, você prometeu que um dia haveria conforto e fartura. Você está trazendo tudo para Landfall. Os lucros que vêm dos escravos, tudo. E quando o velho morresse, nós viríamos morar aqui. Onde está o dinheiro? Para que foi que nós trabalhamos, Joanna e eu? Trabalhamos para você, mantivemos viva a infeliz da nossa mãe, alimentamos seus escravos fedorentos naquelas masmorras e, todas as noites, tremíamos de medo por nossas vidas, pensando que eles podiam fugir e nos matar em nossas camas! E para quê? Para nada! Alister diz que não tem nada!

— Eu mantive vocês vivas, não foi? — Respondeu Maria. — Vocês comiam, tinham roupas. Ficaram com o pouco que restava de San Francisco. Eu não podia fazer mais nada. Alister está certo. Não tem mais nada.

— Mas isso, Landfall, isso seria tudo! E agora seu marido deserdou você. Por quê? Porque ainda está louca pelo filho do homem com quem se casou. E Fergus, agora, ama outra mulher, e você tentou matá-la. Pois bem, você não foi mais esperta nem mais inteligente do que nós.

Seu rosto brilhava de suor ou lágrimas de frustração.

— Você! Foi por você que as últimas coisas boas de San Francisco foram vendidas, que mais acres foram hipotecados e perdidos. Tudo para que você pudesse passar dois anos em Madri e agarrar um marido rico. Bem, você não foi bastante esperta para fazer isso, mas nos fez acreditar que tinha conseguido uma coisa quase igual. Agora, a Maria esperta e linda, a favorita de nossa mãe,

não está melhor do que nós. E nem mesmo San Francisco está de pé. Está sem telhado, aberta para o céu. Você vai ficar aqui, aceitando a caridade da mulher de Fergus, ou vai voltar para morar conosco? Será, minha irmã, que vamos passar juntas o resto de nossas vidas, amontoadas como animais em nossos próprios estábulos? É esse o futuro que nos prometeu?

Maria deu de ombros, como se estivesse cansada daquilo tudo.

— Você fala demais; tem medo demais. O futuro vai ser o que tiver de ser. Não tem dinheiro nenhum; ou eu fui uma péssima administradora, como diz Alister, ou então essa fazenda gasta mais do que se pensa. Pensem o que quiserem. As colheitas estão arruinadas e os cofres estão vazios. Fergus vai ficar com qualquer coisa que sobrar. Agora, se quiserem, podem chorar por isso, mas me deixem em paz.

— Paz, é? — Foi o grito de afronta de Fergus. — Paz, é o que ela diz! Por acaso você deu paz a alguém nesses últimos oito anos? Trouxe alguma coisa para esta casa, além de vergonha e podridão? Quando você chegou, ela estava prosperando, mesmo sem conhecer a felicidade. Agora você a deixa arruinada...

Fiz um gesto para interrompê-los, para tentar ganhar forças a fim de dizer o que precisava, mas ninguém percebeu. A mão de Fergus ainda estava sobre mim, mas ele olhava para Maria, como todos. Ela estava sentada numa imobilidade real, com uma força indescritível, que não podia ser vencida nem com palavras, nem com ameaças, nem com nenhum remorso em seu coração. Sabíamos, só de olhar para ela, que Maria aceitaria tanto a sorte quanto a miséria, e até mesmo a morte, exatamente do mesmo modo. Naquela figura esbelta e bonita vi, pela primeira vez, a paciência e a determinação estoicas de

Dona Isabella. Maria também era capaz de enfrentar um furacão sozinha.

* * *

— Vou embora — disse. — Não vou incomodar ninguém. Ninguém vai ser levado ao tribunal. Não vai ser escândalo nenhum. Podem dizer que fui para a Espanha... Deixo Duncan com você, Andrew, ou com você, Fergus. De qualquer jeito, ele vai ficar com o pai.

— E nós? — Gritou Katarina. — O que vai ser de nós?

— Vocês? Você e Joanna que se arranjem, como podiam ter feito todos esses anos, se eu não tivesse dado a vocês o que sobrava de Landfall. Aprendam a trabalhar como eu vou ter de aprender. Mas em San Francisco não dá. Nunca mais vou voltar a San Francisco, a não ser para enterrar minha mãe.

— Muito emocionante, Maria — disse Alister. — Mas não acredito em você. O que vai fazer? Como vai viver?

Um fogo súbito abalou sua frieza.

— Por que é que você deveria se preocupar com isso? Não sou velha e ainda sou desejável. As mulheres podem encontrar uma saída, se for preciso. Mas não vou fazer isso em San Cristóbal. Respeito o nome e a memória de minha mãe. Você mesmo, Alister, pode me acompanhar até o primeiro navio que sair de Santa Marta. Não importa qual seja seu destino. Não vou desenterrar nenhum cofre cheio de ouro para levar comigo. E vocês podem passar o resto de suas vidas mandando espiões procurarem o dinheiro nos bancos, que não vão achar nada. Porque não tem nada. Vocês vão ver só. Só peço dinheiro suficiente para ir embora. Depois... — ela deu de ombros e fez uma pausa. — E então, meu marido, o que acha dessa alternativa para o

destino que preparou para mim: viver aqui sob a direção de uma governanta escocesa ou desenterrar uma vida em San Francisco, como minhas irmãs inertes e estúpidas? Ah, isso não é para mim! Ainda vou usar seda e um dia, quem sabe, vou finalmente usar diamantes...

Foi então que minha mão conseguiu agarrar a manga de Fergus.

— Diamantes...

Ele se inclinou mais.

— Diamantes — repeti, tentando fazer-me ouvir por todos. — E os diamantes?

Àquela altura, a magia da palavra já havia conquistado a todos; estavam olhando, esforçando-se para ouvir.

— Não é nada, Fiona. É só Maria que está sonhando. Ninguém precisa ter pena dela, você não sabe disso? Ela não tem pena de ninguém e também não pode aceitar isso. Essa conversa de diamantes não passa de sonho.

— Não é sonho nenhum! Agora eu sei.

Minha raiva fez-me ficar mais forte. Ela ia embora; ia deixar o filho, um marido à beira da morte, uma casa, uma plantação arruinada e as irmãs gemendo de medo e ódio diante da ideia de terem de se arranjar sozinhas.

— Eu vi, eram diamantes. Joias... muitas joias!

— Joias? Onde? — Perguntou Katarina.

Era a primeira vez que ela falava diretamente comigo desde que chegou a Landfall. Depois, olhou para Maria.

— Joias! — Sua voz estava mais alta, excitada.

Esforcei-me para erguer-me mais, e Fergus jogou outro travesseiro atrás de mim. Eu já estava bem mais

forte; a dor e a fraqueza já haviam quase abandonado meus ossos. Estava suando novamente, mas era o suor costumeiro dos trópicos, e não o da febre,

— Uma vez eu pensei ter visto... — minha explosão de coragem e confiança estava sumindo rapidamente. — Uma vez, quando entrei no salão, pensei ter visto Maria — sacudi a cabeça. — Ah, não. Não tem importância. Não podia ser, porque, quando ela virou...

Encostei-me nos travesseiros. Não conseguia falar. Não podia revelar a todos, para que zombassem, temessem e fizessem perguntas, aquela segunda parte de minha vida que eu tentava esconder de todos. Não podia falar da visão que acreditava ser algum retorno do passado, revelando-se como se fosse uma fantasia.

— Não é nada — disse fracamente. — Foi só que eu pensei ter visto alguma coisa, mas estava enganada. Porque, quando ela virou, não estava usando joia nenhuma.

— Continue — incentivou Alister.

Virei a cabeça com teimosia.

— Já disse tudo o que vi. Foi um engano, um efeito dos prismas do lustre refletidos no espelho. Não foi nada. Estou dizendo que não foi nada!

Andrew falou, numa voz fraca e cansada:

— Prestem atenção... prestem atenção ao que ela diz! Ela vê coisas e sente. Alguns escoceses têm essa capacidade. Alguns veem o que não está presente, o que está escondido... — sua voz foi sumindo, como se o esforço tivesse sido demais.

— Joias?

Alister havia se agarrado à ideia, mas senti a mão de Fergus apertar mais a minha, e vi que estava se lembrando

do dia em que parei o cavalo no lugar onde seu avô havia morrido. Era justamente o que eu não queria fazer: intrigar, assustar, espantar. Não queria isolar-me. Teria sido melhor deixá-la ir com tudo o que pudesse agarrar do que passar o resto de minha vida sabendo que eles conheciam meu segredo. Dali em diante, nunca mais viveria como uma pessoa normal, uma mulher comum, aos olhos dos que estavam naquela sala.

— Joias! — Concordou Alister, como se alguma coisa estivesse ficando clara.

Ele olhou para Maria.

— É claro que você estava louca para partir no primeiro navio, e sem os cofres de ouro. O ouro já foi transformado em algo muito mais fácil de transportar, mais fácil de esconder, e sem bancos enfadonhos para contar seu segredo. Você foi muito esperta, Maria. Mesmo que eu mandasse alguém seguir você, as joias sempre poderiam passar como presentes de algum admirador, em vez do produto do roubo de Landfall, não é?

Maria ignorou-o; estava olhando para mim, muito calma.

— Você foi um vento de mau agouro nesta casa. Tudo mudou desde que você chegou. Roubou meu filho e o homem que eu queria para marido. Você me seguiu aqui e em San Francisco. Ia acabar ficando tudo para você. É uma pena que o feitiço de Juanita não teve tempo de funcionar direito. Íamos ficar livres de você. Mas estou vendo que seu cérebro ainda está abalado pela febre. Não tem joia nenhuma, nunca teve. Você não viu nada.

Não respondi. Ela estava certa. Não vi nada, não havia nada de tangível. Talvez uma febre de ciúmes tivesse tomado conta de mim desde a primeira noite. Estava com ciúmes de Maria. Será que aquele dom havia sido

envenenado por um pensamento baixo, um desejo de vencer a mulher que eu temia e invejava? Não, não havia resposta.

Alistar, porém, não pretendia liquidar o assunto.

— Joias? Mas como é que você podia saber que seu dinheiro estava sendo bem empregado? Não foi um risco muito grande? É fácil ser enganado. É preciso ser um perito.

— Quanto a isso — disse Katarina com veemência — eu tenho a resposta. Maria realmente sabe o valor do que vê. A família tinha joias. Nem sempre nós vivemos como camponeses em San Francisco. Minha mãe entendia de joias. Ela possuía algumas quando era jovem. Nossa avó tinha muito mais. Agora está tudo perdido. Mas elas sempre examinavam o que tinha sobrado, e acabaram entendendo do assunto. Maria tinha os nomes de muitos joalheiros de Madri, quando foi para lá com as últimas peças. Ela fez negócios com todos eles e aprendeu o tempo todo. Ela teve paciência e conseguiu um preço muito melhor do que o que ofereceram a nossa mãe aqui. Naquela época, ela era sincera o bastante para nos contar tudo. Hoje, ela teria contado só a metade, e ficaria com o resto.

— Mas onde foi que ela arranjou as joias? Como se conseguem joias aqui em San Cristóbal?

Agora Alistar dirigia-se a Katarina, que mal podia esperar para revelar tudo o que sabia. Era evidente que não alimentava mais a ideia de que Maria poderia dividir alguma coisa com elas. Ela, como todos nós, sabia que Maria queria sair de San Cristóbal o mais rápido possível. Agora não havia mais esperanças para impedi-la de falar. Como Samuel, Katarina sabia que as promessas de sua irmã eram falsas, e seu sentimento espanhol de vingança havia sido despertado. Não haveria nada para ela e Joanna,

mas também não haveria nada para Maria.

Fiz mais uma tentativa, mas acho que Fergus foi o único a ouvir minhas palavras, e mesmo ele mal prestava atenção.

— Estou dizendo que não vi nada de verdade... quando ela virou, não tinha nada.

Parei com uma espécie de soluço; não adiantava. Estavam todos seguindo seus próprios caminhos de vingança, deleitando-se com a caça à mulher que, por uma outra razão, odiavam. Pareciam uma matilha enfurecida, e eu havia fornecido a pista falsa.

— Como é que se consegue joias em San Cristóbal? Como é que sempre se conseguiu joias aqui? Ah, sim, eu sei que agora o ditado é “pobre como um fazendeiro das índias”, mas não se esqueçam dos dias em que se costumava dizer “rico como um fazendeiro das índias”. Eram os dias de ouro das ilhas, e até as mulheres competiam umas com as outras em suas casas, carruagens e vestidos. As joias faziam parte disso, parte da fortuna de um homem. Os joalheiros apareciam por aqui, faziam visitas particulares às casas grandes para tentar as mulheres. O mais conhecido era da família Greene. Ingleses. Gerações deles. Avô, pai, filho. Eram honestos, pediam o valor real. Se os tempos eram ruins, má colheita, eles sempre compravam de volta. Eles vinham à ilha uma ou duas vezes por ano. Agora com menos frequência, porque o dinheiro do açúcar acabou e as propriedades já estão hipotecadas. Agora eles vão atrás dos novos ricos da América, mas ainda sobraram alguns clientes, alguns que confiam mais nas joias do que no ouro — ela deu uma risada amarga, que era um soluço. — Não se preocupem; tudo o que ela comprou tem valor. Ela entende do assunto e tem uma fonte de confiança.

Alistar perguntou:

— Onde é que elas estão, Maria? Não é no cofre. Já tiramos tudo de lá.

Ela deu de ombros.

— Já que estão sonhando com essas joias, podem brincar de procurá-las. Afinal de contas, vai ajudar a passar o tempo, não é? Estamos todos loucos para fazer alguma coisa.

Voltou-se para Andrew.

— Você conhece melhor a casa. O que sugere para começar? Aqui não tem lugares secretos como os que dizem que existem em San Francisco. Você reformou a casa e conhece tudo. Então, meu querido marido, vamos jogar... Como é que se fala? Chicotinho queimado? — Ela apontou para mim. — Ou, melhor ainda, pergunte a ela. Se ela vê o que ninguém pode ver, deve saber onde estão as joias que não existem. Pergunte a ela! Pergunte!

Eu estava calada. Todos olharam para mim, e não havia nada a dizer. Não sabiam que não era um dom a ser invocado quando eu quisesse, e eu já havia falado demais. Por fim, desesperada, explodi:

— Eu só achei que tinha visto...

— Deixe-a em paz — disse Andrew em voz baixa. — Deixe-a em paz.

Ele tomou seu rum, e o líquido agitou-se com violência no copo; precisou das duas mãos para colocar o copo na mesa. Os músculos de seu rosto pareciam ter enrijecido numa máscara de indiferença e dor. Seus lábios estavam contorcidos. As últimas palavras pareciam ter sido ditas com dificuldade.

Joanna, no entanto, não deu a mínima atenção a

Andrew. Falou, passando à frente da irmã.

A escocesa viu Maria com as joias nesta sala. Ela diz que pensou ter visto. Talvez tenha visto. Já que é assim, não precisam nem procurar em cofres ou lugares secretos nos depósitos. O tesouro de Maria, se é que ele existe, deve estar na única coisa que só ela pode abrir e ela é a única que mexe no que está lá dentro. Procurem no armário!

— O armário? — Katarina abriu a boca e seu rosto ficou mais comprido. — Mas é claro! O lugar onde sempre ficaram os tesouros de San Francisco.

— Não!

Finalmente, a compostura de Maria foi abalada. Ela deu um pulo da cadeira e foi até o armário, mas Katarina esquivou-se entre ela e Alister, quando ele se adiantou para bloquear o caminho de Maria. As portas estavam escancaradas, como no momento em que a boneca foi descoberta. Febrilmente, Katarina meteu a mão na prateleira que continha os manuscritos encadernados com velino, os preciosos manuscritos que só Maria podia limpar. Por fim, Katarina achou o que procurava.

— Aqui!

Puxou-o para fora, com as mãos trêmulas e desajeitadas, e correu para a mesa que ficava no centro do salão.

— Largue-o! — Ordenou Maria.

Ela parecia chocada e surpresa ao sentir Alister segurar seu braço com tanta firmeza; não podia libertar-se; era como se, de repente, uma formiga tivesse se levantado para bloquear seu caminho.

— Deixe sua irmã nos mostrar, Maria. Há muito tempo você prometeu que ia me deixar dar uma olhada nos manuscritos com iluminuras — seu tom era extremamente

zombeteiro, — É uma pena que tenha sido preciso um furacão para que esse dia chegasse.

Katarina estava tentando abrir o pesado fecho de bronze do volume, mas ele não cedia. Sem falar nada, foi diretamente até Maria, que continuava segura por Alister, e pegou o chaveiro que a irmã havia recolocado no bolso do vestido.

— Aqui — disse. — Essa pequenininha de bronze. Eu seria capaz de reconhecê-la em qualquer lugar. Não se esquece de uma coisa quando se cresce com ela.

— Katarina, estou avisando, você está enganada, e vai se arrepender por isso. Não vou dar mais nada...

— Arreperder? — Retrucou Katarina. —•Do que é que posso me arrepender agora? O que há a perder? Você já não disse para nos arranjarmos? Talvez agora Joanna e eu tenhamos alguma coisa a ganhar.

O fecho cedeu com facilidade; o que parecia um livro era, na verdade, uma caixa coberta de velino, com as beiradas irregulares como se fossem papel cortado a mão. De dentro dela, Katarina retirou cuidadosamente um embrulho de pano branco que, por sua vez, deu lugar a várias camadas de veludo escuro. Joanna adiantou-se para ficar ao lado da irmã, andando quase na ponta dos pés. Peça por peça, as joias foram sendo retiradas. Eu não conseguia ver tudo; a mesa estava acima de minha linha de visão. Também, não queria vê-las. Algumas estavam soltas — pedras isoladas, verdes, vermelhas — um brilho de muitas cores. Eu estava contente porque Fergus não estava lá olhando, e nem Alister. Os dedos compridos das irmãs seguraram as joias por alguns instantes. O vento havia passado, de modo que ouvíamos na calmaria os suspiros que eram os únicos sons emitidos por elas. A grande peça era o colar, que parecia ser de diamantes. Nunca vi nada

que estivesse à sua altura. Katarina segurou-o por um longo tempo. Não foi até o espelho para ver sua imagem com o precioso objeto, como fariam tantas mulheres. Em vez disso, depois de examiná-lo por algum tempo, recolocou-o gentilmente entre as dobras de veludo.

— Por tantas noites vivendo com os selvagens tão perto, tantos dias dando-lhes comida, tantas vezes limpando aquele lugar fedorento depois que os navios partiam. Por tanto tempo cuidando de nossa mãe, obedecendo às ordens de nossa irmã trapaceira... Por tantas esperanças que se foram...

Estava chorando? Teria a raiva dado lugar à autopiedade? Seria demais ver seus anos de submissão à irmã mais nova representados pelo brilho frio das pedras preciosas? Com as cabeças curvadas sobre o conteúdo da caixa, os dois rostos compridos e pálidos contemplavam os frutos de tanto esforço.

— Também há muita coisa roubada de Landfall — disse Alister. — Roubada de Duncan, de Fergus.

Ele havia relaxado o aperto no braço de Maria; não havia mais necessidade de segurá-la. Ela esfregou o pulso enquanto me olhava, mas a rígida disciplina de sua postura indicava que havia recuperado o controle e que, mais uma vez, não se abalou com o último golpe da sorte. Sem dúvida, não havia nenhuma autopiedade em seu tom.

— Você... você! — Disse, dirigindo-se a mim, num tom muito baixo, como se estivesse refletindo, em vez de desabafar. — Eu devia ter escutado Juanita no dia em que chegou. Devia ter mandado você embora. Ela sabia. Talvez as pessoas iguais se reconheçam. Foi esse o meu erro: não acreditar no que Juanita me contou sobre você. Não sei como viu essas coisas. Eu mesma quase não pegava nelas. Mas você viu mesmo. Nem Juanita sabia delas, mas ela me

avisou que o seu dom era muito forte... que coisa estranha eu ter acolhido você nessa casa. Se tivesse obedecido meu instinto e Juanita, teria mandado você de volta no *Clyde Queen*. Se não fosse meu marido, teria feito isso, mas eu sabia que ele não ia durar muito tempo, e logo você iria embora. Bem, agora já está feito...

— É, agora já está feito, Maria — disse Alister. — Mas por que? Por que, Maria? Precisava disso? Do que é que você estava com medo? De que Andrew a mandasse embora? De que ele mudasse de ideia e deixasse Landfall para Fergus? Você teve de roubar e trapacear por causa do medo de um futuro incerto?

Ela respondeu calmamente.

— Você é quase sempre tolo e pomposo, Alister, mas às vezes é bem esperto e adivinha as coisas. Do que podemos ter certeza nesse mundo? Aprendi a fazer essa pergunta quando ainda era muito nova. Aprendi a perguntar isso depois de ter aguentado a hostilidade dos que se consideravam os donos de San Cristóbal, quando o nosso sangue era o mais antigo da ilha. Aprendi a perguntar isso em Madri, quando vi que a beleza não adiantava nada, e nem mesmo o meu nome ilustre, se eu não tinha fortuna. Aprendi a não dar valor às coisas que não podia ter em minhas mãos e contar. E aí comecei a guardar tudo para o dia em que tudo passasse... Se Andrew se cansasse de mim, se Fergus não me quisesse mais, se viesse um furacão e até se, como vivem dizendo, os escravos fossem libertados e ficássemos sem eles para trabalhar nos canaviais. Para o dia inevitável em que me olhasse no espelho e visse que estava tudo acabado. A trouxinha de veludo era minha proteção contra a tempestade, não importava de que lado ela viesse. E agora, nesse momento, ainda é minha proteção, porque mais uma vez o vento mudou.

— Mudou? Perguntou Fergus. — Não mudou, não, Maria. Já está quase no fim. Mas está soprando.

— Você nunca foi muito sutil, Fergus. Sempre tomando as coisas literalmente. Acho que, afinal de contas, eu acabaria me cansando de você, quando sua beleza acabasse, assim como a minha.

Parou, e sua voz elevou-se com clareza quando ela apontou, não para a caixa sobre a mesa que prendia nossa atenção, e sim para o sofá vermelho escondido nas sombras.

— Estão vendo, o vento mudou mais uma vez. Meu marido morreu...

Senti Fergus apertar-me ainda mais e ouvi sua respiração. Demorou um longo tempo até Alister conseguir mover-se, dirigindo-se para a figura imóvel, caída no sofá, como sempre. Ele parecia o mesmo; a única diferença era que sua imobilidade tinha um caráter terrível de permanência. Compreendi que Maria devia ter sido a única a olhá-lo naqueles últimos momentos, os momentos em que as joias brilhavam nos dedos das irmãs. Ela devia ter observado a última contorção de seus lábios, talvez o mínimo movimento, o grito silencioso pedindo ajuda. Devia ter observado a imobilidade tomar conta dele, mas ficou vendo-o morrer, sem socorro, como se estivesse completamente sozinho.

Alister tomou o pulso de Andrew e com dedos rápidos desabotoou a camisa ensopada de suor e rum, inclinando-se para ouvir o coração. Fergus, na minha opinião com uma leve relutância, reuniu-se a Alister. Fiquei imaginando como Maria podia, daquela distância, no escuro, estar tão certa de que a vida havia fugido do corpo de Andrew no espasmo final. Por que eu não havia sentido... Eu, que deveria sentir essas coisas? Mas ela havia falado a verdade. Fergus

aproximou-se com uma lâmpada e, durante cinco minutos, os dois homens ficaram curvados sobre o corpo; o rum não adiantou de nada. Provavelmente, foi a primeira vez que os lábios de Andrew o rejeitaram. Não havia pulsação; o coração não batia. Finalmente, fecharam-lhe as pálpebras sobre os olhos semicerrados de seus últimos minutos.

Maria perguntou:

— Estou certa? Ele morreu?

Fergus respondeu:

— Morreu. Meu pai morreu.

E com uma gentileza infinita puxou as pernas pesadas para cima do sofá e esticou os braços ao longo do corpo. Depois, pegou o lenço de seda amarrotado que estava no bolso de Andrew e cobriu-lhe o rosto.

— Não deixe Duncan vir até aqui — foi tudo o que disse.

Caí sobre os travesseiros, ouvindo os gemidos de Joanna e Katarina. Por um momento, não se ouviu mais nada na sala; depois ouvi o barulho dos saltos de Maria, um passo firme, deliberado. Primeiro, foi até a mesa, tornou a embrulhar as joias com o veludo e o pano branco e trancou a caixa de velino. Carregou-a consigo, mas não se aproximou do morto no sofá. Em vez disso, foi para o *hall* e ouvi-a chamando alguns escravos que estavam nos depósitos. Ouvi a batida familiar dos pés descalços e a voz de Maria, baixa, dando uma ordem. Foi então que ouvimos o som que esperamos e pelo qual rezamos durante dois dias e uma noite: o som das venezianas da galeria interna sendo abertas no lado contrário ao vento; o som dos martelos retirando a alavanca das barras de ferro e o estrondo final quando foi aberta a primeira das grandes venezianas contra tempestade.

Subitamente, a luz e o ar invadiram a sala. Uma rajada de vento agitou-se pela casa toda. Apenas uma porta do lado exposto ao vento estava aberta, mas era o suficiente. A escuridão desapareceu. Com a rajada desapareceram nosso medo e amargura, o cheiro de rum, haxixe e suor. Agora os sons não eram os de nossas vozes que se elevavam com as acusações, o desprezo e o ódio, não eram os gritos tristes de vidas arruinadas e reprimidas. O que ouvíamos era o balanço das árvores naquele vento forte, mas que agora não podia destruir mais nada.

CAPÍTULO VII

I

Nos trópicos, os enterros são rápidos. Com os canaviais destruídos, as estradas alagadas e cheias de árvores caídas, não havia possibilidade de enterrar Andrew em Santa Marta,

— Não tem importância — disse Fergus. — Agora não importa onde ele vai ficar. Provavelmente, gostaria de ficar em Landfall.

— Ou Winterslo — disse eu.

Ele se agarrou à ideia.

— É... Winterslo. É o lugar a que ele realmente pertence.

O carpinteiro da fazenda recebeu ordens de fazer o caixão, e depois Maria mandou chamar Alister e Fergus.

— Agora vamos a San Francisco procurar minha mãe. Vamos levar o necessário para fazer outro caixão, e escravos para carregá-lo.

Katarina e Joanna recusaram-se a deixar Landfall.

— O que há lá para se ver? E o que há entre Landfall e San Francisco além dos selvagens que Samuel soltou?

— Nossa mãe viva ou morta.

Katarina deu de ombros.

— Ela não ligava para nós, mortas ou vivas. Éramos suas escravas, do mesmo modo que aquele bando de infelizes. Se ela está morta, nossa ausência não vai incomodá-la. Se está viva, não estamos nem melhor nem pior do que antes. Por mim, isso pode esperar algumas horas, até que o vento tenha passado de todo. Até que o caminho para San Francisco tenha sido desimpedido. Já

atravessei a floresta com a ventania. Não vou fazer isso de novo.

Fergus levou-me para minha cama e Charity, já sem a algema e com os ferimentos tratados, ficou comigo. Numa procissão mais solene, o corpo de Andrew foi levado para cima, a fim de esperar o enterro em sua cama. Trouxe Duncan para o meu quarto para esperar a hora dos funerais. Naquele dia ele já havia presenciado muitos espetáculos cruéis para assombrar-lhe a memória. Não havia motivo nenhum para que olhasse o rosto contorcido de dor de Andrew; para que sentisse, como última lembrança, o cheiro do rum.

Contei-lhe que o pai havia morrido, e ele ficou na cama, encolhido, agarrado a mim, as lágrimas descendo lentamente. Os medos eram maiores.

— O que é que vai acontecer agora, Fiona? O que vai acontecer comigo agora?

— Vou cuidar de você — disse, abraçando-o bem forte.

Era uma promessa precipitada; não sabia como a cumpriria. Senti seu corpo tremer e ouvi o som vibrante dos machados e o retinir dos facões quando o grupo partiu para San Francisco.

* * *

Já era madrugada e eles ainda não haviam voltado. Àquela altura eu já estava de pé e vestida. Duncan recusou-se a ficar na cama e seguia meus passos como um cão. De repente, a casa era minha e eu tinha de organizar as coisas, dar ordens e fazer planos. Katarina e Joanna ficaram no andar de cima. Quando mandei Charity dizer-lhes que haviam preparado uma refeição quente, elas responderam

que comeriam no quarto. Fiquei aliviada e zangada ao mesmo tempo, e tomei cuidado para que Duncan não percebesse nada.

Encarreguei-me da preparação do corpo de Andrew, já que Maria havia saído sem deixar instruções a respeito. Enquanto isso Duncan estava com Samuel nos estábulos, ajudando a tratar de seu pônei. Os estábulos resistiram; as senzalas e suas hortas estavam destruídas. Com Duncan fora de casa fiz, ajudada por Charity, o que era necessário; amarrei o queixo de Andrew até que a rigidez da morte o mantivesse firme, fiz o que podia para compor seus traços, lavei o corpo com água perfumada. Charity limpou o quarto e, com a ajuda de Dougal, deitamos o corpo em lençóis limpos. Mandeí Charity ver se ainda havia flores no jardim. Ela voltou de mãos vazias, a não ser por algumas samambaias arrancadas da base de árvores maiores. Fechei as venezianas e acendi uma lâmpada de cada lado da cama. Isto fazia parte de minhas lembranças de Silkirk, e achei que Andrew gostaria.

Quando acabamos, parei, sozinha e, como se estivesse em Silkirk, dei por mim ajoelhada ao lado da cama. Para que deveria rezar? Para a salvação de uma alma que Andrew mal acreditava existir? Para a salvação da honra a um nome com o qual ele não se importava? Tentei pensar nas coisas que meu pai teria dito a seu respeito. Só podia pensar que a vida havia sido dura para Andrew Maxwell, e que os últimos anos trouxeram uma infelicidade e uma dor inacreditáveis. Realmente, era melhor que voltasse para Winterslo; aqueles foram seus melhores dias, quando trabalhava com a mãe que gostava de ler a Bíblia; para tirar do solo a preciosa colheita, quando trabalhava com esperança, antes da tragédia que lhe deu Fergus.

Ainda estava ajoelhada quando a porta abriu e Duncan apareceu. Aproximou-se e ficou a meu lado, na

penumbra, fixando solenemente a figura de Andrew.

— Está rezando, Srta. Fiona?

— Estou, Duncan. Quer rezar comigo?

Como resposta, ele se ajoelhou. Antes de enterrar o rosto na colcha, disse:

— Não sei o que dizer. O que devo dizer?

Eu também não sabia.

— É só rezar no coração, Duncan. Só dizer adeus e pedir paz para ele. No fim, paz é a única coisa necessária, Duncan.

Ficamos em silêncio durante algum tempo, as cabeças inclinadas, com o último vento forte agitando as árvores além da galeria. Por fim, toquei Duncan de leve e, ao ver seu rosto molhado de lágrimas, abaixei-me e beijei-o.

Fizemos o que podíamos. Reze por ele e nunca se esqueça dele. Os mortos continuam vivendo quando são lembrados.

* * *

A fim de tornar a espera mais fácil, dei ordens para que a casa fosse arrumada. Os escravos estavam dóceis e falavam pouco, com vozes abafadas. Não estavam gostando da presença do corpo de Andrew na casa, e trabalhavam com rapidez para saírem logo daquele lugar de morte, mesmo que tivessem de tentar transformar em abrigo as ruínas de suas cabanas. Eles não ficariam nos depósitos. Juanita e Flora desapareceram. Nem perguntei por elas. Ficaria feliz de nunca mais ter de pôr os olhos nelas. Não achei nenhum escravo que quisesse ficar ao lado do corpo de Andrew, Katarina e Joanna também não quiseram.

— Temos de rezar por nossa mãe — responderam. — E não vamos fazer isso ao lado da cama daquele homem sem alma.

Assim, Andrew teve de esperar o enterro na solidão final da morte.

O dia já estava amanhecendo e Duncan, finalmente, cedeu ao cansaço, permitindo que eu o colocasse na cama. Fiquei ao seu lado, segurando-lhe a mão e, apesar da presença da morte, cantei as velhas canções escocesas que, para ele, eram como uma língua estrangeira. Quando finalmente dormiu, fui até a galeria por alguns minutos, e a luz que aumentava mostrou-me a destruição do jardim. O vento parecia o mesmo que soprava todos os dias, quando o sol ia ganhando força. Horrorizada, fiquei olhando a cena: o grande choupo estava arrancado, sua copa imensa ocupava todo o círculo do caminho em frente à casa, seus ramos mais altos; jaziam alguns metros além do fim da escada. O vento também havia arrancado outras árvores menores que não ouvimos no tumulto terrível. Oleandros e hibiscos, sem flores, jaziam amassados, os jasmims estavam sem ramos e sem folhas, olhando nus e descarnados para o céu. À medida que a luz aumentava, eu via além do jardim arruinado, o mar em *Serpent Rocks* onde imensas ondas lançavam sua espuma no ar. No entanto, aquele era um amanhecer de beleza inigualável, com sua intensidade peculiar de luz, o momento de tranquilidade, quase paz. A terra castigada pela chuva e pelo vento parecia estar mergulhando uma vez mais em seu sono fértil. Ao passar em silêncio pela galeria, notei as venezianas bem fechadas do quarto onde dormiam Katarina e Joanna. Talvez estivessem acordadas, com medo, esperando o ataque dos escravos soltos. Vi também, à luz da manhã, as fogueiras da refeição matinal diante das cabanas em ruínas dos escravos. Ouvia suas vozes, suas canções de uma melancolia infinita. Não sabia se estavam agradecendo por

terem escapado da tempestade ou oferecendo um canto fúnebre pelo patrão morto. Será que um dia eu conheceria aquela gente? Fiquei pensando... será que, mesmo passando a vida ali ao lado de Fergus, eu conseguiria saber o que se escondia atrás das máscaras inexpressivas, até mesmo dos que estavam ficando mais próximos de mim? Tinha dúvidas quanto a isso. De repente, desejei ir embora de Landfall, retirar-me para a simplicidade de Winterslo, diminuir o abismo entre aquela gente escura e misteriosa e o modo como vivíamos. Mas então, pela primeira vez, veio a ideia dolorosa de que talvez Winterslo não fosse mais habitável; como San Francisco, não devia ter resistido à tempestade, suas vigas apodrecidas deviam ter deixado o telhado voar, abrindo-a para o céu e a chuva. Era uma ironia pensar que Fergus e eu, assim como as irmãs Medina, começaríamos nossas vidas num estábulo adaptado.

No entanto, não tinha muita importância. Eu também tinha motivos para uma canção de agradecimento. Também havia escapado de uma tempestade e sobrevivido a um ataque das forças do mal, que não sabia como combater. Assim, com mais vontade, voltei para uma cadeira no quarto de Andrew, acreditando que ele tinha direito àquela pequena vigília. Adormeci na cadeira, pensando que não pediria mais nenhuma graça ou recompensa além de ter Fergus para mim e, de algum modo, cumprir a promessa que havia feito a Duncan.

* * *

Uma hora depois eles voltaram. Ouvi os sons e as vozes no andar de baixo; pulei da cadeira e desci correndo.

— Fiona! — Gritou Fergus. A preocupação estava em seu rosto cheio de lama. — O que está fazendo de pé e

vestida? Devia estar na cama; devia estar descansando!

— Estou bem — respondi. — Muito bem. Agora já passou tudo. Fique quieto e não acorde Duncan. Ele ficou comigo a maior parte da noite...

Parei porque Fergus me abraçou... Não era um abraço forte e também não havia paixão nele; havia uma calma surpresa, como se não acreditasse que me abraçaria novamente. Seus lábios roçaram minha testa.

— Tem certeza? Parecia que você ia viajar para tão longe de mim, quase escorregando, além do meu alcance. Pensei que tinha perdido você.

Ouvi minha própria risada e fiquei bastante chocada de ouvi-la naquela casa enlutada. Respondi:

— Você vai ver que não vai ser fácil me perder no futuro, meu amor. Agora estou com você e, de hoje em diante, você não vai se afastar de mim.

Seu abraço ficou muito forte, cheio de alegria e força.

— Ora, mulher. Você não tem vergonha?

— Não conheço essa palavra, Fergus Maxwell.

Separamo-nos e vimos que Maria e Alister haviam entrado no *hall*. Mais uma vez, fiquei impressionada, como sempre, com a força obstinada de Maria. Seu vestido estava coberto de lama vermelha da ilha, os cabelos escorridos pelo rosto e as mãos feridas, sangrando. Ao seu lado, Alister estava no mesmo estado, assim como Fergus, mas aquilo parecia natural num homem; nela, era mais uma prova de invulnerabilidade.

— E Dona Isabella? — Fui forçada a perguntar, com os lábios subitamente secos.

Foi Alister quem respondeu;

— Nós a encontramos morta no lugar onde Maria

disse que devia estar. Um dos escravos... não poderia ter acontecido de outro jeito. Acho que foi um facão.

Seu rosto estava muito pálido e cansado. Ele teve mais dificuldade para suportar a provação do que Fergus ou Maria. Sem perguntar mais nada, compreendi subitamente o destino da velha mulher. A vingança selvagem de um escravo louco de ódio e terror, a mesma morte que o pai de Andrew havia encontrado no canavial. Maria estava certa: Samuel devia tê-la visto, mas não quis ser o portador da notícia ou então ficou com medo de ser considerado o responsável.

Inclinei a cabeça para Maria.

— Sinto muito.

Ela assentiu fracamente e depois deu de ombros.

— Ela estava velha — foi a resposta daquela mulher extraordinária e muito cansada. — Não queria mais viver.

Porém, apesar da indiferença aparente, eu sabia que um pilar de sua existência havia desaparecido. Ela tirava sua força e temperamento daquela mulher autoritária. Provavelmente, deviam ter brigado muitas vezes, sentindo prazer em cruzar armas.

— Ela descansou — concluiu Alister. — Maria ajudou a cavar o túmulo, à luz de uma lâmpada. Esperamos até amanhecer para voltar pela floresta.

Pensei nas duas mulheres no quarto de cima, encolhidas, desfiando seus rosários, e naquela mulher diante de mim e, apesar de tudo, minha admiração e respeito aumentaram. Ela era extraordinária em tudo. Se eu conseguisse cumprir a promessa que havia feito a Duncan, teria muitos problemas, porque um filho daquela mulher desafiaria toda a minha força.

Esperei um momento e depois disse:

— Tem comida quente. Mande fazer um cozido com a carne. Os fornos estão acesos de novo. Seu marido, Sra. Maxwell, está lá em cima. Fiz o melhor que pude... Sinto não ter conseguido fazer nenhum escravo ficar com ele. Parece que eles estão com medo...

— Devem estar — havia desprezo e cansaço em seu tom. — É claro que minhas irmãs não fizeram nada...

Seu olhar percorreu o *hall* e o salão, já varridos e sem os colchões, e a sala de jantar livre dos pratos sujos.

— Elas estavam cansadas e... com medo, acho. Parece que estão com medo de um ataque dos escravos que Samuel soltou.

— Elas sempre acham alguma coisa para ter medo! — Disse Maria, com veemência. Depois, deu um suspiro. — Bem, vamos comer, já que tem comida quente. Depois tomamos banho e descansamos por uma hora. Precisamos mandar os escravos cavar uma sepultura. Você, Fergus, tem de dizer o lugar. Andrew tem de ser enterrado antes que o sol esteja a pino.

Podia ser a viúva convencional, triste, mas forte. Ela mostrava tanta dignidade que era difícil lembrar das traições, da miséria que Andrew havia sofrido. Dei por mim já na cozinha com ela, servindo a comida e levando-a para os homens. Não me ocorreu ignorar nenhuma instrução, desobedecer nenhuma ordem. Ela não chamou nenhum escravo das senzalas e nenhum apareceu. Servi rum para os homens e vinho para Maria. A comida e a bebida deram um pouco de cor aos rostos, embora só se falasse o necessário sobre as providências para os funerais de Andrew. Eu mesma levei os pratos para a cozinha, e Fergus foi até as senzalas procurar seus próprios escravos para mandá-los de volta a Winterslo, a fim de fazer os preparativos. Quando voltei ao *hall*, Maria já estava

subindo as escadas. Não foi para o quarto das irmãs e nem elas apareceram para fazer perguntas. Um silêncio e um cansaço terríveis e mortais haviam caído sobre a casa. Ouvi uma porta abrir e fechar, sabendo que era a porta do quarto de Andrew; Maria foi vê-lo. Ninguém poderia saber se era com ódio, remorso ou indiferença, pois, com certeza, ela nunca falaria nada.

Alister ficou no mesmo lugar, apoiado na escada em caracol; nunca o vi daquele jeito. A reanimação momentânea da comida e da bebida havia passado; só restaram cansaço e desespero.

— Foi terrível — disse. — Foi a pior coisa que já vi na vida, aquela velha. Eu queria...

Parou e fez menção de subir.

— Queria o quê?

Seu tom ficou forte de repente.

— Eu queria, com todas as minhas forças, que você não ficasse aqui. Ah, não é só em Landfall. Eu queria que você fosse embora dessas ilhas para sempre. Os negros... acho que chegou a hora deles e quem poderá culpá-los se eles não têm mais piedade do que nós? Acho que só estamos começando a pagar... é só o começo.

Estava mancando muito quando subiu as escadas.

II

O sol já estava alto quando conseguiram desimpedir a estrada que ia de Landfall a Winterslo para a passagem da carroça de cana levando o caixão de Andrew. Fergus ia a pé, conduzindo a mula, e nós íamos a cavalo, seguidos pela maioria dos escravos de Landfall, também a pé.

Maria, de vestido preto e manta, que devia ter

achado em algum lugar, talvez relíquias de seu guarda-roupa de Madri, seguia a carroça como uma rainha, uma consorte acompanhando o féretro de um rei. Mantinha Duncan bem perto de si; o pônei do menino estava com o arreio com enfeites de prata, que havia sido o último presente caríssimo de Andrew. Quanto a nós, usávamos as roupas que achamos à mão, as mais confortáveis para cavalgar e enfrentar o calor. Alister vestia uma camisa emprestada de Fergus, mas as calças ainda estavam sujas de lama, resultado da noite que passaram cavando; usava um chapéu esfarrapado de escravo para proteger-se do sol. A não ser pela devastação que nos cercava, não havia sinais da passagem do furacão. O mesmo céu azul, o mesmo sol abrasador, as mesmas aragens refrescantes dos alísios para secar o suor que ensopava nossas roupas. Os alísios recomençariam a soprar e os dias seriam mais frescos. “Em outubro acaba tudo”.

Em vez de dormir, Fergus havia ido com os escravos a Winterslo para escolher o local. Seria na subida abaixo da casa, numa alameda de árvores que haviam resistido ao furacão. Ao chegarmos à última elevação, ergui os olhos para a casa, sem ousar fazer a Fergus a pergunta que me perseguia. Era um milagre ver Winterslo ainda de pé; o telhado continuava lá. Algumas venezianas estavam soltas, mas ainda era uma casa, e seria um lar. Alister apressou seu cavalo para alcançar-me.

— Ficou preocupada? Eu também pensei nisso. Mas ela deve ter sido protegida pela altura de Kronberg. Não é tão exposta quanto San Francisco.

— Você é muito bom, Alister — murmurei. — Pensar em nós no meio de tanta coisa...

— Eu sempre penso em você — disse, num tom nervoso.

Depois, deixou seu cavalo ficar para trás e seguiu sozinho.

* * *

Alister estava com o livro de orações aberto, mas falava tudo de cor, assim como meu pai faria.

— “Para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Fiquei sabendo que naquela alameda estavam os túmulos dos pais de Andrew; era natural que ele voltasse para lá. Fergus e eu tínhamos uma fazenda, uma plantação de verdade, cuja terra vermelha havia sido testemunha de trabalho e tragédia. Pensei que, quando fosse morar em Winterslo, arranjaría um jeito de fazer um jardim naquele lugar deserto onde as galinhas andavam à procura de alimento. Levaria meus filhos para lá, e também Duncan, e eles não fugiriam daquele lugar, mas o amariam.

Depois, veio o salmo:

— “Faz-me deitar em verdes pastos.”

A terrível ironia das palavras que se seguiram atingiu-me e fez-me pensar se aquela havia sido uma boa escolha:

— “Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos... Certamente a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias de minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.”

Murmuramos “Amém”. Todos, com exceção de Maria e suas irmãs, que ela havia forçado a ir até o túmulo e assistir ao que consideravam um ofício herege. Não pude deixar de pensar, ao voltarmos, que uma mesa havia sido realmente preparada na presença dos inimigos de Andrew.

Voltamos para o que nos restava.

III

Na volta a Landfall, Maria estava dona da situação. Presidiu uma refeição quase silenciosa e depois fomos fazer a sesta, embora fosse impossível dormir com o vibrar dos martelos em volta da casa, golpeando árvores caídas, retirando os escombros do jardim, começando a reconstrução das senzalas. Fergus havia ficado em Winterslo para começar os reparos; eu sentia terrivelmente sua falta. Sem ele, sem Andrew, não tinha proteção nenhuma contra Maria, e sabia que meus dias e até minhas horas, estavam contadas em Landfall. Alister também iria logo embora. O fim chegou de um modo abrupto, selvagem, e ninguém estava preparado para recebê-lo, com exceção, talvez, de Maria.

Não fiquei surpresa, portanto, ao ser chamada ao salão no meio da aula de Duncan, quando a tarde começou a cair.

— Vou ficar com o patrão Duncan — disse Charity. — E ele vai continuar estudando.

— Como que Charity vai saber que estou estudando? — Perguntou Duncan, emburrado.

Ele não gostou de ser afastado de mim; também sentia a insegurança da ausência de Andrew.

— Ela não sabe ler.

— Isso lá é verdade, patrão. Mas meu filho vai aprender.

— Como?

— Eu já falei com o patrão Fergus. Ele vai tentar comprar nós dois para Winterslo e aí a Srta. Fiona vai

ensinar meu filho.

Ela nunca havia falado nada comigo, mas simplesmente tinha, certeza de que eu não recusaria.

— Meu filho não vai passar a vida dele nos canaviais. Agora, eu tenho certeza disso.

E quantos outros, pensei ao descer as escadas, acreditavam na mesma coisa? Haviam sido afastados da vida simples da África e aprenderam que ler e escrever eram as chaves da prosperidade dos brancos. Nem todos seriam os eternos cultivadores do solo. Se a emancipação chegasse, o dinheiro, por pouco que fosse, teria de passar das mãos dos brancos para as dos negros, e isso seria o começo de uma reviravolta. Pouco a pouco, um ou dois começariam a se mexer e passariam à frente de seus companheiros. Assim, provavelmente, Charity estava certa: eu ensinaria seu filho.

Estavam todos reunidos no salão: Maria, Alister, Katarina e Joanna. Senti falta da figura no sofá vermelho. Fergus também havia sido convocado e chegou por último, protestando:

— Escute aqui, Maria, estou cheio de trabalho em Winterslo, e não tenho esse monte de escravos que você tem aqui. Não tenho tempo para reuniões sociais.

Ele não havia trocado de roupa. Estava com as mesmas roupas velhas que usava na plantação, sujas de lama da terra ainda molhada. Era estranho ver Alister vestido do mesmo modo; apenas o talhe perfeito das botas enlameadas lembrava a costumeira elegância. No entanto, assim como Fergus, ele ainda tinha no rosto e nas mãos os sinais da destruição e das idas a San Francisco.

— Acho que é importante, Fergus — replicou Maria. — Só quero dizer isso uma vez. Todos vão saber na mesma hora. Não quero passar dias e noites discutindo e nem ficar

ouvindo versões de segunda-mão do que for dito. Vamos acabar logo com isso. Todos nós temos o que fazer.

Alister cruzou as pernas e encostou-se na cadeira.

— E então, Maria?

Seu tom transmitiu-me confiança. Alister não se deixaria dominar por Maria. Porém, eu queria saber o que ele poderia fazer, sem Andrew, para mudar a ordem das coisas em Landfall.

— Em primeiro lugar — disse Maria — o testamento que meu marido fez ainda é válido. Não importa o que ele disse nesta sala antes de morrer. O que vale é o que está escrito no testamento que está no cofre do advogado em Santa Marta, e sei que ele não foi mudado. Isso me dá Landfall, seus bens, seu ativo e passivo, já que sou responsável por Duncan até ele fazer vinte e um anos. Quando ele ficar maior, ainda vou ter direito a um terço da propriedade. Está claro para vocês?

— Foi para ouvir isso que você me arrastou até aqui?
— Explodiu Fergus. — Eu sabia o que ia acontecer! Não estava esperando nada de Landfall, assim como não esperava nada de meu pai, desde que você se meteu na vida dele. Não quero nada. Só quero Fiona...

— Então fique com ela! — Atacou Maria. — Fique com ela! Eu sei que você está louco para se meter com uma pobretona, e ter logo um bando de filhos aos seus pés. Fique com ela, então, e quando se lembrar desses tempos, morra de arrependimento.

— Arrependimento? Arrependimento por quê? Por querer Fiona em vez de você? A diferença é como cheirar madressilvas, se é que você já se deu ao trabalho de fazer isso, e levar um escorpião para a cama. Muito obrigado, se isso era tudo o que eu tinha para ouvir, vou embora. Fiona, você precisa arrumar suas malas e arranjar um lugar para

ficar até nos casarmos. Agora vamos ficar livres, de várias formalidades em Santa Marta. Acho que arrumaremos tudo bem rápido.

— E Duncan? — Perguntei fracamente.

A promessa me perseguia, assim como a consciência de que minha missão ainda não estava cumprida e de que as coisas estavam escapando ao nosso controle. Sem Andrew, não havia jeito de apelar.

— E por que você deveria se preocupar com meu filho? Perguntou Maria. Isso é da minha conta, e de mais ninguém. Provavelmente, quando crescer mais, ele vai para a Espanha aprender o que nunca aprendeu aqui. Aconteça o que acontecer, meu filho não tem mais nada a ver com os Maxwell.

Observei o rosto de Fergus quando ela disse isso. Estava com uma expressão estranha, de raiva, autoacusação; os olhos se fecharam ligeiramente, com desespero. Ele não podia fazer o que seu pai havia feito anos antes; não podia reivindicar um menino que podia ser seu filho. Ele me olhou como se estivesse implorando perdão. Fiz um ligeiro movimento de cabeça, mas não podia dar-lhe esperança. Agora, Maria tinha tudo.

— E nós? — Perguntou Katarina, com um sorriso sardônico e: torto. — O que planejou para nós, minha irmã? Será que podemos ficar com os restos da mesa?

Maria deu de ombros, como se não tivesse nada a ver com o destino das duas.

— Acho que vocês vão viver, mas não aqui em Landfall. Por acaso estão pensando que vou passar o resto da vida presa com duas solteironas briguentas? Vamos ver como tornar San Francisco habitável...

— Ah, você é tão boa! — Gritou Joanna. — Afinal de

contas, San Francisco ainda é a nossa casa!

— Está enganada, Joanna. Agora é minha, só minha. Vocês, não acham que nossa mãe era tão imprevidente a ponto de deixar para nós três os restos de San Francisco, acham? Ela fez um testamento e me mostrou. Também está em Santa Marta. Vocês vão morar lá, do jeito que eu quiser, e vou dirigir as duas propriedades juntas. Aí então vou unir os poucos acres de San Francisco a Landfall e torná-los férteis de novo. A cana virá para o engenho daqui e vamos ter um uso mais econômico.

— De repente, Maria, você começou a mostrar mais capacidade de administração do que durante todos esses anos. Mas os Maxwell ainda não se retiraram de Landfall, mesmo que você tire seu filho de nossa esfera de influência. Antes de começar a trazer o açúcar de San Francisco para o moinho de Landfall, lembre-se de que os Maxwell ainda têm uma parte da propriedade. Isso significa que você quer que também fiquemos com uma parte de San Francisco?

— Isso nunca! Nunca! San Francisco não vai mais parar nas mãos de estranhos, e muito menos nas mãos dos Maxwell! A dívida já foi liquidada. Meu marido trabalhou a vida toda para fazer isso.

— Tudo, não. Lembre-se disso. Ainda temos uma parte porque perdoamos a última parcela do empréstimo. Foi por isso que vim para cá. Para ver tudo. Mas isso não é novidade, você sabe muito bem de tudo.

— É, eu sei de tudo. Um gesto aparentemente magnânimo, movido pelos interesses dos Maxwell. Por que renunciar a uma parte da propriedade? Mas o mesmo documento também deu a meu marido ou a seus herdeiros o direito de comprar toda a propriedade pela quantia fixada na época, mais os juros acumulados nesses •cinco ou seis anos.

— E você quer pagar esse preço?

Ela concordou, ansiosa, a língua umedecendo os lábios,

— Quero. Vou pagar. As joias foram feitas para outras coisas além de enfeites de mulheres frívolas.

— Essas joias foram compradas com o dinheiro de Landfall para financiar sua parte no comércio ilegal de escravos.

Ela suspirou.

— Alister, você não é bobo. Não se comporte desse modo. Você ouviu o que meu marido disse. Tem muita gente nesta ilha que nunca me deixaria ser acusada de comercializar escravos ilegalmente. Eles vão se unir contra o forasteiro, e tem muita gente poderosa envolvida nisso. Nós sabemos cuidar do que é nosso nessa ilha. Podemos conseguir quantas pessoas quisermos para jurar que só estávamos vendendo o excesso natural de nossa população de escravos. Por que ficar insistindo nisso? Você sabe, assim como Andrew sabia, que não adianta. Afinal de contas, ele mesmo, há muitos anos, foi protegido pelo tribunal da ilha contra o poder de uma grande família inglesa.

Ela tamborilou com as unhas no braço da cadeira, considerando o resto da questão.

— E quanto a ficar com o dinheiro de Landfall, você mesmo passou noites examinando os livros, tentando descobrir como eu estava trapaceando, mas não conseguiu nada.

— Mas posso continuar. Não tenho tempo nem vontade de continuar pessoalmente, mas posso mandar homens de Londres, que têm todo o tempo do mundo. A menor acusação que podemos fazer contra você é a de

péssima administração.

— Vocês não vão me acusar de nada! Legalmente, o marido é responsável pelos problemas financeiros de uma casa. Meu marido morreu há apenas vinte e quatro horas, e esta responsabilidade já acabou.

— Você pode não ser considerada responsável, mas podemos fazer com que a propriedade pague mais. Vou conseguir uma ordem judicial para ficar com os livros...

— Vai precisar de sorte, meu querido. Muita coisa desapareceu com o furacão. Os livros não existem mais.

Alister enrijeceu-se na cadeira e percorreu com o olhar a sala que eu havia mandado limpar depois que partiram para San Francisco. Eu tinha certeza de que os livros não estavam ali quando descii, o que queria dizer que Maria havia cuidado deles, assim como se lembrou das joias e de tudo o que era importante para seu futuro. Será que aquela mulher não tinha nenhuma fraqueza?

Seu triunfo era total, mas ela ainda mantinha sua disciplina de ferro. Não se permitia vangloriar-se. Fez-me lembrar do homem de Silkirk que às vezes ia jogar xadrez com meu pai. Meu pai, emotivo e excitável, nunca conseguia esconder a satisfação quando tinha uma jogada para pegar seu adversário e, dessa forma, acabava alertando-o. Antecipando o triunfo, meu pai geralmente acabava derrotado. Com Maria era o contrário: ela não mostrava alegria nem triunfo, nem tristeza, nem dor. Parecia que não tinha nenhum ponto vulnerável. Fergus não tentaria descobrir aquele ponto; ele queria sair dali, ir embora, acabar com tudo. Enterraria suas perdas, até mesmo a perda do filho, se é que Duncan era seu filho. Alister poderia tentar lutar, mas estava diante de uma batalha desigual. Se os livros haviam desaparecido, Maria trataria de escondê-los para sempre. Alister teria de

enfrentar um tribunal hostil sem prova nenhuma. Eu duvidava que ele fizesse isto. Não era o tipo de fazer papel de bobo, nem de perder tempo e dinheiro com uma causa perdida. Ele sabia que não havia esperanças; também sabia até o último centavo qual era a quantia fixada no documento que dava aos Maxwell uma parte de Landfall, e calcularia os juros. Ficaria com o que pudesse, ou então mandaria alguém para receber. Assim, os Maxwell iriam embora, com exceção de Fergus e de mim. Subitamente, o bando de filhos previsto por Maria tornou-se uma promessa. Os Maxwell floresceriam novamente; Duncan teria primos; seriam chamados de primos. Haveria encontros. A influência dos Maxwell não se renderia inteiramente a da antiga Espanha.

Parecia o fim. Se Alister ia lutar, não gastaria suas energias em discussões. Foi Katarina quem falou por todos nós:

— Se pudéssemos abusar de sua hospitalidade, minha irmã, só por mais uma noite... é difícil ir para Santa Marta a essa hora.

E para onde mais podemos ir? Ainda temos alguns velhos amigos que podem nos acolher em consideração a nossa mãe; até que haja um teto sobre nossas cabeças em San Francisco. Até que possamos voltar em segurança. É claro que eles vão querer saber por que não ficamos aqui em Landfall, mas aí, minha irmã, você vai ter de aceitar os mexericos como preço de nossa partida.

Maria estava dando mostras de uma rara impaciência.

— Ah, que fiquem, então! Fiquem. Mas fiquem longe de mim. Tenho mais em que pensar.

Fergus levantou-se.

— Fiona, amanhã de manhã venho buscá-la. Fique

pronta.

— Está bem.

Será que, naquele momento, morreu a última centelha de esperança em Maria? Era impossível dizer. Ela não demonstrou nada. Alister tomou seu vinho.

— Eu também vou para Santa Marta amanhã, Maria. Vou informar às autoridades que os escravos estão soltos nessa área. Tenho certeza de que vão fazer o que puderem.

— Não precisa. Nunca tive medo desses negros ignorantes.

— Dona Isabella também nunca teve.

Joana soltou um gemido assustado, mas Maria fez um gesto para que se calasse.

— Com certeza — disse — vocês vão mandar notícias a respeito da transferência do resto da propriedade, não é?

— Sem dúvida — foi tudo o que ele respondeu.

Eu não conseguia acreditar que estava tudo acabado. A aventura de Landfall havia chegado ao fim. Fergus aproximou-se e beijou-me rapidamente na testa.

— Amanhã — disse, e partiu.

Katarina e Joanna saíram da sala, pedindo para levarem a refeição a seu quarto. Estava claro que dariam muito trabalho. Perguntei-me se Maria, Alister e eu comeríamos em silêncio. Toda a estrutura de Landfall tendo sido abalada desde a última vez que nos sentamos à luz de velas para jantar naquela mesa longa e encerada. Era a última vez.

CAPÍTULO VIII

Porém, naquela noite, nossa refeição não foi silenciosa. Landfall estava tomada por um tumulto que não era como o barulho da tempestade, embora não fosse menos ameaçador. Talvez, fosse até pior, já que não sabíamos nem entendíamos o que significava. Das senzalas, onde geralmente o cansaço logo trazia a calma, chegavam vozes altas, risadas repentinas sem razão aparente e canções que irrompiam violentas e indiferentes, que não se pareciam em nada com as dos canaviais. As fogueiras eram mantidas acesas e o fogo subia alto. Antes de levar Duncan para jantar, dei uma volta com ele até os fundos da galeria superior, e vimos as figuras negras recortadas à luz das chamas; uma ou duas chegavam a pular no ar, como numa dança ritual de alegria ou exaltação.

Duncan desceu para jantar porque Juanita e Flora ainda não haviam voltado desde o fim da tempestade, e não havia ninguém para ficar com ele e colocá-lo na cama. Fui eu mesma quem deu a sugestão: parecia uma falta de coração deixá-lo sozinho logo após o enterro do homem que chamava de pai. Maria limitou-se a dar de ombros, concordando. Estava preocupada com os escravos desaparecidos.

No entanto, à mesa, foi Duncan quem deu voz a todos os nossos receios.

— Mamãe, por que é que os escravos estão tão excitados essa noite? Eu nunca ouvi nada assim. E logo depois do furacão, com todas as cabanas esmagadas e os jardins arruinados... será que é... será que é por causa de meu pai?

— Não é por causa de seu pai, não, Duncan. Mas nós vamos descobrir a razão. Acho que eles devem ter achado rum nos depósitos de San Francisco. Não é nada. Eles vão

acabar se cansando e vão dormir. Mais tarde, eu mesma vou até lá. Não é nada...

A própria comida era a mais estranha que eu já havia provado em Landfall: sobras da carne cozida que nos havia alimentado durante a tempestade, num prato preparado às pressas, sem o sabor refinado dos temperos a que estávamos acostumados; estava aguada e sem gosto. A refeição foi servida por Dougal, que estava sozinho sem os dois outros escravos que normalmente o ajudavam. Não havia nada para acompanhar o prato, a não ser o pão velho feito antes da tempestade e uns pedaços quase crus de inhame.

Maria afastou o prato, enojada.

— Dougal, pode-se saber o que significa isso? Por que nos deram essa porcaria para comer?

Ele se limitou a virar-se do aparador, a cabeça baixa.

— A cozinheira não está em casa, patroa. Não tem nenhuma menina para ajudar. Tentei fazer alguma coisa, mas eu não sei cozinhar.

— E Pitt e Randolph?

— Mesma coisa, patroa. Foi tudo embora. Eles não vieram me ajudar com a mesa. Não posso ir atrás deles... não tenho tempo. E as patroas lá de cima ainda não foram servidas. Eu chamei Charity para pegar a bandeja, mas ela não veio. Acho que ela saiu para encontrar com Samuel.

Maria levantou-se um pouco da cadeira e depois voltou a sentar-se.

— Eles devem ter achado rum. Bem, vamos tratar disso, Dougal. Sirva o queijo e mais vinho, e leve essa droga daqui. Traga umas frutas.

Ele balançou a cabeça.

— As frutas foram todas comidas durante a tempestade. As bananas estão verdes e o que tinha no jardim foi destruído.

— Tem manga e mamão. Por que não traz?

— Eu procurei, patroa. Acabou tudo. As prateleiras do depósito estão vazias.

Vi o rosto de Maria contrair-se e ser tomado por uma expressão que parecia ser um início de apreensão. Como sempre, ela se controlou, mas sua reação não foi o grito de raiva dos momentos de segurança. Não fez mais perguntas a Dougal.

— Muito bem, então. Pode ir. E quando se encontrar com aqueles selvagens em volta das fogueiras, diga a eles que a patroa está muito zangada, e que vai castigar os responsáveis. Esta noite, não vai ficar nenhum escravo dentro da casa. Antes de sair, leve vinho, pão e queijo para as *señorinas*. E deixe as chaves...

Ele foi embora antes que os tambores começassem a rufar em algum lugar bem distante, além de Winterslo, ao que parecia. No começo, a resposta foi o silêncio que tomou conta das fogueiras barulhentas das senzalas. Alguns minutos depois, durante os quais ninguém falou nada, os tambores receberam uma resposta súbita, em forma de um grito selvagem — mais um uivo do que um grito — irrompendo das gargantas dos que estavam em volta das fogueiras.

Mas em Landfall nenhum tambor respondeu ao que tocava além da montanha.

— Os tambores! — Maria franziu a testa. — Já tem muito tempo que eles não tocam. Foi proibido. Eles trouxeram isso da África, mas, pouco a pouco, foram perdendo a arte. Era o jeito que eles tinham de se comunicar de uma propriedade para outra. Mas agora não

há muitos que saibam entender. Juanita sabe...

— Isso significa algo mais do que o rum e o fim do furacão — disse Alister.

De repente, estávamos todos olhando a escuridão além das portas abertas, desejando que as venezianas contra tempestade ainda estivessem fechadas, protegendo-nos do tumulto e do que ele significava.

— Vamos trancar tudo esta noite — disse Maria. — Você e eu vamos fazer isso, Alister. Amanhã de manhã eles mal vão conseguir se mexer. Vamos precisar de um chicote para acordar esses asnos.

— Escutem! Está ouvindo, mamãe?

Duncan parou, com a boca cheia de pão e queijo.

— O quê? Ouvindo o quê?

— Sinos. Está ouvindo os sinos?

Indistintamente, em meio aos intervalos dos tambores, muito mais longe, vinham os sons dos grandes sinos das fazendas, dos sinos que tocavam de manhã e de noite para chamar os escravos. Porém, nunca com aquele estrondo selvagem e sem ritmo, como se vários homens se balançassem na corda, sem intenção de soltá-la.

Alister afastou a cadeira e foi até a galeria externa.

— Tem alguma coisa errada! Eles nunca tocam à tardinha, Maria!

Ela estava pálida, mais tensa do que nas horas do interrogatório que havia enfrentado durante a tempestade.

— Nunca... a não ser em caso de emergência! Esse é o sino de Hartford *Hall*; conheço o som. E o outro mais fraco é o de Drake's Bay.

Ela foi ao encontro de Alister, e sua voz chegou até

nós.

— Por que eles não tocaram logo depois da tempestade? Por que agora? Já não terminou o perigo?

Alister virou a cabeça para os fundos da casa, para os uivos e gritos, o som surdo dos pés descalços na terra sólida do pátio.

— É um perigo que ainda não estamos entendendo.

— Então vamos entender logo.

Maria voltou para a sala.

— Vou ver o que significa toda essa bobagem. Duncan, vá ao escritório e pegue o chicote da mamãe.

— Fique onde está, Duncan... — ordenou Alister, brusco. — Você também, Maria. Fiona, rápido, corra até lá em cima e traga a pistola que está na gaveta da mesinha de cabeceira. Não, Maria, fique aí! Proíbo-a de se mexer. Rápido, Fiona e traga as balas.

Enquanto eu corria escada acima, ouvia a discussão começando. Maria reivindicando o direito de proprietária para decidir o que devia ser feito e Alister declarando calmamente a responsabilidade de um homem em uma casa onde só havia mulheres. Quando desci correndo do quarto de Alister, apenas iluminado pelo brilho das fogueiras altas dos escravos, encontrei Katarina e Joanna no patamar.

— O que é isso? — Perguntaram, as mãos agarrando-me para deter-me.

Empurrei-as.

— É melhor descer e descobrir por vocês mesmas.

Elas se lançaram sobre a vela, as cabeças juntas, como dois corvos.

— Ainda não nos deram nada para comer... — foram

os últimos gemidos que ouvi.

Deixei-as entregues às próprias preocupações.

Estavam todos quietos na sala de jantar, mas Alister movia-se silenciosamente, fechando e pregando as portas de caixilhos.

— Sabe usar pistola, Maria? — Perguntou, quase casualmente, ao voltar.

— Sei. Uma vez me ensinaram. Acho que ainda tenho algum jeito.

— Eu sabia. Bem, então... carregue-a e solte o gatilho. Agora venha comigo e me dê cobertura enquanto eu fecho as portas. Primeiro apague as velas, para que eles não me vejam... Vamos fechar as portas por dentro primeiro. Deixem só a do *hall* aberta, e fiquem prontas para correr quando eu disser. Todas vocês... as *señoritas* também.

Elas haviam descido furtivamente, reunindo-se a nós.

— Onde estão as barras que protegem as venezianas contra a tempestade?

— Lá dentro — Andrew sempre as deixou lá dentro, para o caso de... ali debaixo da escada. Eu mesma mandei guardá-las antes de irmos para San Francisco. Andrew sempre pensou... Meu Deus, será, Alister?

Desde o começo da tempestade, aquela foi a primeira vez que ela se dirigiu a ele como uma mulher falando a um homem, uma mulher que, de repente, precisava de ajuda. Aquele novo comportamento ficava-lhe estranho.

— Será que eles vão tentar alguma coisa? Não pode ser. Por que agora? Porque Andrew morreu? A maioria mal pôs os olhos em Andrew nesses últimos anos... mas isso não explicaria os tambores e os sinos das outras fazendas. O que significa isso, Alister?

— Mais tarde falamos sobre isso — disse ele, enérgico. — Agora venha comigo e tente me dar cobertura com a pistola. Onde ficam os outros revólveres que estavam aqui na hora da tempestade?

Saíram juntos, aliados de repente naquela ameaça comum que nenhum de nós entendia. Katarina e Joanna estavam na sala de jantar, ao lado do aparador, juntando fatias de queijo e de pão e comendo com uma pressa e uma falta de dignidade que, normalmente, teriam desdenhado. Da mão de Joanna pendia um rosário. Entre dentadas, ela murmurava para a irmã:

— Que Deus nos proteja... Será que chegou até aqui também? Será que vamos ter o mesmo fim de nossa mãe?

Katarina era mais realista.

— Vai ser pior para nós, minha irmã. Não estamos embriagadas de rum.

— Então é melhor enfrentar tudo de barriga cheia•— disse eu.

Peguei a mão de Duncan e cautelosamente seguimos Alister e Maria. No entanto, fiquei impaciente, assim como Duncan, por ser uma mera observadora.

— As barras! — Disse. — Podíamos começar a tirar as barras para segurar as venezianas.

Foi um trabalho pesado para uma mulher e um garotinho; só conseguimos pegar algumas. À medida que as portas eram fechadas, o som dos sinos ia sumindo gradativamente, e os tambores ficando cada vez mais indistintos. Entretanto, os gritos que vinham das senzalas pareciam aumentar. Inconscientemente, começamos todos a nos apressar, trabalhando quase no ritmo do canto que vinha de fora. Percorremos a casa, duas mulheres de cada lado da barra, levantando e segurando, enquanto Alister

pregava-as no lugar com o atiçador da lareira.

Enquanto nos movíamos de um lado para outro, Duncan puxou meu braço.

— Por que é que vocês estão fazendo isso, Fiona? O que foi que aconteceu?

— Ninguém sabe — respondi.

E era verdade.

Foi sorte o mensageiro ter chegado antes que a última barra fosse colocada, senão a histeria de Joanna teria feito Alister decidir-se a não abrir. O homem devia ter vindo a pé, depois de ter amarrado o cavalo bem longe, na avenida. Não ouvimos nada. Ele simplesmente penetrou pela porta do *hall* e ficou ali, ofegante e trêmulo.

— Sra. Maxwell?

— Luiz!

Por um momento, ela ficou paralisada; depois, correu para ele.

— O que houve? Por que mandaram você até aqui?

— O Sr. Maxwell... Onde está ele?

O homem estava muito cansado, sem equilíbrio. Vestia camisa e calça de pano fino, inadequadas para cavalgar. Tive a impressão de que o conhecia, mas não me lembrava de onde.

— O Sr. Maxwell morreu.

O tom de Maria era quase tranquilizador, como que para dizer que não havia nada a temer; porém, ele olhou para todos nós, como se desejasse que não estivéssemos lá. Olhou especialmente para Alister, e não havia dúvida de que eles se reconheceram.

— Meus sentimentos, *señora*. O Sr. Rodriguiz vai ficar

pesaroso...

— Por que você veio até aqui? — Perguntou Alister, bruscamente.

— Mandaram-me de Santa Marta para dar as notícias. A cidade foi muito atingida, metade das casas está em ruínas, muitas estão sem telhado. Rodriguiz não teve muito prejuízo: só uns estragos causados pela água, mas a maré atingiu bem as ruas. Eu ajudei a tirar as mercadorias dos depósitos. Dizem que muita coisa foi levada pelo mar, mas até agora não teve jeito de contar...

— Ninguém o mandou aqui para dizer isso. Podíamos adivinhar muito bem — disse Alister.

O homem fez um gesto com as mãos, como que para apagar o que estava dizendo. Foi então que, de repente, Duncan provou, antes dos adultos, ter percebido que ele precisava de algo. Enquanto o homem dava as notícias com dificuldade, Duncan foi até o aparador e serviu vinho num copo grande. Em silêncio, ofereceu-o ao homem, que bebeu em três goles, com os olhos fechados e a respiração pesada. Por um momento, sua mão desajeitada caiu sobre a cabeça de Duncan.

— *Muchas gracias, señor.*

— Agora rápido — falou Maria. — O que é isso?

— Vocês ouviram os sinos, os tambores?

— É claro que ouvimos.

— Se não fosse pela tempestade e pelas condições de Santa Marta e das estradas, já estariam sabendo. Mas vim assim que foi possível.

— Para quê? Pelo amor de Deus, por quê? — Gritou Alister.

— A última notícia, *señor*. A que estávamos

esperando, sem querer acreditar. Um navio inglês conseguiu atravessar *Serpent Rocks* e entrar no porto de Santa Marta antes que a tempestade ficasse muito forte. Mas só foram desembarcar muito tempo depois que as ondulações tinham diminuído. Mas a notícia se espalhou pela cidade em uma hora, e os sinos começaram a tocar e as pessoas começaram a carregar as armas.

Alistar soltou um grande suspiro e, por um instante, um meio-sorriso cansado apareceu em seu rosto. Não havia nenhuma exultação, apenas um agradecimento silencioso.

— Libertação dos escravos? O Parlamento inglês aprovou a lei, afinal?

O homem tomou os últimos goles de vinho.

— Emancipação; isso mesmo, *señor*. Todas as crianças abaixo de seis anos estão automaticamente livres. Os mais velhos vão ser libertados pouco a pouco, de acordo com a idade.

— Meu Deus! — Foram as únicas palavras de Maria, incredulidade e resignação ao mesmo tempo. Depois, perguntou, rápida:

— E a compensação?

— Vinte milhões de libras esterlinas aprovadas pelo Parlamento aos proprietários de escravos em todas as colônias britânicas.

Houve um silêncio. Maria atravessou o *hall* e sentou-se, como se precisasse de calma e de um lugar para pensar. Nossa presença não tinha a mínima importância. Suas palavras não eram para nós, e sim para si mesma.

— Vinte milhões de libras para serem distribuídos entre todos nós. Não é nada! Não é nada, quando significa o fim de um modo de vida. Não podemos trabalhar nos canaviais e nem pagar pelo trabalho. O açúcar e o rum já

não dão mais muito dinheiro.

Ela continuou baixinho, como se estivesse meditando:

— Essas ilhas... o que vai ser delas? Todas as fazendas vão acabar como San Francisco. Já pensou, termos de vender para pagar os trabalhadores? E quem vai comprar? Aquele bando de selvagens lá fora? Agora nenhum branco com a cabeça no lugar vai querer comprar terras. Vinte milhões divididos entre tantos... tão pouco... tão pouco. Eles não vão trabalhar sem o chicote, Só vão trabalhar para comer: uma mangueira, uma bananeira, uma ou duas galinhas bicando o chão. As ervas vão tomar conta dos canaviais. Tudo o que fizemos aqui vai desaparecer e os moinhos de açúcar vão apodrecer e cair aos pedaços. Ah, eu os conheço. Eles vão ficar deitados debaixo das árvores o dia todo e vão zombar dos antigos patrões. Nenhum escravo vai trabalhar com outro pelo bem comum. Uma longa noite está caindo sobre essas ilhas. Elas vão adormecer e o mundo vai se esquecer delas....

Seu tom ficou mais rápido e ela se voltou para Alister.

— Foi isso o que o seu Wilberforce e seus companheiros fizeram conosco. Agora todos vão ficar pobres, não vão ser só os escravos. É isso o que eles acham que vão pagar com esses malditos vinte milhões de libras. E vou dizer uma coisa: daqui a vinte anos, nenhuma casa grande dessa ilha vai ser habitada, a não ser pelos remanescentes de uma família que não achou nenhum lugar para ir, como aconteceu com San Francisco. Vão ficar aguardando até ó próximo furacão levar o telhado, sem mais nenhuma esperança.

Ela abria e fechava as mãos nos braços da cadeira, seus traços subitamente parecidos com os das irmãs. Um rosto espanhol, meditativo e sombrio, orgulhoso, vingativo e pessimista. E, no entanto, parecia-me que estava falando

a verdade. Eu também pagaria o preço pela liberdade daqueles cujos destinos eu havia lamentado; pagaria com mais do que palavras. Fiquei imaginando se Fergus e eu estaríamos entre aqueles que aguardariam sem esperança numa casa grande, sem nada para esperar a não ser a chegada inevitável de mais um furacão. Ficaríamos, eu, ele e nossos filhos, vendo os canaviais voltarem a ser mato e árvores altas e finas? Mas ficaríamos, eu não tinha dúvida quanto a isso. Cheguei tarde àquelas ilhas, e agora sua prosperidade econômica havia acabado. No entanto encontrei Fergus e a vida, e nunca teria de dormir com o peso de possuir um ser humano. De certo modo, era um alívio. O pior havia acontecido e não se perderia mais tempo temendo o dia fatal. Agora dependia de mim fazer Fergus acreditar no que os escoceses, afastados de suas terras, acreditavam: que quem tinha terra, qualquer terra, para cultivar e tirar frutos, ainda era um rei, por mais pobre que fosse. Se a pobreza era nosso futuro, eu faria com que ele e nossos filhos se orgulhassem dele. Era uma tarefa que meu pai não consideraria indigna.

Ficamos todos em silêncio durante algum tempo, cada um seguindo o rumo dos próprios pensamentos. Nos dias anteriores, vivemos momentos importantes, momentos demais para que minha mente confusa e cansada pudesse lembrar-se de todos. A morte e a destruição haviam nos atingido cruelmente e os homens haviam se lançado uns contra os outros numa luta terrível e mortal. No entanto, aquele novo acontecimento superava todos aqueles pequenos eventos. Era o fim de um modo de vida, o fim de uma era que havia durado mais de trezentos anos. O longo crepúsculo, que começou com a proibição do comércio de escravos, deu finalmente lugar à noite.

— Eles souberam, antes de nós — disse Alister. — Essa era a mensagem dos tambores e dos sinos, mas a notícia chegou até eles muito antes: Eles nunca nos

contariam...

Eu havia voltado para a sala de jantar para tornar a encher o copo do homem, e trouxe um prato de pão e queijo. Ele veio comer na mesa do *hall*, murmurando palavras de agradecimento; engoliu tudo, como se já fizesse muitas horas que não comia. Foi então que lembrei-me dele, associado ao nome de Rodriguiz. Acho que era vendedor da loja, o homem que vi voltando de Landfall no dia em que a mensagem chegou por engano às minhas mãos. Entendi então que havia pessoas influentes e importantes envolvidas com Maria no tráfico de escravos. Era por isso que ela, e até mesmo Andrew, sabia que ninguém a acusaria. Comecei a pensar que a loja de Rodriguiz era o centro ideal de suas atividades. Pensando que ainda havia escravos presos em San Francisco, Rodriguiz havia mandado um de seus ajudantes até aquele ponto distante da ilha para avisar Maria.

— Eles acham que todos estão livres — disse Maria. — Foi por isso que fugiram, e agora não vão obedecer a nenhuma ordem.

— Que Deus nos proteja — gemeu Joanna. — O que vamos fazer? O que vai ser de nós?

Luiz encheu a boca com o último pedaço de pão e dirigiu-se a Maria, apressado:

— *Señora*, podemos falar em particular? O Sr. Rodriguiz...

— Não temos mais segredos, Luiz. Eles sabem — disse ela, fazendo um movimento de cabeça em direção a Alister e a mim. — De qualquer jeito, não há mais nada a fazer, nenhuma precaução a ser tomada. Samuel, meu escravo, você se lembra, aquele grande, soltou todos eles antes da tempestade. Estão soltos e agora pensam que estão livres! Já assassinaram Dona Isabella.

— Nossa Senhora! — Luiz fez o sinal da cruz. — Duas mortes, e agora mais isso. É má notícia atrás de má notícia.

Maria fez um gesto de descaso.

— Você tem alguma arma?

— Uma pistola.

—•Então vai passar a noite aqui. Mais um homem para ajudar.

Ele balançou a cabeça...

— Não posso, *señora*. O Sr. Rodriguiz me mandou vir até aqui, mas está precisando muito de mim. Estão dizendo que vai ter uma revolta dos escravos na cidade, e ele tem de defender a loja e os armazéns. Somos poucos. Ele me deu ordens para voltar imediatamente, assim que desse a notícia e insistisse para que...

Interrompeu-se. Não queria admitir na frente de Alister que sabia dos escravos escondidos em San Francisco.

— Mas não seria melhor se todos fossem para Santa Marta? Aqueles lá — moveu a cabeça na direção das senzalas — podem ser perigosos para uma casa só de mulheres, com um único homem. É isso que devia fazer, *señora*. Devíamos ir todos juntos para Santa Marta.

— Quando precisar de conselho, eu peço — respondeu Maria, com frieza, colocando-o em seu devido lugar. — Por acaso você acha que eu deixaria Landfall nas mãos desses selvagens? Diga ao Sr. Rodriguiz que estou agradecida e que aqui em Landfall não somos covardes.

Joanna soltava pequenos gemidos.

— Por favor, minha irmã, será que não é o melhor a fazer? Em Santa Marta seria mais seguro.

— Se você acha, então vá! Vai ser uma a menos para

nos preocupar. Vá até os estábulos, sele um cavalo e tente atravessar a escuridão com Luiz; tenho certeza de que ele vai protegê-la quando estiverem passando pelas fazendas onde queimam as fogueiras e tocam os sinos e os tambores.

Joanna encolheu-se.

— Eu não ousaria ir até os estábulos, com os escravos desse jeito. Alister...

— E eu não arriscaria Alister para salvar sua pele, minha irmã. Ele é o único homem que temos, e atira bem. Enquanto souberem que ele está aqui, vão ficar longe.

Joanna baixou a cabeça e não disse mais nada. Luiz olhou à sua volta pela última vez e inclinou-se para Maria.

— Então já vou indo, *señora*, e desejo-lhe sorte. Logo que for possível, o Sr. Rodriguiz manda mais notícias.

Antes que ele deslizesse pela veneziana parcialmente fechada, agarrei-lhe o braço.

— Conhece Winterslo?

Ele fez que sim, impaciente para ir embora.

— Conheço. É onde mora Fergus Maxwell.

— Vá até lá, por favor! Só para lhe dar a notícia. Ele vai se preparar para se defender, se for o caso.

— *Señorita*, eu não posso. Não dá tempo.

— Por favor, por favor! Não é fora de seu caminho. É só a distância da avenida à beira da estrada para Santa Marta. Por favor, não vai levar nem cinco minutos. É só para avisá-lo.

— Muito mais do que cinco minutos, já que vou ter de saltar do cavalo e subir a avenida a pé, para não me mostrar aos escravos. É muita coisa...

Depois, deu de ombros.

— Bom, já que está pedindo, *señorita*.

Inesperadamente, acrescentou:

— Gosto de Fergus Maxwell. Uma vez eu e ele tivemos uma briga, e nenhum conseguiu vencer o outro. Fizemos as pazes bebendo juntos. É, foi uma briga boa. Eu vou. Boa noite.

* * *

Já fazia mais de uma hora que Luiz havia partido e eu levava Duncan para a cama. Ele estava dormindo quando começaram a bater nas venezianas que protegiam a porta principal.

— Não liguem — ordenou Maria. — Logo eles vão se cansar. Estão bêbados e loucos.

No entanto, os tambores continuaram e indistintamente, através do tumulto das senzalas, ouvi a voz de Fergus.

— Rápido, abram a porta — disse para Alister.— É Fergus.

Quando ele passou pela porta entreaberta, carregava o corpo ensanguentado de Luiz. Joanna soltou um berro, que foi logo abafado pela irmã. Minha mão, que segurava uma vela, tremia violentamente, de modo que as sombras balançavam pelas figuras dos dois homens, um coberto com o sangue do outro.

— Ainda está vivo — disse Fergus.

Alister havia batido a porta e estava pregando-a no lugar.

— Encontrei-o na estrada entre Landfall e Winterslo.

Maria explicou rapidamente o motivo da visita de

Luiz e a notícia que havia trazido, enquanto Fergus o levava, sem pensar, para o sofá vermelho de Andrew.

— O cavalo dele sumiu. E a pistola também. Acho que pensaram que estava morto. Foi jogado no meio do canavial, mas estava gemendo e eu ouvi...

Uma lanterna revelou o profundo corte de facão no ombro de Luiz. Mais alguns centímetros acima e seu pescoço teria sido atingido. Ele sangrava terrivelmente.

Maria correu para o depósito e voltou com uma caixa de medicamentos e ataduras, faixas de pano rasgadas e enroladas, prontas para emergências como aquela. Trouxe o que restava da água quente da copa. Com as venezianas fechadas, estávamos novamente impedidos de entrar na cozinha.

— Ouvi falar — disse Fergus. — Meus escravos me contam mais do que os seus, Maria. Não sabia se devia acreditar ou não, mas quando ouvi os tambores e os sinos... bem, pensei que vocês podiam estar precisando de ajuda. Os meus estão cantando em volta do fogo, mas achei que os que Samuel soltou de San Francisco o seguiriam até aqui.

Enquanto falava, ele limpava o ferimento; depois, começou a enfaixá-lo.

— Se ele ficar deitado, pode ser que pare de sangrar. Mas se o sangue continuar, vai morrer antes de amanhecer.

Disse isso com uma certa indiferença. Estávamos todos ficando calejados com os acontecimentos dos últimos dias, e o cansaço era quase mais do que podíamos suportar. Mesmo assim, enfrentamos mais uma noite de espera e de escuta. Mais uma noite com medo de dormir. Mais um homem estava morrendo ou poderia morrer no sofá vermelho.

Fergus levantou-se e esticou os braços dormentes

com o peso de Luiz.

— Tirei a sela do meu cavalo e mandei-o de volta para casa. Espero que ele derrube qualquer um desses diabos negros que aparecerem na frente dele.

E depois:

— Alister, vou precisar de uma camisa emprestada.

— Está se esquecendo de que estou usando uma camisa sua. Levei umas duas de Andrew para meu quarto. Elas vão ficar como uma camisola em você, mas pelo menos estão limpas.

Enquanto falava, seus olhos continuavam se movendo de um lado para outro. Foi até a sala de jantar para ver como estavam as coisas.

— Fiona vai mostrar onde estão — gritou.

Esperei no quarto enquanto Fergus tirava o trapo ensanguentado e se lavava com a água do jarro. À luz tremulante da vela, fiquei olhando, fascinada, o movimento dos músculos naquelas costas largas e magras; vi que eram lentos e estranhamente desajeitados. Pensei que devíamos estar todos mais lentos e menos ágeis do que dois dias antes, lutando contra o desejo de fechar as pálpebras sobre os olhos doloridos, o desejo de deitar e ficar em paz. Mas lá fora eles não estavam em paz: saltavam diante das fogueiras, gritando suas canções de vitória, canções quase esquecidas, tão raramente cantadas que pareciam aprendê-las novamente, enquanto cantavam mais e mais.

Fergus aproximou-se de mim e seu abraço foi desesperado, como se estivesse tentando calar os sons que destruiriam o prazer que sentíamos um com o outro. Pela primeira vez, na força de seus braços, senti a ansiedade que suas palavras não expressariam; no modo como se agarrava a mim, tentando absorver meu corpo num único

abraço, percebi que ele se perguntava se viveria para terminar o que havíamos começado. Pôs a cabeça em meu ombro, no gesto final de um homem exausto.

— Fiona, meu amor, eu preciso de você. Meu Deus, preciso tanto de você! Acha que isso vai terminar um dia? Fiona, você é mais sensata do que eu e melhor. Será que vamos voltar a ficar sozinhos, calmos e em paz? Será que ainda vamos conseguir nos amar de novo?

— Logo, logo, meu amor.

Mas eu não tinha certeza. Estava assustada, e aquilo parecia a promessa que havia feito a Duncan.

Descemos e Fergus começou a carregar as armas que haviam sido guardadas após a tempestade. Depois, pegou a própria pistola e o rifle e plantou-se na sala de jantar. Alister ficou no *hall*. Maria ficou com a irmã, a pistola na mão, perto do sofá onde estava Luiz. Para não adormecer, Fergus ensinou-me a carregar o rifle e a pistola fazendo-me praticar os movimentos várias vezes.

— Não espere eu mandar — disse. — Vai ter de fazer isso assim que eu for passando para você.

Aquela era outra arte que eu não havia imaginado aprender em minha vida futura, mas achei que seria parte dela, como cozinhar, costurar e educar as crianças. Juntamente com coisas como ensinar o filho de Charity a ler. Achei que seria irônico perecermos ali, na noite de liberdade, na noite em que não éramos mais os patrões daqueles que estavam lá fora, como o soldado morto no instante do cessar-fogo.

CAPÍTULO IX

I

Aconteceu do modo que mais temíamos, contra o qual não tínhamos nenhuma proteção. De madrugada, quando a necessidade de dormir era quase insuportável, tivemos a impressão de que os escravos haviam sossegado.

— O rum já fez efeito — disse Maria. — Logo eles vão cair no sono, e o espírito de luta vai sumir.

— Espero que você esteja certa — disse Alister.

No entanto, ele não parecia ter muita esperança.

— Como vai Luiz? — Perguntou.

— Ainda está inconsciente. Mas parece que não tem mais febre. E parou de sangrar. Quando clarear...

Ela se interrompeu e virou-se. Eu havia ido até a porta da sala de jantar para escutar a conversa, e depois fiz um sinal a Fergus para que se juntasse a mim.

Agora ouvíamos um leve barulho nas grandes venezianas das portas que ficavam atrás da escadaria. Colados junto às portas da galeria interna, tentamos interpretar os sons; a extensão da galeria e a espessura das duas portas separavam-nos do que os produzia, fosse o que fosse. De dentro, parecia um som fraco, como unhas arranhando a madeira, numa vã tentativa de entrar.

— Não sejam idiotas! Voltem e olhem os outros lugares — gritou Fergus, do *hall*. — Pode ser um truque...

Demos um passo para trás, mas os sons continuaram, lentos, baixos. Não ouvíamos voz alguma.

— Não é nada — disse Maria, com firmeza. — É só uma das mulheres querendo entrar. Está cansada. Bêbada, provavelmente. Deve ter sido violentada por um escravo

estranho. Eles sempre vêm atrás dos patrões quando estão em apuros, quando não conseguem resolver as coisas...

Porém, ela estava enganada, e todos nós percebemos isso quando as primeiras espirais de fumaça penetraram por baixo da porta que vigiávamos, infiltrando-se pelas fendas onde as venezianas não estavam bem fechadas. Àquela altura, a fumaça já devia ter tomado conta de toda a galeria interna, porque entrava por baixo de todas as portas que cercavam o centro da casa. Agora os sons eram reais e identificáveis: o crepitar sinistro de madeira queimando. Lá fora, eles deviam ter feito uma fogueira com os restos das cabanas, jogando mato por cima. Como já fazia mais de um dia que não chovia, a madeira velha e seca das venezianas estava pronta para queimar. Com paciência e a chama das próprias fogueiras, haviam mantido o mato aceso até que as venezianas pegassem fogo. Dali em diante, a vitória dos escravos era certa.

— Tentem não entrar em pânico — disse Fergus, em voz baixa. — Pode ser que eles não queiram nos matar. Provavelmente, estão atrás de mais rum ou comida. Sabem que já não somos mais os donos deles. Talvez estejam achando que vão tomar tudo o que temos. Amanhã... — acrescentou cruelmente: — Santa Marta vai ficar cheia de negros entupidos de rum tentando vender prataria.

— Vamos morrer — soluçou Joanna.

— Se ficarmos aqui, vamos sim — disse Alister. — Vamos ter de fugir. Deixar a casa para eles, se é isso o que querem.

— Não, não vou fazer isso. Não vou aturar...

— Não tem escolha, Maria. Não seja imbecil. Quando o fogo chegar até aqui, não vamos ter como combatê-lo. Não temos bombas, nem equipamento, nem homens para isso. Não está pensando que eles vão ajudar a apagá-lo,

está?

Ouvi suas últimas palavras enquanto corria para o quarto de Duncan. Ele acordou lentamente, mas já estava tão acostumado aos acontecimentos inesperados daqueles dias que nem perguntou por que estava sendo arrancado da cama. Joguei-o numa cadeira e comecei a amarrar suas botas, lembrando-me, apesar do pânico, de que, provavelmente, teríamos de correr pelo mato e que, descalço, ele não conseguiria. Ele protestou ao acordar completamente.

— Não quero ir, não vou sair de camisola.

Sua masculinidade ultrajada foi mais um estímulo à minha imaginação; pensei nele tolhido, como nós, mulheres, pelas saias, e agarrei sua calça e uma camisa, enquanto o arrastava para fora do quarto. Ao descer, carreguei-o no colo, temendo que a camisola o atrapalhasse.

— Agora faça o que mandarem, Duncan. Vou tomar conta de você.

Alister havia retirado a barra de ferro da porta principal, a que ficava de frente para a escadaria. Maria estava ao seu lado com uma pistola já preparada; no chão havia uma outra arma. Katarina e Joanna juntaram-se à volta deles. Quando Duncan e eu alcançamos o manto acre de fumaça, ele começou a ficar asfíxiado.

— Está pronto, Fergus? — Gritou Alister.

Em resposta, Fergus apareceu do salão com Luiz em seus braços sua pistola no cinto. A cabeça do ferido estava caída para um lado. Eles -se reuniram ao grupo que estava na porta. Alister lançou um olhar para todos, o braço preparado para puxar a veneziana.

— Fiquem juntos — disse. — É a melhor chance que

temos. Lembrem-se de que a árvore que caiu está a apenas alguns metros da escada, e tomem cuidado para não tropeçarem nela. Até clarear, não vamos poder ir muito longe. Nunca vamos chegar a Winterslo com essa escuridão, e vocês não podem desperdiçar tiros no escuro. Lembrem-se — isso foi dito principalmente para acalmar Joanna — de que talvez eles não nos barrem a passagem. Talvez só queiram o que está na casa.

Maria inclinou-se para a irmã, agitando a coronha da pistola.

— E se você gritar, eu racho seu queixo com isso.

Apagamos a última vela e Alister abriu a porta. Saímos com cuidado, lentamente, porque Fergus estava com Luiz. Sentimos os arranhões dos ramos do choupo no fim da escada, mas não havia nenhum som, nenhum brilho de facão para desafiar-nos. Fomos passando cuidadosamente pelo emaranhado de mato deixado pela tempestade, entrando cada vez mais na escuridão. A caminhada era difícil e lenta. Luiz recuperou a consciência por alguns instantes e gemeu. Mas o barulho não era problema, porque o crepitar das chamas começava a abafar tudo.

Quando estávamos a uma certa distância da casa, Fergus teve de baixar seu fardo para descansar. Viramo-nos para olhar.

Foi uma visão terrível. Ouvimos o estrondo da veneziana despencando e soubemos que os escravos deviam estar invadindo a casa. Nenhum de nós, e muito menos eles, havia previsto a propagação do incêndio. Através das venezianas, o fogo havia atingido as vigas secas em direção aos quartos e à escadaria do *hall*. Corriam pelas vigas como um líquido. Enquanto olhávamos, o fogo irrompeu das janelas e da porta dos fundos da casa.

O céu escuro estava iluminado pelo fogo, e a silhueta negra da casa destacava-se diante de nós. Impedidos pelo calor e pelas chamas dos fundos, os escravos tiveram de correr para a frente, os mais ousados arremessando-se pela porta que deixamos aberta e dirigindo-se para a sala de jantar e para o salão, a fim de apanhar tudo o que pudessem: prataria, cristais, quadros que, em sua imaginação, tinham molduras de ouro. Mas o calor e a fumaça os fizeram recuar, e a pilhagem foi pequena. O que nenhum de nós previu foi o efeito criado por aquela única porta aberta na frente da casa, que atuava como uma chaminé, puxando inexoravelmente as chamas para engolir toda a estrutura da casa.

— Acabou — disse Fergus. — Não dá para salvar nada. Seria melhor tentarmos ir para mais longe, enquanto eles estão se divertindo com o espetáculo.

Abaixou-se para pegar Luiz.

A voz de Alister veio da escuridão:

— Tudo certo, então. Vamos andando.

— Não posso! — Gemeu Duncan. Olhei para ele. — Estou vestindo a calça.

Naqueles segundos em que Duncan e eu lutávamos contra os botões que não podíamos ver, ao mesmo tempo em que tentávamos enfiar a camisola para dentro, Alister teve tempo de examinar a luz pálida refletida em nossos rostos.

— Maria!! Onde está Maria?

— Ma-Maria? — Gaguejou Joanna. — Não sei. Pensei que ela estivesse na frente com você. Quando chegamos ao fim da escada e passamos a árvore, ela botou essa coisa na minha mão, assim de repente. Não sei usar isso.

Ela mostrou o rifle de Maria, o que fez Alister

abaixar-lhe o braço com rapidez e puxar o fecho de segurança.

— Afinal, ela me disse para ficar quieta.

— Deus do céu, onde é que ela está?

A voz de Katarina podia ser a de Maria, tamanha era sua frieza.

— Por acaso alguém viu se ela trouxe as joias?

Ninguém respondeu. Katarina continuou:

— Então podemos supor que ela voltou para buscá-las. Era estranho que se esquecesse delas, até mesmo quando o incêndio começou. Mas ela nunca ia deixar de pensar nelas, nunca. Como os escravos, ela pensou que podia enfrentar o fogo.

Foi uma corrida; o fogo havia passado dos cantos das galerias superior e inferior. Através das fendas das venezianas, podíamos ver as salas do andar de baixo iluminadas, como se ali houvesse uma vela gigantesca.

— Ela não pode ter voltado! Não pode ser louca a esse ponto!

— Pode, sim! Ela é!

Agora podíamos vê-la, a figura esguia à frente da galeria superior, a saia comprida sendo levantada pela força das chamas. De uma das mãos pendia uma trouxinha de pano branco em que estavam embrulhadas as joias. Com a outra mão, ela se agarrava a uma das grandes pilastras de tijolo. Não olhava para fora, para nós; não estava procurando salvação, mas olhava para baixo, para a multidão de escravos que corria lá embaixo num frenesi excitado e hostil. Por uma vez, virou para trás e percebemos que o perigo era o mesmo: ou tentar a escadaria que ardia ou pular. Nos dois casos, ela acabaria

tendo de enfrentar os facões que a aguardavam no andar de baixo.

Foi Duncan quem nos fez sair da imobilidade que havia se apoderado de nós.

— Mamãe!

A influência que Maria tinha sobre ele era forte; sua curta vida pertencia só a ela. Estava com medo por ela, estava com medo de perdê-la. Já havia perdido Andrew, e não podia suportar a ideia de ver seu mundo destruído de uma só vez. Soltou-se de minhas mãos com um movimento súbito de terror e começou a correr, louco, histérico, para a casa em chamas e a turba diante dela.

— Mamãe!

Foi como se, no meio de todo aquele rugido das chamas à sua volta, ela tivesse ouvido o grito, pois virou-se em nossa direção. Naquele momento, a figura negra, nua, brilhando de suor, apareceu atrás dela na galeria. Era um dos escravos recém-chegados da África, embriagado e louco de fome, querendo vingar-se daqueles carrascos brancos.

Quando Duncan começou a correr, Fergus largou Luiz mais uma vez e mergulhou no emaranhado de mato à sua frente. Sem pensar, e sem parar, fui atrás dele.

Tropecei muitas vezes naquela corrida, batendo contra as árvores caídas e os escombros, porque meus olhos estavam fixos na cena da galeria. Maria havia recuado para fugir da figura terrível, as mãos e a trouxa atrás de si. Antes que ele a alcançasse, porém, ela recuou até a porta da sala enfumaçada da qual havia saído e jogou a trouxa para dentro. Depois, escorou-se na porta, numa louca tentativa de impedir a entrada do negro. Mas ele não estava interessado no conteúdo daquela trouxinha insignificante. Agora, ao seu lado, elevava-se sobre ela um

gigante negro. Primeiro, empurrou-a para o corrimão, para que todos pudessem ver. Depois, com um único movimento violento, pegou a gola de seu vestido e rasgou-o — corpete, anágua, espartilho — quase todo o vestido cedeu diante da força daquelas mãos desvairadas. Então, segurando-lhe os braços nas costas com firmeza, ele se virou e a expôs aos olhos da multidão abaixo deles. Uivos de escárnio e triunfo saudaram o espetáculo da nudez branca de Maria.

Foi então que baixei os olhos. Havia chegado perto da multidão comprimida diante da casa. Os escravos de Landfall estavam lá, assim como os presos nus de San Francisco. Ouvi a voz de Fergus. Ele havia conseguido passar, empurrando os negros. Duncan parecia ter desaparecido no turbilhão de corpos que giravam e pulavam. E então vi-o acima das cabeças da multidão de escravos, vindo para mim, não nos braços de Fergus, e sim nos de Samuel. Os escravos de Landfall estavam mais perto de mim, e não fizeram qualquer ameaça. Separaram-se para dar passagem a Samuel e seu pequeno fardo que gritava e esperneava. Estava quase saindo da turba de escravos africanos quando o golpe — uma faca, um facão, não vi o que era — atingiu-o. Porém, ele continuou correndo para mim numa grande velocidade. No fim da multidão, onde estavam os escravos de Landfall, depôs Duncan a seus pés, com uma delicadeza infinita. Depois, caiu lentamente no chão. Ao ver-me, Duncan correu para mim, a camisola arrastando. Abri os braços para ele, como sabia que faria. Agachei-me e mantive seu rosto contra meu peito, o halo de cachos úmidos de suor recortado contra o brilho do fogo, como se fosse um anjo. Apertando-lhe a cabeça contra o peito e com o outro braço segurando-o firme para que não se voltasse, olhei para cima e vi a parte da visão que me havia sido negada. Como sempre, a visão havia sido incompleta.

Fergus havia atravessado a multidão de escravos.

— Meu Deus, por favor!! Não, não, Fergus!

Ouvi meu próprio grito, mas não podia deixar de olhar. Fergus desapareceu dentro da casa, e agora o fogo havia atingido a frente do edifício; as vigas abaixo de Maria e do escravo estavam em chamas, assim como todas as portas e armações de janelas atrás deles. A gigantesca figura negra ergueu-a e sacudiu-a para cima e para baixo, como um bebê, um brinquedo. Não se via nada de seus traços, a não ser a fileira branca e larga de dentes quando ele ria. Não ouvi Maria gritar, o rugido das chamas estava muito alto. Porém, vi o movimento de sua boca, o rosto contorcido na agonia, uma mulher morrendo de medo. Eu sabia que dali a pouco o escravo a jogaria para a multidão.

Mas, em seguida, a forma negra e brilhante foi derrubada e Maria caiu de seus braços. Através da fumaça, vi a figura indistinta de Fergus, que havia corrido o risco de ferir Maria, com o único tiro que conseguiu dar. O risco havia sido pequeno; ela acabaria morrendo lá embaixo, no meio dos facões.

Vi-o erguê-la e passar correndo pela porta em chamas de seu quarto. Foi a última vez que o vi, sustentando a figura de Maria. Um instante depois, veio o som terrível que penetrou-me como uma faca, quando a escadaria desabou com estrondo.

As primeiras chamas começaram a subir pelo telhado.

* * *

Fiquei ajoelhada onde estava, com Duncan ainda agarrado a mim, e vi o que aconteceria quando não sobrasse mais nada de Landfall. Vi como seria no futuro — como havia sido no passado — paredes enegrecidas e esqueletos de chaminés recortados contra o azul intenso do

céu, contra o esplendor das manhãs, contra o brilho da noite. Vi Landfall como devia ter sido quando Andrew Maxwell olhou-a pela primeira vez e cobiçou-a.

Os escravos sabiam que estávamos ali, mas nenhum se aproximou. Talvez o medo da arma de Alister os mantivesse à distância; talvez agora os escravos de Landfall estivessem conscientes da enormidade do que havia acontecido, e contivessem os africanos. Mas achei que o incêndio e as mortes que haviam presenciado foi a catarse que procuravam. A primeira luz do amanhecer trouxe a lembrança tranquilizadora da justiça do homem branco que ainda governava a ilha, mesmo que o negro estivesse livre.

Alister aproximou-se e tocou-me o ombro.

— Venha, Fiona.

Botou nos ombros o fardo de Fergus, Luiz, e começamos a jornada de volta a Winterslo. Ninguém falou naquela longa marcha à luz cada vez mais intensa, ninguém, a não ser Katarina.

— Ele foi um idiota de ter entrado na casa. Nenhum homem podia ter salvo Maria.

Não contestei aquilo. Talvez fosse algo que Fergus tinha de fazer, impelido, como eu, por uma força extraordinária além da razão. Eu não tentaria discutir; mas também ainda não conseguia aceitar o fato. Estava muda, incapaz de falar, mesmo se houvesse algo para dizer. Agarrei-me a Duncan e ele a mim; dele também não veio nenhum som. Procuramos conforto no contato dos nossos corpos, como dois animais. Era tudo o que podíamos fazer.

II

Ao entardecer, já estavam abertos mais dois túmulos

na alameda de Winterslo. Alister havia trazido de Landfall mais duas caixas toscas contendo os restos de Fergus e Maria. No decorrer do dia, vários pés d'água ajudaram a extinguir a fumaça das ruínas. Alister havia levado os escravos de Winterslo para ajudá-lo, mas os de Landfall, submissos, famintos e atordoados pela súbita falta de alguém que lhes desse ordens e comida, uniram-se de boa vontade a eles. Os corpos, o que restou deles, estavam no depósito, em meio às ruínas queimadas das vigas mais pesadas, tudo o que havia sobrevivido ao fogo.

Em nome da decência e, na minha opinião, para poupar-me o sofrimento, Alister apareceu com duas caixas. Mas eu sabia que os restos dos dois, indistinguíveis, estavam num só caixão, encerrados naquele último abraço eterno.

Já estava escurecendo quando Alister começou a recitar mais uma vez o ofício fúnebre, desta vez de cor — as partes de que se lembrava, já que não achamos nenhuma Bíblia em Winterslo. As lanternas foram acesas antes de terminarmos.

“Do pó ao pó, das cinzas...”

Eu ainda estava tomada pelo torpor; acho que não sentia nada. Não conseguia chorar. A única coisa que parecia sentir era o profundo ressentimento de saber que era Maria quem estava ali com Fergus. Eu pensava que meus próprios restos seriam enterrados ali, pensava que teria Fergus para sempre. No entanto, eu o havia perdido. No fim, ela acabou vencendo.

Não tentamos cantar hinos, nem fazer nada além do estritamente necessário. Acho que nossos corações estavam tão secos quanto os restos que havíamos acabado de enterrar. Os escravos, porém, começaram a entoar um canto por conta própria, enquanto subíamos a elevação que

levava à casa. Alister, eu sabia, mandaria marcar os túmulos com granito; mandaria gravar os nomes, mas ninguém além dele saberia o que havia em cada caixa. Logo as trepadeiras que enroscavam-se nas árvores cobririam a terra árida. Talvez eu fosse a única pessoa viva a guardar Fergus para sempre no coração. Aquele lugar viveria enquanto me lembrasse dele. Até mesmo para Duncan, cuja mão úmida apertava a minha, a lembrança ficaria cada vez mais apagada. Eu seria a única a viver dela, como se minha vida tivesse sido enterrada naquele ponto.

* * *

Prepararam uma refeição; sentamo-nos à mesa. Acho que comemos, mas não consigo me lembrar de nada. Os dois escravos de casa de Fergus andavam de um lado para outro, fazendo as camas com lençóis remendados e mofados. Alister distribuiu comida do depósito de Winterslo para os escravos de Landfall. Havia uma certa irrealidade em nossos movimentos. Fazíamos o que devíamos fazer, mas ninguém parecia ter nenhuma ideia dos dias que viriam. Ninguém sabia como os canaviais devastados seriam replantados; ninguém sabia como pagar os antigos escravos pelo trabalho que haviam feito em troca de comida. Ninguém sabia, já que não haveria colheita, como conseguir dinheiro. Os escravos de Landfall pareciam relutantes em voltar para a fazenda, agora que não havia brancos para dar-lhes ordens. Parecia que estavam compreendendo lentamente que a súbita liberdade podia ser a liberdade de morrer de fome. Pensei que acabariam saindo daquele transe e alguns recomençariam a plantar e a reconstruir suas cabanas. Outros esperariam mais um pouco, esperariam para receber parte da riqueza dos brancos; e, quando vissem que isso não aconteceria, invadiriam Santa Marta e viveriam pelas ruas da cidade, do

jeito que pudessem. Formariam os grupos de desocupados que habitavam todas as cidades que eu conhecia.

Foi durante o jantar que decidiu-se o futuro de Katarina e Joanna.

Subitamente, Alister perguntou a Katarina, sabendo que seria ela a tomar as decisões em nome das duas:

— Vocês têm algum plano para o futuro?

Ela deu de ombros, num gesto de raiva em relação à inutilidade da pergunta.

— E que planos poderíamos ter? Estamos completamente sem dinheiro. Vamos ter de voltar para San Francisco e fazer o que pudermos para ficarmos vivas. Acho que não somos tão idiotas assim. Podemos plantar alguma coisa, mas vamos ter de cultivar nosso próprio solo.

Ela riu cruelmente.

— Os Medina percorreram um longo caminho desde a concessão de metade da ilha de San Cristóbal, feita pela Rainha Isabel.

— Ah, Katarina, não... — gemeu Joanna.

— Vou comprar San Francisco — disse Alister, inexpressivo.

Houve um longo silêncio.

— Por que — perguntou Katarina, com um tom cheio de suspeita. — Por que faria isso?

Alister deu de ombros.

— Talvez eu sinta alguma responsabilidade em relação às irmãs de Maria, às tias de Duncan.

— Você leva os laços de família muito a sério, meu amigo.

Ele me lançou um olhar.

— E os escoceses também.

— Se isso é verdade — disse Katarina com firmeza — essa é uma das poucas coisas que os espanhóis e os escoceses têm em comum. Mas isso não é resposta. Você vai nos dar uma certa quantia e, dentro de alguns anos, ela vai acabar. O que vamos fazer então? Mendigar nas ruas de Santa Marta? Quando a pobreza se une ao orgulho, é preciso ficar escondido, *señor*.

— Vocês ainda não ouviram minha proposta — respondeu Alister, secamente. — Talvez o orgulho seja a outra coisa que os escoceses e os espanhóis têm em comum. Eu faria uma proposta direta, generosa, nestas circunstâncias: sugiro que parte do dinheiro seja empregada na compra de uma pequena casa em Santa Marta. Agora elas vão custar mais barato, já que as ilhas britânicas vão sofrer um êxodo de comerciantes. O que sobrasse, eu investiria em Londres para vocês. Como parte do contrato, você e sua irmã receberiam uma renda anual desse investimento. Acho que o bastante para vocês viverem com um certo conforto, um ou dois empregados. Eles também vão cobrar pouco, logo que os antigos escravos compreenderem que é preciso dinheiro para comprar pão.

— Ah — Joanna deu um longo suspiro. — Morar em Santa Marta! Ir à missa todos os dias, receber velhos amigos de vez em quando, fazer visitas. Será possível...?

Ansiosa, olhou para Katarina.

— Vocês vão receber uma quantia inicial e o contrato para a renda anual antes de saírem de San Francisco. Não vou repetir a oferta. É aceitar ou recusar agora.

Katarina soltou a mesma risada cruel.

— E há alguma escolha? Tão pouco quanto antes. Temos de confiar em você, e esperar que seja mais digno de confiança do que Maria. Está aceito.

— Ahh!

Mais uma vez, o longo suspiro de Joanna, como se uma promessa de felicidade terrestre lhe tivesse sido oferecida. A casa de Fergus não possuía requinte como guardanapos à mesa; ela enxugou as lágrimas com os dedos.

— Mas — disse Katarina — ainda tem as joias. — Você tem de começar a procurá-las imediatamente. Por direito, elas são nossas.

Alister suspirou.

— Quanto a isso, vocês têm de ter paciência. Elas estão em algum lugar, ocultas pelas cinzas de Landfall, e vai levar um longo tempo até que possamos dispor de gente para procurá-las. Se algum escravo souber da existência delas, podem ter certeza de que nem todas vão ser recuperadas de uma só vez. Mas eles não podem comer diamantes. Vão deixá-las enterradas por algum tempo, e depois vão acabar tentando vendê-las em Santa Marta. Peça por peça, elas vão começar a reaparecer, mas isso, só se o comprador for honesto. Vou deixar instruções quanto a isso. Informarei as autoridades. Todas as fontes possíveis vão ser informadas. Mas quero que se lembrem de que Duncan é o único filho de Andrew e Maria Maxwell, e seu único herdeiro. Vocês podem reivindicar seus direitos no tribunal, e não tenho dúvida de que vão fazer justiça. Mas a justiça também vai exigir que a fonte das joias seja revelada. Vocês foram cúmplices de comércio ilegal de escravos...

Katarina baixou a faca e levantou-se da mesa.

— Muito esperto, *señor*. É, vamos fazer nossa

reivindicação. É o mínimo que podemos fazer. Vamos, Joanna...

A irmã a seguiu como um autômato, num protesto mudo por deixar a única refeição de verdade que havia comido em mais de um dia. Subiu as escadas atrás de Katarina, queixando-se de que, com as grandes goteiras no telhado, suas camas ainda deviam estar úmidas.

Nenhuma das duas perguntou pelo futuro de Duncan.

* * *

Charity ajudou-me a dar banho em Duncan e a levá-lo para a cama. Ela havia ficado em Winterslo, como decorrência natural das coisas. Mandeí colocar sua cama em meu próprio quarto e agora ele estava usando uma das camisas de Fergus como camisola, com as mangas enroladas várias vezes. Estava calado e muito cansado, com o rosto pálido. Não me perguntou nada, como se temesse as respostas. Era quase como se não quisesse saber do futuro, assim como eu. Enquanto me ajudava com as camas, os olhos de Charity suplicavam silenciosamente para que eu lhe dissesse o que aconteceria dali em diante, o que seria de todos nós, mas eu não tinha resposta nenhuma; ninguém tinha.

Fiquei segurando a mão de Duncan até ele dormir, e então Charity sussurrou que ficaria ali até eu voltar, para que ele não se assustasse se viesse a acordar.

— Ele perdeu o pai e a mãe e nem assim, está chorando. Isso não é comum.

— Vai acabar chorando — disse eu. — É muita coisa. As crianças são mais sábias do que nós, e não acreditam em mais do que podem suportar.

Era assim comigo. Minha mente ainda lutava contra a aceitação do que meu coração não suportaria.

— Vai lá para baixo, patroa, vai andar, tomar um pouco de ar. Aí pode ser que a senhora consiga chorar. Eu sei. Eu também enterrei um homem hoje.

Desci lentamente, imaginando se seria capaz de andar, até ficar exausta e sair daquele torpor que ainda sentia e talvez, até, dormir. No entanto, o rosto de Duncan me perseguia. Uma coisa era chorar pelo homem que estava morto e que nunca seria meu, mas agora eu precisava assumir a responsabilidade de uma promessa viva. Havia dito a Duncan que cuidaria dele. A promessa tinha de ser mantida, de um jeito ou de outro. Eu não sabia como faria isso, porém, estava começando a reaparecer uma imagem de Silkirk, a lembrança da bondade de meu pai, sua solicitude para com as crianças. Pobre homem, eu levaria mais um peso para seus ombros, e ele o aceitaria com uma certa alegria. Talvez houvesse dois Duncans crescendo em Silkirk. Meu pai amaria os dois e, de algum modo, do jeito que pudesse, eu teria de ganhar o bastante para tornar isso possível.

Agora só havia uma lâmpada na sala principal. Haviam tirado a mesa, mas as cadeiras estavam exatamente como as deixamos, e os farelos continuavam lá; durante a noite, as baratas viriam pegá-los. Agora eu sabia de todas essas coisas sobre os trópicos. E mesmo assim, além das portas que davam para a galeria, a noite estava linda, suave e repleta de perfumes doces; à luz das estrelas, tênues nesgas de nuvens brancas moviam-se lentamente. As cigarras cantavam; a terra toda parecia entoar um hino à própria fertilidade. Não havia brisa, mas as pálpebras quentes e os olhos em brasa sentiam uma sensação de frescor. Fui até a beirada da galeria e sentei nos degraus; meu olhar dirigiu-se instintivamente para o grupo de

árvores cujas silhuetas escuras recortavam-se contra o céu claro e estrelado.

Alister veio andando de mansinho e sentou-se a meu lado. Dos fundos da casa, eu ouvia as vozes dos negros. Já não podíamos mais chamá-los de escravos. De vez em quando, uma voz levantava-se para cantar, como era seu costume, mas agora eles haviam voltado às canções dos canaviais. Como todos nós, tinham medo, mas era um outro tipo de medo, o medo do futuro. A liberdade não era ouro, era apenas a permissão para ganhá-lo.

Disse para Alister:

— Você foi muito generoso com as irmãs. É uma loucura aquela oferta que você fez por San Francisco. Qualquer um sabe que aquilo lá não vale uma renda vitalícia para aquelas duas. Ninguém com a cabeça no lugar vai querer saber dessas terras.

— Talvez eu não esteja com a cabeça no lugar, e talvez meus sócios me digam isso sem maiores rodeios. Nesse caso, vou pagar com dinheiro do meu próprio bolso. Mas quero tirar da cabeça a lembrança daquelas duas infelizes. Não quero acordar e ficar pensando que elas estão morrendo de fome. Lembre-se... eu vi a mãe delas. Deixe-as ir ao tribunal lutar pelas joias, quando elas aparecerem, se é que vão aparecer. Isso vai mantê-las lutando e odiando. A luta mantém as pessoas vivas. Mas eu também pretendo proteger os interesses de Duncan,

— Mas e a terra? San Francisco, Landfall, Winterslo. O que vai ser disso tudo?

— A maior parte pertence a Duncan, e vou aconselhá-lo a não vender nunca. Dentro de pouquíssimo tempo, a terra aqui vai custar barato. Vamos cultivar alguma coisa, se for economicamente possível, mas tenho minhas dúvidas, por causa da falta de escravos. Mas quando ele

crescer, vou aconselhá-lo a não vender nunca! Mesmo que a terra não valha nada e que alguém lhe ofereça o preço de um bom cavalo, ele não deve vender nunca.

— Por que não?

Ele se virou um pouco.

— Será que tenho de dizer a você, uma escocesa, o que significa a terra? É o único bem que nunca perde o valor a longo prazo, que nunca se esgota, que nunca envelhece. Pode parecer sem valor, mas não é. Ela está ali, e fica para sempre. Os proprietários sabiam disso quando compraram dos pequenos fazendeiros os campos que cercavam Londres, Manchester e Bristol. Os grandes nobres ingleses sabiam disso quando lutavam por ela até morrer, e alguns foram tirar dos irlandeses os seus pântanos...

— Mas você disse que aqui, sem os escravos, a terra não tem praticamente nenhum valor. Talvez o preço de um bom cavalo.

— Algum dia, Fiona, pode ser daqui a cem ou duzentos anos, eles vão achar uma cultura que precise desse sol que aprendi a odiar. Não tenho noção do que vai ser, mas essas ilhas vão esperar. Vão achar alguma coisa que precise desse sol e talvez de máquinas em vez de homens. Seja o que for, a terra vai voltar a dar seus frutos em grande quantidade. Agora, é sentar e esperar. Essa terra ainda vai enriquecer os Maxwell. Os herdeiros de Duncan.

Tornei a olhar para a alameda, e meu coração, meus olhos e meus lábios ficaram secos.

— E Duncan...?

— Ele vai ficar conosco, é claro.

— Conosco?

— Conosco. Com você e comigo, Fiona. Ele vai voltar conosco para a Inglaterra. Você vai se casar comigo.

Era uma afirmação, e não uma pergunta.

Dei um salto e afastei-me dele.

— Mas você está louco! Está tentando pôr ordem no mundo todo, mas isso não é possível. Ah, você é muito bom, bom demais, mas só está machucando nós dois. Eu amava Fergus, amei-o com cada fibra do meu ser, um amor que às vezes parecia irracional, mas que existia. Eu ainda o amo. E você sabe disso. Não deve ficar falando nesse absurdo de casar comigo. É como se estivesse zombando de mim, do que sinto por outro homem.

— Nunca tive a intenção de zombar de você, nem de seu amor por Fergus. Sei muito bem que ainda o ama, e que vai amá-lo sempre. O amante levado no momento do amor continua vivendo para sempre. Mas mesmo assim, vamos nos casar.

— Mas por quê? Por quê? Pelo amor de Deus, por que, se você sabe disso?

— Não basta eu pedir a você?

— Não! — Gritei. — Não, não basta! Você está com pena de mim. Está se sentindo responsável por mim, do mesmo jeito que por aquelas duas infelizes gananciosas lá em cima. Você resolveu o problema delas. É assim que pretende cuidar de mim? Poupe-me disso! Poupe a si mesmo! A pena pode ir longe demais. Cuidado, Alister, a pena é uma tirana.

— Não é pena, Fiona. É inveja!

— Mas você está louco mesmo! Em toda a minha vida, ninguém nunca teve motivo para sentir inveja de mim. O que é que eu tenho? O que posso dar?

— Eu invejava o que outro homem havia conseguido. Não posso dizer isso agora. Faz pouquíssimo tempo que você ouviu suas palavras de amor. Você o enterrou hoje. O que posso dizer diante disso? Eu iria ferir e magoar você, e não mereceria perdão. Só estou pedindo tempo, mas tempo no casamento.

— É impossível — respondi, tão cruelmente como Maria jamais conseguiria. — Agradeço, é uma grande honra. Mas você precisa saber que Fergus e eu fomos amantes uma vez só. Só uma. Nunca houve uma segunda vez. Nunca uma segunda chance. Mas também precisa saber que continuaríamos a ser amantes até que se realizasse o casamento e, depois disso, para sempre. E então, ainda pode dizer que me quer? Seria uma vergonha para você.

— Eu sabia disso, é claro que eu sabia.

— Sabia?

— Ah, Fiona... Fiona!... Você pensa que sou tão cego assim? Está esquecendo que eu vi você naquela manhã, quando voltou com Fergus da enseada? Até aquele momento, eu nunca tinha visto uma mulher vestida de glória. Você vestia o amor com um esplendor que eu nunca imaginei existir. Foi naquela hora que invejei Fergus com todo o meu ser.

— Invejou...?

— Muito simples, não é? E nada extraordinário. Eu queria você. Até aquele momento, eu não conhecia a extensão daquilo que não podia ter, do que tinha passado despercebido em meu coração. Não sei se conseguiria tomar você dele, mas nem tentei, tentei? Depois, ficou tarde demais, Fergus já possuía você de corpo e alma, e eu fiquei liquidado. Por que é que você acha que fui embora de Landfall no mesmo dia? Que escrevi aquele bilhete

pomposo que não dizia nada? Não havia nenhuma urgência para eu voltar à Inglaterra. É que eu simplesmente não conseguia suportar ver vocês dois juntos.

— Mas você, Alister, deve haver muitas mulheres que ficariam felizes de se casar com você. Mulheres com nome, fortuna e bonitas. Você não esperou esse tempo todo por alguém como eu...

— Não por alguém como você, mas por você. Fergus esperou, não esperou? Ele desistiu do que Maria lhe oferecia abertamente por você. E quanto ao que tenho para oferecer... não ofereço nada a não ser a vida que uma vez disse que ia seguir. Não vai ser uma vida fácil, embora você vá ter conforto físico. Vai ter de fazer amizade com pessoas de quem preferiria se afastar, só para ajudar outras. Pessoas influentes nos lugares certos. Vai ter de refrear o orgulho, o gênio e a independência. Vou exigir lealdade às minhas causas, uma lealdade absoluta e obstinada, mesmo se você achar que são causas loucas e sem esperança. Não preciso pedir fidelidade. Conheço você. Você nasceu com coragem e fidelidade na alma. Se eu for paciente, se esperar, talvez um dia eu também veja aquele esplendor. Se isso não acontecer... — ele deu de ombros — bem, se isso não acontecer, mesmo assim ainda vou ter a mulher que tanto queria.

— É impossível — disse lentamente. — Mesmo nessas condições, que são incrivelmente generosas, é impossível. Você seria enganado.

Encarei-o diretamente. Na claridade da noite, podia ver perfeitamente seus traços; estava tenso, exausto, magro. Fiquei imaginando se os acontecimentos daqueles dias, a falta de sono, não o haviam desequilibrado um pouco, fazendo com que falasse todas aquelas loucuras. Estaria ele seco, assim como eu, só podendo agarrar-se ao que lhe era familiar, sem ousar enfrentar o futuro? Mas

não, seu futuro era muito claro, como sempre havia sido. Ele já havia traçado o caminho — trabalho duro, esforço, um eterno falar, viajar, conversar, persuadir. Ele sabia o que o esperava. Sua direção e objetivo não sofreram o mínimo abalo. Ele também sabia o que me esperava. Havia me visto com Fergus e sabia como nenhum outro homem poderia saber.

— É impossível — tornei a dizer. — Será que você não pensou, Alister que pode ser que eu já esteja esperando um filho de Fergus?

— Já pensei nisso — replicou. — Pensei em tudo, tudo o que isso significa. Se esperasse para descobrir se esta possibilidade é verdadeira, então qualquer oferta que fizesse seria falsa, hipócrita. Deus do céu, mulher! O que você fez, fez de boa-fé! Vou ser eu a condená-la por isso? O que eu quero não é uma virtude intacta, serena! Eu quero é você! Você é virtude, tendo amado ou não fora do casamento. Será que não entende isso?

— Você seria capaz de... — perguntei, incrédula.

— É claro que sou capaz. Vamos casar amanhã em Santa Marta. Posso preparar tudo. E você vai sofrer e ser paciente durante algum tempo, até que a dor solte um pouco seus grilhões. Vai se acostumar a me aceitar, porque tem coragem para isso. E se vier uma criança, quando ela nascer na Inglaterra, nenhum de nós vai saber se ela é minha ou de Fergus.

— Mas isso é... é o mesmo que aconteceu com Duncan — disse eu. — Ninguém nunca soube com certeza quem era o pai dele. E isso envenenou três vidas. Eles viveram num inferno, aqueles três.

— Não é a mesma coisa. Não estou tentando roubar você de outro homem. Nunca vou poder tirá-la de Fergus. Você não vai ficar comigo por ganância, e sim porque eu

preciso de você, porque a quero. Deixe tudo comigo, Fiona. Confie em mim. Deixe tudo comigo e tente ficar em paz. Chore por ele, e nunca tente esconder isso de mim. Não precisamos enfrentar a desonestidade entre nós. Já passamos disso há muito tempo. Posso oferecer-lhe proteção, amor, honra... um lugar em meu coração para seus filhos, e para Duncan, que você ama tanto. Já blefei muitas vezes na vida. Esse não vai ser o último blefe, mas é o maior. Se der certo, o prêmio vai ser o maior de todos.

— Não sou nenhum prêmio. Nunca fui.

Porém, encostei-me nele, que puxou minha cabeça para seu ombro, a mão acariciando-me os cabelos. A alameda estava muito quieta no ar da noite, à luz do céu radiante.

— Chore, meu amor — disse ele. — Chore.

Chorei, e aquele foi o começo da cura.

* * *

Composto e impresso nos Estab.
Gráficos Borsoi S.A. Indústria e
Comércio, à Rua Francisco Manuel,
55 — ZC-15, Benfica, Rio de Janeiro,
RJ

Contracapa:

1830 NAS ANTILHAS

O açúcar e a escravidão ainda reinavam supremos, mas a ilha de San Cristóbal, com o seu perfume de flores exóticas, parecia um paraíso tropical para FIONA...

Para ela, o convite para trabalhar como governanta na fazenda da família Maxwell fora uma forma abençoada de escapar da vida miserável que levava na Escócia.

Mas a fazenda nada tinha a ver com os sonhos de paz e de prazer que Fiona acalentava.

Todos a tratavam muito bem e Duncan, o menino de que ela cuidava, a adorava.

Mas Fiona não conseguia livrar-se de suas premonições de um perigo iminente. Seriam pura imaginação?

Ou eram cenas que lhe chegavam através da maldita "segunda visão" que a perseguia desde a morte de sua mãe?

Então Fiona descobriu que até o seu romance com Fergus, o belo e enigmático enteado do dono da fazenda, era parte de um plano macabro ligado a um passado sinistro e secreto.